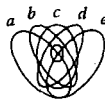
Jean-Jacques Tyszler
O Fantasma na
Clínica Psicanalítica
Association lacanienne internationale

Jean-Jacques Tyszler

O Fantasma na Clínica Psicanalítica

Tradução:
Letícia P. Fonseca

Association lacanienne internationale

T985f Tyszler, Jean-Jacques
O Fantasma na clínica psicanalista / Jean-Jacques Tyszler; tradução: Letícia P. Fonseca - Recife: Ed. da Association Lacanienne Internationale, 2014.
245p.

1. PSICANÁLISE. 2. FANTASMAS. 3. PSICOLOGIA CLÍNICA. 4. SIMBOLISMO (PSICOLOGIA). 5. PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA. 6. LACAN, JACQUES, 1901-1981. 7. FREUD, SIGMUND, 1856-1939. I. Fonseca, Letícia P. II. Título.

ISBN : 978-2-87612-095-2

CDU 159.964.2
CDD 150.195

PeR - BPE 14-209

Prefácio

Refletir sobre a questão do fantasma em psicanálise implica, inicialmente, em nos indagarmos sobre a tradução da palavra francesa *fantasme* e sobre sua conotação no nosso idioma. Levando em consideração que não há correspondência entre os significados desse vocábulo nestas duas línguas, a francesa e a portuguesa, quais as razões para optarmos pela utilização do termo *fantasma*, ao invés de empregarmos simplesmente *fantasia* – em alemão *Phantasie* – já tão consagrado na obra de Freud? O que estaria na base de uma formulação tão específica?

Essa questão deu origem a uma polêmica histórica dentro do lacanismo brasileiro, razão pela qual foi retomada como tema de trabalho do *Cartel Franco-Brésilien de Psychanalyse*, em 2010/2011, em cujo argumento observa-se:

> *Essa dificuldade de tradução que faz apelo na língua a dois imaginários diferentes (devaneio por um lado, assombração por outro) não pode nos introduzir em questões cruciais contemporâneas sobre o que chamamos fantasma?*

Muitas foram as contribuições que o trabalho do cartel franco-brasileiro nos trouxe e que podem especificar melhor esse impasse da tradução. Naquela ocasião, ao nos debruçarmos sobre o assunto, pudemos constatar que, há décadas, os dois termos – *fantasma* e *fantasia* – circulavam amplamente pelo Brasil afora. Mister se faz, portanto, que tentemos elucidar as justificativas de cada escolha.

Pudemos então observar que aqueles que optaram por *fantasia*, fizeram-no alegando fidelidade ao termo freudiano. Em contrapartida, aqueles que optaram pela utilização do termo *fantasma* alegaram que, embora em seu texto *Uma criança é espancada* Freud situe o que é inconsciente na *Phantasie* – o que justificaria o uso do termo *fantasia* em português –, nas acepções pós-freudianas este termo mostrara-se sobrecarregado da ideia de *imaginação* e *devaneio* e, em decorrência disso, preferiram o uso do termo *fantasma*. Buscaram, por conseguinte, estabelecer uma diferenciação, procurando evitar ambas as acepções, de *imaginação* e *devaneio*, provenientes das elaborações pós-freudianas. Cabia-lhes, todavia, ainda, tentar subtrair deste termo as significações mais comuns, de *visão apavorante* e *assombração*.

À medida que nossas articulações avançavam pode-se, entretanto, verificar que havia, de fato, por parte dos psicanalistas envolvidos com esse assunto, uma busca de diferenciar, com Lacan, o termo *fantasma* enquanto conceito psicanalítico. Mas indagamos nós: de que conceito se trata, e o que o justificaria? O que encontramos em Lacan a esse respeito?

Recordemos então que Lacan formaliza o matema do fantasma ao longo dos seminários *As Formações do Inconsciente* e *O Desejo e sua Interpretação*, nos anos de 1957 a 1959, à medida que desenvolve o grafo do desejo. Retoma o tema posteriormente, de forma mais detalhada, em *A Lógica do Fantasma*, quando o recurso à lógica torna-se sua tônica. Neste seminário, vale salientar que, ao retomar a fantasia em Freud, Lacan reporta-se especialmente ao artigo *Uma criança é espancada*, detendo-se especificamente no segundo tempo dessa fantasia, aquele que, conforme assevera Freud, é impossível de ser recordado, sendo apenas alcançado através de uma construção em análise. Assim sendo, ao enfatizar todo o aspecto imaginário ali evocado, Lacan deste declina e, em suas elaborações, segue esvaziando o *fantasma* das fantasias imaginárias, ressaltando a importância desse segundo tempo como momento chave da constituição do sujeito. Assim nos diz: *O fantasma é algo que corta, um certo desvanecimento, uma certa sincope significante do sujeito em presença de um objeto.*[1]

Desse modo, através dos aportes da lógica contemporânea, Lacan registra no fantasma esse ponto do impossível, inscrevendo sua marca original – o matema $<>a –, apontando o tempo em que o sujeito cai sob o golpe do significante, ingressando na lei do desejo. Isso nos permitiria então dizer que nesta importação do termo francês *fantasme* seria sua vertente de Real, do impossível de ser dito, que marca o diferencial da elaboração lacaniana, que culmina com a escrita do matema[2].

Por outro lado, voltando mais uma vez aos significados da palavra *fantasma*, encontramos ainda o sentido de *espectro*: *imagem ilusória resultante da decomposição da luz através de um prisma; disposição das frequências de uma radiação em ordem crescente*. Poderíamos, então, pensar, metaforicamente, em um espectro formado a partir de um prisma subjetivo, composto por coordenadas significantes (frases ouvidas, situações de vida, lugar simbólico) que integram a história do sujeito, fornecendo-lhe a lente através da qual se apreenderia a realidade?

---

1 Lacan, J. – *O Desejo e sua interpretação*, Porto Alegre, 2002, publicação para circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Lição de 28 de janeiro de 1959, p. 191

2 *O que eu não posso dizer, vou escrever* – escrito que decorre, portanto, daquilo que resiste, o impossível, o Real.

De qualquer modo, mais do que o elemento imaginário para o qual inevitavelmente escorregamos ao bordejar o indizível, Lacan circunscreve aquilo que está além das fantasias e de todo seu emaranhado traumático de sofrimento, destacando no fantasma esse aspecto de borda que sustenta a estrutura. É *a estrutura que é importante pôr em relevo*.[3] Assim, se por um lado o fantasma funciona como um véu que mascara o Real, ou como uma moldura que enquadra a realidade, por outro lado ele marca limites e sustenta o sujeito, prendendo-o em sua trama.

Esse é o tema crucial ressaltado por Tyszler desde o primeiro capítulo, e que vai sendo mais detalhado e melhor formalizado ao longo da presente obra. Abordando inicialmente o aspecto de cenário imaginário do fantasma, que opera relaçando o desejo e servindo de tela face ao gozo do Outro – única *besteira para se aceder ao mundo*[4] –, o Autor ressalta a maneira com que Lacan, num recurso à lógica, *desmaterializa* a representação que temos do fantasma, priorizando, nas composições fantasmáticas, aquilo que subjaz a seu encadeamento e que nos resta quando os elementos imaginários se dissipam. É tomando esse viés que Tyszler mantém a questão: *o fantasma faz nó?* E avançando, passo a passo, ele retoma o matema $\$<>a$ procurando elucidá-lo, ressaltando o trabalho do seu conector lógico, o punção.

Seguindo adiante em suas elaborações, e sempre atento às peculiaridades dos mestres da psicanálise, sublinha o Autor que, para Lacan, o objeto está fora da cena, enquanto que para Freud, aparentemente, tudo é dado pela cena narrativa e observa: *Freud trocou as cartas e trapaceou, passando do tema do traumatismo sexual ao da fantasia*, e Lacan, relendo Freud e enaltecendo a descoberta freudiana, dele se diferencia evocando a estrutura[5]. Prosseguindo em seu trajeto, revisita cuidadosamente diversos textos de Freud e de Lacan, bem como textos da literatura, textos bíblicos e filosóficos, atento aos detalhes subjacentes e, sempre pelo veio da clínica, contempla questões instigantes, tais como: *Por qual desvio se pensa que um objeto pulsional chega a ser processado, a ponto de fazer buraco no próprio simbólico? Como alguma coisa que tem peso de Real, por intermédio do Imaginário vai poder escrever o Simbólico? Que pancadas cunham a letra, essa marca primordial que vetoriza nossos buracos, os buracos do corpo?*[6] Essas são questões pertinentes

---

3 Lacan, J. – Op. cit. p. 192

4 Tyszler, J-J – Lição de 10 de março de 2007, adiante.

5 *O que se trata de analisar é o fantasma, sem compreendê-lo, que dizer, descobrindo-lhe a estrutura que revela*. Lacan, J. – Op. cit. p. 180.

6 Tyszler, J-J – Lição de 18 de novembro de 2006, adiante.

cujas elaborações e desdobramentos podem balizar nossa clínica atual.

E seguindo *pari passu* as formas clínicas da nova economia psíquica, ou enfocando a dinâmica específica do neurótico em sua sina incansável – sempre a interrogar seu desejo e o desejo do Outro sempre a interrogá-lo –, mostra-nos o Autor como, sustentando-se na mola mestra do fantasma, se escorrega irresistivelmente para o imaginário, seguindo-se o perene relançar do desejo que convoca o exaustivo trabalho do significante. Esse movimento, observa Tyszler, é o próprio cerne da prática analítica, e esta será sempre mais fecunda quando apoiada na dimensão fantasmática: ... *não podemos apreender a questão do objeto senão pela dimensão da imagem e*, por outro lado, *não podemos aceder diretamente à questão da letra pela via do significante*[7]. Então, respaldados em suas próprias elaborações, aventamos a possibilidade de ser pela via do exercício dos conectores lógicos construídos na transferência que a letra pode ser delineada.

Ressalta ainda Tyszler:

> É *necessário repoetizar os documentos do passado para restituir a* fé no *Outro, qualquer que tenha sido seu ponto de origem;* é *preciso dar-lhe um ponto de horizonte, quer seja ao real do trauma ou à debilidade fantasmática, de outro modo, não há senão o puro gozo*.

Convoca-nos, assim, a trabalhar para não sermos cativos do cenário imaginário, mas para ficarmos atentos ao ponto de umbigo que se repete, cunhado por uma letra. Que o analisante possa pensar um além dessa questão do fantasma, que encontre certa fé no Outro do significante, que faça uma aposta para chegar à lei do desejo que não seja apenas ferimento e infelicidade.

Recife, 30 de março de 2014

Letícia P. Fonsêca

7 Tyszler, J-J – Lição de 02 de dezembro de 2006, adiante.

Sumário

Lição I

07 de outubro de 2006

O coração, o investimento de um tratamento analítico – creio que se pode denominá-lo dessa forma – é tentar compreender, na vida – eu hesito em dizê-lo– de um sujeito (porque se utiliza o termo sujeito a torto e a direito), enfim, na vida de um indivíduo, a prevalência de suas escolhas eróticas, mas não unicamente suas escolhas eróticas, de suas escolhas de trabalho, claro, como seu modo de ser com os outros, seus filhos, seus pais, seus amigos, seus colegas.

O trabalho de uma análise é exatamente isto: apreender a prevalência do que parece fazer escolha, a prevalência do que chamamos, seguindo Lacan, *o fantasma*. Dizemos assim, no singular, *o fantasma*, e não os fantasmas. É alguma coisa que retornará ao longo do curso, mas Lacan dá a unicidade dessa questão. Ele diz: *o fantasma*, e não somente as fantasmagorias, as fantasias, os fantasmas, etc.

O fantasma. Apreendê-lo, quando digo apreender o fantasma, isso poderá ser uma fórmula um pouco criticável, mas apreendê-lo, entretanto – e isso já está em Freud –, é a única janela que o homenzinho, e mais tarde o homem, tem sobre o mundo.

Isso quer dizer que, para cada um de nós, vemos o que chamamos erradamente de realidade através do prisma de um fantasma, de nosso fantasma, e que o que Freud chamava já uma janela, mas uma janela sobre alguma coisa que nos é impossível representar de outro modo, senão por estas lentes particulares que podemos chamar o fantasma. Todavia, o termo que lhes proponho de janela sobre o real seria quase uma formulação mais justa, porque janela sobre a realidade não é isso. Nós todos chamamos *realidade* o que vivemos: nossos laços amorosos, nossos laços de trabalho, etc., e não é isso.

A neurose, as diferentes formas de neurose, tudo isso não é senão uma maneira de ler a paisagem, o estar-no-mundo, com esse instrumento deformante do fantasma. Deformante, isso a que devemos acrescentar que não há outra forma, que se trata de um instrumento que é deformante por estrutura e que não é proposta ao vivente outra forma.

Não vou falar disso hoje, mas falarei mais tarde da questão do *fantasma* nas psicoses,

do que se passa quando o fantasma faz falta, e quem trabalha em unidades onde se encontram psicóticos o sabe. Quando o fantasma faz falta, o real não pode mais encontrar sua consistência estável. E o que chamamos apressadamente *representação* deixa lugar, como sabemos, a representantes, isto é, vozes e olhares que desnaturam para o paciente tanto sua língua quanto seu corpo. É isto a experiência da psicose: saímos da deformação da representação para entrar num mundo de representantes em que os objetos voz-olhar vêm desnaturar tanto a língua quanto o corpo.

Digo isso de passagem, mas isso não será minha proposta de hoje. Há uma belíssima fórmula do grandioso alienista Séglas, que dizia sobre a melancolia: *perda da visão mental*. A perda da visão mental é a perda do olhar ligado ao significante, a saber, que, para o psicótico, o mundo da representação está morto. É nesse sentido que se pode dizer, mesmo que isso irrite a alguns, que o sujeito está morto. É o fantasma que está morto – há humano na psicose, é claro! – e na melancolia, ponta extrema, foi a própria dor que desapareceu.

Retornemos à neurose. Num primeiro momento, proponho dizer a vocês que, quando buscamos apreender o fantasma, trata-se de uma forma de operação de enodamento. Essa é a razão pela qual usei o título, que para alguns parece enigmático: *O fantasma faz nó*?

Vocês observarão – é muito importante dizer a vocês, e tu, Rebecca, tu trazias isto à memória, há pouco – que estes delineamentos estão presentes, a maior parte do tempo, desde as primeiras entrevistas, aquelas que eu não sei por que se chamam, de forma agradável, bonita, *entrevistas preliminares*. O que, aliás, faz fantasmar também... O que quer dizer isso, que esses delineamentos estão presentes desde as primeiras entrevistas? Bem, muitas vezes os pacientes fazem o esforço de nos trazerem os grandes significantes que acompanharam o nascimento do homenzinho. Vejam de onde eu venho, como fui chamado, eis minhas boas e más fadas, as palavras que me prenderam, bem ou mal, no fluxo das gerações.

Habitualmente, o paciente chega já com esse material, ele já está no trabalho de transferência e tenta assinalar para nós como sua ligação se prendeu ao fluxo geracional; ele tem esta forma de dizer: *Mas eu sou esse entalhe na cadeia, esse traço que me arrancou um grito. E, portanto, as coisas se engajam assim*. Quando ele faz um pouco de esforço, conta também como vive irrigado pela chuva de palavras que recebe. *Eu procuro* – a criança, mesmo pequena, diz: *eu procuro*, antes mesmo que esse eu tenha algum sentido, *um caminho para o outro*. É o lado chuva dos significantes.

E, além disso, os colegas da EPEP[1] falam disso à vontade. Existe a maneira

1 École de Psychanalyse de l'enfant à Paris. NT

pela qual a criança se faz, muito precocemente, objeto do desejo do Outro – grande Outro encarnado, a maior parte do tempo, mas não é sempre o caso. Há configurações em que isso se passa de outra forma, pelos Outros parentais. É aí onde a questão do fantasma se introduz, porque, como vocês sabem, após a leitura de Freud e Lacan, fazer-se *objeto do Outro* vai liberar, especificar, um tipo de gozo, e é esse tipo de gozo que, como tal, é indizível.

Peço-lhes aqui para aceitarem dar um salto no lugar dessa colocação, já que Lacan nos diz – e esta é verdadeiramente a contribuição lacaniana à concepção da passagem do objeto pulsional ao fantasma – que esse gozo indizível vai incidir, e só pode incidir, sobre quatro tipos de configurações.

É invariável. Não existem senão quatro tipos de configurações, e vocês conhecem quatro objetos, que posso nomear, e que a clínica nos revela: o seio (a oralidade), as fezes (a merda), a voz e o olhar. Trata-se, da parte de Lacan, de uma proposição que é enorme, que não é clara. Dizer que a liberação desse gozo se organiza em torno desses quatro objetos topológicos é uma proposição considerável, da qual, de tanto repeti-la, esquecemos o caráter radical. Mas é um radicalismo imenso. Basta refletir nisto tranquilamente: a representação que temos da oralidade ou do objeto merda não é certamente a mesma, e nos coloca em dificuldade, quando refletimos sobre o que é um olhar, por exemplo, até mesmo o que é uma voz.

Lacan nos entrega, numa mesma ordem, quatro objetos que não se podem claramente colocar no mesmo nível – voltaremos a isso no fim do ano. Eles são o real desse gozo indizível e não representável, do qual não temos o traço no tratamento, a não ser no que se podem chamar as diferentes imaginarizações dos objetos de substituição.

São os objetos, não tão complicados, das ações, dos devaneios, das fantasmagorias; podem ser os objetos fetichizados da vida sexual, o que cada um privilegia a título de objeto fetiche, parte do corpo, objetos simplesmente. Mas pode igualmente tratar-se, diz-nos Lacan, dos objetos de substituição propostos pela própria mercadoria: a capacidade das bugigangas da modernidade de vir substituir-se à posição do objeto. Isso desencadeia questões imensas.

Portanto, num primeiro tempo, proponho a vocês pensarem, de saída, ainda essa questão do enodamento, do significante punção do desejo, de um gozo cativo, e veremos aonde isso vai nos levar ao longo do ano. Mas não é senão uma forma de reler para vocês a escrita que Lacan propõe quando ele escreve: $<> a para dizer a questão do fantasma.

Se o fantasma é janela e condição de uma abertura para o mundo, condição

igualmente do laço erótico com o outro e, enfim, da construção de toda demanda, é preciso acrescentar que o fantasma, enquanto visão monomorfa e totalmente limitada – e, a partir daí, permito-me retomar uma fórmula proposta por Rebecca – *o fantasma, enfim, é apenas debilidade*. É uma sequência débil, não há nada mais debilitante que a sequência fantasmática, já que ela é exatamente a medida de um mundo, desse mundo que acreditamos feito à nossa imagem, à imagem dessa sequência. O paradoxo da psicanálise consiste nisto, não há outra escolha senão apoiar-se sobre essa janela, é a única – e, ao mesmo tempo, a dificuldade do fantasma, ela é uma redução dele, não há outro apoio senão essa janela (...).

O fantasma é, portanto, tanto este obstáculo quanto uma proteção em face do enigma do desejo humano, de seu caráter sempre perturbador e, como o dizia Freud, impossível de ser socializado totalmente. Na análise, a questão do fantasma, ao mesmo tempo guia em relação ao desejo, é um caminho para o plano do desejo, que não é nem a necessidade, nem a demanda, nem é o prazer, mas outra coisa. Contudo, guia-nos velando, mascarando o real do desejo! É por essa razão mesmo que uma análise não dura o tempo das preliminares, mas dura um pouco. Esse processo é um guia e, ao mesmo tempo, um véu: é isso o paradoxo e a dificuldade da posição do fantasma. É por isso que se poderia dizer que se terá que desenodar um pouco o que estiver enodado. Há pouco eu falava do enodamento – da questão do significante punção do desejo e do gozo. Um trabalho de enodamento que será preciso desfazer um pouco, ou seja, prender para soltar, tanto quanto for possível. É o limite estrutural de cada um de nós.

Eu queria dar-lhes imediatamente um ponto assintótico desse trabalho. Há uma questão que me embaraçou bastante, que é a necessidade de refletir no que chamarei, doravante, o aspecto *desmaterializado* – não encontrei outra palavra, senão essa –, que Lacan propõe do fantasma. Na verdade, toda vez que Lacan trabalha o fantasma é caricatural. No seminário que traz esse nome, ele não dá nenhum exemplo de fantasma, à exceção daquele de Freud *Bate-se numa criança*. Quando Lacan trabalha o fantasma – é essa a causa do nosso embaraço de clínico –, ele convoca sempre instrumentos topológicos, o que desmaterializa automaticamente a representação que temos do fantasma. Ele convoca, não vou me aprofundar nisso esta noite, mas ele convoca o *cross-cap*, ou plano projetivo, para a questão do olhar; ele convoca o infinito, o infinito das séries de Fibonacci, por exemplo, quando quer falar da oralidade ou da analidade; ele vai convocar, em outros seminários, os números transfinitos de Cantor para falar da voz, etc.

Há, para nós, uma verdadeira dificuldade mental quando Lacan aborda, em seus seminários, a questão do fantasma – ele não a trata sequencialmente, como

Freud o faz em *Bate-se numa criança*. A maior parte do tempo, ele nos sobrecarrega com um trabalho puramente topológico. E, portanto, para nós, em nossa abordagem dos tratamentos, esse problema de desmaterialização da questão do fantasma apresenta dificuldade para nós.

Penso que isso não é certamente alheio ao fim de um tratamento, mas digamos que já está lá no início, e também no fim, que nós damos o que me parece o *passo* lacaniano, a marcha lacaniana: passamos, com Lacan, de um cenário que, com Freud, sob alguns aspectos, permanece imaginário, deste cenário masturbatório que Freud propõe – e devo dizer que Freud privilegia (não é uma crítica a Freud), ele tem um gênio incrível ao privilegiar, em um momento de sua reflexão, a capacidade de pensar na sexualidade infantil, na histeria masculina, enfim... – que sei eu dos desafios para o espírito, incríveis na época? –, este cenário masturbatório como uma abertura para a realidade do mundo.

É já grandioso – e devemos prestar atenção quando criticamos Freud. A questão não está aí, mas nós passamos, com Lacan, desse cenário imaginário ao que é preciso chamar a lógica de um objeto na língua. Ao que ele chamará *objeto a* no simbólico, a maneira pela qual os significantes são esburacados por *atratores* estranhos, como se diz em física. A maneira pela qual somos trabalhados pelo significante é esburacada por *atratores* bizarros, que fabricam, em certos momentos, modos de coagulação, em outros momentos, modos de fragmentação, de difração, que vão definir, para cada um de nós, não somente nosso estilo – isso define, é claro, o estilo de cada um –, mas também o estilo de uma época e de uma cultura. A maneira pela qual o objeto vai ser coalescente ou fragmentado na cultura define o estilo de um momento da cultura de uma época, donde as formulações de Lacan sobre o fato de que o inconsciente é o social, que o inconsciente é a política. Eu lhes dou isso desde o início porque devemos refletir juntos, como se passa sempre sobre as piores dificuldades. Vamos rápido demais sobre a passagem entre Freud e Lacan, do cenário a essa escrita. Porque são imensas as consequências, nós vamos ver, nessa obrigação, que Lacan nos impõe desmaterializar, em alguns aspectos, o objeto pulsional.

Eu dizia, no preâmbulo, no que concerne às gravações: não há, ao mesmo tempo, nada de mais singular que o fantasma e, em certos aspectos, nada de mais universal. A tal ponto que, frequentemente, falar de um caso clínico, como vamos fazer, é falar do mal-estar na civilização. Por exemplo: – Tu que te interessas pelas anoréxicas, Jean-Luc, tu sabes que, num social anoréxico e bulímico, nós *ralamos* para tratar dos casos de anoréxicas, cada vez mais difíceis; e é tanto o fantasma pessoal quanto social que está operando. Quer vocês tomem as coisas por um lado e por outro, é o mesmo tecido. E, como dizia Rebecca, o fantasma

é tanto mais débil porque ele propõe, em cada momento, essa dificuldade, uma leitura que se poderia chamar *Uniana* do mundo. E não é um UM teológico, é um UM que é reduzido a uma sequência, a mais tola possível. É por isso que a debilidade do fantasma é também debilidade social e política, porque, afinal de contas, trata-se apenas do privilégio desavergonhado do que é um rasgão na língua, uma forma de rasgão no tecido da língua, que se torna, de repente, privilégio desavergonhado de um esquematismo que faz UM.

O sujeito diz que é assim, que toda a sua visão do mundo é assim e que os outros são assim, que é semelhante. Então ele será chamado, segundo a escolha da psicologia das massas, segundo os momentos, as escolhas do totalitarismo – mas não vou desenvolver isso agora. E, portanto, enodar para desenodar, ou talvez não desenodar, mas, em todo caso, afrouxar. É a operação de um tratamento analítico; é verdadeiramente o coração de nosso trabalho.

Enfim, um tratamento – é disso que se trata, é manter esse enodamento permitindo que ele se afrouxe. Vocês encontrarão, em Lacan, muitas fórmulas que esquematizam esse propósito. Vou lhes dar uma que é quase simples demais. Nas jornadas consagradas às psicoses, Lacan diz: *o valor da psicanálise é operar sobre o fantasma, donde se coloca sustentar-se apenas nisto: que o fantasma dá à realidade seu quadro. Evidente, e também impossível mexer, não fosse a margem deixada pela possibilidade de exteriorização do objeto a*. Vejam como Lacan, em 1967, falava da questão do fantasma, do quadro, único quadro para a realidade. *Mas não há nenhuma chance de poder trabalhar isso. É um quadro aberto e fechado, fechado sobre sua tolice, se não for*, diz Lacan – e é esse seu principal aporte à questão de Freud –, *a possibilidade de estreitar o que ele chama* objeto.

Bem, é possível que a fórmula *exteriorização do objeto a* seja um pouco enigmática, no entanto, ela indica sua prevalência no nosso trabalho. Vocês veem: percebe-se bem nessa formulação o pensamento de Lacan, que se apoia – ele conserva a ideia da janela imaginária, da encenação, ele não desconhece isso – ele se apoia nesta vertente, a fim de propor um tipo de cirurgia: exteriorização. Um tipo de operação cirúrgica que afeta a presença real do objeto no encadeamento da língua. Nós trabalhamos apenas com isso. Trabalhamos, cirurgicamente, tão somente no tecido da língua. Se assim não fosse, com que trabalharíamos?

Vou adiante, irei rapidamente. É um trabalho encantador, mas não podemos fazer só um trabalho de redução lógica, que, num certo ponto de vista, é realizado nas associações lacanianas, de redução do singular, enfim, de redução do plural em direção ao singular.

Freud utiliza, como vocês bem sabem, a mesma palavra *fantasy* para descrever coisas bastante variadas – o que é apaixonante –, tanto para *Bate-se numa criança* quanto para encenações fantasmagóricas, devaneios despertados, até mesmo delírios dos pacientes, psicoses, ou ainda os estados hipnoides... Então, evidentemente, com Freud, somos obrigados a utilizar a pluralidade... Eu vou adiante, pois o que é do interesse de Lacan, o que lhe chama a atenção, é a questão do fantasma, não das fantasmagorias. É preciso sempre prestar atenção, a fim de ver as coisas com dignidade e justiça. Freud já manifesta uma intuição surpreendente: cada vez que ele apresenta casos clínicos, ao mesmo tempo, ele coloca o objeto fantasmático do lado do significante, do lado do gozo.

Charles Melman retomou-o em seu seminário sobre a neurose obsessiva. Ele retoma o texto de Freud e nos mostra, em Freud, essa intuição surpreendente, que ele vai perseguir, a questão da letra no significante, do objeto fantasmático no significante. Por exemplo, ele se diverte olhando em todas as partes onde ocorre RAT. Isso é um trabalho e, por outro lado, ele é capaz de analisar a maneira com a qual o objeto da analidade transborda o campo escópico do Homem dos Ratos nos seus sonhos, nas suas evocações conscientes/inconscientes. Em Freud, já existe, permanentemente, esta dupla polaridade, o significante, a letra, o objeto que está no significante e a maneira pela qual o objeto de gozo aparece a céu aberto. Tudo isso já está presente na obra de Freud. E, num certo ponto de vista, Lacan apenas teve que resumir o que nela já estava clinicamente aparente. Leiam, insisto honestamente, esse que é um dos mais belos seminários de Charles Melman, que, durante dois anos, proferiu esse seminário sobre a neurose obsessiva.

Então, já que estamos aqui para discutir problemas – objeto na língua de um lado, do outro lado objeto designador da característica do gozo – a dificuldade é a seguinte: estou dizendo, apoiando-me em *O Homem dos Ratos*, que o fantasma, afinal, é algo que pode ser lido com toda clareza? Pode-se dizer que o fantasma se oferece imediatamente, já que nos exemplos que Freud toma a respeito desse assunto esse material é lido quase a céu aberto? Essa é uma primeira questão. Se ele era lido em toda a clareza, por que declarar que ele é inconsciente? Primeira questão.

Vou tomar – e eu me permito, neste lugar, pedir-lhes um pouco de discrição – uma pequena vinheta clínica que tem um grande valor para numerosos encontros clínicos, tanto que o tipo de fantasma em questão é paradigmático, modelo para um modo de entrada no gozo simplesmente. Por essa razão, no fundo, esse material é mais transmissível, pois seu tema é universal. Portanto, altero um pouco, mas isso não tem tanta importância, cada um que quiser se reconhecerá nisso.

Trata-se de uma jovem paciente de apenas vinte anos – são as conversas

preliminares, como se diz –, ela é formosa, maliciosa, versada em letras e trata-se de um caso bastante favorável, pois ela conduz as primeiras conversas espontaneamente, de forma rápida. Ela impõe um ritmo, ela tem coisas para dizer e, a cada vez, gira em volta de seu modo de entrada na sexualidade. Vejam! – ela pensa, não estamos mais no tempo de Viena, ela pensa que a questão da entrada no gozo concerne ao que é o lugar de um psicanalista. *Eu tenho entre 60 e 80 amantes*, ela o declara de imediato, e o que não se manifesta habitualmente nas transcrições, com sorriso tranquilo, e com um tipo de olhar que é, ao mesmo tempo, interrogativo e provocante.

Vai contar o que acontece, do mesmo modo, muito frequente, uma história de estupro, do qual não lhe perguntei nenhum detalhe, nenhum comentário, que aconteceu há alguns anos, mas, sobretudo, a narração de uma excitação sexual muito precocemente sentida por uma criança e mantida por muito tempo. Ela conduz as coisas em direção à tenra idade, fala de uma experiência de menina por volta de oito anos, de um gozo alimentado por muito tempo, quando ela saltava nos joelhos de seu pai. O que é interessante é o caráter masturbatório dessa evocação, quando ela estava escanchada sobre seu pai – isso é muito claro para ela, associa-se, hoje, na sua vida de mulher, à necessidade de convocar mentalmente cenas de flagelo para obter o gozo esperado no ato sexual, situação que ela própria liga a essa atividade masturbatória de criança com o seu pai.

A sexualidade, ocorrência presente em muitas jovens, é-lhe, de certo ponto de vista, bastante fácil, sem inibição aparente, mas, após o ato, ela sente nojo e repulsão, que a obrigam a empurrar o corpo, o amante, para o canto. Ela realiza um trabalho formidável, ela nomeia, de certa forma, o que lhe parece sintomático. Diz que a sexualidade para ela é simples, mas – o que soa estranho –, que, logo após, ela sente nojo: *uma repulsão me acomete, e sou obrigada a me separar fisicamente do homem que está comigo*. Tudo isso forma um limite ao gozo, o que ela própria concebe como sintomático.

Inevitavelmente, virão à tona os grandes significantes, as boas e as más fadas que cercam a vida de um sujeito – ela vai falar-me de seus pais. Para que vocês possam sintetizar um pouco esse caso, nós percebemos configurações sociais que vocês conhecem bem. Seus pais criaram-na num ambiente um pouco *após maio de 1968* – o que quero dizer com isso? Dizer que seus pais não se importavam com o pudor necessário e com a discrição esperada em relação à sexualidade deles. Vocês sempre se deparam com casos deste tipo: um tipo de família nas quais as portas e as janelas são regularmente abertas.

A questão do pai: o pai contava de bom grado, nos bastidores, provavelmente

a seus camaradas que passavam em sua casa, as alegrias da carne e, mais que isso – é isso que é interessante, o plural – das carnes em alegria. Um tipo de pai que contava a pluralidade da carne e, creio, que o mais interessante é isto: a maneira pela qual, para ela, é fundador, plural que vocês encontram, de maneira divertida, na contagem ao infinito de nossa jovem paciente.

Então, eu me coloco a questão: o que ela está dizendo, dirigindo-se a mim de imediato: *Mas você sabe que eu tive entre 60 e 80 amantes?* É intrigante esse cálculo, que abre para uma pessoa muito jovem na direção de alguma coisa de infinito, e que ela tem a malícia no olhar de entregar-lhe como uma dificuldade do número. E creio que, numa sequência como essa, vocês veem o ponto, a parte verdadeiramente umbilical do fantasma: ela está nesse trabalho subterrâneo do número. A parte mais enigmática do que ela traz deve ser observada nesse trabalho subterrâneo do número, nessas séries que Lacan sublinha no seminário *De um Outro ao outro*, questão das séries ao infinito, e que esse é um trabalho de referência clínica. Por que as séries ao infinito têm a ver com a oralidade? Com a analidade?

Essa vinheta que resumi para vocês pode evocar, a cada um, uma porção de entradas em matéria homóloga – o que há de traço característico nela? Vocês conhecem muito bem as temáticas de estupro, de ser exposta ao espetáculo, de sexualidade de grupo, inclusive, bastante curiosamente, em nosso meio as temáticas de harém, por exemplo, essas jovens mulheres que vivem fantasmaticamente no seio de um harém, escolhida no meio de várias, assim como cenas muito precisas de sexualidade infantil. Enfim, é moeda corrente entre nossos pacientes. Nós devemos nos perguntar se todo esse imaginário – aí, de certo ponto de vista –, não é apenas a declinação de uma esfera, de uma *disponibilidade a*, do campo virgem onde o fantasma do outro é solicitado. É assim que lhes proporei a multiplicidade, é mesmo assim, muito frequente, as moças dessa idade que chegam com material bastante homólogo. Creio que se possa ver nisso um traço estrutural, que é a maneira pela qual essa jovem declina uma espera, no fundo, declina bastante bizarramente o campo virgem na espera do fantasma. É assim que lhes proporei, no momento, esse estudo de uma vinheta como essa.

Outra vinheta clínica que me chegou numa discussão com Rebecca: trata-se da questão da onipresença da figura do pai. Se a figura do pai e seu gozo são regularmente encontrados, é preciso não subestimar o que pode ser abordado como repartição dos objetos pulsionais no seio de uma fratria. E, ao longo das gerações, é muito interessante ver como, para uma mesma fratria, são distribuídos os objetos pulsionais: para um, o olhar; para outro, a voz; para outro, a merda, e, portanto, evidentemente, a questão do pai é ubiquitária, porque, para a criança, é

sempre em nome do pai que se faz essa distribuição. Nós não podemos mais nos surpreender que tudo isso infiltre permanentemente a questão edipiana.

O material que vocês conhecem, arquifrequente, o ciúme da irmã declarada mais bela – *era sempre ela que brilhava* – vocês escutam-no na metade dos tratamentos, e é também um adubo que não falta jamais no fantasma, o que faz com que, no fantasma, não falte jamais, por estrutura, a dimensão especular, a parte do olhar – a parte do olhar forçosamente ubiquitária e permanente em todo fantasma. E aí, bizarramente, Lacan não vai nos dizer precisamente isso, mas ele passará das séries de Fibonacci à geometria do plano projetivo e nos obrigará a passar pela história da perspectiva na pintura para falar do objeto olhar no fantasma.

Voltemos à questão precedente: se ele se dá aparentemente a ler com clareza, o fantasma não é, entretanto, senão uma imagem repetida à vontade ou uma frase deduzida do cenário masturbatório. Para a paciente que acabo de evocar, fui buscar esse fantasma no enigma do número 60-80 (enigma para ela), mas creio que é preciso considerar que em todo esse material demasiado claro, dado a ver, há sempre um ponto umbilical que escapa ao sentido e à representação. O resto da operação pela qual o sujeito privilegiou tal gozo do outro é a história da metáfora da *posição escanchada*. Esse sujeito se fez boca, merda, olhar ou voz de um gozo que o envolveu como o plano projetivo. Um gozo do qual ele não se destacou – está aí a questão do tratamento –, mas um gozo que ele não pode perceber, ele não tem como perceber o gozo do qual ele se fez objeto, ele não pode imaginá-lo, dar uma imagem disso, estranhamente, enquanto nós não temos a ver senão com imagens, às quais ele também não pode dar sentido. É nisso que Lacan nos diz que esse objeto, esse resíduo – que não está na representação, nem no sentido – é precisamente aí que se pode falar da matemática do sujeito, é aí que está o sujeito, porque, enfim, esse objeto faz buraco em todas as suas enunciações, em todas as suas inclinações, em todas as suas tendências, por mais intelectualizadas que sejam. Em uma palavra, em tudo o que, numa vida, tem peso de realidade desejante.

A concepção do fantasma freudiano. O próprio Freud faz bascular sua concepção do fantasma, num único texto que Lacan retoma no seminário *A lógica do fantasma*, um texto que não se lê bastante seriamente, que é *Bate-se numa criança*. Freud, em *Bate-se numa criança*, tenta distinguir para si mesmo a parte estrutural – que se chama agora originária –, do fantasma e sua parte imaginária, secundária. Todo o problema de Freud se situa nessa articulação, porque, enfim, diz ele, há a parte excessivamente visível, imaginária do fantasma, tudo bem, mas há o lado secundário. Ele diz: *Mas o que é que vou chamar a parte fundamental? E como ela é acessível?* É a questão que Freud se coloca nesse texto formidável,

a da parte do fantasma que escapa ao caráter falsamente evidente, familiar, quase prazerosamente repetitivo do fantasma. Porque, sejamos honestos conosco, o fantasma, em sua vertente imaginária, acompanha-nos por toda parte. Cada um de nós sabe que, em nosso objeto erótico, em nossa vida social, sabemos para quem nos vestimos e que todos os nossos divertimentos cotidianos, nossos pequenos objetos fetichizados, nossas pequenas maneiras de ser é isso. O que é que nos escapa, o que é que produz isso? E, portanto, Freud se apercebe desse excesso de evidência insistindo sobre a vertente indialetizável, inerte, impossível de dizer, frases sem palavras do fantasma. Convoco-lhes a retomar com minúcia a própria observação a propósito da frase que parece a mais problematizada: *eu sou batido pelo pai* – a frase deduzida por Freud.

Se lhes digo assim *eu sou batido pelo pai*, parece a frase mais dialética, mais problemática, a mais intelectualmente incompreensível. E é essa segunda frase do fantasma que, de todas, é a mais importante e a mais pesada de consequências, da qual Freud nos diz que, em um certo sentido, pode-se dizer também que ela não tem existência. É essa a mais problematizada, que não existe, diz Freud, *já que ela, em nenhum caso, está ligada a alguma lembrança, ela jamais chegou a tornar-se consciente, ela não participa da razão do sujeito. Ela é uma construção que, nem por isso, é menos marcada pela sexualidade.* Convido-lhes a reler com muito cuidado esse texto, que é, a meu ver, a pista sobre a qual Lacan deve ter se apoiado para a abordagem da parte real do fantasma. Já é mesmo assim surpreendente que Freud tome a frase, a mais problematizada, para fazer dela, de alguma forma, a menos realista possível – é essa que não existe. Ela ex-siste.

Esse, portanto, é um ponto que seria fastidioso desenvolvê-lo agora, mas releiam-no e ficarão surpresos com a maneira pela qual Freud procura, às cegas, separar, de alguma forma, a parte secundária, imaginária, excessivamente legível, do fantasma e outra coisa que ele vai procurar nas enunciações, é claro, porém, que é, fundamentalmente, a parte real.

Lacan, curiosamente, numa primeira abordagem, propõe-nos, que eu saiba, ou então ele vai buscar a frase de Chomsky *Colorless* – tu te lembras, Cyril? –, ele vai procurar essa frase polêmica do linguista como um exemplo de fantasma oral, dizendo que é preciso não sonhar, que não se sabe o que ele está dizendo... Lacan, portanto, não se dará ao trabalho das sequências do fantasma, inclusive em seu seminário sobre a lógica do fantasma. E, portanto, o que é intrigante e irritante é que ele nos coage à busca, então, do número de ouro, dos números irracionais, das convergências ao infinito, etc., a convergência ao infinito para um limite. No fundo, aliás, sejamos honestos, a clínica das adições, por exemplo, a toxicomania,

a clínica do alcoolismo, a clínica do que se chamam erroneamente os distúrbios alimentares, anorexia, bulimia; pode-se tratar da clínica inteiramente com esse instrumento, inclusive com o termo que sempre me pareceu paradoxal: o termo oralidade – vocês sabem, para Freud...

Os colegas chamam oralidade à maneira pela qual o toxicômano perfura a pele, por exemplo. Diz-se oralidade a perfuração da pele de um toxicômano. Esses colegas têm observado que, a título de oralidade, havia aí a invenção de um tipo de perfuração bastante particular.

Alguns dentre nós temos trabalhado muito, com Marcel Czermak, a questão da oralidade no campo das psicoses – o que Marcel chama a desespecificação pulsional, referindo-se, em particular, à oralidade. Trata-se da maneira pela qual não é tão simples colocar em relação um objeto, uma superfície do corpo, uma função. Isso não é claro. A clínica das psicoses vai contra toda representação dessas questões. A clínica das grandes adições também. É provável que a clínica da anorexia igualmente, é uma clínica na qual se verificam perfurações estranhas, mas bastantes características que têm mais a ver com a questão do número e da aritmética do que com a ideia que se faz espontaneamente do que é a oralidade.

O que é um olhar?

Eu lhes dizia, no começo, que vou tentar, ao longo do ano, levar a sério as proposições de Lacan de redução a estes quatro objetos topológicos, a superfície, mas, ao mesmo tempo, interrogar: o que é um olhar? É uma questão imensa, vocês não podem ter uma ideia clínica da questão do olhar como vocês a teriam, por exemplo, inclusive, do lugar da mãe num tratamento de obsessivo. Um olhar é uma estrutura de construção bastante complexa, que, por si só, não carrega uma definição.

Lacan passa um ano inteiro de seminário a problematizar essa questão, apoiando-se, vocês sabem, sobre o quadro de Velásquez *As Meninas*, porque o fantasma é muitas vezes levado à dimensão única do olhar – isso vocês têm em toda a literatura psicanalítica. Por que é que eu digo isso? Pensem na cena primitiva, por exemplo: a questão do olhar, a copulação parental, o olhar sobre as partes erotizadas do corpo, os recortes fetichizados, tudo isso é do olhar. E, se Lacan toma a figura do *cross-cap* para falar do fantasma, creio que é porque a dimensão do olhar intervém na estrutura, cobre-a, e isso, qualquer que seja o fantasma, seu objeto de predileção, a questão do olhar fará a estrutura – quero dizer, com isso, qualquer que seja a prevalência dos outros objetos. Não se pode imaginar de outra forma. A questão do olhar vai constituir a estrutura de todo o trabalho do fantasma pelo sujeito, mesmo se for outro objeto que opera na economia específica do paciente.

Assim, para dar-lhes outra vinheta clínica, masculina. Um paciente, justamente um paciente pintor, que vai declarar o que Freud chamava um ciúme mórbido. Vocês sabem que Freud distinguia muito cuidadosamente os diversos níveis de ciúme: há o ciúme neurótico normal, enfim, o ciúme patológico delirante e uma categoria intermediária, que ele chamava o ciúme mórbido. Esse paciente não é psicótico, mas, em todo caso, ele declara um ciúme mórbido no momento em que sua amante – ele tinha uma amante que o fotografava em seu atelier –, graças a seu intermédio, vai fotografar outros artistas. Até o presente, ele tinha a exclusividade não somente de sua amante, mas das fotografias dessa artista. Depois, de repente, essa mulher põe-se a fotografar outros pintores, e aí ele declara um ciúme completamente patológico, dizendo que tinha necessidade – vocês veem aí a parte do fantasma a céu aberto –, *eu preciso da exclusividade desse olhar, é uma força para o meu trabalho, é assim, eu não passo sem isso.*

Igualmente interessante, mas foi o problema inverso que encontramos com essa paciente e seu pai – e, imediatamente, as figuras estruturais são simples. Ele associa, de imediato, evidentemente a sua mãe, seu olhar sobre ele criança: *eu era um deus para ela, e minha irmã ocupava um lugar outro, ela sofreu muito por isso.* Eu lhes falava há pouco sobre as declinações pulsionais: a um, o olhar; ao outro, o sofrimento. Tudo isso ele observou muito cedo, muito pequeno, é claro, em seu espírito: *eu sou único no olhar, sob o olhar*, poder-se-ia propor para esse paciente.

Então, será que tudo foi dito? Não, evidentemente, porque tudo isso é um material ubiquitário, que vale para cada um de nós. O que é interessante é que, na cadeia de suas associações, de passagem, ele vai evocar – e é aí que se passa às questões mais umbilicais, mais complexas –, ele vai passar imediatamente ao que se vai chamar *o dom juanesco Picasso*, a questão do número, porque Picasso era conhecido por ter um número de conquistas precisamente incalculáveis – e, diz-me ele, é muito apaixonante, porque a obra mudava em função das mulheres.

A questão do número e do trabalho artístico. E, portanto, creio que, efetivamente, para esse paciente, alguma coisa se recusa nele, de maneira passional, à ideia de poder dar o olhar. Não é possível, ele não quer, então, admitir que tenha sido ele que abriu para sua amante, foi ele que a levou à foto, que lhe permitiu ir a exposições, falar com pintores, essa não! Esse dom aí, nem se discute.

E, portanto, se vocês me permitem esta fórmula – mas creio que aqui é possível –, o objeto olhar seria aqui presente envenenado ou, antes, envenenante: o olhar torna-se merda. Há uma questão de analidade que cobre a questão do dom. Em todo caso, por razões estruturais, estamos muito claramente numa problemática obsessiva. E, entretanto, a questão do olhar, há o crivo ubiquitário, há a estrutura

obrigatória da questão do olhar. Creio que aqui, igualmente, ainda que sob outro modo que o de nossa jovem paciente, a questão do número que o perturba vai nos guiar para uma neurose obsessiva, avatar do deus único para sua mamãe.

E agora um sonho. Quando trabalhamos com o material dos sonhos, que é eminentemente precioso, de minha parte devo dizer que fico sempre comovido quando os pacientes, em suas entrevistas preliminares, trazem o seu primeiro sonho, que vale como passaporte para o tratamento, porque, nesse momento aí, para eles, as coisas começam a se engrenar.

Uma pequena paciente, dessa vez de forma bastante divertida, estirou-se espontaneamente, dizendo-me: *Como você me tinha dito*. Eu não lhe tinha dito nada! Então eu disse: *Como eu lhe tinha dito*. Para mim, ela tinha feito um esforço de entrar no mundo do sonho. Um sonho como *Bate-se numa criança* tanto quanto os sonhos de violação, de transgressão sexual, dão apenas a direção da luz; o que é preciso esclarecer, a parte de sombra, o que não é revelado, o que não é visto, o que não é dito. É isso que vai estar a cargo da direção do tratamento, é por isso que um tratamento não se detém nas três sessões preliminares que citei para vocês. Vocês podem perceber isso perfeitamente de outro modo, por exemplo, indo visitar, como eu fui, este museu fantástico, no quai Branly, o museu das Primeiras Artes. É um museu que é magnífico, mas que coloca uma dificuldade que tem a ver com o olhar: há coisas demais, ficamos como que cegos, os objetos nos capturam. No *a posteriori* dessa visita, fui obrigado a ir procurar em minha biblioteca uma obra que havia lido há alguns anos: *A voz das máscaras*, um belíssimo livro de Claude Lévi-Strauss, que, em seu campo conexo, tão precioso para nós, diz alguma coisa da questão do olhar. Eu lhes dou essa citação, que é belíssima:

> *Seria ilusório, portanto, imaginar, como tantos etnólogos e historiadores da arte o fazem ainda hoje, que uma máscara e, de maneira mais geral, uma escultura e um quadro, possam ser interpretados cada um por sua conta, pelo que ele representa ou pelo uso estético ou ritual ao qual é destinado. Nós temos visto que, ao contrário – pois ele dava toda uma série de exemplos precedentemente –, uma máscara não existe em si, ela supõe sempre presentes ao seu lado outras máscaras reais ou possíveis que se teria podido escolher para substituí-las. Nós esperamos ter mostrado que uma máscara não é, de saída, o que ela representa, mas o que ela transforma – é bonito isso – isto é, escolhe não representar.*[2]

É mesmo formidável. Uma máscara escolhida para não representar. Quando

2 Lévi-Strauss, Claude. *La voix des masques*. Paris: Editions Albert Skira.

se chega ao museu com esse traço estrutural, já se está um pouco menos cego!

Como um mito, uma máscara nega tanto quanto afirma, ela não é feita somente do que diz ou acredita dizer, mas do que exclui.

Vocês destaquem termo a termo e coloquem fantasma, isso lhes dá uma entrada na questão do olhar, excesso de luz; onde está a sombra? O que é completamente apaixonante é que, na leitura que ele dá das tribos que visitou, a questão fálica não está longe, já que ele ordena as coisas a partir de tribos que possuíam o cobre. É a partir deste valor único – a posse do cobre – que se declinava em seguida a representação.

Eu queria, antes da discussão, retomar a questão do imaginário social e do fantasma e agradecer a Rebecca Majster Veken por me ter guiado há pouco sobre esse elemento que ela chama *debilidade social do fantasma* – porque, quando repetimos que o inconsciente é o político, isso não basta, porque o que importa é desdobrar, além da fórmula, como isso se vive, transforma-se. E, portanto, será preciso se perguntar como o fantasma faz reluzir, de algum modo, sua parte imaginária própria, dá sua forma ao imaginário social.

No ano passado, eu tinha contado a história de um jovem intermitente do espetáculo, que constitui verdadeiramente uma figura social de nossos pacientes, todos esses jovens que querem a todo custo fazer estudos de arte, e como, neles, o fantasma – se posso dizer moderno – *eu sou batido pela vida* –, falava assim, tomava uma pregnância inimaginável. Esse jovem efetivamente tinha sido *batido pela vida*: seu pai se suicidou muito jovem – trauma real. Muito precocemente, esse jovem, que tem qualidades, que trabalha um pouco, descreveu-me, durante meses e meses, a longa luta dos intermitentes contra o Estado, contra as injustiças, contra a mundialização, contra a Europa. Fui bastante paciente até que, um dia, disse-lhe: *Basta!* Mas não era apenas isso: ele se alcoolizava, e tudo assumiu um outro aspecto no momento em que eu lhe disse que estava cansado dessa leitura social, de sua maneira de se fazer bater. Talvez eu não tenha dito exatamente assim, mas quase, e como ele era um rapaz inteligente, ele compreendeu, ele não mudou absolutamente de estilo, mas ele... Enfim, digamos que há coisas que se modificaram em sua vida.

Seja como for, vemos como, quando a parte secundária, imaginária, do fantasma cai, ela vem se alojar no fantasma social do momento – aí se tratava da crise dos intermitentes do espetáculo. Havia a história, vocês sabem, de todas as anulações em Avignon, tudo isso, portanto, eu me deixava levar por um discurso que nós mesmos utilizamos em nossa época, que fazia revisitar Arlette Laguiller, que é simpática, mas que era fechada, que vinha desviar. Um tipo inteligente tornava-se fraco em

suas afirmações e fraco em suas ações com seus próprios amigos e, portanto, isso é uma vertente e igualmente a parte do inverso. O que é interessante é nos perguntarmos em que o imaginário social, enfim, por retorno, pode fazer reluzir a parte fantasmática de cada um. Dito de outro modo, *o inconsciente é o social*, vocês podem inverter completamente a fórmula. Eu lhes peço para reler no seminário finalizado este ano o momento em que Lacan assinala que a História intervém como imaginário fantasmático. Não recordo mais o capítulo.

Diz-se que não há História para o inconsciente, o que não é falso. Para o inconsciente, é indiferente que Sarkozi... Ele olha a vida através de outras lentes, isso não o interessa. Entretanto, o imaginário social tem efeitos, e será preciso ver até onde e como o inconsciente se dobra ao imaginário do momento.

Eu termino com uma referência, a fim de dar a vocês pistas de leitura, ainda que eu não queira fazer trabalho pedagógico. Trata-se da belíssima obra de Jean Starobisnki, *A invenção da Liberdade em 1789 e os emblemas da razão*. Jean Starobisnki foi criticado sob diversos aspectos, mas isso não tem importância. É um psiquiatra de formação – mas, se os psiquiatras soubessem escrever como ele! – cuja escrita é marcada por uma legibilidade, por uma força incrível, e esses textos foram retomados. Ele não se apoia nem na filosofia nem em tudo isso, mas apoia-se na história da pintura, dos objetos, da arquitetura. Ele é capaz de indicar as transformações sociais a partir do olhar dos pintores. É no olhar da pintura que ele enuncia como as questões das Luzes vão se instalar, como a questão da razão, a questão da sombra em Goya – extraordinário! Isso vale todo o discurso filosófico, mas é preciso ter a capacidade de fazê-lo. Vocês, portanto, de um lado, o texto e, do outro, as fotos. Vou dar a vocês a ponta avançada de sua exposição para o que nos interessa. Assim, estamos no fim do século XVIII, sua questão de fundo é: o que é que anuncia a passagem ao ato que nós conhecemos? É uma questão fantasmaticamente interessante. Ele escreve:

> *No contexto do ócio, do tédio, do amadorismo corrompido, passamos a tratar os objetos e os seres tirando-lhes seu peso de realidade para incluí-los na fantasmagoria do desejo. Em prol de uma encenação sagaz, a vida inteira transporta-se para o imaginário e torna-se obra de arte. Desde então – diz ele – o prazer, o sofrimento e a morte de outrem são apenas elementos de uma representação que a consciência privilegiada se dá diante de um gozo narcísico e solitário.*[3]

Em quem ele pensa? Em toda a história de Sade, bem... Ele situa o momento

---

3 Starobisnki, Jean. *A invenção da Liberdade em 1789 e os emblemas da razão.*

em que o esteticismo dirige-se para o mal, o erotismo para a morte, portanto, a instalação de um gozo furioso. Então ele tem uma fórmula belíssima, mas que é preciso entender, quando ele diz: ... *o indivíduo separado, cativo de seu sonho e incapaz de aceder ao Real se esconde na pose do desafio lançado a Deus*. É belíssimo, e essa poderia ser uma definição do fantasma. É preciso entendê-lo: o indivíduo separado do laço com o outro, do laço com a alteridade, o indivíduo curvado sobre si mesmo, cativo de seu sonho, de seu fantasma, incapaz de aceder ao Real, pavoneia-se na pose do desafio lançado a Deus, de sua debilidade. Ele vai fazer um Um. É ele que decide o que é a vida, o que é a moral, o que é a ética. É genial, é uma leitura fantasmática progressiva, uma virada do próprio século, de alguma forma. É interessante, até nas próprias palavras que ele utiliza. Nós estamos em instantes sem memória, sem futuro. Dito de outro modo, essa frase aí não tem nenhuma lembrança, ela não está inscrita temporalmente, ela é simplesmente; ela está aí, ela dita tudo. Ele não o diz, como Freud, ele o diz à sua maneira. Clinicamente, sobre o que ele se apoia? Ele tenta descrever os traços da nobreza da época, o gosto bizarro da época, ao mesmo tempo pelas festas e pelos espetáculos fúnebres. As pessoas iam ver as execuções dos criminosos, por exemplo, era o que elas chamavam o *delight*, o gozo supremo, o deleite, a execução capital de tal ou tal caso, deleite mais poderoso que o prazer. Trabalho de um historiador de arte, como ele tenta compreender o apelo a um ato; alguma coisa impulsiona o gozo a um paroxismo tal que alguma coisa vai se produzir. Ele lê isso através da pintura e também dos objetos, da arquitetura.

Aqui eu termino. Há uma reflexão que não é simples, que é uma reflexão sobre o que chamamos nossos mestres, o declínio do mestre. Digo isso porque nós abrimos o ano de seminário com os quatro discursos. Então, é interessante, vocês veem quatro objetos topológicos para os objetos do fantasma, quatro discursos: do mestre, da histérica, da universidade, analítico, sempre essas estruturas quadrigráficas. Mas isso começa sempre. É preciso que haja o S^1, é preciso que haja a questão do mestre, é preciso que alguém dê o tom, e isso é problemático. Num momento como o nosso, hoje, não se sabe mais o que chamamos um mestre.

Em todo caso, há uma reflexão nesse trabalho sobre a *Revolução Francesa* no que diz respeito à questão do mestre, já que ele diz isto: *o que, a princípio, poderia ter sido apenas um sinal da possessão das riquezas* – portanto, ele fala dos mestres da época – *torna-se uma magia que impulsiona a vida para uma outra dimensão e que a incita a se realizar aí na busca do [inaudível]...* Não é que o mestre, no fundo, esteja na possessão. É esse movimento de irrealização, o momento em que aí se realiza o que é a vida no palco. *...à direita dos espectadores, os sinais que impõem a ilusão da autoridade; à*

esquerda dos espectadores... – ele diz com um belíssimo termo – *a autoridade da ilusão*. Bum! O mestre desloca-se, e vocês chegam então a quê? Ele passa, e efetivamente veem-se os quadros que ele coloca em relação... Mas vocês o têm em todo o trabalho de Tossi, aqueles que conhecem um pouco esse pintor, que viram a retrospectiva em Zurich... Ele o vê na questão da sombra em Goya, e, por exemplo, esse quadro que se pode ver no Prado, em Madri, *Os fuzilados de Três de Maio de 1808.* Goya conta tudo isso, tudo que acabo de dizer está lá, tratado por um especialista do olhar, precisamente, mas não da luz, da sombra e da luz.

Detenho-me nesse ponto *teórico* que eu queria submeter, nas próximas vezes, à reflexão de vocês. O ponto que permanece mais difícil de apreender é a questão da materialidade dos objetos, um tipo de materialidade pulsional dos objetos num primeiro tempo e como Lacan passa da materialidade dos objetos à sua total desmaterialização. Para mim, é isso – eu o formulo através dessas palavras e, como eu dizia, de um ponto de vista estritamente clínico, a questão do seio-oralidade, das fezes-merda não têm, de forma alguma, a mesma materialidade que a questão do olhar ou da voz. O olhar é um objeto totalmente construído; quanto à voz, eu não conheço nenhum trabalho com o mesmo título que o olhar – é muito complicado falar da voz. Se fôssemos fazer um seminário sobre a voz, como Lacan fez sobre o olhar, não sei quem de nós poderia sustentá-lo. Em todo caso, são objetos muito mais construídos, e é preciso, provavelmente – e, se digo isso, é muito inspirado na psicose –, que nos ensine, bastante bizarramente, que existem vozes sem timbre, sem sonoridade e mais reais, entretanto, para um paciente, que os barulhos da própria cidade.

É isso a voz, também, de que eles falam? Eles não podem nem mesmo representá-la, é assim. É sempre a preguiça que nós temos, a passagem do pulsional – vamos sempre muito rápido quando passamos do pulsional ao buraco no simbólico, dificuldade clínica, enigma. É, entretanto, para isso que Lacan tenta nos arrastar, é sobre isso que devemos trabalhar. É preciso minimizar as complexidades, e não simplesmente evitá-las com fórmulas rápidas.

Na próxima vez, tentarei avançar do mesmo modo e tomarei um pequeno exemplo da vida cultural e social para nos perguntar: como se pode dizer, por exemplo, que um gozo do corpo torna-se um significante para toda uma cidade? Pode-se contar como um gozo do corpo torna-se, pelo imaginário, significante fundador de toda uma época. Tentaremos trabalhar isso. Eu gostaria que se fizesse desse seminário um lugar de troca – não quero dar um curso. Suo minha camisa para trazer a vocês o que acredito que deva ser trazido, mas penso que se pode fazer disso um trabalho. Peço para trazerem questões que possam ser debatidas a cada vez.

REBECCA MAJSTER: – Esta frase: *Fazer-se objeto do desejo do outro.*

JEAN-JACQUES TYSZLER: – A primeira.

REBECCA MAJSTER: – A primeira – parece-me que apenas ela –, essa frase testemunha o que é um fantasma. Não vale a pena passar por *Bate-se numa criança. Fazer-se... objeto... do desejo... do outro*, permanece muito enigmática e, ao mesmo tempo, muito esclarecedora esta questão – *fazer-se objeto*, primeiro enigma, *do desejo*, segundo enigma, *do outro*, terceiro enigma. Portanto, esses três tempos, a meu ver, é já a escrita do que Lacan elaborou – a escrita inconsciente do fantasma. O desejo do outro é, evidentemente, inacessível, não se pode imaginar o que pode ser isso e, entretanto, não se cessa de se identificar a isso. É alguma coisa que escapa o tempo todo. *Eu me fiz*, diz um paciente, *objeto do desejo do outro.* É um obsessivo – *eu me faço* – como se fosse possível *fazer-se* de si mesmo alguma coisa. Portanto, a gente *se faz*, de maneira fantasmática, objeto do desejo. Que *objeto a*? Que objeto pulsional? E, já se delineia, é a questão do sujeito, a instalação do sujeito, é a decisão do sujeito de fazer-se objeto do desejo de um outro completamente enigmático. A partir daí, há toda uma sintomatologia extraordinária que se instala, que permite ver, já nas primeiras entrevistas, com o quê e com quem se tem a ver.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – O que tu dizes é bastante sensível com essa jovem. Entende-se bem como, ainda menina, ela escolheu – Freud fala da escolha da neurose, mas aí se entende que é uma escolha.

PARTICIPANTE: – A escolha do sujeito é seu fantasma.

REBECCA MAJSTER: – Imagina-se que o outro teve desejo por ti e que tipo de desejo – e, nesse momento, aí se instala alguma coisa de pulsional.

PARTICIPANTE: – Será que o fantasma é uma resposta ao *Che vuoi*? Será que é uma questão estrutural, pelo fato de que o outro – o sujeito se pergunta –, o que é que ele quer, o que é que ele quer de mim?

JEAN-JACQUES TYSZLER: – O que é que ele quer?

PARTICIPANTE: – Em virtude mesmo da estrutura do outro, o fantasma vai ser a resposta que o sujeito dá a essa questão de estrutura.

REBECCA MAJSTER: – É gramatical o que se passa em *fazer-se objeto...*

PARTICIPANTE: – Será que a essa questão o sujeito deve forçosamente responder? Ele vai... Isso vai ser seu fantasma.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Com essa pequena paciente, *o que ele quer?*,

ao mesmo tempo, *o que ele quer de mim?* está encarcerado em *o que ele quer?*. Ela faz questão de afirmar que seu interesse era pela fala de seu pai concernente às múltiplas alegrias da carne. Criança, menina, sua questão era – como diz Rebecca –, abria-se a vários níveis, *o que ele quer?*", ao mesmo tempo em que *o que ele quer de minha mãe?*, *o que ele quer de mim?* O que ele quer do número, como ela, criança, pode colocar a questão que percebe de seu pai: o que ele quer dessa enorme quantidade? Ela recebe essa questão pela qual a resposta só pode ser assintótica.

PARTICIPANTE: – Essa questão do objeto... [inaudível]

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Mas sim! O fantasma vem no lugar de sustentar, de um modo artificial, os diferentes estágios com sua leitura, legível a céu aberto, e depois sua leitura enigmática. O máximo a céu aberto para ela, em todo caso, é um número, é o que vem imediatamente, 60-80. E isso é muito engraçado, mas não sei o que ela está me dizendo. Ela me fala de uma série aberta infinitamente, que ela mesma limita por um sintoma. Eu estou de acordo com essas formulações, porém, mesmo a fórmula de Lacan, que ele coloca no grafo do desejo, *Che vuoi?,* enfim, é uma fórmula bastante enigmática. É isto que quero dizer, *o que ele quer de mim*, *o que ele quer*, sem que ele seja capaz mesmo de ouvi-lo no que diz, é uma fórmula em estágios. O fantasma vem efetivamente cobrir um tipo de resposta, mas é uma resposta aberta.

PARTICIPANTE: – Porque o fantasma é de estrutura. Será que não há, para o sujeito, uma obrigação de resposta, pelo fato de haver essa questão...

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Ele é obrigado a responder.

PARTICIPANTE: – Eu, com essa paciente, escuto: *Eu quero contar*.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Sim, também é possível.

PARTICIPANTE: – Eu quero contar para ti.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Mas aí você acrescenta alguma coisa, pode-se dizer *eu quero contar*, simplesmente, *eu quero saber como se conta Um*, por exemplo.

[Questão inaudível]

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Naturalmente! É uma contagem ao infinito, ela não sabe como se conta Uma, mas não é simplesmente *eu quero contar Uma para ti*; é também *eu quero saber como uma mulher se conta Uma*, simplesmente. Uma para quem, Uma por quê, não é simplesmente *Uma para meu papai*. Isso é a borda da questão, mas que vai se abrir para uma questão que vai persegui-la toda uma vida – isso tem a ver com o seu pai. O que é fabuloso é que é um trabalho

preliminar, nas duas entrevistas vocês já têm um terreno... É importante saber como recebemos esse material, não tragá-lo, dizendo:*Mas é claro, é visível, onde está o problema? Ela diz tudo.*

REBECCA MAJSTER: – Não basta dizê-lo, é preciso que ela questione, é preciso que ela tenha uma questão.

PARTICIPANTE: – Quando se diz 50 ou 100, isso não tem importância.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Ela não disse que isso não tem importância.

PARTICIPANTE: – Não, você disse que isso não tem importância, exceto se ela disser números precisos, não importa que números.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – A isso não posso responder, é a parte umbilical do fantasma que não se deixa imediatamente tratar desse modo. É precisamente dessa parte que é preciso esperar o retorno, ao longo do tratamento; não se terá o resíduo dessa história. Se eu a tivesse recebido dizendo: *Mas, enfim, 60 e 80 é, portanto, 70* (risos), o tratamento começava... Eu não podia visar o alvo, ao contrário, eu sei pelo futuro. Ela me prevê, para o futuro, que a parte umbilical está abrigada bizarramente. Veremos como isso faz retorno como número no significante mais tarde. Isso pode fazer retorno de mil maneiras, mas provavelmente fará retorno como Freud, atento a isso, no que concerne ao objeto anal do Homem dos Ratos, no que ele denomina de nós significantes. De repente, isso aparece nas cadeias no momento em que não se espera, e aí o analista deve permanecer atento. É ele que é alertado pela paciente. A memória está de seu lado, se posso dizê-lo. Contudo, isso não pode ser trabalhado no momento, acredito, das entrevistas preliminares; no momento no qual o paciente se entrega, todas suas palavras são sempre deliciosas. Depois, quase sempre, há um tempo de latência, de recalque do material primordial, e será preciso esperar um certo tempo até que esse frescor seja recuperado no tratamento. À força, não funciona. Se dizemos ao paciente *mas você me havia dito há três semanas que* (risos) *era 72*, curiosamente, isso vai conduzir o tratamento em direção a um realismo do qual você não mais sairá.

PARTICIPANTE: – Existe um fantasma na criança... [inaudível]

JEAN-JACQUES TYSZLER: – ... eu perguntei a meus colegas que trabalham com crianças, e, quando fui um pouco forçado a entrar nesse campo, fiquei surpreso com o pouco material em relação a esse assunto nas revistas, etc. Ou bem os colegas se dedicam ao campo da pulsão, ou saltam para as questões da adolescência, para a questão da metamorfose paterna. Eu não sabia simplesmente se a questão do fantasma... Então, não tenho resposta a essa questão. É apenas uma observação clínica: quem trabalha em espaços destinados a crianças recebe *pinguinhos de gente* entre

quatro e cinco anos, que são estruturados como pequenos histéricos. a questão da sedução, a questão do desejo sexual, e, igualmente talvez, então apenas um pouco mais velhos, verdadeiras obsessões, pequenos obsessivos em quem a questão da morte e do sexo já provoca um sintoma completamente organizado. Então, [eu] continuo bastante freudiano, pois, se existe uma atadura sintomática com essas forças, é muito provável a existência de um fantasma. No momento, não existe muito material a respeito desse assunto.

PARTICIPANTE: – Jean Bergès?

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Sim, Jean atinha-se muito à questão do [inaudível] infantil, mas ele não resolve a questão do fantasma, tal como desdobrei. Ele não está completamente situado na representação imaginária normatizante e obrigatória da questão da sexualidade infantil. Ela permanece em aberto, mas você é como eu: você vê pequeninos, e a escolha da neurose já parece estar estruturada. Então, o que foi tirado disso? É que provavelmente a estrutura funciona. Assim, eu tinha prometido falar desse assunto depois, modestamente, mas trarei casos de crianças pequenas. Conheço três, quatro casos de neurose obsessiva estruturadas em crianças. Aliás, isso traz questões complexas sobre a angústia a serem observadas. Persistir nisso é uma verdadeira questão. Outra coisa? Ou acabou?

Por hoje, está bem. Eu lhes agradeço.

Lição II

18 de novembro de 2006

Eu queria abordar um tema que vocês conhecem, que Marcel Czermak chama *a psicose social*, ou ainda, ele diz em outros momentos, *a perversão generalizada de nossas relações sociais e humanas*.

Trata-se da questão da forclusão no tecido, que Charles Melman chamou, pelo viés da nova economia psíquica, a esse tempo de desligamento sintomático e social de nossa relação com a palavra, com o desejo, com o discurso. Questão que podemos ainda tomar pelo viés do desatamento dos três registros, regularmente solicitado desde Lacan – Real, Simbólico e Imaginário. Tema que é difícil, mas que me parece justo tê-lo lançado em nosso meio, e que é um verdadeiro tema de pesquisa.

Lembro-lhes de que é um tema do qual nós mesmos temos participado, caso se considere, por exemplo, a questão que já tínhamos tratado há dez anos sobre o transexualismo, a identidade sexual, ou mesmo as jornadas sobre o corpo, o corpo na modernidade. É uma maneira de advertir e de tentar lançar luz sobre alguns aspectos daquilo com que somos confrontados.

Devo confessar-lhes – e é essa a minha inquietude, uma forma de angústia – é que eu estava um pouco sufocado por essa temática. Sufocado porque é duro de suportar em sua repetição, em suas formas paroxísticas, e creio que a ideia de retomar, não de muito longe na superestrutura, mas nos indagando sobre o que recebemos em nossa clínica; retomar a partir do coração de nossa atividade de analista e, por exemplo, a partir de noções tão cruciais quanto a do fantasma, era para mim um tipo de resposta e de abrigo para refletir. Estou contente de que vocês estejam aqui porque a presença de vocês não é uma audiência, mas um abrigo: isso me abriga para que possamos partilhar conjuntamente questões que tocam no tecido do que é uma análise e, em particular, na questão do fantasma.

O fio condutor de minhas palavras é o de retomar tranquilamente – isso não são aulas –, a questão do fantasma em Lacan, tentando avaliar o distanciamento em relação a Freud. Tentando, então, retomar o cenário imaginário masturbatório, tal como Freud fala dele muito bem. Não vou fazer o comentário disso aqui, todos

os artigos de Freud falam disso com talento. Vocês encontrá-lo-ão facilmente nos trabalhos sobre Freud, daqueles que os comentaram posteriormente.

É evidente que, em relação ao fantasma, é quase a mesma concepção que Lacan tem em seus primeiros anos de seminário e, se vocês retomam *As formações do inconsciente*, um de seus primeiros seminários, vocês verão que há várias passagens em que Lacan fala do que ele chama fantasma e, por fim, ele está bastante próximo naquele momento ali da concepção de Freud. Lacan insiste muito sobre a dimensão, ao mesmo tempo do relato, o relato, a parte de cenário no fantasma, e sobre a frase, a questão da frase.

Então, meu fio condutor é este: por que Lacan nos obriga a nos distanciarmos dessa concepção, de início, para a concepção de um objeto, e de um objeto que é difícil de apreender, uma vez que, no curso de suas elaborações, esse objeto – eu tinha tomado esse termo que, por enquanto, é o melhor que encontrei – é um objeto que vai se desmaterializar, que deixa seu aspecto realista de objeto parcial, tal como Freud fala. Ele deixa, inclusive, seus aspectos imaginários, tais como se pode perceber no fetichismo, por exemplo, e ele se desmaterializa na própria língua.

É nesse momento aí que Lacan pode dizer *objeto a*, que ele inventa depois de Freud uma categoria do objeto, que é um objeto desmaterializado. Desmaterializado, entretanto – atenção! – que exerce atração estranha em toda a cadeia significante e, através disso, sem que nos apercebamos, em todas as nossas enunciações. Desde que alguém toma a palavra, ele está cativo desse objeto, em todas as suas enunciações, em todo o seu olhar sobre a vida, no que o rodeia, seu olhar sobre o semelhante, assim como sobre a cidade, o mundo, como se diz, mas igualmente em todo o pensamento, seja ele içado ao patamar de sabedoria ou de filosofia. Creio que se pode dizer que Lacan, em todo fim de trabalho, nos convida a um buraco, mas não é um buraco simples. É um buraco que vai enodar esse espaço e dar consistência a esse espaço. São as últimas formulações de Lacan, se vocês as tomam pela parte quase terminal, se posso dizer, pela questão do nó borromeu.

Então meu fio condutor é aquele ali, que especifico para vocês novamente, mas, assim como para mim, pois eu tenho necessidade de precisar, ao longo do caminho, coisas que não são evidentes.

Esse primeiro fio condutor é simplesmente o gosto por uma teoria, que tem, entretanto, uma importância crucial para a concepção do sujeito, por exemplo, que Lacan faz para si mesmo, porque, por fim, Lacan não tem outra concepção do sujeito senão aquela que é dada pelo fantasma, por esse objeto e pelo gozo. Isso é apenas um gosto por uma concepção, porque esse fio cruza aquele da clínica, tal como a encontramos hoje, imediatamente e, vocês sabem muito bem, uma

dificuldade – como em muitos encontros entre colegas –, em dizer o fantasma, por exemplo. Temos até dificuldade para dizer a palavra, desde que, entre outras coisas, os direitos modernos do corpo substituem a clássica tensão entre o desejo sexual e a lei. A lei, não no sentido da lei civil, a lei no sentido da lei da linguagem, lei da palavra.

Rebecca, tu me perguntavas: a fórmula *Devem-me*, o que se passa quando a fórmula *Devem-me* substitui, para um sujeito, *Batem-me* ou *Eu sou batido*? É evidente que se hesita em qualificar de fantasma, não é inteiramente a mesma fórmula. Ou então, efetivamente, *Já que me batem, me devem* – fórmula realista bastante corrente, da qual falarei, talvez, daqui a pouco, a propósito de uma vinheta clínica, e que começa a ser muito bem analisada em vários lugares por nossos colegas –, e não apenas por nossos colegas, há trabalhos sociológicos, antropológicos bem importantes, em que a passagem da lei, do símbolo ao registro do direito – e, mesmo agora, é preciso dizer *dos direitos*, no plural – de alguma forma, deixa ao cenário privado do fantasma sua parte de escrita universal, e é isso que nos coloca em dificuldade.

Quando alguém fala protegido unicamente pelos direitos, os direitos do corpo, por exemplo, talvez ele não seja psicótico ou desatado. A questão não está aí. Mas isso faz perder em seu cenário privado seu alcance universal – então não podemos nem escrevê-lo, nem lê-lo; é difícil de receber. É como se esse sujeito lhes dissesse: – S de A barrado é lindo, mas é para os outros, para mim é outra coisa.

Um último fio condutor, a propósito das vinhetas clínicas. É verdade que eu estava obrigado a isso, que eu tinha me prometido trazer, a cada vez, pelo menos, uma vinheta clínica, pois me parecia muito difícil abordar, hoje, essa questão complexa sem um apoio clínico. Mas essas vinhetas não são nada sem a questão colocada na práxis. Não serve para nada falar sem fundamento de uma vinheta, se não for colocada a questão ao prático *quid de seu ato*, *quid* do ato analítico, no trabalho sobre o fantasma. E então, efetivamente, Rebecca, qual horizonte nós nos damos por nossas posições diante da besteira, da debilidade do fantasma?

Vejam esses três fios. Creio que não se pode trabalhar sobre uma borda sem convocar as outras duas. Dito de outro modo, é um trabalho que permanece, seja teórico, seja de clínica pura. Há sempre desvantagens, principalmente que esse tipo de trabalho não solicita a posição do prático e os cortes possíveis.

O ponto mais difícil de apreender, e ao apreendê-lo, é a questão da materialidade dos objetos e de sua desmaterialização operada numa análise. O que pode preparar para vocês essa dimensão será fazer-lhes observar, simplesmente, que a questão do seio ou da merda, é evidente que, na clínica, não tem a mesma robustez,

a mesma materialidade que o que se chama a voz ou o olhar. É por comodidade que nós colocamos no mesmo saco, de alguma forma, depois de Lacan, os quatro objetos designados, mas merece que aí nos detenhamos. Voz e olhar – voltarei a isso durante o ano –, são espécies um pouco particulares, que são, antes de tudo, construções, são objetos eminentemente construídos, e é preciso um tempo muito laborioso em Lacan, e é preciso um ano inteiro de seminário para que ele construa o que ele entende por olhar. E a voz, a voz é imensa! Tentarei tomá-la, da próxima vez, mas a voz tem um tipo de materialidade – e, ao mesmo tempo, a psicose nos ensina vozes sem timbre, sem sonoridade e que, entretanto, para um sujeito, são mais reais que os barulhos da própria cidade. Objetos então complexos, bem construídos, ao mesmo tempo, na prática, na clínica e na teoria.

Vou fazer um primeiro desvio com vocês para tentar aproximar uma primeira questão, que é esta: como se aceita a passagem do pulsional ao buraco no simbólico? Então eu coloco a questão: por qual desvio se pensa que um objeto pulsional chega a ser processado, a ponto de fazer buraco no próprio simbólico? Qual é esse enigma?

Da vez passada, eu tinha permanecido nas ditas sessões preliminares, e a maior parte do tempo – enfim, quero dizer, nos casos mais favoráveis, depois das sessões preliminares, há frequentemente o que se chama *sonhos de transferência*: o paciente evoca um sonho que dá garantia, de alguma forma, de sua entrada na transferência. *Sonhos*, dizia Freud, *que não devem ser interpretados*. Sonhos de amor, de trabalho, mas frequentemente o paciente se obriga a seguir, com razão, a ir procurar longe, no passado, frequentemente depois das primeiras sessões, nas primeiras sessões de trabalho, a ir procurar bem atrás, com a ideia de que é preciso procurar as questões da origem – sem motivo justo –, os primeiros relatos.

Como um gozo do corpo pode se tornar um significante para um sujeito, assim como para toda a cidade? Para dizer de outro modo: como alguma coisa que tem seu peso de Real, por intermédio do Imaginário, vai poder escrever o Simbólico? Então, é uma forma de reversão que lhes proponho – R, I, e S – para poder escrever, tanto a pulsão ($ <> D), quanto o fantasma ($ <> a). E vou fazer com vocês esse pequeno desvio, que não é de cultura, que é um desvio da clínica, mesmo que ele se assemelhe a um desvio de cultura.

Houve – alguns talvez o tenham visto –, uma soberba exposição no Institut du Monde Arabe, há alguns anos, sobre um país que se chama Iêmen, intitulado Iêmen: No país da rainha de Sabá. Havia pelo menos duas coisas que me cativaram; por um lado, era narrada uma história extraordinária, que se conhece mal, a história dos perfumes. Aquele que os sabeanos tinham batizado *Ouro*, a história da mirra também, que perfumava o corpo e, enfim, o incenso, que era o perfume mais

sagrado, porque ele tornava os deuses benevolentes. O comércio desse perfume divino era garantido pelos reinos antigos do Iêmen, sobretudo aquele de Sabá. É preciso ver que não estamos apenas em questões de realidade, há um ponto de real. Por quê? Porque a rota do incenso obedecia a regras imperativas sob pena de morte, ao preço de viagens de vários meses através dos desertos, até o momento em que se poderá navegar para alcançá-la mais rápido. O que é interessante é os significantes que nos restam ligados – hesito em dizer as palavras –, mas os significantes que nos restam ligados para nomear o incenso. Vou nomeá-los de roldão: o incenso se chamava *libneh*, *labanatu*, *lebonah*, *libanos*, ou – vocês também conhecem o termo –, *l'oliban*, o aroma branco, e dizia-se também – é encantador pela questão da pulsão do corpo –, as lágrimas brancas. E vocês veem o depósito, em todos esses significantes, de um certo número de letras, que vocês encontram, por exemplo, hoje, no país, o Líbano, *Lbn*, raiz trinitária no depósito desse objeto sagrado.

Vocês só veem isso. Compreende-se por que, em certas passagens, Lacan podia passar tão rapidamente, sem que se compreenda imediatamente por qual verdade, do objeto à questão da letra, ou vice-versa. É uma história que é uma bela história; aliás, o perfume é um objeto complexo, é um objeto do corpo, é como as lágrimas – temos dificuldade para enganchá-lo aos quatro outros objetos topologicamente descritos.

E depois vocês sabem que há uma outra história extraordinária, que é aquela da rainha de Sabá, reino constituído, pelo menos, desde o oitavo século antes de Jesus Cristo. E aí [eu] passo para vocês os comentários que vocês encontrarão em todo bom livro de história, de história da pintura, coisas assim. O que é importante são suas três interpretações teológicas, de alguma forma, seus entrelaçamentos diferentes na Cristandade, no Judaísmo e no Islã. É apaixonante! Vê-se imediatamente que, a partir do mesmo pequeno mito, ao longo dos séculos, vocês têm três histórias enodadas de forma diferente. E os pintores deixaram fundidas representações trazidas pela Bíblia entre o rei Salomão e a misteriosa rainha; do lado cristão, há muitas fachadas de catedrais com uma interpretação que vocês conhecem, talvez, uma vez que, para os cristãos, essa história prefigura os reis magos simplesmente.

No Corão, um lugar lhe é feito, evocando a conversão maravilhosa a um Deus único e anunciando a submissão da Arábia pagã ao Islã. Vocês veem, mesma história mítica, mesmo relato, imediatamente estabelecido por três enodamentos diferenciados. Aliás, os responsáveis por essa exposição diziam, não tão explicitamente, mas quase, que, no momento em que nós estamos, não temos mais

necessidade de nos indagar se existiu, no Iêmen ou na Etiópia, um reino que fosse aquele da rainha de Sabá. Pode-se dizer – e, a meu ver, é a interpretação mais interessante – que, nesse mito, o infinito trabalho de representação e de interpretação não conta, no fundo, senão nisto que é difícil de dizer sem passar pelo imaginário, *o caminho de um objeto.*

Toda a história da rainha de Sabá é isto: o caminho desse objeto, a rota do incenso encarnada na figura de uma rainha, de uma mulher, vindo – é aí que as coisas nos falam e são fantásticas – além da teologia e da questão da história, uma vez que se trata de uma mulher, vindo interrogar o saber de um homem. Ela vem interrogar o saber de um rei, submeter-se a ele e desaparecer. É essa a história da rainha de Sabá. Eu os reenvio à própria escrita bíblica.

O incenso, objeto sagrado – vamos dizê-lo de maneira lacaniana – objeto do Outro –, embrulhando os corpos, por ocasião das festas e dos funerais, já que era seu papel; a questão do sexo e da morte, sempre grande questão simbólica, torna-se o significante de um encontro, que, até o presente, está esburacado em nossa memória, pode-se dizer até que ela será para sempre esburacada.

Peço-lhes para prestar bem atenção: encontro de um homem e de uma mulher, de uma rainha e de um rei, em torno de enigmas. Mas de quais enigmas? Em torno dos enigmas do saber e da verdade – e pode-se dizer, é claro –, saber sobre o Um de um lado e, na outra borda, verdade sobre o erotismo oriental, que é ainda, para nós, a sexualidade atraente que desprende para sempre nossa viagem em direção à rainha de Sabá.

Evidentemente, isso nos fala: saber de um lado, a questão do monoteísmo, do Um; e do outro, essa viagem para um país outro que é aquele do Um. E eu me permito pedir-lhes um pequeno esforço de aceitação de uma fórmula que retomarei ao longo do ano, fórmula estranha – é nesse lugar que nos é preciso evocar o caminho de Lacan em direção [a uma] à outra escrita do fantasma.

Uma outra escrita, que é aquela que utilizamos ordinariamente, $ <> a, uma escrita que vocês encontrarão no seminário *Mais, ainda*, então isso vai bem com a questão do corpo. A referência é a lição de 22 de outubro de 1973 – e Lacan já partiu em seus problemas de enrolamento de cordões, e Lacan fala aí de dois elos enroladas um no outro, e diz isto: *Será aquele* – então ele fala do enrolamento –, *de um anel simples e do oito interior, aquele com o qual simbolizamos o sujeito, permitindo, desde então, reconhecê-lo no anel simples, que, aliás, inverte-se com o oito o signo do* a, *seja da causa pela qual o sujeito se identifica a seu desejo.* E então ele fala do sujeito, ele está retomando, a meu ver, sua própria fórmula do

fantasma, tratando-a um pouco diferentemente pelas questões do nó.

Temos, então, o anel simples e o oito interior, oito interior pelo qual simbolizamos o sujeito, permitindo, desde então, reconhecê-lo no anel simples. E é aí que há esta fórmula extraordinária *que, aliás, inverte-se, com o oito.* Aí vocês entendem bem: ele está tratando, de maneira diferenciada, a questão do sujeito e do objeto, para chegar a dizer que, nesse trabalho de enodamento que ele está fazendo, de maneira estritamente topológica – assim foi demonstrado pelos matemáticos que trabalham com ele –, passava-se, de maneira topológica contínua, da inversão da questão do sujeito ao objeto: *inverte-se, com o oito, o signo do objeto* a, *seja a causa pela qual o sujeito se identifica a seu desejo.*

Para resumi-lo abusivamente: intercambialidade lógica do sujeito e seu objeto. Para dizer-lhes ainda de outro modo: o punção, por fim, bem curiosamente, torna-se equivalência lógica. É assim, evidentemente é preciso prestar atenção: nós não estamos em casos de psicose. Ele não trata das questões que Czermak narra frequentemente, o sujeito relegado unicamente à versão de objeto. Trata-se de outra coisa; o punção torna-se equivalência lógica? (Coloquem um ponto de interrogação).

Creio que, numa análise, podem-se tomar as coisas pelo lado do objeto, dizendo isto: tal objeto que concerne sempre ao corpo vai suscitar o valor de gozo e, por fim, toda uma economia subjetiva, mas igualmente dos povos, das expedições e das guerras.

Tomei o exemplo da rainha de Sabá, mas, nesse verão, eu me deparei com um livro encantador de Eric Orsenna[4] sobre a cultura do algodão, no qual ele narra, com muita precisão, região por região do mundo, o quanto ela enfeudou todas as subjetividades, todas as economias, toda a política.

Um objeto. Vocês podem tomar as coisas pelo lado sujeito do significante, é claro – e aí isso nos fala melhor na história bíblica, Schelomo, Salomão-Schelomo, é o edificador, é o significante do edificador, do templo sagrado, templo igualmente do rei. Salomão é o respeito pela autoridade Una, as leis da palavra divina, e o poder de honra, o poder de fazer viver o pacto. É isso que nos fica da memória de Salomão. O que é bem interessante é que é ao apelo dos significantes *edificador* e *sabedoria* que responde o episódio da rainha de Sabá.

O que se passa na Bíblia? Depois desse momento de glória – aliás, intitulado *a glória de Schelomo* –, vem este magnífico capítulo que eu os convoco a ler

4 Orsenna, Eric. *Sur la route du papier*. Paris: Ed. Stoch.

atentamente, que se chama *Salomão e as mulheres*. O rei Salomão amava uma multidão de mulheres estrangeiras e a filha do Faraó e as moabitas, as amonitas, as edomitas, as sidonitas, as hititas. Salomão cola a elas por amor. Vejam como encontramos a questão do Um, a questão do erotismo, do enrolamento dos dois fios do qual Lacan fala.

Salomão, de certo modo escravo do objeto causa do desejo, vai ceder sobre a questão do Um, já que todas essas mulheres vão sacrificar ao seu próprio *Elohim*. E aí há alguma coisa extraordinária: é a intervenção de Deus em tudo isso, porque Deus vai intervir com uma nota que é apaixonante em uma das traduções que encontrei em André Chouraqui. Será preciso olhar como os outros traduziram essa passagem, mas Chouraqui, para descrever a presença enfurecida do Um, a presença vingadora do Um que vai pôr em desordem o corpo de Salomão, traduz: *Adonai narina contra Schelomo*.

Ele *narina*, verbo que não existe em francês, o verbo *narinar*. Ele *narina* contra – vejam a força da tradução a partir de uma invenção significante que faz entender a presença, quase o *Urvater*, a presença primitiva da voz, simplesmente no sopro enfurecido da besta. Eu me pergunto se não seria melhor, nesse lugar, tomar uma outra tradução do nome de Deus, por exemplo, em Glória, quando ele diz *Yah*, como forma primitiva da nominação, poder-se-ia quase dizer: *Yah narina contra Schelomo*; há alguma coisa do *Urvater* nessa tradução.

CYRIL VEKEN: – Tanto que Yah pode-se escutá-la como: *Il y a*.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Yah é uma das formas primitivas do nome de Deus, que Henri Meschonnic dá a entender, em um texto magnífico, *Psaumes*, mas que ele traduz por *Glória*, e *Yah* é *Y-a*.

Eu sou batido pelo pai, vocês veem aqui, pela descoberta significante, pelo neologismo poético, eu sou *narinado* pelo pai, *eu sou batido pelo significante*, eu sou dobrado, eu sou ordenado pelo que me vem do outro e que me condiciona. É isso que me abre ao gozo e também a seu limite.

Creio que se entende melhor, nesse exemplo, o quanto o *ser batido,* do qual Freud fala, pode-se interpretar por um modo de estrutura, como a maneira pela qual o pequeno homem é marcado por aquele que suporta a metáfora de todas as metáforas, que Lacan identificará como pai, mas enquanto Nome.

Entende-se a força desse neologismo primeiro, a maneira com que o corpo se dobra e é essa forçagem primeira, essa marca primordial, que vetoriza nossos buracos, os buracos do corpo, nossas pulsionalidades e, é claro, a erogeneidade, o erógeno que dá sua função a cada um de nós, sua função de

fascínio pelo fantasma – e isso é da clínica, não há necessidade de ir à Bíblia para saber disso – e o risco de sua travessia no ato.

A rainha de Sabá, ela chega, ela se dobra, ela parte novamente. É interessante esse trajeto bem particular. Possuir o objeto é já perdê-lo, é um dos grandes dramas da questão do fantasma, um dos grandes dramas da vida erótica de cada um de nós. Todas essas histórias que esburacam nossa memória nos falam de tudo isso. É assim que interpretei, minha maneira de ler o que Freud chama o segundo tempo do célebre texto, que ele próprio diz que é uma construção. Por que Freud diz que é uma construção? Ele diz que esse tempo é uma pura construção da análise, que ela nunca teve existência real, que ela nunca trouxe nenhuma lembrança, que ela nunca chegou a tornar-se consciente; uma memória totalmente esburacada, que trata simplesmente desse momento estrutural onde o homenzinho se faz, ao mesmo tempo, objeto de *alíngua* – em uma única palavra, como a escrevia Lacan –, assim como objeto do gozo. O homenzinho é o sujeito disso, desse tempo de construção, de estruturação, mas ele não pode dizê-lo assim, pois toda fórmula, todo enunciado, só fará imaginarizar o impossível de simbolizar, de pensar.

Acho que, quando Freud fala nesse lugar de masoquismo, de sadismo, em *Contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais,* pode-se igualmente entendê-lo clinicamente, como o faz Freud, de um modo genérico, estruturante, de verticalidade, de pulsionalidade, de funcionalidade.

O corpo se põe às ordens da erotização que o espera e que ele antecipa nos gozos primeiros, aqueles que nomeamos erroneamente *parciais*. É por isso que Lacan dizia que todo fantasma é, por natureza, perversamente orientado, nada mais que isso. Não há fantasma normal, é nesse lugar também que o mito individual do neurótico toca nos grandes mitos fundadores. É por isso que parti um pouco de longe.

É pela barbárie – desculpem-me pelo tom, mas prefiro forçar um pouco o tom –, é pela barbárie, a violência, a intrusão, que o homem traça o grande corpo de seu destino. É o relato homérico que fala em nós, mesmo se os monoteísmos pareçam, para muitos de nós, evocar as questões tocantes à lei e ao desejo. Isso depende muito dos pacientes. Nem todo mundo tem o *background* necessário, mesmo para passar por isso através de um texto, tal como citei, mas Homero é apenas isso. Os grandes relatos delineiam o corpo do destino.

Eu lhes proponho, depois dessa longa exposição, um segundo tema, um fio que volta à moda e que não vou tratar absolutamente por um modo que está na moda, que é a questão do traumatismo e do fantasma.

Mas, inicialmente, eu não poderia não falar da distinção entre traumatismo e fantasma, e depois, lateralmente, é novamente de bom tom dizer que Freud trocou as cartas e trapaceou, passando do tema do traumatismo sexual ao do fantasma. Freud teria mascarado, diz-se, minimizado o inconfessável, depois de tê-lo identificado, em sua própria família. Não vamos entrar em toda essa literatura que abunda, não tenho necessidade de entrar numa querela de historiadores, preocupados com a exatidão, e não com a verdade dos materiais clínicos recenseados por Freud. Não entrarei nessas querelas, pois nós todos vivemos como traumática a obrigação de um ponto de origem, e, quando um paciente se deita, como se diz, ele vai sempre procurar um ponto de origem. Depois dessas sessões preliminares, ele vai sempre procurar um ponto de origem.

O sujeito vive como traumática a obrigação de um ponto de origem, o que se chama classicamente uma cena primitiva, um cenário fundador em seu encontro com o gozo, e é verdade que o menininho vive como *trop matique*[5], como se divertia Lacan, a ereção que ele descobre em seu corpo porque não pode nem simbolizá-la nem nomeá-la. É um traumatismo. Idem para a menininha, quando um olhar a sexualiza – falo da menininha, não da adolescente –, pela antecipação de sua imagem de mulher. Ela não pode nem nomear o que lhe acontece, nem simbolizá-lo. *Troumatismo*[6]. O que vai colocar dificuldade no plano clínico é o que se pode chamar o grau de defecção inicial do fantasma.

É esse grau de defecção inicial do fantasma que vai acarretar dificuldade quando colocamos as questões do traumatismo e do fantasma; até em certa história singular, a maneira com que a ideia do traumatismo real autêntico ou fantasmado vem preceder a colocação fantasmática, a forma de defecção inicial do fantasma, apresso-me em dizer, que não é absolutamente do mesmo tipo; chegaremos aí em uma outra sessão que é aquela operando na psicose, mesmo que a saída comum dirija-se ao automatismo da pulsão.

Pode-se sublinhar que, quando alguém toma o fio do traumatismo, como com o psicótico, vai ser remetido automaticamente à questão pulsional, mas, enfim, é preciso assim mesmo distinguir um pouco os registros.

O que me coloca grave dificuldade em minha prática corrente é o tipo de defecção eventual, a grade tomada do traumatismo, colocando a questão do punção em dificuldade, a defecção da escrita de qualquer forma fantasmática, e, então –

5 Alusão a um jogo de palavra utilizado por Lacan, em que ele altera a grafia de *traumatique* [traumático], por *trop matique*, acentuando assim o caráter demasiado [*trop*] do que é traumático. (NT)

6 Alteração da grafia da palavra *traumatisme* [traumatismo], por *troumatisme*, enfatizando com isso o aspecto de buraco [trou]. (NT)

coisa prometida, coisa devida – vou me permitir, nesse trecho, entregar-lhes – aí vocês sejam prudentes, porque eu tinha dito que é uma questão de deontologia – vou entregar-lhes uma pequena vinheta clínica.

Ela é bem geral, mas, mesmo assim, prestem atenção. É uma vinheta da qual eu tinha falado no Brasil, é mais difícil de evocar no próprio lugar do exercício. É quase uma tipologia, quase, essa vinheta, alguma coisa que liga de maneira bem forte um sintoma individual, uma leitura individual da vida e uma representação social, e que permite entender bem a equivocidade bem rica do significante que Freud utiliza: *batido*.

Eu sou batido, *batem-me*, e porque neste *batem-me* é preciso entender o relevo, a cada vez, de pelo menos três camadas que são convocadas pelo paciente: o paciente em sua vida social, política e para muitos sujeitos em sua vida erótica. Um paciente passa certo tempo a falar-lhes de sua vida erótica, de sua vida sexual, e depois, [temos] a terceira camada, que é frequentemente difícil de perceber, o objeto do fantasma fundamental, o que é construído por trás do *batem-me*.

Trata-se de um jovem artista intermitente, que é verdadeiramente uma figura social de paciente, são pacientes simpáticos, interessantes, que frequentemente têm um ideal difícil de criticar, já que é em nome da arte, das belas artes, que eles se enunciam e que, entretanto, ao lado disso, fazem, de maneira sistemática, o que é também bem moderno: apelo ao Estado para proteger seu desejo – o que Marcel Czermak chama uma *erotomania de Estado*: o Estado me deve.

Todos aqueles que trabalham em consultório têm pacientes assim. É então um jovem intermitente. Paro um minuto porque vocês sabem que o próprio significante, a própria palavra *intermitente* é alguma coisa. Foi-me preciso um pouco de tempo para autorizar-me, ele o aceitou no fim de alguns meses. Um dia, eu lhe disse: *Mas, enfim, o que é que você pensa do próprio significante intermitente?*

Quando um sujeito se representa pelo termo do intermitente e do espetáculo, vocês veem a força do significante. Quando vocês escolhem entrar na vida pela via de um significante, é difícil às vezes sair disso. Então, um esfolado vivo que passa sua vida a protestar contra a injustiça social – que existe, é claro –, as hipotecas, os governantes e, depois, toda essa clínica que se gosta muito de descrever, do álcool, os injuriados pelos companheiros, as lutas até nos bares, o que se poderia chamar uma clínica do ferimento, de pessoas que vão de choque em choque, a clínica do choque.

E aí será preciso mais que sessões preliminares. Tive que *nariná-lo* um pouco na transferência para sair do que se poderia chamar *um imaginário de combate* – politicamente ao gosto do dia –; há uma forma de retorno de um imaginário de combate. Primeiro tempo.

Segundo tempo. Ele estava muito orientado para uma vida erótica um pouco ousada. Por que digo isso? Porque ele vai sempre procurar mulheres marcadas pela vida, que, elas mesmas, apresentam condutas aditivas, exposição ao perigo, e o que é interessante é que essas mulheres são portadoras de uma sexualidade que não tem medo de nada.

Há uma borda imaginária onde ele encontra um pouco seus gozos parciais, mas há, assim mesmo, alguma coisa que me interessa, encarnada por essas mulheres: é uma borda do erotismo que força as coisas até certa travessia fantasmática e então a análise se passa igualmente, ele descreve para mim sucessivamente os encontros. É interessante, há muitas coisas que estão enodadas aí, que reconsideram um pouco seu erotismo e o gosto que ele tem pelo outro assim marcado.

Uma noite – isso é uma sessão – uma noite, no meio dessa sexualidade, ele leva uma bofetada, uma verdadeira bofetada de sua parceira no meio dos embates amorosos. Aí não há nada a comentar, é uma banalidade [risos], mas ele o faz na sessão associando a isso a chamada de telefone, e aí está a questão do automatismo.

Ele vai, depois dessa noite, num grande momento de angústia, de desrealização, ele vai chamar essa companheira e lhe diz: *Desculpe-me pelo mal que te fiz* – e é aí que se entra em alguma coisa de particular. São momentos de virada na análise. É preciso estar presente nesses momentos. É preciso não saltar esses momentos aí, porque *o mal que te fiz* é dito ao outro, na outra cena, e inverterá, em muitas sessões depois disso, inverterá nas associações desse paciente com sua infância precoce, quando ele procurava em vão interpor-se entre sua mãe e um pai violento – o que é bem particular e foi por isso que tomei esse caso. É que há, no sentido próprio, uma borda de traumatismo nessa história aqui; é que esse pai se suicidou em um momento que será para sempre não simbolizável para essa criança.

Esse garoto perdeu seu pai muito jovem em um suicídio errático. Então, para ele, pode-se dizer assim, no momento do estabelecimento da janela do fantasma, enquanto criança, o pai sai da cena – aí eu parti, como com todo paciente, como se eu escutasse a colocação normal da borda fantasmática. De repente, ele faz intervir de maneira associativa alguma coisa que é o real, de início, a brutalidade da saída de um pai. Qual objeto era ele mesmo para o outro paterno, que larga assim a portas fechadas que, para nós, é fundador de toda neurose? Toda neurose infantil é construída a partir dessas portas fechadas. Qual objeto se tornaria ele para o outro materno? Sem jogo de palavras, pode-se dizer que, para ele, eram as cartas que tinham sido colocadas[7].

---

7 No original "battues"= que em jogo de baralho tem o sentido de 'cartas batidas'.

As cartas são postas, e a ambivalência dessa criança – ela permaneceu assim tão ambivalente a respeito do pai –, consegue escrever um tipo de fantasma que é sempre muito difícil de dizer com clareza. A fórmula que me vem em seu lugar é quase *um pai é espancado até a morte*, mas sou eu que antecipo: será que esse paciente não parará nunca de se martelar?

É um ponto essencial. Ele se martela sem cessar, o que não diz nada de sua inteligência e de seu talento, é um garoto que é extremamente talentoso, e isso não tem nada a ver. Vocês veem que, em um caso como esse, é traumatismo/fantasma, em um caso como esse, que não é tão particular – singular, mas não particular –, pode-se apreciar a maneira com que os fantasmas secundários, o erotismo um pouco cru, a vida social vivida como uma permanente injustiça, tudo isso recobre para velar alguma coisa nele de mais fundamental do fantasma.

Esse paciente não pode, por enquanto, abordar o abismo do suicídio do pai ou, antes, quando estamos na beira de suas associações, imediatamente ele procura uma saída da rota, e isso se traduz por uma passagem ao ato, imediatamente. Não se pode circundar o abismo desse suicídio sem que ele se lance, na sessão seguinte, que ele me diga uma besteira que fez, que foi aos tapas ou o que quer que seja.

É assim, passagem ao ato, à guisa de corte – e, aliás, de um ponto de vista da práxis –, é preciso, em casos como esse, fazer do impossível a dizer um princípio de temperança. Eu me permito dizer-lhes, de passagem, a ideia de que haveria, para ele, um atravessamento obrigatório de seus diferentes planos fantasmáticos é pura loucura. Não se pode dirigi-lo à força em direção ao que quer que seja. Há um princípio de temperança. Aí estamos perto demais da adequação, ele, literalmente, seu sujeito se lança como um objeto nesses momentos – aí, se vocês o empurram além... Não somente no erotismo essas questões colocam dificuldade, há igualmente dificuldade quando as questões da vida e da morte são solicitadas por um paciente.

O suicídio de um pai, é claro, é um acontecimento histórico traumático na vida de uma criança e esse exemplo faz entender este espaço que, a meu ver, permanece para nós sempre complexo – e temos mais casos do que pensamos desse tipo, entre traumatismo e fantasma. É verdade que é perigoso opor termo a termo. Não há necessidade de opor termo a termo essas duas questões frequentemente enodadas. Temos interesse em recebê-las como uma dificuldade. Será preciso ver o que se sustenta no plano de uma, e o que se sustenta no plano da outra. Há regularmente traumatismo na vida de uma família, mas o estabelecimento do fantasma não se resume a isso.

Não vou refazer para vocês a estrofe, dou-lhes justamente um exemplo da literatura – se vocês não querem passar por uma coisa outra bem diferente para

pensar essa questão do traumatismo e do fantasma, vocês têm as passagens extraordinárias de Imre Kertesz, em *Sem destino*[8]. Basta abrir esse livro, isso lhes cai das mãos, é igualmente formidável, como a criança recebe de seu pai o significante *judeu*. Kertesz escreve isso de maneira igualmente maravilhosa, engraçada e trágica, e é enodado imediatamente ao plano do erotismo, ao passo que nós não estamos mais num traumatismo total, no período ao qual ele se refere.

Vocês verão como essa criança enoda nela a questão do significante em níveis fantasmáticos que ela guardará por toda a sua vida. Exemplo clínico fabuloso, é difícil para qualquer um numa análise chegar a tal desenlace das questões de primeiras colocações, mesmo quando refletimos sobre nossa própria análise. Vocês sabem, para chegar a ir tão longe em questões das colocações primeiras, certos escritos têm um tipo de talento particular. Nesse quadro, parece-me que concernente a esse terreno da proximidade entre o fantasma e o traumatismo, o trabalho sobre os sonhos me parece muito importante. Por quê?

Porque esse terreno dos sonhos não é mais tão solicitado, por razões que podem explicar-se depois do trabalho de Lacan, que, pouco a pouco, não distinguirá mais os diferentes níveis de leitura do significante, considerando que qualquer enunciado podia valer – e é muito raro que façamos nós mesmos jornadas sobre a questão do sonho. Nesse quadro, forço muito meus pacientes a me trazerem o trabalho do sonho, e isso guarda para mim uma importância muito particular em curas em que se misturam dimensão fantasmática e dimensão traumática, pelo fato precisamente de um real histórico. Prestem atenção, não é que a narração histórica dos acontecimentos seja nosso recurso. Não me classifico absolutamente do lado de uma moda que vive o ressentimento e a injustiça com avidez. Não se trata de reconstituir a toda força a historicidade. O problema é o tratamento que o paciente dá a essa narrativa. Isso não é a mesma coisa, uma vez que ela é reduzida automaticamente para seu ponto de história.

Aí é semelhante, não se pode encarar de frente questões assim. São questões temáticas inconscientes e de representação. Há um tema que me apoia, em pintura e em poesia, que se chama o tema das ruínas, e o autor, Jean Starobinsky, evoca esse tema em pintura – e vou dar-lhes algumas pistas de leitura.

De início, ele diz isto, que vai reenviar-lhes à história da rainha de Sabá, cujo tema das ruínas é um atributo constante do Oriente das natividades, símbolo ao mesmo tempo de um país misterioso e de uma antiga aliança que outra fé torna caduca.

Primeira linha interpretativa, primeira grade de leitura. Ele especifica outra

---

8 Kertesz, Imre. *Un être sans destin.* Prêmio Nobel de Literatura 2002.

grade de leitura, que o sentimento das ruínas no século XVIII foi convergido pelo elã do pensamento histórico moderno que, diz ele, *despoetizou os documentos do passado, na medida em que sua busca se tornava mais metódica.* Ele acrescenta que a poesia da ruína é poesia daquilo que sobreviveu parcialmente à destruição, permanecendo imerso na ausência, que é preciso que ninguém tenha guardado a imagem do edifício intacto, e que a ruína assinala, por excelência, um culto desertado, um deus negligenciado. Fecho Starobinsky.

Que podemos dizer quanto à questão do traumatismo? Poder-se-ia dizer *imagem sem lembrança*, por exemplo, ou então vocês o invertem: *lembrança sem imagem.* Em todo caso, o que é certo é que, para essa criança, há a ruína do lugar do Deus protetor, ruína do pai como Nome, até do pai real também, donde o termo, que amo muito, *culto desertado.*

O apelo ao pai, *culto desertado*, não é simples nas histórias de trauma, de suicídios precoces. O que é que é essa memória sem imagem, sem representação, ou, o inverso, a representação sem narrativa? Creio que podemos propor, Rebecca, eu estava me servindo de alguma coisa que me guia, é a distinção entre a crença e a fé. Fé – atenção, é preciso entender –, não de um modo religioso, mas fé no outro, alguma coisa que possa inscrever-se e escutar-se do outro, não a escolha dos três monoteísmos.

Num primeiro tempo, restituir crença ao que sobreviveu à destruição, aquela visualizada como suporte do punção fantasmático, porque isso é possível, e também, como o diz Freud, *o punção não necessita nem de lembrança, nem de realidade.* Aí vocês têm um apoio dialético extraordinário, ele o diz com uma força singular em seu texto. O segundo tempo é pura construção, não há nem lembrança a procurar, nem mesmo o acordo consciente do paciente. A gente dispensa totalmente, mas é um apoio dialético formidável.

Restituir crença é ainda mais. O termo de fé é necessário para nós, é restituir fé no outro, qualquer que tenha sido o ponto de origem, qualquer que tenha sido o fechamento do ponto de origem, sua destrutividade, sua negação, sua negatividade. É preciso que nós desembaracemos, para o paciente, um plano além do fantasma, de seu horizonte, é preciso dar-lhe um ponto de horizonte, seja ao real do trauma e à debilidade fantasmática, de outro modo só há o puro gozo.

Então, a questão técnica que me interessa concernente a esse tipo de paciente – e retomarei a metáfora que utilizo graças a essas leituras –, é esta: como fazemos para repoetizar os documentos do passado? Uma vez que não se trata, para nós, de nos tornarmos historiadores, nós não somos policiais, os Sherlock Holmes do traumatismo – como repoetizar sem ser metódico, uma vez que é uma dialética

alternativa? Creio que – é assim que entendo melhor a insistência de Charles Melman sobre o trabalho com a letra –, coisas assim, que estão em Lacan, mas que Melman, à sua maneira, fala disso muito mais que o que já está posto em Lacan.

Efetivamente, não temos outra arma, outro bisturi, outro estilete na língua para escrever o punção. Nós só temos isto: o material significante, o interior do material significante, para tecer, para restituir um pouco de costura à questão do punção.

Vou dar-lhes uma vinheta para dizer-lhes; sou às vezes obrigado a ir procurar um pouco longe meus apoios, mas esses apoios distantes que fazem, às vezes, uma volta bastante longa na análise são simplesmente frequentes numa sessão. É uma sessão, duas sessões, quero dizer, são fragmentos, cuja virada que se produz concernente a esse trabalho são pequenas coisas no cotidiano da análise. Enfim, o problema é que seu ponto de apoio é bastante distante, em suma, não há truque.

Então, um minifragmento, era uma sessão bastante curta e em que se escuta esta corda que vai do cenário, a frase, o gozo efetivamente, o objeto e, depois, como não se pode concordar nesta posição de objeto, o sintoma imediatamente, que vem mascarar essa dimensão. *Eu tive um sonho*, diz essa mulher, *eu devia fazer uma versão latina miserável, eu pedia a alguém para me dar uma frase, para que eu não entregasse a folha em branco, eu não compreendia nada de nada.* Vejam, isso é a ponta de sonho.

É, então, uma paciente que já está no trabalho da análise há certo tempo e, evidentemente, eu acolhi esse sonho com interesse. Eu apenas perguntei como ela associava, e então ela faz o trabalhinho com o qual eu me diverti em meu exemplo publicado no *site* da *internet*, da ALI, jogando um pouco com o *L.* Vocês sabem, em francês o l´, todas as distanciazinhas facilmente encontráveis pela língua, e ela me diz, ela mesma, imediatamente: – *mas você sabe a aversão*[9] (risos). Escutem bem, ela me diz: – *a aversão, mas eu sou frígida, eu não consigo*. Vejam a rapidez com a qual ela entendeu a versão latina *dê-me uma frase! Quem vai me dar essa frase, quem me permite entrar na questão fantasmática? Eu não consigo, eu gostaria de ser uma libertina, à maneira romana. Enfim, a totalidade!*

E depois, então, coisas graciosas. É preciso guardar esse material como equívoco porque, de certa maneira, ela quase comenta Freud para mim, quando diz: *há algo de matemático no trabalho sobre o latim, é preciso ordenar as proposições principais e secundárias*. Então aí ela trabalha sobre a textura da gramaticalidade. E, depois, deixo de lado a sequência das associações, que são, ali, apaixonantes, mas, em seguida, evidentemente, ela é reenviada à questão de seu pai, ao

9 Aqui o autor destaca: *l'aversion* (a aversão) e *la version* (a versão). (NT)

fato de que ela trabalhava muito com seu pai o latim, e depois ela fala da posição de desafio e da lassitude a respeito dos homens, de seu chefe, de seu marido.

Uma sessão bem curta, vocês imaginam que, ao fim de dez minutos, parei, pois eu estava transbordando pela totalidade do campo a explorar. Eu não podia fazer mais. Então ela entendeu na língua, imediatamente, que a frase que ela procurava a reenviava imediatamente à questão erótica, um joguinho literal bem pequeno, e depois questões que ela vai procurar como ponto de origem. Não se pode fazer mais com um pequeno fragmento como esse. Isso para lhes mostrar o fato de que, nas análises, isso se sedimenta assim, sobre passagens, e que é preciso, de alguma forma, encorajar a si mesmo.

Vamos parar em breve. Falei há pouco da questão do além do fantasma. Da próxima vez tentarei dizer algumas palavras sobre isso, talvez concernente às psicoses, questão que temos trabalhado muito com Marcel Czermak, a questão da pulsão.

Inicialmente fiz, hoje, o propósito de não trazê-lo, porque é muito pesado conduzir o edifício extraordinário da pulsão. Também me dispensei disso, mas, há um ano, o tínhamos trabalhado muito, e o próprio termo de pulsão, e o que faz com que seja interessante, porque, desde o início de uma análise, vocês têm sempre a reversão desse lado, a questão da automaticidade pulsional, e vocês têm imediatamente – e isso Rebecca o sublinhou. É preciso, entretanto, que a aposta se faça para o além, é preciso, imediatamente, que alguma coisa seja falada sobre a ultrapassagem do plano, a fé no outro enquanto tesouro dos significantes, a fé mesmo nos cortes operados pelo trabalho associativo, o trabalho das interpretações.

Simplesmente, creio que uma das condições desse além, é verdade, é um ponto de ancoragem nas metáforas primeiras, aquelas que são agarradas ao corpo, de onde a história que eu lhes trouxe de início, desse objeto que se tornava cenário imaginário.

As metáforas primeiras são a condição para que exista metáfora, metonímia, interpretação. O que não se mede bem, pois tomamos frequentemente como tautologia. É nesse lugar aí que tentamos fazer viver, na práxis, este adágio lacaniano *o corpo é o Outro, o Outro é o corpo*. Vocês sabem que, para chegar a se apreender esse adágio, que é enorme como adágio, como isso se pensa, o corpo é já o Outro. Cada parte de corpo que vocês mexem é já uma letra e vice-versa. Então, no lugar de forçar, é preciso apreender, como sempre, condições de estabelecimento *sine qua non*.

Termino com a dificuldade, de início, quando vocês abrem um relato como um

relato bíblico – o que faz com que ele nos fale com tanta força é porque o corpo está enodado, isso fala de um corpo enodado. O que se tornou mais delicado agora, para cada um de nós, é o lugar desse corpo, porque somos ansiosos pela maneira com que esse corpo mudou na modernidade.

E então vou concluir. Frequentemente deixo a palavra a alguns grandes Outros para mim: uma dama, por quem me desloquei a Lille e que é curadora de uma exposição sobre o corpo, sobre o antropomorfismo e a saída do antropomorfismo. Como ela, assim, vou dar hoje como minha conclusão e agradeço-a de passagem: *qual é, então, esse imaginário que não é aquele do dentro e do fora, do vertical e do horizontal, do infinitamente pequeno e infinitamente grande e onde figura e fundo* – ela utiliza a palavra alemã *Grund* – *se entrelaçam?* Creio que é exatamente a esse enigma aí que Lacan queria nos conduzir, quando introduz todas essas questões de topologia. É exatamente essa questão que ele trata pela topologia, essa questão que ele trata à sua maneira em toda a história da representação na arte.

Então, o dentro, o fora, o vertical, o horizontal, o infinitamente pequeno, o infinitamente grande, esses temas que interessam já a Pascal, e o que chamamos, mesmo para nós, quando falamos – vocês veem aí, inclusive quando eu me enuncio com vocês –, qual é o fundo e quais são as figuras de retórica? Como fazemos nós, em um mundo onde não sabemos mais hierarquizar o *Grund* e onde tudo se mistura?

Eu lhes agradeço.

Lição III

02 de dezembro de 2006

Vou retomar com vocês, hoje, os primeiros contornos dessa leitura do fantasma, voltando-nos, sobretudo, em torno do que vale, para mim, como exemplo clínico, e que é preciso entender como um paradigma social em nossos dias.

Trata-se da questão da defecção fantasmática na psicose, tocando, mais particularmente, à questão da diferença dos sexos. Eu me apoiarei em uma passagem de Lacan para fazer-lhes entender, mas o que eu gostaria de dizer-lhes, desde o início, é que, no fundo, essa passagem pela psicose, mesmo que ela tenha um interesse bem particular para os práticos, só vale pela questão colocada além do campo das psicoses.

Como, frequentemente, a questão colocada pelo psicótico, aquela de sua indistinção quanto à diferença dos sexos, de sua defecção fantasmática, é interessante como retorno sobre nós mesmos! Trata-se aí, então, de uma questão mais geral, que se encontra assim colocada – e, mesmo que eu escolha falar disso, hoje, a partir de referências um pouco comuns, com Freud e Lacan.

Se Cyril me permite uma pequena junção – porque ontem tivemos o prazer de escutar Henri Meschonnic, em sua conferência intitulada *O sujeito do poema* –, qual é o sujeito do poema? E, entre outras coisas, vocês sabem que Meschonnic trabalhou muito sobre as questões de ritmo, de respiração, as questões da oralidade, essas grandes dimensões, e é verdade que, mesmo para alguém que não é religioso, ele faz entender o interesse e a beleza, que é inacreditável como apelo ao sujeito, dos grandes textos religiosos.

Queria dar-lhes uma pequena referência de leitura – ainda que isso não seja exatamente a mesma apreensão. Trabalhei, durante o verão, sobre certos textos de Beckett, que é um livrinho gracioso de Nathalie Léger, *Les vies silencieuses de Samuel Beckett*[10]. Evidentemente, o melhor, como sempre, é retomar os textos do próprio Samuel Beckett, mas, assim mesmo, há sempre referências que são interessantes pelo seu frescor, por sua maneira de retomar um autor.E, então,

10 Léger, *Les vies silencieuses de Samuel Beckett.* Paris: Ed. Poche.

Nathalie Léger diz isto – trata-se justamente de duas pequenas referências –, ela fala de Beckett e diz isto: *Um dia, ele coloca um metrônomo sobre a cena para ajudar a atriz inglesa, de* Oh les Beaux Jours*, a respeitar o tempo da frase. O que o interessa não são os sentimentos, é a precisão da duração, uma forma de estereometria na língua.*

Em outra ocasião, ele pede aos atores para dizer o texto com uma voz, um fraseado, com certo espaçamento entre as palavras. Peço-lhes aqui para escutar bem esta frase, que talvez lhes pareça interessante pela sequência: *Ele quer que a dicção seja como folhas*. É lindo e, depois, talvez vocês tenham podido ler em artigos recentes, nos jornais, o cuidado escrupuloso que Beckett tinha em suas encenações para com a questão dos objetos. Ele prestava uma atenção extrema ao lugar dos objetos, e em *Oh les Beaux Jours*, em particular, quanto ao lugar dos objetos no interior da bolsa. Isso parecia bastante incongruente: onde estavam colocados os óculos, a escova de dente, o espelho. E então, diz esta autora, Nathalie Léger, *ele coloca os objetos com a mesma minúcia que ele coloca a voz.*

Isso não é à toa, hein? Tentarei, nessa caminhada, não comentar – pois é difícil transpor para um autor nossas próprias ferramentas – mas fazer vocês entenderem o interesse dessas questões que são tratadas por Beckett à sua maneira: a questão do objeto, a questão da imagem, a questão da voz.

Vou retomar, em um primeiro tempo com vocês, os poucos fios cruzados desse trabalho.

Eu o sintetizo excessivamente, mas a primeira escrita que Lacan propõe, sobre a qual me apoiei nas duas primeiras vezes, o fantasma ($\$\diamond a$), é uma busca de escrita que, creio, vem responder a uma questão que os colegas se colocam, que é uma questão prévia a todo o trabalho sobre o fantasma, e que é de se indagar o seguinte: mas, se no fundo, o fantasma de cada um não é senão esse cenariozinho imaginário de gozo, esse cenariozinho masturbatório que todos nós conhecemos, se é isso, se ele se dá por um tempinho a céu aberto, qual é o interesse de inscrevê-lo a título de inconsciente? É uma questão antiga, frequentemente debatida, que temos debatido frequentemente, na ALI. Houve jornadas sobre o fantasma.

É o primeiro ponto. Sua dificuldade, se tomarmos o fantasma por sua leitura de cenário imaginário masturbatório, que nos guia a todos os lugares, para que serve declará-lo a título do inconsciente? Qual é o ponto umbilical que não seria legível? Eu tinha insistido muito, mas pedi-lhes para fazer o trabalho vocês mesmos. Eu tinha sublinhado o quanto, já no próprio Freud, o que ele chama *frase de construção* – Freud diz que há uma frase construída, que ele toma como paradigma, e, aliás, Lacan não retomará outra.

Em *Bate-se numa criança*, a frase construída é *eu sou batido pelo pai*, mas paradoxalmente essa frase é precisamente o que não se pode dizer. Isso já está em Freud, bem misteriosamente, a frase mais inteligível aparentemente é a frase que não se pode dizer.

Freud o diz muito bem. Então, por que é que não se pode dizê-la? Mas, por que essa frase é sem apoio para o sujeito, quer em sua lembrança, quer em sua consciência, mesmo se ela lhe for restituída? Mesmo se o prático lhe disser: *Bom, enfim, cara, você vê bem que é disso que se trata!*, essa frase não se inscreve.

Freud diz precisamente isso – vocês retomarão esse texto canônico, é esplêndido! Há um ponto umbilical, e é nesse lugar que Freud diz: *construção é uma restituição*. Uma restituição é uma construção teórica da análise. Essa parte umbilical do fantasma, esse impossível a dizer. Então, para dizê-lo um pouco como Lacan, poder-se-ia dizer esse real, a parte real do fantasma, às vezes os colegas dizem fantasma fundamental. É essa parte aí que vai determinar o conjunto do que se pode chamar os cenários secundários, que são então as fantasmagorias sexuais, as zonas de perversão de cada um de nós, e o que se segue socialmente, as posições que temos em relação ao nosso trabalho, ao nosso universo social, etc. Alguma coisa que polariza a vida psíquica do sujeito, enfim, tanto de uma cidade, quanto de um grupo de homens.

Eu tinha tentado tornar-lhes atentos a isso, vocês sabem, quando Lacan esbarra em dificuldades, ele próprio o diz: *o que eu não posso dizer, vou escrever*. E, então, a escrita *$* <> *a* é uma maneira de abrir uma via para tentar determinar. Mas, no fundo, qual é esse objeto escabroso que determina, ao mesmo tempo, meus amores, minhas esperanças, meus impasses, minhas renúncias e, por fim, o que eu chamo de minha vida?

Esse objeto determina o campo do visível. Isso significa que é por esse objeto que abrimos a janela para o mundo, com essa dificuldade de que essa janela para o mundo já está dominada pela questão da imagem. Esse objeto tornou-se inofensivo, anestesiado pelo relato masturbatório habitual, por exemplo, a frasezinha sobre o pai – um paciente pode dizer-lhes: *mas eu adoro quando meu pai dá palmadas na bunda do meu irmãozinho*. Vejam! Vocês veem essa maneira de reduzir pela imagem esse real incompreensível.

Aí eu forço um pouco o exemplo, ainda que vocês encontrem isso nas análises com bastante facilidade, o fato de que nós banalizamos, passamos a nossa vida a banalizar, a cloroformizar sem cessar a sombra carregada pelo fantasma, seu real, seu ponto umbilical, a tirania do objeto por trás da imagem. Passamos nossa vida a cloroformizar em fórmulas masturbatórias simplicíssimas, por exemplo, aqui, a rivalidade com outro garoto da mesma família.

Esse é o primeiro ponto – eu o resumo abusivamente, mas é o fio que eu tinha tentado tomar da última vez. Não é simples para nós distinguir a parte imaginária do fantasma, por assim dizer, e seu umbigo, sua parte real. Aliás, não é um segredo dizer, a maior parte do tempo, quando temos contribuições clínicas sobre a questão do fantasma, só é falado do cenário imaginário. Penso em jornadas recentes, nas quais me encontrei em companhia de colegas de outras associações, a fim de falar da clínica da infância. Eram apenas dos cenários imaginários, totalmente habituais, portanto, coisas totalmente a céu aberto.

Segundo ponto que eu tinha tentado desenvolver para vocês e sobre o qual fui obrigado a fazer um pequeno percurso: esse aspecto imaginário do fantasma nos conduz sempre a sua interpretação, a sua redução como traumatismo. É um escolho considerável que retorna bem à moda, porque se denuncia até que Freud tenha deixado o traumatismo de lado para se concentrar sobre o fantasma, aí compreendido em sua própria família. Mas é um escolho, não é preciso tomá-lo por esse viés. É um escolho de trabalho, técnico, sempre operando, complicado, porque em quase todas as existências há traumatismo. Às vezes, é claro, traumatismos trágicos.

Há pessoas que, por razões históricas, viveram coisas que nós não vivemos. É preciso tomar isso com cuidado, com tato. É claro que há traumatismos, mas o que acho é que o que importa, entretanto, para o sujeito, é a possibilidade, qualquer que seja sua amplitude traumática, de passar ao plano do fantasma. Sua chance é aquela ali. E, para retomar um neologismo, é ao *agrafiar-se* – aí faço uma referência, esse é todo o trabalho de Lacan sobre o grafo do desejo. É preciso aceitar passar do grito, do esmagamento da reivindicação do Eu... E a reivindicação do Eu é o quê? É o ressentimento, é a injustiça que foi feita em nossa vida, por nossos pais, pela falta de pais, pelo social, pela história, as reparações, portanto, esse grito de protesto. E Lacan nos diz que é preciso passar por esse grito, que não é justo nem injusto, é exatamente preciso que vocês passem desse grito para uma demanda, para alguma coisa, abrir para alguma coisa, um além do punção, de alguma forma.

Há fantasma, uma maneira para o sujeito e seu corpo de se erotizar. O que é bem importante é não permanecer simplesmente acuado no nível do fantasma, mas tentar pensar um além dessa questão do fantasma, um além de sua bobagem, que o sujeito em curso nesse grafo, por sua maneira de agrafiar-se, encontre certa fé no Outro do significante, não no Outro encarnado, mas faça uma aposta para chegar à lei do desejo, que não seja apenas ferimento e infelicidade.

É muito importante essa questão do traumatismo – não que isso infiltre todas as análises, isso seria falso, mas se é sempre levado para trás, porque: em qual

família não há um luto, uma doença? E a chance do sujeito que vem à psicanálise é de passar ao plano do fantasma, com a condição de que esse fantasma não se reduza à sua topologia idiota, mas libere o seu além.

É nesse lugar que eu tinha lembrado a vocês uma escrita que é um pouco mais tardia, de Lacan, uma escrita que esburaca o sujeito com um objeto, mas igualmente o objeto de um sujeito, que é uma escrita bastante radical que Lacan dá no seminário *Mais, ainda*, na lição de 22 de outubro de 1973, na qual Lacan fala de dois elos enrolados um no outro. Então é já uma formulação bem topológica.

Ele faz esta observação. É preciso prestar atenção, é uma observação que é sem precedente. Lacan diz, ele fala de dois anéis: *Será aquele de um anel simples e de um oito interior, aquele com o qual simbolizamos o sujeito (ele fala do oito) permitindo desde então reconhecer no anel simples...*, e aí há um parêntese incrível, um parêntese topológico, uma vez que, no mesmo momento, ele fazia seus amigos topólogos trabalharem sobre essas questões: ... *o anel simples, que, aliás,* diz ele, *se inverte no oito, o signo do objeto* a, *ou seja, da causa pela qual o sujeito se identifica a seu desejo.*

É uma fórmula que lhes peço para trabalhar, até para irem verificar, segundo os seminários, se ela é sempre a mesma. Há problemas de transcrição. É uma maneira de radicalizar a questão do punção na inversão topológica possível; ali ele não fala da psicose, ele fala da inversão topológica das noções de sujeito e de objeto no fantasma, uma vez que a topologia o demonstra.

É uma fórmula bem particular, bem interessante e que, creio, permite nos desprendermos desta besteira de sempre se indagar: *eu não queria ser tratado como um objeto*, sobretudo, *tratem-me como sujeito.* Alguma coisa assim que permite ser escutado um pouco diferentemente e, em particular, nas questões das diferenças dos sexos e de erotização da libido.

Antes de abordar a clínica da defecção fantasmática, portanto, de sua falta de escrita, eu queria igualmente situar para vocês essas colocações em perspectiva e, a seguir, retomá-las ao longo do ano. Há uma dificuldade que vamos encontrar no trabalho, é a maneira com que Lacan torna a escrita do fantasma complexa no momento em que ele se dá conta do nó borromeu.

Em um momento, as questões de corte, que são trabalhadas em outras figuras topológicas, o *cross-cap*, ou mesmo aquelas que trabalhamos este ano em *O avesso da Psicanálise*, nos quatro discursos, e no qual inscreve um dos discursos obrigatórios, como aquele da histérica, e então uma das formas de corte do sujeito, é evidente que, quando Lacan estabelece a questão do objeto no coração destas

três consistências – ele tem sempre trabalhado, Real, Simbólico, Imaginário –, o que é interessante é que isso nos coloca em uma dificuldade para distinguir o que é a borda imaginária, a borda simbólica e a borda real do objeto. É disso que se trata. Dificuldade, mas, ao mesmo tempo, isso nos ajuda também a conceber as metamorfoses variadas de nossas referências ao termo objeto.

Vocês se apercebem muito bem que nós utilizamos a palavra *objeto* para ocorrências bastante variadas, e o próprio Lacan o faz. Podem ser objetos totalmente realizados, quase fabricados, manufaturados. Então Lacan, em tal seminário, diz: *o objeto é exatamente essa caneta, objeto totalmente realista, produzido*. É igualmente verdade quando utilizamos o objeto fetiche, por exemplo. Alguém que tem como objeto-fetiche este ou aquele conjunto de peças de grife, ou o que quer que seja. É um objeto bastante realista também, mas nós utilizamos igualmente o termo objeto para dizer isso.

De maneira igualmente interessante é a questão do objeto transicional. É bastante engraçada a questão do *doudou* winnicotiano. É um objeto realista, mas já sobre fundo de ausência; ele está se ausentando, ele anuncia a marcha em direção à não figuração. É engraçado como os doudous... Recebo pequeninos há certo tempo, e é engraçado como os doudous perdem a figurabilidade. As crianças crescem e o doudou se desfolha, folha por folha, precisamente.

O objeto winnicotiano, ainda que a questão do objeto de Lacan não se resuma a isso, é preciso prestar atenção. Lacan diz, em um dos seus seminários: é aí que encontrei uma borda. Mas é uma borda, é sempre semelhante, UM bordo[11] da questão da construção do objeto.

Mas é bastante interessante, agora que recebo muitos pequeninos com doudous[12]. Essa marcha para a não figuração, para a não especularidade – como diz Lacan –, prende-me. E depois vocês têm o objeto em sua borda de equivalente imaginário. Trata-se, precisamente, de todas as fantasmagorias privadas, os cenários, o aspecto sempre de perversidade, os cenários neuróticos normais, as pequenas perversões do erotismo ordinário – e então peço desculpa, mesmo do lado das mulheres – o falo em seus estados variados, fantasmagorias imaginárias do equivalente fálico do lado feminino, sem ir procurar a filmografia que Lacan amava muito do lado do erotismo japonês, vocês podem encontrar outras incidências.

E Cyril Veken dizia ontem que há um progresso nisso, quando Lacan diz: *o*

11 No original, *bord*. No feminino, tem o sentido de contorno, limite, extremidade, borda; no masculino, tem o sentido de extremidade superior do revestimento que cobre o navio, bordo. (NT)

12 *Doudou*: como é chamado o objeto transicional em linguagem infantil. (NT)

objeto como letra, letra na cadeia, a letra no sentido daquela que é repetida, e Meschonnic o dizia muito bem, *aquela que é repetida, sequencial na cadeia, igualmente morta, ausente, caída, é quase um buraco denso na língua, por assim dizer.*

Aí utilizo metáforas, a fim de fazer-lhes entender todas as ocorrências que utilizamos, nós mesmos, na prática, e a doutrina da questão do objeto, e que fazem a volta de toda a borda do Real, do Simbólico e do Imaginário; a questão do buraco, e o que me interessa, e é por isso que eu tinha utilizado o termo *desmaterialização*. Lacan nos conduz a desmaterializar a questão do objeto, não somente porque é sua doutrina, mas porque é um trabalho de uma análise. Numa análise, deixamos o aspecto realista da questão do objeto, deixamos sua amplitude imaginária para nos aproximar de sua versão mais literal, até de seu aspecto de contorno. É assim que vejo, de minha parte.

Para terminar, o objeto não se atravessa, ele se desmaterializa. Não se sabe por que a travessia desse objeto se deve à sua topologia: eu fui construído assim, a partir desse cisto. Vejam, é assim que Lacan nos conduz pouco a pouco, mas todas as ocorrências são verdadeiras, e não esqueçam que, no fim do percurso, quando Lacan constrói seu nó borromeu, ele coloca as consistências no mesmo nível, elas não são hierarquizadas. Ele guarda o valor para cada uma das bordas, e isso também é difícil de pensar.

Cyril, tu vais me ajudar, tu vais ler em voz alta esse belo texto de Beckett escrito nos anos 50. Não é fácil de ler.

CYRIL VEKEN: – Vocês me veem hesitar, é um texto sem nenhuma pontuação. Então, começar a lê-lo é afastar possíveis... [inaudível]

> A língua se encarrega de lama um único remédio então entrá-la e virá-la na boca a lama engoli-la rejeitá-la questão de saber se ela é nutriente perspectiva sem ser obrigado a isso pelo fato de beber frequentemente eu tomo um bochecho é uma de minhas fontes a guarda um bom momento questão de saber se engolida ela me vomitaria perspectiva [inaudível] não são momentos maus [inaudível] tudo está aí. A língua volta a sair rosa sem a lama que fazem as mãos durante esse tempo é preciso ver sempre o que fazem as mãos [inaudível] há sempre a bolsa bem à direita bem à direita no fim de um momento eu a vejo lá embaixo na extremidade de seu braço. [inaudível] Que se abre que se refecha. [inaudível][13]

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Vejam, então, a oralização do objeto, da qual falava muito bem, ontem, Henri Meschonnic. Não é à toa! Quando alguém

13 Léger, *Les vies silencieuses de Samuel Beckett.* Paris: Ed. Poche.

impulsiona verdadeiramente, não há senão a parada do fôlego, há um momento em que é preciso escandir – e [eu] vou ler justamente o fim, que é soberbo: *Eu sorrio ainda não é mais a pena faz muito tempo a língua volta a sair vai na lama o resto assim mais sedento a língua entra a boca se refecha ela deve fazer uma linha reta ao presente é feita eu fiz a imagem.* Soberbo, não?

Não se vai colar rapidamente, evidentemente, mas era pra fazer-lhes entender a maneira com que esse autor é trabalhado pela questão. Marcel Czermak nos obriga a nos lembrar de que, como neuróticos, não podemos agarrar a questão do objeto, senão pela dimensão da imagem, e que não acedemos diretamente via significante à questão da letra. Nenhum de nós consegue.

A imagem, lembro-lhes de que Lacan, nos anos em que ele trabalha a questão do nó, inquieta-se com alguma coisa que nós não teríamos esperado, que é o golpe de força, que vem desprender – é por isso a questão do folha por folha –, ele emprega uma palavra linda, que não é bem conhecida, ele emprega *esfoliar* – esfoliar, desprender folha por folha, vem desprender uma das consistências, liberando precisamente todo o enodamento borromeano do sujeito. E o exemplo que ele toma é o apagamento da corda do imaginário – enquanto sugerida pelo simbólico. E creio que, sem exagerar, vocês podem facilmente pensar aqui na questão da diferença dos sexos, e não simplesmente...

É verdade que, em Grenoble, falamos disso, desses golpes de força que são tipos particulares de cortes sobre o nó, cortes forçados. Há o risco de uma redução do imaginário do homem a seu fantasma científico. Aí vocês têm uma bela polêmica que está se mostrando sobre a questão do *telethon*, uma das ocorrências, a posição da Igreja, que aparece, como sempre, às avessas, demais caricatural, simplesmente ao lembrar qual lugar há para um fantasma que se diz sexual, aquele da vida, se isso se dá por fora da sexualidade.

É uma questão – *Questão preliminar*, diz Lacan, *a todo tratamento possível das psicoses*, um texto encantador de 57-58, no qual Lacan resume todo o trabalho dos seminários sobre as psicoses do ano precedente, *As estruturas freudianas das psicoses*. Lacan dá esse texto, é gracioso como termo *Qual é a questão preliminar a todo tratamento possível...* – isso não é sem importância, é um texto de 1957, e, cinquenta anos depois, estamos sempre a nos indagar sobre qual é a questão preliminar. É assim.

Era já uma bela questão, e Lacan comenta – o que se costumou chamar, com ou sem razão, o empuxo à mulher do Presidente Schreber. O Presidente Schreber, que vocês todos e todas conhecem, que é assim mesmo o caso emblemático de

Freud, concernente às psicoses, e então eu queria partir com vocês de algumas frases de Lacan simplesmente para entendê-las.

Então Lacan diz isto:

> *Seja como for, vemos nosso sujeito entregar-se a uma atividade erótica que ele ressalta ser estritamente reservada à solidão – eu retomarei depois – mas cujas satisfações ele confessa. Quais sejam, as que lhe são dadas por sua imagem no espelho, quando, revestido com as bugigangas da ornamentação feminina – não é um termo encantador, portanto os objetos sem valor, da vestimenta feminina,– nada, diz ele, na parte superior de seu corpo, lhe parece ser de feitio a não poder convencer qualquer amante eventual do busto feminino (S. 280-XXI). Ao que convém ligar, cremos nós, o desenvolvimento, alegado como percepção endossomática, dos nervos da volúpia feminina em seu próprio tegumento, nomeadamente nas zonas onde se supõe que elas sejam erógenas na mulher.*[14]

Vejam, o comentário de Lacan, concernente à posição libidinal, se posso dizer, do Presidente Schreber. Ele se diz: *mas, enfim, o que é que ele erotiza?* Então, é preciso destacar com tranquilidade, pois cada palavra em Lacan tem sua escansão. Ele sublinha *ser estritamente reservado à solidão* – para parafrasear o seminário que fizemos no ano passado – para Schreber não há Outro no outro, essa atividade vem se fechar em curto circuito, sobre ele mesmo. Mas que, contudo, ele confessa satisfações, e Lacan diz qual o tipo de gozo? É, a saber, aquele que lhe dá sua imagem no espelho, essa questão tão preciosa da imagem e depois todo o fim, quando Lacan vem enodar. E isso é um apoio que me ajuda enormemente na clínica, a maneira como ele enoda imediatamente a questão da imagem com outra coisa, que é bastante complexa, que ele chama essa percepção endossomática do tegumento, a questão da pele, do envelope, o que Schreber chama a copulação divina, que Lacan chamará de os qualificativos de gozo Outro, outra coisa que o que se esperaria, alguma coisa de bastante enigmática.

Então, isso é uma questão de método, a análise da marcha combinada, mas disjuntiva. Lacan vai tomar, ao mesmo tempo, por um lado – aí não vou lhes falar disso, mas é bastante fácil de encontrar –, a questão do objeto alucinatório, a questão do objeto voz, e por outro, ele vai tentar apoderar-se do gozo estranho, da unificação que está em ação na sensualidade feminina de Schreber, da questão do olhar, da pele e das vestimentas.

---

14 LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 575.

É formidável como percurso de trabalho, que ele se apodere de duas polaridades que são combinadas, mas disjuntas. O que o interessa é a covariação, a marcha conjunta desses dois fenômenos. Para dizer-lhes de outro modo, a questão do Um, de um lado, a questão do objeto do outro e vice-versa.

Vou dar-lhes três pontos de referência textual: lembrar-lhes de uma frase de báscula, no capítulo 4 das *Memórias de um neuropata*, em que se estabelece o ponto limite de Schreber no lugar, enfim, quero dizer, como substituto da escrita do seu fantasma.

Trata-se de uma frase arquiconhecida, mas que merece ser escutada, porque, numa primeira abordagem, não se vê qual dificuldade ela coloca. Vou relê-la para que vocês a entendam:

> *Um dia, entretanto, uma manhã, ainda no leito, eu não sei mais se eu dormia ou ainda meio adormecido, ou se já estava acordado, tive uma sensação de que, ao repensá-la enquanto despertado, perturba-me da maneira a mais estranha: era a ideia de que deve ser, entretanto, uma coisa singularmente bela, ser uma mulher sofrendo a cópula.*[15]

Vejam, é essa a frase *fantasmática* de Schreber. Se vocês a escutam assim, o que é que lhes parece ter de particular? O que é que não é evidente? Isso foi tratado amplamente pelos analistas da época, pelo lado simplesmente de uma homossexualidade recalcada, como um fantasma homossexual bastante banal, invertido. É interessante, ao escutá-la isoladamente, tomada como um cenário imaginário, a parte imaginária do cenário, não há nada a dizer novamente sobre isso. Alguém que se pense de maneira invertida, que toma o lugar do objeto... O que se passa? Passa-se que essa frase, essa parte imaginária, não pode se encontrar. ao se analisá-la, se vocês não a colocarem em relação de proximidade com [um] certo número de outros elementos, com outros momentos da história de Schreber.

Tomemos, agora, o capítulo 5, no qual Schreber, comentando, de alguma forma, o próprio empuxo induzido por essa frase, fala do que ele chama o *milagre da eviração*, sua metamorfose entre outras, e salto diretamente para o capítulo 7, no qual ele fala da importância, na feminização, da questão do tegumento. Ele diz:

> *Por outro lado, minha vontade não podia se opor a que, uma vez deitado em meu leito, se apodere de meu corpo uma sensação de volúpia. enquanto pretensa vontade da alma, tal é a expressão empregada pelas próprias almas, é preciso escutar aí uma volúpia onde as almas encon-*

15 Schreber, Daniel Paul – Memórias de um doente dos nervos – Editora Paz e Terra SA,São Paulo, 2006, p.54.

tram sua suficiência, mas que, não comportando nenhuma estimulação sexual propriamente dita, não pode ser ressentida pelos humanos senão como uma sensação geral de bem-estar corporal exercida pelos raios, um poder puro de atração.[16]

E aí, Lacan revela, quando ele retoma seu artigo, que, ao lado das questões que tocam a imagem de Schreber no espelho, a maneira com a qual ele está percebendo a parte superior do corpo feminino, o quanto se estabelece alguma coisa de tegumentar, de envolvente, bem particular, que toca sua culpabilidade, e que ele explica a título de raios divinos, etc., a importância de alguma coisa que é o envelope, toda a extensão do corpo, nos diz Schreber.

A saturação de meu corpo em nervos da volúpia, resultante do afluxo ininterrupto de raios de nervos de Deus se perpetua, agora, sem parar, desde já perto de seis anos.

Isso é uma questão clínica muito interessante. Vocês reencontrarão, em Schreber, todas as formulações que tocam no contínuo, no sem cessar, no infinitamente a operar; é apaixonante, um gozo que não termina, que não chega a cessar. Aí está um sonho, Schreber nos fala disso como de um sonho, isso lhe vem como em sonho.

É um ponto de pesquisa clínica que me apaixona ainda, mesmo que a questão dos sonhos nas psicoses seja menos trabalhada em nossos dias. Eles são sempre muito enigmáticos, e por razões que compreendemos, razões de doutrina, a gente se interessa menos hoje pela questão da teoria dos sonhos, mas é, todavia, bastante intrigante, essa maneira com que os psicóticos contam seus sonhos, e isso não é evidente, por causa do fato de que frequentemente somos tomados em um cenário imaginário simplista. Por exemplo, esse pequeno paciente que me falava de um sonho de incesto com sua mãe sobre no patamar de uma escada, ele diz: *Eu não vejo a cabeça da mulher do sonho, minha mãe, senão no final do sonho. Eu me sinto muito culpado por ter feito esse sonho.* Algumas sessões mais tarde, ele associa como uma pequena lembrança, vocês veem um trabalho associativo inteiramente normal: *Mas, você sabe, eu tinha nove, dez anos, e, por razões de proximidade, eu dormia no leito de uma amiguinha de três, quatro anos, e eu pus a mão sobre seu sexo, um gesto quando estava quase adormecido, não era intencional; os contatos físicos, o sexo feminino, me fazem medo; tenho medo desse órgão, que meu pai possa tocar minha mãe é algo de monstruoso, e não consigo absolutamente entender.* Vocês veem, é um pequeno deslocamento. De início, o que é que isso tem de particular? Posso dizer não muita coisa, um sonho aparentemente um pouco cru, uma carícia infantil, algumas conotações,

16 Ibid., p. 88.

evidentemente há uma tonalidade associativa que soa um pouco curiosamente.

Um sonho frequente, diz ele, *eu arranco todos os meus dentes com uma pinça, eu encontro muito prazer nisso, ver as raízes se arrancar da gengiva, isso me prende muito, é fascinante, quando eu me arranco uma unha assim* – alguma coisa que é tirada da carne. Há alguma coisa de muito forte nisso. Vejam, se vocês vão muito depressa, o que é que vocês vão dizer, hein? Sonho edipiano, incestuoso, sonho de castração. Isso vai rápido demais, mas há, nessa criança que acompanhei muito tempo, alguma coisa que desliza, desliza pouco a pouco, alguma coisa que tem o valor aparente imaginário do gozo fálico, em relação a outra coisa.

Então, eu os convoco a trabalhar, a não ser cativo do cenário imaginário, a estar atento ao ponto de umbigo que vai aparecer, pouco a pouco, por assonâncias, coisas que vão tingir, coisas que vão se colocar no lugar, e isso vai deslizar. E vocês vão, pouco a pouco, entender sonoridades que têm a ver com outras formas de gozo.

Vou dar-lhes uma pequena vinheta, que tem a ver com o que se dizia e, então, com a maneira com que se pode dizer como se estabelece uma construção topológica no lugar da questão do fantasma. É um menino que continuo a acompanhar e do qual falei um pouco da última vez, e que apresenta um problema de identidade sexuada desde a infância. O menino que sempre se colocou de maneira bem resolvida do lado menina, ele conta isso muito bem. Desde o maternal, ele se aloja no lado das meninas, e ele diz coisas que são bem adequadas com o que se ouve habitualmente dessa clínica. *Desde bem pequeno, eu não gostava de me olhar no espelho, eu tinha desgosto, eu não suporto ver minha imagem, eu preferia ser de outro modo, uma menina de fato.*

Há uma particularidade que é a sua, mas que se encontra de tempos em tempos. Ele tem uma irmã gêmea e – como dizer isso? – uma irmã que, de alguma forma estava em posição de autoridade, de S^1, concernente aos gostos e às cores, às vestimentas e aos critérios de beleza. É sua irmã que, quando pequena, ditava a lei do gosto para esse menininho. Ele narra com muitos detalhezinhos, e se colocava em posição secundária em relação ao olhar de sua irmã sobre a vida; irmã que, evidentemente, como eles eram gêmeos, partilhava seu quarto e sua intimidade.

Aí não se está em Schreber. Em um caso assim, as palavras não parecem muito delirantes, não se vê, não se pode dizer que ele delire completamente, é alguma coisa que parece *bastante fragmentada*. O que faz o interesse teórico disso é mais nuançado que nos transexuais adultos que pudemos ver em Saint'Anne, com Marcel Czermak. Mas há coisas que, por exemplo, para uma criança, ele tem já uma inclinação à sensitividade, à atividade interpretativa. Como se vê isso? Bem, basta que ele passe na rua, se ele reconhece de longe uma de suas

companheirazinhas – seja um grupo de colegas, que, de longe, não lhe diz bom dia –, ele não vai dormir à noite. Ele pensará que essa companheira o desprezou definitivamente, e esperará a prova, no dia seguinte, que ela reate com ele, pacificamente. Ou mesmo, no momento da ligação da *internet* e dos *e-mails*, quando ele enviava um *e-mail* à sua colega, se ela não respondia em dez minutos, ele considerava que era um abandono total. Isso o levava – se fosse à noite ou nas férias –, a se desconstruir.

Então é interessante a questão do olhar do outro, a construção pela imagem, a dificuldade em se sustentar sem a voz e sem o olhar do outro. O mínimo olhar atravessado, a mínima recusa, atormentava-o no mais alto ponto, e aí há, então, uma cena – é aí aonde eu queria chegar, e é o que lhes proponho como estando no lugar da questão fantasmática: há, nele, a descrição de uma cena que se pode dizer inaugural, onde ele se alojou no personagem de uma mulher, de uma atriz morta em um acidente de avião.

Aos 10-12 anos, esse garoto vê um filme americano e cai imobilizado diante da beleza dessa atriz, da qual ele descreve com muita escrupulosidade os olhos, olhos cativantes, diz ele, e o som de sua voz, uma vez que ela cantava no filme. A voz, o olhar e, a meu ver – e aí é principalmente uma intuição clínica –, a questão do nome, porque havia uma forma de repetição no nome da atriz cujo prenome era Aaliyah, uma forma particular de captura no nome próprio.

O nome, a imagem e a voz, e tudo basculou definitivamente para esse jovem. Sua posição subjetiva basculou totalmente na travessia dessa imagem, a ponto de ele poder dizer frases de um neologismo instigante: *agora eu me sinto mais à vontade em seu corpo*, ou então, *eu me sinto na pele dela*. Há a questão da imagem, do tegumento, a questão da reversão, tudo está presente.

Então, digo-lhes de passagem, a chance de encontrar essa criança quando ela era jovem, de mantê-la no trabalho, na transferência, até o presente – ele tem cerca de dezoito anos –, as coisas não são cristalizadas como uma reivindicação passional do lado da identidade.

O que é apaixonante é que ele vive no mesmo grupinho das meninas do maternal, o mesmo grupo, em bloco, se posso dizer, e bizarramente há uma ligaçãozinha fraterna de sedução com uma de suas coleguinhas, então há uma forma de aparência assim das coisas da sua idade. A questão fantasmática permaneceu a mesma, e, quando lhe pergunto, com bastante cuidado e tato, se ele está sob o impacto do primeiro sonho, ele diz que sim, que isso é um pouco atenuado, mas que permaneceu, em suma, na mesma ordem. Mas, em compensação, por enquanto, ele conseguiu não cristalizar em um modo passional e reivindicativo, como se vê, infelizmente,

muito frequentemente construído na resposta habitual. É um ponto interessante que não é apenas um ponto de doutrina, é um ponto também de nossa tomada na prática. Em sujeitos assim, a questão da identidade sexuada, hoje, a diferença dos sexos, de sua dificuldade, nisso abrigo minha abordagem a partir do fato clínico.

Não tenho outro apoio, e convido-os a ler um artigo de Colette Chiland, que talvez alguns de vocês conheçam, que é uma analista da SPP[17] e que é a grande sacerdotisa da questão do transexualismo. Ela tem tido muita importância nas questões biológicas sobre o transexualismo. Na época em que a lei era solicitada, tinham-na convidado para nosso colóquio em Saint'Anne. Solicito-lhes que comprem o último número de *Pour la Science* – vocês sabem, é um revista científica – este último número, que se chama *Les frontières floues*. Há artigos apaixonantes, dos quais um que retoma a questão da incoerência em física que eu tinha utilizado em outro momento, e um artigo de Colette Chiland que se chama *De um sexo ao outro.*

O que ali atrapalha, a meu ver, é que Colette Chiland toma pela mesma mão o que se chama em medicina os intersexuados – as crianças que no nascimento, por razões de morfologia, ficam entre dois sexos, que se chamam os intersexuados – e os fenômenos ditos transexuais e, além disso, ela acrescentou – o que é importante –, o movimento transgênero. Ela coloca no mesmo patamar esses diferentes significantes, que são, então, um significante que é médico, um significante que é único na questão do transexualismo, e um significante que se pode chamar de ideologia, que é um discurso, que é a reivindicação de que a questão dos sexos não seja tão tirânica, enfim...

Então, vocês veem o quanto é intrigante. Dá uma vertigem intensa na leitura dessa especialista das questões de identidade sexuada, vertigem que vem, no fim do artigo, como uma questão mágica. Eu lhes peço para escutá-la assim, e Colette Chiland diz: *Mas a origem biológica do transexualismo e do transgênero permanece um enigma, depois de ter evocado os estudos sobre o rato, a questão da impregnação hormonal e os cérebros pós-morte, e* – pequena reserva no fim do artigo, porque não é uma psicanalista – *e se houvesse fatores psicológicos?* É difícil de conceber que a identidade sexuada na espécie humana possa resultar unicamente de fenômenos cerebrais e biológicos, enquanto que a importância dos fatores culturais é evidente. Isso não seria grave, se não fosse dramático.

Vocês veem, em um artigo para o grande público – ela faz surgir tudo, toda a identificação, toda a questão do fantasma, toda a questão da libido, até a questão fálica mesmo, tudo foi embora, não há mais nada absolutamente, e isso, é preciso medir o momento em que se está. É por isso que sou obrigado a dividir com vocês,

17 Societé de Psychanalyse de Paris. (NT)

ção por voto sagrado, de que me apoiei em textos de Lacan sobre a questão de Schreber, porque, para nós, não temos outra ética, senão partir de fatos clínicos.

Se vocês começam a colocar sobre o mesmo patamar um efeito de discurso social, um fato médico, um fato de... Então estamos mortos. E é exatamente por isso que eu tinha proposto esse seminário do fantasma, porque penso que não podemos tratar simplesmente o intralinguajeiro, a questão da pulsão de um lado, e, do outro, os grandes discursos sociais em estado puro, enquanto que o nosso alicerce comum é a clínica do fantasma ou de sua defecção. É o nosso lote, não podemos trabalhar, senão pelo enodamento do discurso e do sexuado – e, se vocês tomam emprestado outro terreno fértil, vocês fazem como essa papisa.

Eu queria lhes dar a ponta avançada, duas ou três questões assintóticas que eu queria abordar – e vocês escutaram-na –, a questão da forma e a questão da imagem. É por isso que Marcel Czermak nos tinha dito que, nos trabalhos atuais, passa-se rapidamente da questão do significante à questão da letra.

Marcel tinha dito que não se sabe mais onde está a imagem, porque frequentemente os trabalhos apoiados muito rapidamente na questão do significante, do objeto e da letra, fazem a economia de alguma coisa que vai ser chata, uma vez que nós mesmos só nos agarramos à questão do objeto pela imagem e, então, no fundo, radicalizamos esses estudos como se estivéssemos quites com a questão da imagem.

Ora, Lacan, desde a concepção do estado do espelho – portanto, isso vem de longe, caso se trabalhe com o esquema ótico –, radicaliza muito a posição de Freud, indicando que o nosso mundo de representações é estruturado a partir da imagem. O que quer dizer que nossa ideia, quando alguém fala do corpo, esse corpo não tem outra forma, senão por esse imaginário, ou então, o que escuto nesse pequeno paciente em seus sonhos, não aquele das identidades sexuadas, mas aquele de antes, que a carne (*chair*) pouco a pouco tem uma coloração de carne (*viande*).

Como o corpo não é mais tecido imaginariamente, é a carne (*viande*) que aparece por trás disso, o objeto desarticulado – assim se entende em certos perversos. Então, isso é uma matriz extremamente importante. Vocês têm-na em Schreber e vocês a têm em um modo topológico invertido nesse pequeno paciente, alguma coisa que não concerne à imagem e ao objeto. E tudo vai ser feito para estreitar a possibilidade, mesmo sobre o modo artificial, de que se conjugue, entretanto, à força, o objeto e a imagem.

Schreber o faz ao preço de uma transformação extraordinária à altura do próprio Deus. O paciente o realiza sobre um modo mais simplificado, que concerne à imagem e ao objeto. Isso é muito importante para aceitar como matriz de trabalho, com essa

transformação. A meu ver, há coisas que é preciso compreender. A transformação do corpo é sempre assintótica, isso não termina de se transformar, é processual, é um processo, e é muito importante seguir em clínica o índice de transformação assintótica do corpo e, ao lado, como o faz Lacan, a maneira como a ordem imperativa da voz intervém no processo.

Vejam, trata-se de duas zonas que são comuns e difratadas, que vêm frequentemente de maneira antagônica, como Schreber o diz, e às vezes que se combinam. Portanto, isso é o primeiro ponto de clínica e de doutrina, a questão da forma e da imagem.

Em segundo lugar, eu insistia, de início, sobre a questão que a defecção fantasmática coloca na psicose. Eu lhes dizia de início. O mais interessante, para terminar, é que é uma atualidade outra. É mais interessante tomá-la dizendo-nos: *Mas, afinal, o que nos dizem esses pacientes é também nosso tormento, nossa vertigem.*

E vou remetê-los imediatamente a um dos seminários de Charles Melman do qual gosto muito, trata-se do *Retorno a Schreber*[18], seminário de 1994/95, no qual Charles Melman, com sua maneira habitual, nota alguma coisa dizendo, vocês sabem, a propósito da feminização, ele diz: É provável que dever se fazer bela, é desse gênero de destino do qual todos nós nos aproximamos, e ele diz: *Sem vê-lo, somos uns e outros chamados, meninos e meninas, a nos fazer belos para o espelho.*

Fórmula radical, mas que se faz entender através da clínica das dificuldades inteiramente modernas. Como é que nós as tínhamos abordado? Nós as tínhamos abordado, por um lado, um pouco rude, no momento de nossos trabalhos sobre a identidade sexuada, mas vocês podem abordá-las por um modo mais leve pela filmografia. Pedro Almodóvar, por exemplo, só fala disso.

Almodóvar desde sempre teve o talento extraordinário de abordar uma maneira de dever se alinhar do lado feminino. Só há figuras de mulheres – aliás, é bastante comovente às vezes, como solidariedade, é claro, *Tudo sobre minha mãe.* Enfim, vocês sabem tão bem quanto eu.

Charles Melman põe em antagonismo esse apelo pelo olhar, pelo espelho, com o fato de que nós saímos efetivamente – nossa cultura tem muita dificuldade com os discursos dogmáticos –, nós saímos da questão do texto para o sentido que se entende – e muitos se queixam disso na questão da política hoje.

Há, frequentemente, outras coisas que tomam o lugar que o discurso constitui. Penso que isso é um fio que eu mesmo perseguiria para os trabalhos de Córdoba,

---

18 Melman, Charles. *Retorno a Schreber* [1994/1995]. Porto Alegre, CMC Editora, 2006.

este apelo do texto, a questão do olhar.

O horizonte do fantasma, eu lhes tinha dito, de início, é muito interessante de trabalhar, é igualmente nosso momento social. Falando do fantasma em clínica, falamos de nossa própria angústia em face da nossa posição como mulher, como homem, em face das nossas crianças, em face dos nossos amigos. É assim que é interessante dizer *o inconsciente é o social*, senão...

Lição IV

03 de fevereiro de 2007

Ontem não pude me dirigir ao atelier de linguística porque tinha ido ver, no *Ópera*, a reapresentação de *Don Giovanni*, e é interessante porque é uma releitura. Retomaram *Don Giovanni*. Há um tipo de hesitação, não é mais um Don Giovanni do desejo, não é a transgressão, é tratado mais como alguém totalmente submetido ao pulsional. Isso foi produzido por efeitos variados, efeitos de crueza da encenação; trata-se da questão do objeto desnudado, suas passagens ao ato. Está muito bem produzido. Há, ali, um tipo de modernidade e, então, hesita-se em qualificá-lo, efetivamente, se tratamos, ali, de um senhor que está numa posição de desafio ao mundo e a Deus, apenas em nome do seu desejo – o que era um pouco minha leitura antiga –, enquanto que, aqui é bem pulsional, é verdadeiramente o automatismo da pulsão, um tipo que é tratado – como o livreto o lembra, afinal – como um perverso.

A partir de uma obra bastante clássica, sem tocar no livreto, este balanço – transgressão do desejo, que é algo, então, nesse sujeito, que está em um momento da história -, tem os ideais da República, ao mesmo tempo da questão da religião. Enfim, há muitas coisas em *Don Giovanni*, e são tratadas aí de outro modo, como o pulsional operando. Não é melhor nem pior, é outra interpretação desse mesmo texto.

Uma colega que está ausente, hoje, enviou-me uma correspondência. Vou partir de sua questão: a questão da desmaterialização do fantasma. A desmaterialização do fantasma é um termo que eu propus, não sei se está em Lacan. Então, a questão da desmaterialização do fantasma, da qual Lacan fala, não poderia ser abordada pelo problema que coloca o cenário masturbatório? Se há cenário, não haveria alguma coisa que se poderia considerar como imagem congelada, legibilidade, certeza? – o que se oporia ao desejo de trabalhar, a este movimento perpétuo, indispensável, do qual fala Charles Melman. Ela dá uma anotação de seminário.

Em seguida, ela fala disso na política, hoje. Há toda uma série de coisas interessantes, e creio que está bem resumida, efetivamente: de um lado, alguma coisa que é um cenário, mas que, bizarramente, no fantasma, é, de alguma forma, uma

imagem parada. Cenário que faz imagem, imagem que faz certeza, e então estamos, o sujeito está em uma parada; está bem dizer assim, é bastante simples, mas está bem dizer assim. E, do outro lado, ela diz: finalmente, o que salva um sujeito é o relançamento perpétuo do trabalho – ela quer dizer o trabalho significante, o desejo é tomado de um significante outro, e nenhum significante vem alcançar sua busca e, então, não se pode dizer que *sim* nessa observação que é inteiramente justa e que se apoia, aliás, pode-se dizer que o que a colega diz, aí, de certo ponto de vista, é já o que diz Freud, em seu texto *Bate-se numa criança.*

Aí Freud diz que este *ser batido* é, agora, uma conjunção de consciência de culpabilidade e de erotismo, não é apenas a punição da relação genital proibida, é também o substituto regressivo desta, e é desta última fonte que ele recebe a excitação libidinal que lhe será, doravante, anexada e que encontrará suas conduções nos atos onânicos.

Vocês veem: sequência masturbatória parada, é interessante, passa-se frequentemente rápido demais sobre a maneira como Freud fala, que é, aliás, bastante bela. Freud tinha uma bela língua, diz-se, o onanismo. Em que é que isso nos aborrece? Não é uma questão moral, a questão do onanismo, nem de higiene sexual, não é? Não se pode mais tomar o onanismo por esse viés. De início, há uma curiosidade, é de um emprego masculino...

Não é nada disso! Não é fácil, porque, quando falamos do fantasma, é, sobretudo, visto a partir de uma grade masculina. O onanismo significante, em francês, por um emprego masculino, alguns o sabem, é um personagem da Bíblia. Onan, que não é muito conhecido, está no *Gênesis*. É dito que Onan, que possuía um mau caráter, tinha um irmão casado. Este acaba de falecer e seu pai lhe diz: *Vai em direção à mulher de teu irmão, preenche com ela teu dever de cunhado e assegura uma posteridade a teu irmão*. Essa é a injunção significante que lhe vem do Outro. E Onan experimenta isso, ele tem um mau caráter, ele experimenta, mas, a cada vez, ele deixa cair por terra sua semente, em um *coïtus interruptus*, que é a marca da ambivalência de sua posição a respeito de seu irmão, o que faz com que Deus o faça morrer também.

Vejam como é interessante essa imagem congelada que se opõe à vida. E eu queria fazer-lhes observar de passagem, com o escritor Erri de Luca, esse termo de semente, a semente estragada. Erri de Luca faz parte desses autores que têm uma grande liberdade quanto ao trabalho do significante, faz parte desses autores que têm o talento de não considerar que um significante parou, morreu; que se autoriza a tomar os textos os mais sagrados – entro em um texto e, depois, tento ver qual via um significante pode tomar. Nada mais que isso. É magnífico! Não

há uso acabado do significante, senão ao acabá-lo! O que nos interessa em um de seus livros que foi traduzido – *Como uma língua no palácio* – é que Erri de Luca[19] joga com duas coisas ao mesmo tempo. Para Caim e Abel, ele diz: *Poder-se-ia dizer para Abel desperdício,* é uma tradução que é referida. *Ele não diz isso ao acaso*. A meu ver, ele retoma igualmente o *Eclesiastes*, ele retoma essa frase, que é bonita, sobre a vaidade das vaidades, e aí, também, em um trabalho significante bastante preciso, ele vai traduzir *desperdício dos desperdícios*.

Para compreender como desperdício, por causa desse cenário parado, como a vida faz imagem, faz postulado, faz certeza, e como, por causa dessa imagem parada, dessa masturbação em imagem, as coisas se desperdiçam, nós desperdiçamos nossa vida, nossa vida íntima, nossa vida social, eventualmente nossa vida política. É muito interessante. Cada um de nós tem a ideia – quantas vezes não temos tido essa ideia de nossos desperdícios, de que muito de nossa vida é desperdiçada?

Ainda uma pequena referência: já os importunei com Salomão, Kohelet, vocês sabem, é a assembleia, é uma função e, nesse texto, isso parece de fato designar Salomão. Vou justamente ler para vocês uma minipassagem. São textos fabulosos. *Não há uso concluído do significante*, escreve Erri de Luca, *tentei traduzir livros sagrados, em* Êxodo, Nomes, *havia um Deus que decidia minuciosamente sobre as obras do homem, chegando até a ditar com obstinação duas vezes a mesma lei. Ele fazia irrupção nas vidas por milagres regulares*. Vejam, primeiro tempo da relação com o Outro. Erri de Luca explica bem que há uma relação de submissão, de dito, ao que nos vem do Outro.

O que nos vem do Outro se impõe a tal ponto que é preciso, às vezes, repeti-lo duas vezes, mas será assim! *Em Yonah*, Jonas, *nasce um destacamento entre a voz que ordena e o sujeito que deve executá-la; existe um silêncio entre os dois tempos, que ele nega ter escutado antes mesmo de ser levado a obedecer*. Vocês veem um pouco! Segundo tempo, aí se está na leitura de Yonah e pode-se dizer que é a emergência da questão do desejo, que o sujeito está fisgado e, antes de aceitar esta fórmula lacaniana, de que o desejo é o desejo do Outro, há esse tempo de protestação: *Por que eu? Eu não quero ir aí!*, mas a mensagem insiste: *tu irás*. Não é simples esse tempo do desejo, essa tautologia lacaniana.

Em *Kohelet*, terceiro tempo, Deus é o Elohim das origens, cume da criação que domina Adão. Entre Deus e a criatura, há o sol que esmaga e obriga a olhar para baixo, onde Adão se olha em *adama*, que é o solo, pura materialidade do

19 Luca Erri de. *Como uma língua no palácio*. Paris: Ed. Arcades, Gallimard.

significante; Deus está aí, logicamente, em algum lugar, e o sujeito tem que fazer com sua argila; ele está no significante, materialidade única, sob o sol, com o significante. Vocês veem uma página que resume como, texto por texto, ele desdobra a maneira com a qual recebe o significante, a liberdade que Erri de Luca tem ao preço, é claro, da maior submissão, de dizer o que se escuta...

Então, Marisa, você me indagava incidentemente, mas, enfim, tudo isso que você nos diz, é bem gracioso, mas, como saber, em geral, em uma sessão, que o paciente fala do fantasma? Não é preciso passar por Erri de Luca para saber disso. Tive trabalho para lhe responder por que está claro, todo o tempo, *hic et nunc*. Então, vou, mesmo assim, tentar um miniexemplo para lhes fazer entender o quanto essas questões, de alguma forma, estão aí à mão. Trata-se novamente de um *intermitente do espetáculo*. Vocês vão achar que estou obsedado – ainda um intermitente do espetáculo! Mas isso se vê muito. Devo dizer-lhes que tenho muita ternura e desejo por esses pacientes, cuja palavra me causa mesmo horror. É preciso ver o que é o *intermitente* – habitualmente entre dois meios tempos, fazia-se a sesta – é o vestuário! Intermitente do espetáculo: duas vezes a imagem parada!

Enfim, é um jovem que, como muitos, tenta fazer teatro, que passou por muitos estágios e é alguém que tem valor. Ele mesmo diz que, sistematicamente, negligencia os estágios, ele precisa negligenciar, com seus camaradas, com seu mestre de estágio, enquanto que, mesmo ao modo de ver de cada um, ele seja rico de talento e de habilidade acumulados. Então, como fazer? Mas ele mesmo diz na sessão, ele conta isso, não sai desse cenário, ele não tem necessidade de passar por Erri de Luca ou pela questão do fantasma de Lacan. Ele vê exatamente a força de alguma coisa que ele mesmo chama de cenário, que vai fazer estragos dessa semente intelectual. Ele se faz repreender por seu professor! Ele é batido sistematicamente, ele se faz bater moralmente, é batido pelo outro. E os colegas não param de lhe dizer: – *Mas desperdício dos desperdícios! Cara! Tu tens talento!*

O que é interessante é que ele nota que esse cenário vale tanto para sua vida de trabalho como para sua vida simplesmente. Não posso lhes dar mais detalhes, é um jovem que faz Kung Fu. Ele me conta um pequeno trecho totalmente simples, por ocasião de uma passagem no Kung Fu – não sei como se chama isso –, ele deve fazer um tipo de movimento encadeado, e diz mais ou menos assim: *No meio dessa sequência, eu parei.* Ele não conseguiu seu grau, vocês veem: imagem parada é desperdiçada.

É muito interessante, pois os pacientes trabalham, basta confiar neles. Vocês veem, é apenas uma sessão, eu não tive sequer necessidade de dizer-lhe: – *Mas em que isso lhe faz pensar?* Como é um paciente que está em análise, ele sabe,

então diz: – *Mas, você sabe, isso me faz pensar na escola primária* – então isso vem bem de longe, lá de trás – *eu tinha um irmão que estava acima de mim e frequentemente os instrutores me diziam esta frase: – Mas, mesmo assim, com o irmão que você tem!* Vocês veem, isso é da clínica bem simples, bem comum. Era preciso entender: – *Mas, enfim, com o irmão brilhante que você tem, como acontece que você seja um desperdiçador?*

É muito interessante, ele observou que esse desperdício, essa parada, vem-lhe de longe. É claro, escolheu escutá-la como uma condenação, mas isso quer dizer que há uma forma de impotência nele, uma palavra que ele vive como *impotente*, provavelmente porque a questão da vitalidade do falo ele a colocou em seu irmão: é o outro que era brilhante, e é ele que estava barrado. Caim e Abel, desperdício dos desperdícios. Isso não é da pulsão – simplesmente essa criança que cresceu continua a fazer a escolha de ler os significantes como imóveis. Ele quer bem a sua leitura interpretativa que fez em criança, ele a adora, guarda-a, ele a põe para trabalhar. Por que ele não propõe uma outra leitura, como o faz Erri de Luca?

Vejam onde estamos. Vocês me dizem: – *Mas o fantasma, como marcá-lo?* Não se tem necessidade de ir pescar tarrafa. Todas as sessões não são evidentemente tão ricas, tão homogêneas, mas não é uma questão de agalma. Sim, Bernard?

Bernard Vandermersch: – Com a condição de que o fantasma não tenha, para o analista, o mesmo valor de verdade que para o paciente. Se o analista está persuadido de que o fantasma do paciente é a verdade verdadeira inultrapassável, nesse momento aí ele vai ter tendência a simplesmente desvelar o fantasma. Mas o que tu propões é a leitura significante do fantasma.

Jean-Jacques Tyszler: – Exatamente. É o que eu queria dizer um pouco mais tarde, é mais complicado porque, não é porque o que o paciente apresenta está de um modo bastante arquitetado, bastante lógico, bastante convincente como leitura que isso vale como verdade das verdades. Ele fala de sua leitura da verdade, porque faz a escolha dessa verdade. É a escolha de sua neurose, e é responsável por sua neurose, isso não é automático – aliás, a tal ponto que seu irmão também diz asneiras, o que prova que as leituras não são unívocas.

Vejam, *desperdício dos desperdícios*. Eu queria dizer-lhes duas coisas de passagem sobre a questão do fantasma: obriguei-me a retomar essa questão esse ano, não é uma maneira, para mim, de me sustentar à distância das questões que tocariam na modificação da clínica, por exemplo. Não estou nessa. Ainda que eu repasse por Freud, não é pela maneira de nos sustentarmos ao abrigo de um fracasso de uma clínica que temos o trabalho de descrever, que é bastante mutável, que

temos dificuldade em confrontar. Penso que o fato de reintroduzir a dimensão do fantasma pode ser uma chance para retrabalhar, em todas as dificuldades de desligamento, aquilo que os colegas chamam *os desatamentos da clínica*, tudo que eles recebem, ali onde não reconhecem mais a neurose, a psicose ou a perversão. Creio firmemente que o fato, nessa clínica mesmo, de reintroduzir a escuta da questão fantasmática, é uma maneira de proceder que me parece analiticamente mais justa do que o que pretendemos, às vezes, teorizar e que me assusta, a saber: o apelo à autoridade, a um choque autoritário, e o que se entende, às vezes, por aquilo que chamarei as *interpretações selvagens*. Considera-se que, em nome de uma clínica que seria totalmente dispersiva, seria preciso passar por golpes de machado. De minha parte, sou totalmente oposto a essa técnica.

Convocar a uma espécie de autoritarismo do prático está totalmente votado ao fracasso. Isso não subtende que nas sessões preliminares não tenha que operar um modo de impossível prévio, a exemplo do garoto que vem com goma de mascar na boca, dizer-lhe: – *Tu sabes, eu te entenderia melhor se tu jogaste fora a goma de mascar*. Bom, isso, isso vale para um garoto. Para um adulto, seria o haxixe da manhã, ou outra coisa. Vocês introduzem um tipo de impossível, um tipo de barreira ao gozo. Frequentemente, é necessário assinalar que será preciso ceder um pouco ao gozo, permitir, mas em seguida interditar. Vocês não vão operar por cortes, golpes de machado, uma vez que o dispositivo preliminar alçou seu voo. É mais fecundo apoiarmo-nos sobre essa dimensão fantasmática. É essa dimensão que vai fazer com que um campo aparentemente indecidível e dispersivo chegue a ser lido.

Eu lhes dou, igualmente, ainda que não goste desse argumento, está em Lacan, em um seminário bem tardio, no qual Lacan indica que é o fato de reintroduzir a questão do fantasma que dá uma chance para que o nó se suture. Mas não vou detalhá-lo, além do mais, é um argumento de autoridade. Não é bom tomar imediatamente, mas deixo isso para vocês tomarem o fio. Então, a questão do fantasma não é uma questão clássica, não se opõe em nada às dificuldades clínicas que se colocam para nós hoje.

Então, vou fazer-lhes uma confissão – como sempre, uma falsa confissão: trabalhei um seminário para prepará-lo, tive verdadeiramente uma vertigem. Na verdade, eu me disse: é preciso que eu fale do punção. Pode-se dizer corte, mas, a princípio, é assim mesmo, um punção. Todavia, é preciso que eu diga uma palavra sobre esse punção, hein? De onde ele sai? Tive um momento de vertigem, não fui capaz de me lembrar, apesar de se ter trabalhado o grafo, o desejo, mas, então, de que é feito o punção? Se vocês são honestos, é um matema que se trabalha sem parar. Mas se alguém que não conhece Freud e Lacan lhes diz: – *Mas de onde sai*

isso? Isso não é evidente. Então, Bernard – ele conhece isso, ele trapaceia, ele está adiantado.

Pode-se chamar isso de um símbolo (em matemática, não se pode chamar isso de um símbolo), é que ele se oferece a inúmeras leituras. Vocês não são obrigados a dizer *corte de*, por quê? Porque, de um ponto de vista de localização, é preciso admitir que esse punção é construído – gosto muito, da parte de Freud, deste termo, *construção* – o punção é uma construção. Vocês não podem dar uma definição disso, assim com duas colheradas no pote. É um objeto construído, que Lacan construiu a partir de linhas lógicas – que existem em lógica, de onde sua expressão *lógica do fantasma*. Por exemplo, pode-se marcar esse signo aí que é, em lógica, o signo da implicação – *se faço isso, então aquilo* –, que parece sem importância, mas, na neurose obsessiva, se vê bem (*se eu faço isso, se não coloco a ponta do cigarro no lugar, meu pai vai morrer...*), implicação (*se isso, então aquilo*), um dos signos implicados. Há signos que vocês conhecem: aquele ali, inclusão, nos conjuntos, que se chama também de conjunção; e então o seu inverso, disjunção, e aí, seguindo os seminários, Lacan passa da lógica dos conjuntos à lógica pura. Ele se diverte com esses termos, e há talvez outra coisa.

Mas por quê, por exemplo, a inclusão? Por que ele destaca isso?

Lacan o diz frequentemente, a respeito do olhar, da localização nos pequeninos, ele pertence ao outro, ou ao sujeito; ele pertence tanto ao campo de um, como ao campo do outro. São campos inclusivos, ele está no interior da interseção desse campo. Já se sente que, nessa colocação puramente lógica, Lacan faz jogar significantes, os quais, cada um, oferecem-se a leituras bastante interessantes. Conjunção e disjunção fazem pensar na maneira como ele descreverá o falo. Pode-se dizer que o falo, como operador, conjuga os dois sexos em torno de uma só palavra, a libido, para, apesar disso, separá-los. Há dois sexos.

Lacan não pode parar aí, e desta vez eu queria destacar, para vocês, que há utilização, em lógica modal, do símbolo, o símbolo completo, aquele ali. Para aqueles que fazem um pouco de matemática, isso quer dizer o quê? É um conector que quer dizer: é possível que. A questão do *possível* e do *necessário* opera há muito tempo na história das culturas, mas o fato de estabelecer um conector em matemática lógica, destacarei daqui a pouco, para vocês compreenderem a dificuldade, para o pensamento, de entender a proposição: é possível que. Isso não é evidente. É possível que escreve-se assim <> nas matemáticas. É o punção total.

Outra ocorrência: é isto que é difícil com Lacan, quando ele trabalha sobre a sexuação, o que dividia os homens e as mulheres, quando ele tenta precisar clinicamente o que sustentaria uma clínica masculina e feminina, o que é bastante

complexo; quando ele escreve as fórmulas no quadro, a lógica da qual se serve não é mesmo mais aquela da qual eu lhes falava há pouco e que se apoia sobre autores um pouco malucos, como Saul Kripke, pessoas assim, e que nos oferecem quase perspectivas daquilo que os matemáticos chamam atualmente *Todos os mundos possíveis*, a lógica difusa. Então Lacan cavalgava com essas escritas, apenas o punção perpassa todo o trabalho dos lógicos na invenção de um real, que é aquele que se tem sob os olhos, que solicita nossa modernidade e todos os mundos possíveis. Vocês sabem que é nossa parte, atualmente, toda essa lógica que toca nas identidades, na sexuação, nas questões de filiação, até mesmo em tudo o que toca ao vivente, posto que nós não sabemos mais sequer o que se chama o vivente. Um dia, pode ser que eu convide um jovem matemático, seria preciso escutar um jovem matemático, que viria nos falar de lá de onde estão os matemáticos sobre essas questões de lógica. E, aguardando, retenho apenas isto: em clínica, é inteiramente apaixonante trabalhar com dois conectores que estão ligados. É possível que está ligado a um conector que se escreve e que se diz: é necessário que. Desde que eu fale, sou religado a essa dificuldade. É preciso, primeiro, que haja o *necessário*, é necessário que, para que a questão do *possível* se organize.

Quando vocês leem, em Lacan, que qualquer que seja x Φ de x, diz-se exatamente que a castração é necessária para cada um, todo o edifício da psicanálise se sustenta nisto: é necessário que *haja essa castração, mas é possível que alguma coisa escape a isso. É exatamente isso*. É assim que vocês leem essas fórmulas, não? Em todos os casos, parece que os trabalhos de apoio de Lacan – enfim, as fórmulas da sexuação –, não são escritíveis matematicamente sem esse apoio. Não é possível.

Vou fazer-lhes trabalhar um pouco, antes de voltar a essa questão do punção. Pode-se entender de um modo hipersimplificado é possível que, por exemplo, é possível que *haja chuva amanhã.* Mas não é esse nível de complexidade aí que é buscado pelos lógicos quando escrevem: é possível que. É a escrita de alguma coisa que está escrita por uma dupla negação, para chegar a uma fórmula inteiramente simplicíssima. Os lógicos são obrigados a passar por uma dupla negação. e eles escrevem, de fato, é possível que, por *não é necessário que não P, não é necessário que não haja chuva*, e então, finalmente, é possível que *haja chuva.*

No exemplo do jovem, *eu não estou seguro*, se vocês o dizem para o pai, por exemplo, é possível que isso seja teu pai, se, para dizer isso, vocês são obrigados a passar por *não é necessário que ele não seja teu pai* – são questões enormes que estão escondidas nos exemplos mais simples. Quando os lógicos foram procurar uma dupla negação para valorizar a distância entre o *necessário* e o

possível, ficaram embaraçados. Tentem, por vocês mesmos, quando vocês falam do cônjuge de vocês, do amor de vocês, de suas crianças, tentem jogar com isso e verão que isso entra num mundo bastante enigmático.

(Questão da sala inaudível)

JEAN-JACQUES TYSZLER: – É exatamente a isso que a criança não podia responder, é exatamente isto que a mãe lhe disse: é possível que esse não seja teu pai; mas, em uma cabeça de criança, que não tem os meios, como eu mesmo, aliás, de entender os lógicos americanos – como o inconsciente o recebe? É isso que é enigmático. Mas eu voltarei a esse assunto.

Queria falar-lhes da questão da qual se tem falado mui frequentemente em nosso círculo, da identidade sexuada e de sua transformação, que nossa sociedade tenha podido dizer *sim, eu posso transformar homem em mulher – mulher em homem*, para que vocês o tenham admitido à força, como o parar de fumar –, é uma lei. Por tê-lo admitido à força, *homem é mulher*, *mulher é homem*, foi preciso exatamente que uma proposição imaginariamente possível se tornasse acessível. É exatamente o que se produziu, é um trabalho de lógica que estava operando, porque, no início, partíamos apenas do imaginário, esses pacientes viviam como que na imagem do outro sexo. Simplesmente por essa posição imaginária, tornou-se possível determinar o real cirurgicamente e o simbólico pelo efeito de nominações novas. É isso que é interessante, não são conectores que estão operando simplesmente nas matemáticas – e, assim, nos trabalhos sucessivos dos historiadores das matemáticas.

Quando Lacan prossegue, a partir de um único pequeno losango, assim, toda a evolução da lógica, é porque nossa sociedade, ela mesma, pouco a pouco se torceu de alguma forma; torce-se e se ramifica em torno da evolução dessa lógica, que não é tanto matemática quanto íntima, senão isso não teria funcionado.

É muito interessante, entramos nós mesmos em todos os mundos possíveis, vocês sabem disso muito bem, aliás. Simplesmente, nas últimas jornadas, houve colegas que disseram: – Mas o que é que isso pode fazer? Há pessoas que mudam de sexo, outras que se casam uma primeira vez com um garoto depois se tornam bissexuais... Pouco importa a escolha de objeto, aliás, dito assim, a meu ver, isso coloca dificuldades de exposição. Não é simples. Em todo caso, o que entendo é que efetivamente está operando, fantasmaticamente, alguma coisa onde é possível que, portanto, acessível, esteja sacramentado no trabalho. Temos todo o interesse em perseguir a maneira que entendemos esse punção. Então o punção, nós dizemos, para facilitar, que ele é, ou que representa o corte topológico.

O que é verdade. Aliás, Bernard fez seminários inteiros que são totalmente justos para explicar como sobre uma superfície topológica se destaca a questão do sujeito, do objeto; isso não vai contra, são dois bordos, duas tomadas, mas não esqueçam que o punção está construído. Ele está construído nas elaborações sucessivas e, às vezes, vamos procurar bem longe. Marc Darmon assinala, em seu livro, que o punção, de certa forma, já está operando no que se chama o esquema L, por exemplo, quer dizer o esquema L, que é o esquema simples da intersubjetividade, quer dizer, é o esquema em que Lacan diz como eu recebo do outro um significante, como posso recebê-lo porque, em permanência, a grade imaginária, o eu, faz obstáculo à recepção desse significante. É um esquema que parece simples, mas que é, de fato, um pouco mais complexo topologicamente.

A lógica do fantasma, o fantasma, já está operando na maneira como recebemos cada palavra, qualquer que seja o significante, qualquer um. Houve uma época – vocês encontram nas histórias da lógica –, houve uma época em que os lógicos (gregos, por exemplo) tomavam para eles – era uma questão de vida e de morte –, a recepção do jogo lógico. Tomavam para eles o que era recebido, para nós é um jogo, para eles, o que recebiam como um jogo lógico, e sua resposta eventual tocava sua vida e sua morte.

A dimensão do que quer dizer falar era crucial. Por exemplo, há uma história engraçada que fui extrair em uma das revistas de ciências. Era um lógico do terceiro século antes da nossa era, que se chamava Diodoro Cronos. Vemos operar coisas divertidas, o rápido jogo da implicação, da conjunção e da disjunção quase em qualquer interpelação. Então ele chega e um de seus companheiros lhe indaga:

– Mas, afinal, tu tens exatamente o que não perdeste! Tu tens o que tu não perdeste.

E o outro, ao responder rapidamente:

– Sim!

– Mas tu perdeste os chifres!

– Não!

– Então tu tens chifres!

Esses jogos lógicos aí eram negócios de vida e de morte, então esse mesmo Diodoro Cronos se suicidou, ele se suicidou no dia em que não pôde responder a um jogo dessa ordem. Morreu. Por que lhes digo isso? Não é tanto, enfim, eu lhes darei a citação de Lacan que o diz à sua maneira, que o punção, o fantasma está operando em qualquer das interpretações significantes. Imediatamente, ele

faz verdade. Uma palavra está criptografada pela questão fantasmática e, como isso toca à questão fantasmática, isso põe em jogo a questão da vida e da morte.

Então Lacan dirá alguma coisa assim, vocês entenderão alguma coisa assim: à sua mulher ou ao seu mestre, para que recebam sua confiança, é de um *tu és uma ou a outra* que ele os invoca, sem declarar o que ele é, de outro modo, senão ao murmurar contra si mesmo uma ordem de assassinato que o equívoco da língua francesa traz aos ouvidos. Vejam, quando Lacan retoma bem amplamente, *de onde eu recebo – tu és minha mulher, tu és meu mestre* –, vocês se lembram disto, o que é que faz palavra de verdade, palavra plena para nós.

É esplêndido quando ele retoma isso. Isso parece sem importância, mas, no interior desse pequeno jogo lógico... Mas a própria vida do sujeito está suspensa, uma vez que isso pode se equivocar eventualmente como o assassinato: *tu és*[20].

Então, vejam, é muito importante. Vocês têm isso antes da colocação formal da lógica do fantasma, está já no Lacan que trabalha simplesmente a maneira como a intersubjetividade, de alguma forma, faz palavra para nós. Há também – por que não? – vocês sabem, diz-se o punção. Não há razão de não entendê-lo. Pode-se também jogar metaforicamente com esta própria palavra, o punção é a picada – *punctio* –, quer dizer, é esse estilete de aço que serve para furar ou para gravar. É interessante, porque é interessante que seja esse objeto que serve para gravar, porque o objeto, Melman o diz frequentemente, o objeto do qual falamos é também a letra.

Melman insiste muito, ele não o faz *ex-nihilo*, ele se apoia já em tudo o que há em Freud, por exemplo, em *O Homem dos Ratos*. Há uma espécie de homologia entre o objeto *merda*, de um lado, e as letras que se repetem na observação de *O Homem dos Ratos*, a questão do objeto, da letra no inconsciente.

Então, vocês podem muito bem tomar as coisas, o punção, pelo lado da letra, e para mim, por exemplo, há alguma coisa que me interessa, que li paralelamente, e que é, por exemplo, o que se chama o gabinete dos punções, na *Imprimerie Nationale*. Na *Imprimerie Nationale*, no gabinete dos punções, onde vocês têm mais de trezentos mil elementos que servem à tipografia, de alguma forma, desde a invenção da escrita. Gabinete dos punções: por que digo isso? Porque não há razão para considerar que, se tomamos a questão do fantasma, no fundo, como uma sequência inteiramente reduzida e não especificada – *eu sou batido* –, nenhuma sequência tão ingênua, tão reduzida e simplificada, então, no fundo, ubiquitária... Mas o que é que vai dar o estilo a tal paciente antes que a tal outro? O que é que

20 No original *tu es* cuja homofonia com *tuer* é por diversas vezes sublinhada por Lacan.

causa o golpe (*frappé*), entretanto, no fantasma do estilo do sujeito? Pode ser que tenha que guardar na história da impressão, do punção, da letra, alguma coisa que defina, entretanto, em um fantasma habitualmente reduzido e ubiquitário, um estilo, alguma coisa da posição da letra do sujeito, até de sua tipografia, como se diz na imprensa. E, até nosso gosto, vocês sabem que se guarda nosso gosto – por exemplo, do que se chamava o estilo Garamond –, guarda-se o gosto das obras que eram escritas em uma tipografia, numa estilística especial. Há, por exemplo, um grande esforço que foi feito pela literatura em versos, a poesia, a tipografia. Há, assim mesmo ali, uma criação tipográfica especial. Então, é para dizer-lhes que guardo todas essas leituras abertas. O punção pode fazer pensar em muitas coisas e fazer refletir sobre elas.

Há uma questão que eu desejava lhes colocar. Que não resolvi, que me parece complicada. Sei bem que Melman falou muito disto, porque, no fundo, Lacan guarda o mesmo punção. Por que ele conserva o mesmo símbolo, quando fala do fantasma e quando fala da pulsão? Vocês sabem que a pulsão escreve-se $<>D, então ele emprega isso no momento do grafo do desejo, mas vocês – como vocês vivem isso? Será que é porque está escrito com o mesmo signo que vocês o utilizam clinicamente como o mesmo signo? Será que a maneira que o punção é pensado na leitura da pulsão, quando vocês pensam em clínica sobre a questão da pulsão, será que é tão seguro que o utilizem do mesmo modo quando refletem sobre a construção do fantasma? É uma verdadeira questão, mas não tenho certeza, parece ser o mesmo objeto, mas não é absolutamente certo que nossa utilização mental, significante e clínica do mesmo objeto esteja operando na leitura que fazemos, por um lado, da pulsão e, por outro, do fantasma. Nunca utilizo as mesmas palavras para descrever o aspecto pulsional e o aspecto tomado na vida fantasmática.

Na pulsão, há alguma coisa que me parece muito nítida e importante que é, por exemplo, o trabalho de conjunção, o trabalho gramatical de conjunção/disjunção. Um exemplo inteiramente simplicíssimo: *eu sugo, eu me sugo, tu te sugas, eu sugo o doudou* e, então, em todo esse trabalho onde o punção só trata no fundo do necessário tempo lógico de recobrimento de uma zona erógena e de uma gramática, aí vocês utilizam o punção quase sem o trabalho de conjunção/disjunção; logicamente, aí vocês o utilizam nessa acepção. É isso que é semelhante no exemplo designado. Será que se diz a mesma coisa no exemplo masturbatório, *bate-se numa criança*? Será que é a mesma leitura? Bem, no fundo, pode-se dizer *sim* e *não*. Pode-se dizer *sim*, é semelhante, é o mesmo punção com o fantasma, e, ao mesmo tempo, *não*, porque – é batido –, tomei-o numa acepção particular no exemplo desse *intermitente*, mas vocês podem muito bem entendê-lo de outro

modo, por exemplo, nesta expressão em francês, *cunhar moeda*[21].

Cunhar moeda abre a uma coisa bem outra, que é o valor fálico implicado no fantasma. Quer dizer que, no fantasma, o que é mais complicado do punção é que isso parece uma gramática conjuntiva e disjuntiva, mas faz disso significante do fantasma; apenas o pequeno significante *batido* é relançado ao infinito, de um significante a outro. Ele não está congelado, quer dizer que isso enoda cenário, uma masturbação, um cenário idiota, inerte, *a priori* repetitivo, que tem a capacidade de deslizar facilmente para a pulsão, mas também para a lógica do punção, ele mesmo uma abertura sobre todos os possíveis do significante.

É por isso que, de certo ponto de vista, a meu ver, é uma proposição que lhes faço: *no fantasma, pode-se dizer que o punção é um símbolo, mas é já um significante*. É já um significante quer dizer que vocês não podem dar conta disso como de um símbolo, não é possível. Ele já está construído por toda uma trama de significante, já está, de alguma forma, trabalhando. Enquanto que no automatismo, na mecanicidade da pulsão, de certo ponto de vista, ele está fixado logicamente. Isso me interessa, vocês veem, é o mesmo termo e, ao mesmo tempo, não é o mesmo. É o mesmo sem ser o mesmo. Então, um pequeno exemplo e terminarei, porque a cada vez tento trazer para vocês um exemplo clínico para lhes dar gosto – não é que isso comprove (atenção!), não é um exemplo que dá prova, mas para lhes fazer entender quais são os delineamentos.

Então, vou lhes dar um pequeno exemplo que eu tinha dado precedentemente no grupo de Córdoba, sobre uma criança que vai estar diante de sua mamãe, certo tratamento precisamente moderno do significante – é possível que... –, para dizer-lhes que tudo isso é da vida tal como nós a recebemos, e isso me interessa em clínica, porque essa criança aparentemente não é da clínica, é o que eu tinha dito aos colegas do grupo de Córdoba, *só recebemos pequeninos agitados*, diz-se sempre *as agitações das crianças*. Mas, bizarramente, é apenas isso que recebemos nos consultórios, nas instituições. Fui surpreendido, ao encontrar em número semelhante, se posso dizer, uma clínica de neurose de constrangimento, de neurose obsessiva do pequenino, das crianças pequenas apresentando neuroses obsessivas constituídas, ali onde bizarramente nós nos descrevemos em um mundo sem constrangimentos. Então, diz-se, *não há pai, tudo isso é blá-blá-blá*. O que é que vem fazer as neuroses de constrangimento, para retomar um termo antigo, em um mundo sem constrangimento? O que é que esses garotos fazem? Do que se trata?

Para a própria clínica, vou dar-lhes um pouquinho disso, clínica bastante

21 No original: *battre monnaie*.

comum. É um menino que tinha onze anos, é dos pequeninos. Tenho visto crianças ainda menores de oito/nove anos, não adolescentes, e que apresentam toda uma gama de verificação, rituais, uma dúvida constante, ansiosos sobre a exatidão de seus enunciados e alguma coisa de bem dolorosa e que é bastante clássica, que é o medo de que seus pais morram, se eles não organizarem convenientemente este ou aquele objeto em seu lugar. Até mesmo se não põem convenientemente este ou aquele objeto que apanham na rua. De um ponto de vista descritivo, é uma panóplia, infelizmente bem vasta e bem completa, de signos obsessivos nessas crianças, com fórmulas de pensamento mágico. Por exemplo: aquele menino deve, vocês sabem o que se chama a mania aritmética, ele deve ter uma conta e, de tempos em tempos, quando a conta é boa, ele deve estalar os dedos, um pequeno ritual, assim, que escande sua maneira de pensar. O que há de surpreendente para um pequeno é que ele tem enunciados não filosóficos, mas enunciados que têm uma dimensão surpreendente em uma criança, mas que se vê frequentemente no obsessivo. Aí vou lhes dar um exemplo deles. Ele diz isto, escutem bem, para um criança de onze anos: – *Eu tenho sempre essa impressão de não viver, eu duvido de estar verdadeiramente na realidade. Eu imagino que tenho um pai, uma mãe e tudo isso, mas eu não o vivo na verdade.* Vocês veem um pouco a delicadeza, as palavras para descrever sua dor. É como se tudo o que eu tenho feito em minha vida eu tivesse sonhado. E aí ele me diz: – *Mesmo em meus sonhos, doutor, eu sonho que estou morto.* Mesmo em seus sonhos, a questão da morte, e então aí, evidentemente, ele me traz aquilo que se chama *os pesadelos de angústia*; ele vai dirigir-se a seu pai e diz: – *Papai, eu sonhei que estava morto, mas meu pai me disse, me explicou que eu não estou morto, que não é possível.* Entretanto, essa criança acrescenta *mas*, vejam o punção, *ele não pode verdadeiramente prová-lo.*

Vejam um pouco o nível de trabalho lógico. Ele está operando no interior da lógica matemática, desgastante e desesperada. Seu pai lhe diz: – *Enfim, meu filho, se a gente fala, então não está morto.*

Lição V

10 de março de 2007

Escolhi trabalhar, desta vez, aqui, e vou me referir muito, por hoje – uma vez que queria tratar com vocês do lugar, da posição, que damos à questão das cenas –, à cena primitiva, como se diz, portanto, os cenários imaginários ou reais que são frequentemente convocados por Freud para abrir a questão do fantasma. E aí escolhi, um pouco de propósito, alguma coisa que pode ser o mais complexo de seus exemplos, que é *A história de uma neurose infantil.* Vocês conhecem? Penso que é um texto que tem sido muito trabalhado, que é, então, a narrativa do trabalho com aquele que agora se chama de *Homem dos Lobos*. Nesse texto, Freud dá imensamente apoio à sua concepção e ao lugar que se dá às cenas, vocês sabem, às cenas originárias, de certa forma, quase em demasia. Então cruzei – dou lhes os delineamentos de meu trabalho – cruzei essa leitura de Freud com outro tipo de cena, outro tipo de metamorfose, que é o trabalho produzido quase na mesma época por Kafka, em particular, em um texto que todos vocês leram, mas que, provavelmente, não têm frequentemente o tempo de reler – e creio que é um texto extraordinariamente moderno –, então o reli para esse trabalho de hoje sobre o fantasma e, particularmente, sobre a questão das cenas. Este texto de Kafka, que é prodigioso, *A metamorfose*, que aconselho, entretanto, a cruzar com a leitura de *Carta ao pai*. Não é uma obrigação, mas, por razões significantes, é assim mesmo interessante cruzar *A metamorfose* com *Carta ao pai*.

Agora, outra referência que vocês todos não têm forçosamente – pois é bem recente, é a de um autor israelita, que vive em Jerusalém, que eu os aconselho a ler e que se chama Stéphane Mosès, nas edições de L'Éclat – é a que se chama *Exegese de uma lenda: leituras de Kafka*[22]. É um livrinho bem pertinente, em que o autor trabalha enormemente sobre a maneira que tem Kafka, o talento de quebrar totalmente o discurso narrativo, de colocar em abismo a narrativa. Então, entrego-lhes a chave, a conclusão desde o início, a dificuldade que se tem para ler Freud agora, é essa espécie de excesso de limpidez do olhar, de excesso na representação e, se vocês o retomam assim, verão que, mesmo em *A metamorfose*, Kafka não

22 Mosès, Stéphane. *Exegese de uma lenda: leituras de Kafka.* Paris: Ed. de L'Éclat.

permite que nós nos representemos. É totalmente impossível ao leitor se representar pela imagem de que se trata na cena da metamorfose. Isso é genial, está extraordinariamente apresentado nesse autor israelita. Há, em Kafka, alguma coisa que vem tornar improvável a unificação do que se está lendo com a representação que podemos ter disso. Alguma coisa nesse sujeito que fala se torna objeto, e nós não podemos reunir essas duas bordas. À minha maneira, darei a vocês alguns delineamentos de passagem, mas o melhor é vocês mergulharem unicamente nessa maravilhosa leitura que me parece bem moderna.

Dou-lhes novamente dois ou três pontos de apoio precedentes, alguns fios condutores. Tento sempre compreender, por mim mesmo, este ponto que é: se o fantasma é o plano de organização de nosso desejo, mesmo que ele seja também essa imagem parada, indialetizável, essa besteira, nós não temos outra besteira para aceder ao mundo e, então, bizarramente, é esse mesmo plano que é imóvel e, como em Kafka, essa imobilidade, essa luta desordenada no espaço, que é, ao mesmo tempo, um lugar, é com isso também que se organiza o que se chama o desejo.

Em Lacan, o que é complicado, em relação a Freud, é o objeto organizador. Por que Lacan diz que o próprio objeto está fora dessa cena? Por que Lacan diz que o objeto está fora da cena, enquanto que, em Freud, aparentemente, tudo é dado, de alguma forma, pela cena narrativa? Então, uma das primeiras questões que vou colocar à prova, com vocês, que não é fácil de admitir, para cada um de nós e, em particular, de admitir as conclusões disso. Tínhamos avançado um pouco da última vez, e eu lhes tinha dado a parte entre o que se pode chamar imaginária do fantasma e o que Lacan revela após Freud, que é um aspecto de estrutura, que é, de início, seu engate na língua – isso que Cyril faz todas as sextas-feiras, uma vez por mês, que, evidentemente, é tratado pelas palavras. De início, isso não pode ser tratado senão por nossa aproximação ao simbólico, pelas palavras, então um aspecto de estrutura que é particular, e igualmente um aspecto de estrutura que Freud revela – falaremos disso daqui a pouco –, que é o que se pode chamar o real do gozo. Quer dizer que, por trás do cenário imaginário, há duas dimensões estruturais um pouco complexas para nós, e ver como são torcidas as palavras, quais são os significantes que estão operando e, em segundo lugar, como é que chegamos a caracterizar o tipo de gozo implicado. O que quer que se pense, isso não é dado pelo próprio cenário.

Terceira noticiazinha: é a história, vocês sabem, *Bate-se...* Não vou voltar sobre isso hoje, mas é preciso ver que a fórmula longamente decifrada por Freud, *bate-se numa criança*, sua construção, o fato de que, em seguida, o sujeito se reapropria dela, isso faz intervir o que Lacan chama a dimensão do outro, que há aí

uma comunhão – é bem preciso que haja uma comunhão de lugar, *eu sou batido*, ou *bate-se*, *batem-me*, é pelo menos um lugar onde se bate, como se diz, *cunha-se moeda*[23], uma comunhão de gozo.

Esse é o quarto ponto, mas voltarei sobre isso ao longo do caminho. O último ponto – que é bem interessante, mas que não é evidente –, é o aspecto da sexualização do cenário do fantasma. Aliás, faz-se semblante de que se bate numa criança. Isso é imediatamente sexualizado. Não! O que nos vem imediatamente à mente é a palmada nas nádegas. É verdade que isso tem suas virtudes eróticas, provavelmente, mas isso não é evidente, que na própria fórmula entenda-se, imediatamente, explicitamente, a dimensão sexual. Então, é preciso ainda abrir sempre as questões evidentes, tentar interrogar-se em qual momento – no fundo, um cenário gramaticalmente enunciado –, toma seu valor sexual. Esses eram alguns delineamentos que eu queria ver com vocês.

Hoje vou retomar um pouco esses delineamentos, mas sempre de um modo interrogativo. Na psicanálise, quando um jovem, um jovem analisante, vem à psicanálise, creio que parece bastante simples que, para esse paciente, a própria noção de fantasma esteja amarrada a termos que são poderosamente legados por Freud – que é o que se chama as cenas ditas primitivas, o que se chama de cenas de sedução infantil, assim como no imaginário, o que tem a ver com cenas de ameaças de castração.

Para aqueles que retomaram os casos *princeps* freudianos, vocês sabem que formigam neles todos esses exemplos que são bastante evidentes, quase romanescos, que têm quase uma qualidade filmográfica! Tem-se a impressão de ver um pequeno sainete, e é uma primeira questão que eu queria submeter a vocês hoje: que fazemos, hoje, com esse material, que guarda todo o seu valor? Por quê? Bem, porque é um material que é frequentemente proposto pelos próprios pacientes, não é um material teórico, é um material que, nos inícios da análise, é frequentemente proposto pelos pacientes, de alguma sorte como testemunho de sua congruência com a dimensão da psicanálise. Isso vale como passaporte, como disposição, à questão do freudismo. Então, disso os colegas sabem, portanto, não direi mais hoje, não serei mais capaz de dizer, hoje, que a cena primitiva faz o leito da obsessão, ou que a cena de sedução faz aquele da histeria – era uma *doxa* que estava adquirida, eu não poderia dizê-lo, eu não saberia como dizer isso hoje.

A história de uma neurose infantil de Freud torna essa formulação bem complexa, frequentemente a esquecemos. Mas Freud utiliza, ao mesmo tempo e no

23 No original: *on bat monnaie*.

mesmo paciente, as duas bordas; Freud utiliza, ao mesmo tempo e no mesmo paciente, a passagem do que ele chama *a sublimação de uma histeria em neurose deconstrangimento*. É preciso lembrar que é assim mesmo bastante extraordinário. Quando Freud detalha as cenas nas quais o homem dos lobos, pequenino, teve relação, ele o diz bem tranquilamente: *sua neurose infantil é a passagem de uma histeria do corpo para uma neurose obsessiva, uma neurose de constrangimento, através da educação religiosa e do sentimento de piedade que chegou a receber, quando criança um pouco crescida.*

Eu tinha para vocês, da vez passada – mas é um trabalho que continuarei, porque é um trabalho que merece ser enriquecido –, eu tinha tentado, da última vez, desdobrar a leitura do que Lacan chama o punção, o punção do matema $<>a – punção que eu lhes tinha lembrado que é uma construção lógica e que é feita de conectores bastante variados, bastante complexos, e que podem dar conta, cada um desses conectores, de um dos aspectos variados do fantasma. Com isso, eu tinha tentado tornar um pouco audível, para vocês, que isso se podia escutar como uma construção intrassubjetiva – de alguma forma, as conexões da lógica própria ao inconsciente do sujeito que seria tomado unicamente –, mas que esse conector era bem sensível às dimensões da clínica social; que o que é submetido, o trabalho da lógica que Lacan faz, é inteiramente submetido à modernidade e à evolução da lógica formal. Esta manhã, na EPEP, falavam disso a sua maneira. É uma borda inteiramente moderna, que se disjunta em lógica formal hoje, a parte de é possível *que*, de é necessário que.

Durante as férias, enquanto estava na montanha, li um artigo de um colega que Bernard conhece, Robert Neuburger, um terapeuta sistêmico, familiar, um artigo bem engraçado, dizendo, simplifico: é preciso, agora, disjuntar totalmente a ideia do casal daquela de família. Interessante como artigo! Estas duas palavras que estavam incluídas, logicamente, *é preciso agora disjuntá-las*. Abuso um pouco, seu artigo é muito mais rico que isso. Tomam-se duas palavras que a lógica une, o que é um casal, o que é uma família, a lógica social, como aquela do inconsciente operando, jogando com possibilidades de disjunção dessas duas questões. Isso é evidente, sem ser evidente.

Esta era uma coisinha que eu lhes tinha proposto, um termo que não é meu, que é um termo dos cientistas de hoje, dos lógicos, o que eles chamam com um belo termo: *a lógica difusa*, ou melhor, *as lógicas livres*. É sempre intrigante quando alguém utiliza a palavra *liberdade* colada a alguma coisa assim. Entra-se em um mundo totalmente moderno, que é aquele das lógicas livres. Vocês têm o traço disso em Lacan. Lacan trabalhou muito a ligação entre o *possível* e o *necessário*

através dos lógicos, aos quais ele dá um nome em certos seminários seus: Hintikka, Kripke e Pierre-Christophe Cathelineau. Eles retomaram, em uma de suas obras sobre Aristóteles, os delineamentos dessa lógica bem moderna.

Essas lógicas difusas[24] ou ditas livres são formas de escrita que, de alguma forma – vou dizer à minha maneira, não sei se é justo matematicamente, mas não posso dizer de outro modo –, são escritas que enfraquecem a proposição é necessário que. Entra-se em formas da lógica que vão enfraquecer todos os grandes significantes colados à necessidade. Pascal, Engel, professor na Sorbonne, diz isto, falando dessas lógicas difusas: *essas lógicas são apropriadas para tratar das entidades não existentes, das entidades possíveis e das entidades ficcionais*, e ele coloca a questão: *será que essas entidades perdem o sentido robusto da realidade?* Ele responde como a mãe de meu pequeno paciente respondia: *Isso depende do que se considera como realidade*. É gracioso como resposta, e isso não cabe à lógica responder. Há traço atual da maneira com que os pensadores se agarram, por nossa entrada, nas lógicas que têm então – volto à questão –, sua implicação no discurso social, mas, a meu ver, estão operando totalmente na escrita do punção, uma lógica que coloca o conector do punção em um trabalho particular, a questão do que está incluído, do que não o está, do que está implicado, do que não o está, os modos de recobrimento dos círculos eulerianos, tudo isso está ligado, de alguma forma, a coisas outras. Isso me parece muito rico, essa escrita. O punção permite falar de tudo isso. Seria preciso, talvez, que eu convidasse um jovem matemático um pouco informado sobre as questões de probabilidade para que nos dissesse onde eles estão nessas questões, como pensam o real.

Simplesmente isso. Eu tinha parado nessa construção do punção pela lógica. É evidente que o fantasma, a construção desse punção, é preciso não esquecer que é também construído pela própria transferência, não é uma construção de lógica que o paciente está produzindo. Ele não está em si mesmo, isolado, construindo equações. É uma dimensão que esquecemos frequentemente, que é aquela que faz com que, quando o paciente nos fala na transferência, alguma coisa está sendo dita, por se conectar, por se desconectar, por se representar, por se construir, em e pela transferência e, sobretudo, creio que, quando os pacientes abordam as cenas ditas primitivas, de sedução, de ameaça de castração, é um tempo de sexualização para a transferência também, para o outro da transferência. É preciso não esquecer essa dimensão porque, senão, se trata isso de um modo matemático-matemática, o que não é falso, mas é construído, na e pela transferência; é preciso também entendê-lo nesta dimensão do dom da transferência.

24 Também chamada lógica *fuzzy*. (NT)

Então toda essa pequena vinheta, que parece intimista, mas que não o é – quero, com isso, dar-lhes frequentemente vinhetas de divã –, isso parece totalmente privado, mas são coisas totalmente universais. É uma jovem paciente, uma estudante e, imediatamente, então, não por ocasião das duas primeiras sessões, mas quando ela se deitou, pôs-se a falar de cenas primitivas, não do que ela via, mas dos barulhos – frequentemente, nas cenas, não é tanto o que é visto, mas o que é escutado –, os barulhos então dos pais que ela teve que suportar durante anos, diz ela, os embates amorosos de seus pais – pelo fato de que a configuração da casa fazia com que o tabique fosse fino entre seu quarto e o de seus pais – os barulhos da noite. O que eu lhes dizia, de certo ponto de vista, passagem do face a face ao divã, essa necessidade nela de me dar um material totalmente freudiano, como se me dissesse *eu também vivi*, *eu sei o que são essas grandes cenas primitivas*, então isso não é sem interesse. Atenção! Aliás, o que me pareceu interessante é que ela distinguia a posição do pai daquela da mãe, que, quando, por muito tempo depois, veio se queixar – então, por que esperou tanto? Mistério. Quando ela veio se queixar aos pais dos barulhos repetidos, seu pai lhe tinha dito, de um modo sucinto: *Um homem é assim, e pronto!* – o que ela aceitou totalmente. Em compensação, o que lhe permaneceu muito enigmático, foi o lado, de seu ponto de vista, excessivo do gozo feminino, e isso, no diálogo com sua mãe, essa passagem permaneceu vergonhosa, alguma coisa demais, fora do limite, que não pode ser estabelecida pelo diálogo. Interessante, vejam essa divisão entre esse gozo com borda que ela aceita e esse gozo aberto que lhe parece muito mais difícil de simbolizar. Isso é um material que não é singular, é corrente, é contado com frescor, mas é um tipo de material que se coloca na borda do que Freud, na cultura, vem nos fazer admitir à força. Há, em Freud, um lado de detetive, é um procurador do fantasma. Eu também, pode ser (risos), à minha maneira de bancar o detetive; ao mesmo tempo que captura, sente-se o Freud procurador e que pode, às vezes, surpreender hoje. Freud é verdadeiramente a pequena frase das crianças, *quem*, *que*, *o quê*, *então*, *onde*: É quando? Onde? O que havia? Em qual momento? Por quê? E Freud pode se dar conta, relendo este texto: queria muito saber sobre as cenas ditas precoce de sedução, as sulfurosas cenas primitivas. Há alguma coisa de muito intrigante. É que, no material desses casos freudianos. esses materiais são surpreendentes pela qualidade das lembranças infantis. Devo dizer que isso já me tinha causado preocupação há muito tempo e, mesmo depois que me ocupo de crianças, isso continua a me espantar. Então, vocês me dirão. aqueles que se ocupam dos bem pequeninos: mas Freud é capaz de trazer, vocês sabem, lembranças extraordinariamente precoces –; por exemplo, o homem dos ratos, capaz de narrar, até na idade de quatro anos, certo número de punições

com precisões inteiramente incríveis e sobre o caso do qual falo hoje, o caso do homem dos lobos. É mesmo assim espantoso que a cena que ele dá em latim e da qual lhes deixo as delícias da tradução, *coitus a tergo*, *coitus a tergo*, *coitus a tergo*, três vezes, repetido – vocês veem a precisão de Freud –, à qual o homem dos lobos teria assistido – *mas, vocês sabem,* diz Freud, *ele teria assistido, entre um ano e meio e dois anos e meio!* Não sei se vocês se dão conta. Se vocês se dão conta (risos), vocês se dão conta quando se voltam sobre vocês mesmos, mas, enfim, eu mesmo em minha análise!, vocês remontam até o quê? Vocês, se dizem *comigo,* não é tão grave, tenho pacientes muito mais talentosos que eu mesmo, eles puderam ir até aonde? Há uma forma de enigma, o lugar que Freud concede a essa cena primeira.

O que é interessante, aí eu caricaturo um pouco mais os próprios fatos em Freud, evidentemente. Eles permanecem, às vezes, bastante hipotéticos, às vezes são cenas bem banais, que também não são sempre de conotação sexual. E me permito colocar, para nós, uma questão, falando com Rebecca, é a história do que se chama, em psicanálise, a lembrança encobridora. Vocês sabem? Esse é um tema bem interessante, na análise, a posição da lembrança encobridora. Então, aí basta que cada um faça referência à sua própria história. Frequentemente, uma lembrança encobridora é inteiramente precisa, é uma ponta de lembrança de uma precisão incrível, que guarda uma carga emocional total. O corpo revive exatamente o que foi vivido em tais idades precoces da vida, os detalhes concernentes aos sentidos são bem vivos, quer seja o odor, o barulho, o tocar, a visão, até mesmo o gosto. Então, há exemplos literários desse negócio, e o que é surpreendente é que essa lembrança, de alguma forma, boia no meio de nada. É isso que é intrigante para mim. Quer dizer que, na maior parte do tempo, essa lembrança, de uma precisão imensa, é como se o sujeito estivesse ali, mas então é o entorno que desapareceu. Então, evidentemente, não digo... Pela narrativa, é reconstituível, mas o entorno desapareceu. É uma lembrança no meio de um oceano de amnésia, se bem que – foi Marcel que havia proposto isto, por ocasião de uma conferência no colégio dos jovens –, será que não se poderia, mais do que falar de recalcamento, no tempo forclusivo, de alguma forma, de estabelecimento –, será que se pode perguntar se essas lembranças encobridoras não vêm justamente dar o buraco, algo que é mais forclusivo do que o recalcamento, algo que não pôde fazer sentido no que era então a disposição subjetiva de uma criança, quando era pequena, algo que teve que ser totalmente rejeitado e a lembrança encobridora faz marca desse buraco? Enfim, eis aí, pode-se indagar em qual espaço essa lembrança encobridora toma lugar.

Freud nos guia na concepção de uma cena originária que se constrói –

é preciso prestar atenção, como sempre tenho esquematizado a posição de Freud –, mas é preciso tomá-la a sério. Freud nos guia numa concepção da cena que se constrói no fundo, bem ao longo da vida, isto é, ela é originária para ele, mas ela não cessará de escrever-se, ela não cessará de construir-se para Freud, e essa cena se constrói na própria transferência, isto é, ela se constrói na análise. Freud dirá isto, uma citação de Freud concernente à infância do homem dos lobos: *a criança acolhe, com um ano e meio, uma impressão à qual ela não pode reagir suficientemente*. Vejam, é interessante, *ela não compreende*, um problema de estrutura, um buraco, é um buraco na significação, *ela não a compreende, ela não apreendeu essa cena senão por ocasião da revivescência da impressão dos quatro anos*. Aos quatro anos, por ocasião de outra cena, e não chega senão dois decênios mais tarde na análise, portanto, no tratamento, a transferência para apreender por uma atividade do pensamento consciente o que se passou com ele na época. Então é preciso prestar atenção ao que Freud diz: *essa pesquisa um pouco estranha de exatidão além da verdade*. Mas, entretanto, para Freud, essa cena vai conseguir se reativar por ocasião de outros encontros do movimento da vida e, sobretudo, só toma sua dialetização, seu próprio retorno sobre ela mesma, na e pela própria transferência. Em todo caso, há sempre, em Freud, três dimensões enodadas nas histórias singulares: cena primitiva, cena de sedução e, nas crianças mais velhas, ameaça de castração. Aí está verdadeiramente, sempre, o tripé sobre o qual Freud se orienta.

Então, é preciso também ser honesto. Freud, em muitos momentos, interroga-se sobre a veracidade da cena primitiva – e isso o faz dizer coisas quase absurdas. Em um momento, ele diz: *talvez eu pudesse relativizar esse negócio, a ponto de dizer: – Mas, vocês sabem, pode ser que se trate de uma cena de cães*. Evidentemente, devo dizer que, depois de uma demonstração extraordinariamente sofisticada, assim mesmo ele diz que pode ser o coito do qual se trata, que o garoto tinha visto, não na televisão, como se trata agora, mas como a relação com animais era muito mais franca, a animalidade, ele diz: *bem, vejam, ele viu como todo mundo na idade precoce cenas de animais. E depois, vejam, isso é tudo*. Onde está o problema? Evidentemente, isso vem um pouco desinflar... É interessante, como ele é capaz de monumentos assim de arquitetura e, de repente, por uma pequena reviravolta, valorizar um pequeno relevo de simplicidade, ou melhor, diz ele, é inteiramente verdadeiro, toda criança, em pequenos momentos de sua vida, partilhou cedo, forçosamente, o quarto dos pais. É de uma banalidade surpreendente, é válido para cada um de nós. há um momento em que, se isso não foi visto, foi ouvido.

Há, agora, alguma coisa que eu gostaria de lhes dizer: em Freud – e será exatamente o caso em Lacan –, ao lado desta pesquisa do que pode aparecer como cenário, cena imaginária, cena real, cena real deslocada, Freud, ao mesmo tempo.

concede muita importância à transmissão material das palavras, vocês sabem, o que, aliás, em sua vida, a criança carrega, o que ela vai guardar com ela como material que vai batê-la, que vai chocá-la; o que a criança escuta precocemente, não na cena, o que ela escuta precocemente como discurso, como palavra e, por exemplo, em *História de uma neurose infantil*, Freud concede muita importância a uma passagem bem pequena, que é o momento em que a mãe acompanha um médico à saída. Ela chamou um médico por causa das dores e se queixa de suas dores e de sangramento. A mamãe resmunga pelos cantos: *eu não posso mais viver assim*, e Freud ressalta: *essa frase*, diz ele, *na criança, será totalmente determinante*. Vocês veem, essa frase não está ligada diretamente ao cenário – é a criança que fará a ligação entre as dores digestivas da mamãe, os sangramentos –, e é essa frase que a criança recebe evidentemente como uma coisa que toca a vida e a morte, que era imensa para a criança, a criança, ali, com quatro anos: *eu não posso mais viver assim*. Freud é muito sensível, e creio que ele tem razão, e isso se vê muito bem nas análises, essas pontas de frases. Para a criança, isso tem força de determinação que não a deixará mais, *e então essa criança guardará essa frase em sua memória, deslocando as dores do baixo ventre em doença do intestino, cuja causa era, para ela, as relações sexuais, tais como ela as havia interpretado*. É mais que isso para esse paciente, porque vocês sabem que o homem dos lobos se queixará durante toda a sua vida de dores intestinais. Permaneceu, por um lado, a interpretação da sexualidade, tal como ele pôde concebê-la, mas, igualmente, alguma coisa se identificava, no sentido da imitação, incorporada ao sentido da hipocondria, e ele mesmo, como se sabe, será permanentemente importunado por dores de barriga. Isso é muito importante, esse duplo trabalho de Freud que muito interessou a Lacan, isto é, a capacidade, ainda que apareça pela cena imaginária, de encontrar a exatidão e ser, entretanto, tão sensível ao que vem do outro: qual palavra se inscreveu no corpo, quais palavras, qual letra, ultrapassou a borda do corpo para inscrever-se de forma duradoura? Isso já está em Freud, então o significante, de um lado, e o cenário imaginário; evidentemente, o que interessa muito a Lacan é o tipo de gozo, *como se ata o gozo?* Então, aí, Freud interpreta isso de um modo bem simples, que é a escolha anal do paciente do ato sexual parental, mas ele precisa – Freud diz isso –, ele dá precisão, especifica a estrutura quase fisiológica do gozo, ele diz: *A criança interrompe finalmente a união parental com uma evacuação de fezes que pode ocasionar seus gritos,* que, para motivar seus gritos (risos), sim, em francês, evidentemente... *Em outros casos análogos, uma tal observação de comércio sexual terminou por uma evacuação de urina, um homem adulto nas mesmas condições sentiria uma ereção*. Então é interessante, Freud diz: *Mas como se aloja o tipo de gozo ao qual a*

criança vai estar submetida? Freud faz deste signo particular de excitação sexual – a evacuação intestinal – o caráter de sua constituição sexual congenital, dizia ele com as palavras da época, mas que era uma maneira de dizer, em estrutura, a maneira como o corpo está marcado.

Isso me parece interessante. Não é fácil, se vocês tiverem que dizer com outras palavras como, de alguma forma, uma cena de sexualidade vem se marcar sobre a fisiologia do corpo, não é simples de narrar. Por qual viés vocês compreendem que esta ou aquela parte do corpo seja enervada sensualmente? Freud faz o que pode para narrar a localização de um gozo que as palavras usuais em nossa própria representação da vida não permite facilmente. Não há muitas maneiras de narrá-lo de outro modo. Então Freud tenta narrar, para nós, a escolha de um gozo que ele interpreta como a escolha de uma posição feminina em relação ao pai, mas ele só faz isso; no mesmo momento, faz representar, sempre, no inconsciente, a unidade de certas palavras; por exemplo, no momento em que fala desse gozo, ele se interessa igualmente pelo material significante e ressalta que, em alemão, o significante *das kleine*, *pequeno*, vale, igualmente, para a criança, tanto para o pênis quanto para o excremento. Vocês veem, ele faz jogar as homologias significantes que permitem compreender como o significante pode reunir no corpo o que tem a ver com o intestino, com a sexualidade, e com a representação da criança enquanto pequena. O objeto, então, é, assim mesmo, interessante, porque Lacan perseguirá sua pesquisa sobre o objeto enquanto destacável, o objeto destacável, o que se destaca do corpo.

Recapitulo, antes de prosseguir. Então, há três lados, a meu ver: primeiro lado, que chamamos ainda – não sei se vocês mesmos o fazem –, é um termo que utilizamos pouco hoje, em todo caso, a cena dita primitiva. Pode-se dizer que é uma necessidade lógica; mesmo que ela não seja histórica, sua história, como tal, permanece, às vezes, inefável. Em todo caso, a criança deve admitir ou fabricar uma teoria sexual. É, no mínimo, o que conta Jean Bergès e, no exemplo freudiano, o que é interessante é que diversas cenas estão operando. A palavra *construção* – que Freud utiliza quando se diz *o fantasma se constrói*. Há muitas coisas. É por redução ingênua que se pensa sempre em uma cena única, mas Freud diz: *Cada cena é construída por outras cenas, é preciso todo um encadeamento de cenas, incluindo aí cenas que não são sequer sexualizadas*. Então, hoje, a observação da vida animal para as nossas crianças não é... Hoje é a televisão. O problema é que, com a televisão, a desrealização não é mais a mesma, é já uma tela; e, a meu ver, isso já despersonaliza – enfim, seria preciso verificar isso.

Segunda coisa: o real do gozo é, para Freud, identificado precocemente e marcado, para ele, na formação dos sintomas. Aqui, é a excitação da mucosa intestinal

que é, assim mesmo, alguma coisa difícil de descrever, e vê-se bem por que Lacan dizia: *não há palavras para dizê-lo*. Esbarra-se mesmo sobre um aspecto de nominação, *são formas de gozo indizíveis, as palavras aí faltam, mas a escrita, a inervação desse gozo no corpo, ele é certamente, e ele guiará, a vida afetiva e sexual da criança que se tornou adulta*. Essa é a intuição de Freud – e creio que isso é justo.

Terceiro ponto que eu tentava fazer-lhes entender é que não é suficiente a questão dessas cenas – mesmo lógicas –, porque são as palavras, são outras palavras escutadas que vão para a criança fazer engate primitivo, fazer um pequeno entalhe primitivo, ali, para a criança. Para aquela ali, é: *eu não posso mais viver assim*. Está aí, são essas letras aí que vão se enganchar, nesse dia aí; definitivamente, esse enodamento na representação que ela tem das teorias do sexo e na forma do gozo ao qual seu corpo é inervado. Aí não vou fazer hoje, mas o que é muito interessante, no caso do homem dos lobos, precisamente, é que essa frase é ela mesma que está no centro da explosão da hipocondria que lhe virá mais tardiamente.

Reli várias vezes esse texto aí. Vocês têm lido esses textos, tanto aqueles concernentes a Dora, quanto outras coisas. Tem-se um embaraço que vem bem rápido, e o próprio Freud está embaraçado, creio, pelo excesso, de alguma forma, de cenas que vêm. Há a cena primitiva, em seguida, ele vai descrever a cena de sedução com a irmã; há a célebre cena com a servente que está acocorada fazendo a arrumação, o que oferece à criança uma cena, novamente, de uma sexualidade!...

E então chega a Freud, como ao leitor de Freud, uma questão; ao fim de certo tempo, diz-se: mas, enfim, o que ele está descrevendo são cenas que são tão anódinas por sua frequência e sua repetição e que, contudo, segundo ele, formam toda a sexualidade mais tarde. E então há um embaraço de Freud que permanece sendo nosso, que o tratamento de todas essas cenas reais, aquelas de animais transpostas, aquelas saídas do inconsciente mesmo – diz Freud –, *filogenético*, isto é, é a pré-história, o inconsciente coletivo. A tal ponto que vocês encontrarão em Freud, a meu ver – aí eu o digo entre nós –, há momentos em que Freud deixa escapar, em que ele se solta, como se diz, e quando ele tem feito toda a enumeração dessas cenas fatais e sulfurosas, chega a dizer: – *Mas eu não disponho senão de uma só analogia com esse vasto saber ali*, que acabo de lhes dizer, e ele nos remete ao saber instintual dos animais. É mesmo bastante perturbador, em Freud, de repente, depois de todos esses andaimes, ele diz: *Aí eu não sei por que dizer de outro modo, isso me faz pensar no instinto no animal*. Como, curiosamente, na história de sua narrativa do homem dos lobos, em certo momento, ele fará apelo a Jung e ao fantasma do nascimento. Vocês veem? Então Freud deixa escapar; em um momento, há tal excesso de descrição do imaginário que ele mesmo está

como que numa dificuldade para dar o alcance àquilo que ele está dizendo. Digo de passagem, não posso fazer a demonstração disso hoje, tão rapidamente, mas, vocês sabem, diante disso, creio que nos seminários que se têm feito nesses últimos anos, Lacan colocará os termos, por exemplo, de saber a questão do gozo e do objeto, e o que é que é entregue, depositado? E estes três termos já estão colocados em Freud, o tipo de saber, a questão do gozo, bem enigmático, a questão do objeto. Evidentemente, é melhor que este termo *instinto*, que Freud deixa escapar, *instinto animal*. Em compensação, é preciso guardar no espírito esta incrível audácia de considerar que, no caso dessa neurose infantil, temos, ao lado da fobia dos animais, das borboletas, do lobo, o que Freud chama de uma histeria de conversão e sua transformação em neurose compulsiva. Isso é preciso não esquecer, apesar de tudo. Freud, nesse caso, trata estruturalmente dos três tempos que diferenciamos habitualmente: a histeria, a fobia, a obsessão – ele os enoda sem ficar perplexo, sem se desmontar, no mesmo caso clínico. É preciso relê-lo, pois nós mesmos não ousamos passar por isso tão facilmente, de uma corrente à outra, da sintomatologia.

Lacan o diz, quando ele o retomou – é o seminário zero, de alguma forma –, quando Lacan fala da história do homem dos lobos. O problema é que há, em Freud – e isso se entende bem na leitura, sente-se um peso transferencial em Freud –, esse lado detetive, porque, para fazer emergir em um paciente materiais de dois anos, pensem bem que o peso transferencial é incrível! Como vocês querem fazer emergir um material assim? E, Lacan dirá, esse peso transferencial não foi por acaso na hipocondria tardia do homem dos lobos. Há aí alguma coisa... É preciso ver, em todo caso, é uma das hipóteses que Lacan, antes do *Seminário I*, tinha feito, concernente à explosão hipocondríaca do homem dos lobos.

Chego à minha segunda parte: o aspecto fantasmático totalmente desvelado. É como se Freud dissesse: *Escutem, amigos, vocês querem saber o que é o fantasma?* Como o negócio de Wood Allen: *tudo o que vocês querem saber sobre o sexo*... Não é difícil, tomo esse caso e vou dizer-lhes exatamente a posição das cenas, de sua reconstrução, de sua polaridade, em relação à transferência. Entretanto, é provável que o aspecto fantasmático totalmente desvelado não vele uma dificuldade, mesmo do próprio caso, da construção fantasmática dessa criança, que é, na releitura, um caso que é bem clivado. E é verdade que vocês saem do texto freudiano com um sentimento, digamos, de estranheza, mas digo-lhes, não simplesmente pelo episódio do dedo cortado, que todo mundo conhece, não simplesmente por causa desse troço alucinatório bizarro, mas pelo fato de que alguém possa narrar sem véu, em um tal ritmo fantasmático, sua estrutura, seus momentos... Enfim, há alguma coisa que vocês colocam numa estranheza total, mesmo que a história do paciente – e se saberá pelos sintomas futuros –, seja muito mais clivada que isso.

Há uma palavra que eu queria propor-lhes aí de passagem, em *O sinthome*. Quando Lacan retoma o termo clássico de *despersonalização*, tão interessante na clínica, vocês sabem que Lacan o retoma a propósito da inquietante estranheza de Freud. Ele evocará uma clínica particular do imaginário, na qual delineia o que chama um *desdobramento do imaginário*: de um lado, o imaginário, e, do outro, *imaginário desse mesmo corpo, mas como desafetado*. Desafetado! E o que é interessante, quando vocês releem a observação do homem dos lobos, é que o paciente se queixava, de maneira contínua, da forma com que, para ele, o mundo era dissimulado por trás de um véu. Havia aí uma notinha clínica bem precisa. O homem dos lobos dizia: *Eu tenho dores para viver*. Só havia apenas um único momento em que esse véu se rasgava: é quando ele se obrigava à lavagem do intestino; o corpo evidentemente que sustenta quase e ao mesmo tempo esse sentimento de não ser afetado como deveria ser, alguma coisa vela a afetação do corpo. No homem dos lobos, especialmente, há isso de clínico, creio que se pode ler através disso o que Lacan diz do imaginário. Aliás, de passagem, é preciso prestar atenção na clínica, porque frequentemente não temos palavras para dizer; ali o paciente diz: *eu tenho um véu,* ele não vê bem, bom! Ele tem, talvez, uma catarata, mas isso toma sua ressonância pelo fato de que não é isso. Ele diz: *Eu tenho um véu que não se libera, senão quando o aparelho digestivo é evacuado*. As palavras faltam para descrever uma clínica como essa. Em outros momentos, Freud utiliza mesmo a palavra *trevas*, em francês – é incrível. Freud, que procura melhor qualificar o véu, utiliza as trevas –, o que é uma palavra já, em francês, bastante tenebrosa (risos). Ou então ele diz outras coisas impalpáveis – isso é uma garantia. Quando vocês não chegam, na clínica, a encontrar a palavra que convém é que há aí um fenômeno particular, que assinala que vocês estão na borda de alguma coisa que é preciso caracterizar. É, aliás, nesse lugar que Freud faz apelo a Jung e à fantasia de renascimento da criança, enquanto posta no mundo uma segunda vez. O próprio Freud, no pânico desse caso clínico, cede à teoria junguiana, um pouco extravagante. Eu mesmo amo muito essas angústias de Freud, este construtor incrível, de repente, está embaraçado; o fato clínico insiste – o que é que é isso? É preciso confiar na angústia de Freud, em sua própria desrealização em face daquilo que ele estabeleceu.

Vocês têm um belo livro de Pietro Citati[25], um italiano, que descreve Kafka, o autor, o homem, e que dá conta dessa queixa que Kafka tinha de estar por trás de um véu. Kafka se queixava, ainda que à sua maneira; não se pode compará-lo com a história do homem dos lobos, mas Kafka era um homem que vivia com

25 Citati, Pietro. *Sur Kafka*. Paris: Ed. Folio.

dificuldade sua relação com os outros e com o corpo, e Pietro Citati...

PARTICIPANTE: – Tchitaati.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Tchitaati – ah, sim, vocês têm razão.

PARTICIPANTE: – Sim, eu sei. (risos)

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Vocês veem o saber (risos)... O gozo... E ai o objeto, então Kafka. Ele dizia que o que era surpreendente é que as pessoas que tinham encontrado o Kafka jovem, como o Kafka adulto, tinham sempre a impressão de que uma parede de vidro o cercava, que ele estava separado por alguma coisa, e o que é interessante é que o próprio Kafka se descreve – ele dizia dele mesmo: *Eu sou uma forma vazia e inquieta que não chega a olhar os estranhos na face.* Alguém que não chegava a suportar o olhar, ele olha, ele se olha. ele não sabia responder às questões, dizia, a palavra interrogativa a seu respeito. como dizia; por fim, não sabia falar; comer, amar, dormir, como os outros. Esse problema despersonalizante, muito especial que é, intimamente, que o sujeito se sente retraído, uma dor de retraimento e que o próprio mundo efetivamente o percebe como estando por trás dessa parede.

O que pus em relação aqui é para fazer-lhes entender o trabalho diferenciado da questão da representação, tal como a produziu Freud, concernente a uma cena. Não qualquer cena, mas aquela que produz a relação do sujeito com as formas do objeto, de algum modo, seu gozo e a maneira como quase Kafka, à sua maneira. não produz uma cena; ele produz uma metamorfose que põe igualmente o sujeito em relação com o objeto bizarro, mas que fracassa totalmente em poder ser representado, até mesmo narrado. Não há narrativa possível disso que está sendo descrito por Kafka. Então, é isso que me interessou para vocês, eu o disse entre nós, mesmo se esta proposição corre o risco de ser mal compreendida. Penso que o texto de Freud envelheceu. Se vocês releem o texto de Freud, quando se lê Freud, *A história de uma neurose infantil*, a sobrecarga das cenas faz com que, no fim de certo tempo, vocês percam um pouco a paciência, exceto quando se está como nós mesmos, em uma dimensão de estudo. Aí a gente retoma e termina. Mas há em Freud alguma coisa que está datada, e para mim mesmo quando eu releio A metamorfose, bem bizarramente, vocês não terão esse sentimento, de que há, nessa forma de escrita, essa relação com o real, essa forma de modernidade que permanece, e isso é verificável em qualquer tipo de literatura analítica. Quando vocês tomam textos da literatura analítica, quando abrem autores conhecidos. bem célebres, alguns lhes caem totalmente das mãos, é interessante, mas isso não é evidente ou, sobretudo, isso não é mais evidente, e outros vão se sustentar, alguma coisa se sustenta e engancha no real. E isso se deve a quê? É isso que, nessa

-cunstância, me interessa. É devido ao fato de que são escritos que não estão tão [illegible]sados na representação, mas em outra coisa, e que põem em abismo a questão [illegible] representação e da narrativa, como o texto de Kafka. Em todo caso, para *A [illegible]tamorfose*, e o que é verdade, por exemplo, para nós, do trabalho de Lacan, é [illegible]rdade que o trabalho de Lacan se presta pouco a essa forma de representação. [illegible]nda que, apesar de tudo, seria preciso ver de um seminário a outro.

Avanço um pouco sobre Kafka: por qual ponta poderia tomar isso para vocês [illegible]m ser pesado demais? Ah sim, vou saltar sobre isso, nas jornadas recentemente [illegible] Ville-Evrard, que são então jornadas clínicas, um colega diz, de repente: – *Mas, [illegible]fim, vocês exageram, vocês falam sempre do objeto e do sujeito como se fosse [illegible]ma terminologia que fosse evidente.* Uma crítica que se escuta frequentemente [illegible]rigida à psicanálise lacaniana, subtendida que a questão do objeto era assim mes-[illegible]o de tal enigma que não se via tanto como se podia falar disso. Eu me permiti, [illegible]esse momento aí, dizer a ele duas coisas: inicialmente, a questão do objeto, na [illegible]línica; além disso, estávamos em um serviço de psiquiatria, é totalmente audível [illegible]ara qualquer criança, inclusive, a quem chegasse a um serviço. O que quero dizer [illegible]om isso é que, se vocês querem saber o que é um olhar, a xenopatia de um olhar [illegible]ersecutório, quando alguém é visto de todos os lugares, saber o que é uma voz que [illegible]omenta de um modo injurioso o que alguém faz, mesmo assim, é apenas no lugar [illegible]a psiquiatria que esses dois objetos são figurados, mais audíveis. Melhor renun-[illegible]iar a toda transmissão! É claro, há facilmente, no campo em que nos encontramos [illegible]nteiramente, ordinariamente e, sobretudo, em psiquiatria, o lugar e o brilho desses [illegible]bjetos, mesmo assim não se pode dizer que não sabemos o que é o objeto!

Então, muito bem, nem todo mundo entra em hospital psiquiátrico. Vocês abrem *A metamorfose*, o que diz Kafka? Ele diz: há um personagem que quer dizer eu, Gregor, e depois no seio, cindido, dividido, no seio desse próprio personagem, tomando o passo sobre o *Je*, há esse negócio, esse animal, então Kafka diz: esse objeto é a alteridade absoluta, nada a ver com o mesmo, é outra coisa, uma outra dimensão, não está na cadeia habitual. Ele diz: *não é muito complicado, eu penso, eu penso, eu penso, de acordo!* Mas, simplesmente pensando, uma bela manhã, acordo e me tornei esse objeto, sobre o qual não posso sequer pensar, sobre o qual nem pode se pensar, que, entretanto, vai determinar minha vida e minha morte. Mesmo assim, nenhuma necessidade de entrar em um hospital para aprender que o locutor está nos falando de uma experiência totalmente crucial na questão do sujeito, que é a emergência, na cultura, dessa noção. E então um tipo de corte radical que presentifica melhor a escrita de Lacan, que distingue a questão do sujeito e a questão do objeto. É verdade que, em Freud, não é ainda totalmente claro nesse momento aí a questão do Um e a questão do objeto.

Uma segunda coisa que desejaria dizer-lhes a esse respeito, no início da questão do fantasma, é também o lugar, é a comunhão significante, o lugar do gozo, é um topos, e então... Vocês observarão, se o relerem, que a metamorfose é um lugar totalmente fechado, um espaço topológico – o que conta Kafka –, é o lugar topológico fechado, e isso pode se analisar assim: tudo é apenas deslocamento, isso só conta pelos deslocamentos sob o efeito do olhar e da voz.

Vocês têm esse objeto aí, que, de repente, procura pelo olhar e pela audição, uma vez que é um animal, procura realizar a realidade que o circunda através de seus pesadelos; e, do outro lado, Kafka só faz falar dos olhares e das palavras dos outros que rodeiam a família, os outros que rechaçam e vão terminar por condenar o objeto inumano. É, assim mesmo, genial, são apenas entrecruzamentos de olhares e de vozes, com isso de fabuloso, e poder-se-á retomá-lo quando Lacan falar da garrafa de Klein como único espaço topológico, como o sujeito se debate com o significante. Ele descreve o quê? Ele descreve essa agitação desordenada desse objeto, ele vai ao teto, ele vai ao chão e, enfim, ele não pode sair desse lugar, ele não pode sair da garrafa, é o único lugar de onde ele pode falar.

Esse curso louco e essa inabilidade é de nossa vida que Kafka fala, porque é o único espaço que conhecemos. É por isso que penso que não se pode dizer que, mesmo se Lacan formaliza a questão de Freud sobre a questão do objeto, não se pode dizer que essa questão do objeto esteja, para nós, neste ponto enigmático, que não possamos falar dele uns aos outros. Está muito presente na história da clínica e está bem presente na história da literatura.

Então uma questão: – Por que o texto de Kafka envelheceu pouco, por que aí, onde Freud põe palavras que interpretam o sentido das cenas, lembranças e sonhos? Como faz Kafka para insistir sobre o não senso? Este autor israelita, Sthéphane Mosès, diz isto: *A verdade é que a metamorfose de Gregor em inseto o aliena de si mesmo, enquanto que ele ainda está vivo, de uma maneira tão radical, que ela o priva do sentimento de sua identidade e, consequentemente, da possibilidade de se referir a ele como a um Eu [*Je*].* O fato de que Gregor, transformado em coleóptero, não tem mais a possibilidade física de escrever, é apenas o aspecto mais exterior da impossibilidade em que ele está de testemunhar por sua identidade. O que caracteriza Gregor é uma dissociação irredutível de sua personalidade. É essa dissociação que constrange o narrador a falar dele de dois modos separados – a essência de *A metamorfose* reside na coexistência, nele mesmo, o que foi um dia Gregor, de uma consciência. Vocês veem, é preciso lembrar-lhes Lacan: os dois imaginários, imaginário de um lado, imaginário desafetado do outro – de uma consciência e de um corpo absolutamente estranho

um ao outro. A ligação que une um ao outro desapareceu. Gregor perdeu o sentido do corpo próprio, sua consciência não investe mais seu corpo, não o habita mais. Ele não pode dizer, e ninguém pode dizê-lo, minhas patas, minhas mandíbulas, minha carapaça – e isso é muito bonito. Não há nenhuma palavra para descrever o trabalho do objeto, as palavras aí faltam. Vê-se bem que se cai num abismo. Creio que é porque o tema que tanto agradou ao movimento lacaniano, que é o termo da travessia do fantasma, ou mesmo a questão do passe, acho que isso subentende – que é o que causa dificuldade –, subentenderia que o analisante pudesse ser o leitor reunificado ao próprio fantasma. Essa é uma leitura freudiana. A história de pedir a alguém, o que se tinha chamado o passe, de narrar um modo de travessia, isso o submete a uma injunção que é a de resolver essa quebra interpretativa que Kafka submete nessa metamorfose. É como se se dissesse: *sabe-se bem, mas assim mesmo*. Ele vai mesmo assim nos contar como isso se passou.

Então, o objeto de acordo, mas tu tens exatamente um *eu* e então conta. É preciso que você preste atenção a este aspecto: a transformação do sujeito não tem sentido fora do relato, da transferência, da própria análise, fora do relato no qual ela se produz, isto é, que do espaço da transferência se deduz, recorta-se, uma coisa, um objeto, e é essa metamorfose, esse objeto, que explica o relato e não o inverso. Então, creio que apenas isso nos faz refletir sobre um monte de coisas que em nosso campo foram mal interpretadas, sobre essa vontade de reunir narrativamente o que tinha a possibilidade de não poder sê-lo.

O significante *ungeziefer* é a barata[26], é a barata e apenas esse significante aí, vez que é aquele que se utiliza – vocês sabem que Kafka tinha interditado que se representasse uma barata, ele se opunha a que, na edição, houvesse a representação da coisa. Na época, era moda colocar, nos livros, gravuras graciosas, e é, então, na *Carta ao pai*, que vocês encontrarão o traço dessa barata, isto é, que o significante tem seu traço, o que eu lhes dizia há pouco, o que marca a criança definitivamente em seu corpo; o significante vocês encontrarão o traço dele.Vou fazer a leitura disso rapidamente. Kafka traz isto: carta a seu pai, 1919, é o pai que fala a seu filho:

> *Há duas espécies de combates, o combate cavaleiresco, onde as forças de dois adversários independentes se medem, cada um permanece único, ninguém ganha sozinho, e há o combate da barata, que não apenas pica, mas que suga também o sangue para se manter viva, é o verdadeiro soldado profissional, e veja,* aí, o que você é![27]

---

26 No original, há um jogo de palavras: *cancrelat* [barata], *cancre-là* [aluno preguiçoso e nulo]. (NT)

27 Kafka, Franz. *La Lettre au père.* Paris: Ed. Folio.

Vejam a palavra do pai dirigida a um filho.

PARTICIPANTE: – É simpático.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Não, não é apenas simpático (risos), vocês entendem definitivamente o quanto, para essa criança tornada adulta, a criança tornada o adulto que nós somos, o quanto estamos sob o jugo da barata – vejam o objeto, o objeto que é tecido por essas palavras. Então, isso é muito importante, que o esquema narrativo aí felizmente fracasse em unificar – há carroças de trabalhos sobre Kafka –, o esquema narrativo sempre fracassou em unificar as interpretações possíveis. Há interpretações políticas, sociais, de Kafka, eu diria até que há muitas interpretações psicanalíticas porque o trabalho de Kafka é abarrotado de referências analíticas, muitas cenas incestuosas, cheio de coisas tolas, cheio de referências explícitas a Freud, à teoria de Freud sobre a sedução, sobre o incesto – em *A metamorfose*, aliás –, é o que faz com que os equívocos sejam tais, que se pode ler Kafka, às vezes, num riso incontrolável. Eu, a maior parte do tempo, com lágrimas. Há um tipo de equivocidade que permite ser recebido ainda hoje de modos extraordinariamente variados.

A questão do significante, da letra, vejam, única saída do caminho associativo. é o quê? Algumas dessas letras que foram recebidas pela criança como mensagem de amor ou de ódio, em francês *cancre-là*[28], vê-se imediatamente que todo trabalho significante é bastante rude. Então, a criança percebe muito bem qual é a mensagem que ela recebe do outro.

Termino com isto – Valentin, tu estás aí? Valentin tinha me dito, depois da minha exposição da vez passada, tu forças um pouco a rolha. Não é falso, mas Lacan diz que fantasma e pulsão não são tão desligados assim... Bom, a meu ver, sim e não. É como sempre, creio, e eu lhe disse não, por quê? Porque o punção do fantasma, as dimensões lógicas complexas que ele revela,vai bem, bem além da questão simplesmente da gramaticalidade. Há um aspecto comum, mas que não se resume a isso. O fantasma joga com signos bem complexos para o espírito, da inclusão, da exclusão – e até mesmo nas campanhas eleitorais se sente isso, o quanto isso cai das mãos quando se fala até entre psicanalistas. Somos reduzidos a sistemas de signos quando falamos. inclui-se, exclui-se, num modo que não é nem mesmo fantasmático.

Não se pode compreender isso pela pulsão, apenas um trabalho lógico pode fazer compreender uma fórmula complexa na clínica, que é aquela da denegação, por exemplo. Como se compreende esta frase aparentemente simples: *eu sei, mas mesmo assim*? É considerável. Gramaticalmente é bobo, é uma

28 Ver nota 26 acima.

lógica bem complexa do punção. Freud diz: *Eu sei que minha mãe não porta o pênis, mas* – é aí que Freud é sutil, eu não vou dizer que é semelhante, mas, por minha mostração, vejam, ele passa para um plano outro da construção. Por isso que mostro, eu digo o inverso: o *mas mesmo assim* está em um outro nível, é a mostração que nega a castração. Em matemáticas lógicas, eu sei, é uma forma de inclusão, admito que está no interior de alguma coisa.

Ao mesmo tempo, nesse movimento, eu junto e eu disjunto, mas, mesmo assim, então isso não é um trabalho gramatical estrito. E é por isso que me permito lembrar-lhes de que essa questão do fantasma está muito mais ligada do que cremos, ordinariamente, à representação que temos do mundo, no sentido em que o entendemos quando falamos de nossa história. Não se pode convocar a questão da pulsão quando vocês leem artigos sobre a leitura fantasmática da *Revolução Francesa*. Toda a história da *Revolução Francesa*, todo o seu trabalho de leitura, toda a leitura que fazemos disso, sobretudo das crianças francesas, para as crianças fora da França, eu não me dou conta, elas não têm, sem dúvida, a mesma polaridade fantasmática dessa história. Em todo caso, este lugar fantasmático da *Revolução Francesa* é apenas um negócio de leitura de junção e de disjunção para toda a criança. A revolução são as lentes com as quais ela lê o conjunto da história moderna. Para cada um de nós, todo o processo dos universais, todas as metáforas sobre a liberdade, a igualdade, a fraternidade, até a democracia, a justiça social, tudo é lido, tudo é crivado, através disso. Tudo isso não é das questões da pulsão, é das questões do punção.

Relia com prazer – de passagem, agradeço a maior parte dos materiais que frequentemente devo a meus pacientes. Tive, por acaso, pacientes, uma em particular, que traz trabalhos de história sobre a *Revolução Francesa* – e eu relia François Furet, falava-se muito disso recentemente na imprensa. Pode-se dizê-lo, de maneira simples, François Furet dizia, em um momento da história das ideias, *Meu Deus! Será que se pode, será que tenho o direito de separar 1789 e o Terror? Isto é, isso que tomo habitualmente por uma conjunção, um punção, será que meus trabalhos, minha maneira de apreender esse fantasma, será que posso autorizar-me a disjuntá-lo um pouco?* É a questão que ele colocou na época. Não era a única. Falei depois com meu analisante e ele me disse – é preciso prestar atenção –, mas pouco importa, a questão permanece assim mesmo, isto é, vocês têm sempre que fazer pelo fantasma uma leitura em bloco da vida. As coisas são sempre tomadas em bloco, sobre um modo evidente, sintético, narrativo, um esquema, uma cena, e então François Furet dirá: *Sim, eu não quero mais ler a revolução através desse catecismo unificante – e então ele faz um trabalho simplesmente que é um trabalho disjuntivo, ele trabalha sobre o punção, ele diz: Eu disjunto a Revolução do Terror.*

O fantasma não é mais exatamente o mesmo, o olhar muda até para os historiadores _ 1789 permanece, efetivamente, de uma maneira freudiana, a cena original. É aí onde se inscreve um tipo de nascimento da universalidade da lei e até quase do indivíduo no sentido moderno. É por isso que mantenho essa ideia, penso que esse nível de trabalho sobre a questão da pulsão não está no nível de trabalho do que se pode produzir em nível do trabalho sobre o fantasma. Do fantasma que parece totalmente, singularmente, não originar senão o saber do gozo e do sexo e que, é claro, é isso. E é igualmente a partir dessa trapeira que se lê toda a visão do sujeito, de seu mundo, de sua realidade, de sua política, e é por isso que tocar molecularmente em uma ponta do punção tem igualmente repercussões nas leituras sociais e políticas mais vastas. Então, eu me sustento muito nessa separação e no grafo do desejo. Não é por nada que Lacan coloca isso em outro lugar, é preciso fazer já um pedaço de percurso para chegar a essa questão. Vejam, não são questões de doutrina ou de teoria clínica. Sei bem que numa cura a gramaticalidade liga, forçosamente, essas duas bordas.

Não penso verdadeiramente que se possa convidar um historiador da Revolução Francesa, hoje, e falar seriamente com ele de suas leituras, das leituras modernas da revolução, a partir da questão da pulsão, enquanto que a questão do punção, isto é, do olhar simplesmente que temos sobre a vida, suas metamorfoses, isso creio que implica o historiador, como historiador da alma que somos.

É isso aí. Paro aqui por hoje.

Lição VI

21 de abril de 2007

próximo ano conservarei a temática do fantasma, porque o que se faz em escolar vai muito rápido. Não lhes darei instruções para amanhã! Sei bem isso que vocês esperam, e eu diria até que o tempo das eleições se presta questão esclarecida pelo fantasma, porque se está em um momento das elei- em que a razão razoável é do discurso, do saber, do pensar correto, e penso vocês o experimentaram como eu nas noitadas amigáveis, há pouco. Sente-se que, nesses momentos aí, as coisas se fecham novamente sob a injunção dos significantes – esquerda/direita, direita/esquerda –, não há muita diferen- mesmo para os colegas inspirados pela questão da lógica fantasmática. E gosto desse tema porque o saber, que, por definição, sabe tudo – como diz Lacan, samente, e é esse o interesse do fantasma –, não sabe nada da questão do do fantasma, o qual é, contudo, o motor de nossos medos, de nossas vidas, nossas opiniões, de nossas escolhas. E é por isso que, em um período em que preciso escolher à força um discurso, a pequena aeração dada pela questão do tasma me parece, em todo caso, em nossas relações amigáveis, boas, mas não São momentos onde se levam muitos golpes.

Então, queria agradecer inicialmente. Tento fazer desse seminário um semi- de pesquisa e felizmente alguns me enviam *a posteriori* observações ou ções de leitura. Guilaine Labaume, que me fez conhecer um autor que eu conhecia, que se chama Robert Walzer, que é um autor suíço nascido em em 1878, e ela me emprestou três livros, é um autor bastante intrigante. tem uma escrita de uma fantasmagoria bastante próxima daquela de Kafka, engata no real, é um precursor da obra de Kafka, com um tipo de escrita que se aproximar disso.

Em um dos livros, há um prefácio muito bonito de Mark Robert, da Gallimard, lembra a doença mental da qual sofre esse autor. Ele sofria de uma dificul- que eu tinha assinalado em Kafka, que era a sua recusa de estar limitado palavras dos outros, a tal ponto que até o elogio discreto de um amigo podia -lhe intolerável. E vocês se lembram de que o que me tinha surpreendido em

Kafka, e que era notado por aqueles que o conheciam, era o sentimento de viver permanentemente por trás de um vidro, isto é, ele não estava conectado, enfim, ele é um autor que morreu louco. Kafka sofria de alguma coisa que se vê na clínica, de não conseguir ultrapassar o espaço que nos separa do outro e então de receber os testemunhos amigáveis, mas tendo o sentimento de que há um véu vitrificado, alguma coisa nos separando dele.

Ângela Ferretto me lembrou, a propósito de Kafka, de uma obra da qual os colegas tinham falado no Brasil, que é *A paixão segundo G .H.*, de Clarice Lispector, *La passion selon GH*, nas edições de Femmes, e que é um belo... que é a história bastante complexa, bastante clínica, do que se poderia chamar um momento de *despersonalização*, de desrealização, narrado por uma mulher, e que é, provavelmente, imagino, um piscar de olhos na obra de Kafka sobre a metamorfose, pois, no último tempo dessa despersonalização, essa mulher se obriga a engolir uma barata. Aliás, a gente sua um pouco quando lê isso, pois ela descreve de maneira meticulosa o momento em que crê ter que engolir esse objeto, ignóbil, de alguma forma, e, então, é descrito bem longamente. É interessante. É a versão feminina da despersonalização, é um testemunho escrito interessante, a própria autora diz isto de que lhes falei – é a *despersonalização* – e há um dos parágrafos em que ela dá sua opinião sobre a despersonalização. É uma referência importante para aqueles que não o leram.

Tive uma palavra à qual responderei, se tiver tempo, pelos exemplos de trabalho clínico com crianças, de Catherine Princelle, que me comunicou observações inteiramente justas sobre a clínica da criança e sobre a possibilidade de jogo metafórico ou não, no trabalho que fazemos com as crianças reputadas difíceis, hoje. Isso me deu a ideia de falar-lhes de três pequenas vinhetas que têm a ver com a questão da metáfora e com uma questão bastante complexa em Lacan, que é aquela do pai morto. Vamos ver isso.

Às vezes, os colegas, no *a posteriori*, dizem que, ao longo do caminho, se perde [-se] o fio da questão que se deseja tratar. O fio da questão que tento tratar é bastante simples, mas é fácil de perder... Meu fio é RSI, o que Lacan e Freud chamam o fantasma. Vejam meu fio. É aquele que lhes dei de início, isto é, de tratar a questão do fantasma nessas três dimensões. Não é simples destacar permanentemente como esses três fios se enodam. Estamos, frequentemente, no melhor dos casos, sobre duas bordas. É muito difícil tratar dos três fios ao mesmo tempo, mas as indicações estão aí.

Primeiramente, o que parece simples, mas que não o é para mim: que fazemos nós do imaginário no fantasma? Não é simples nas análises que conduzimos hoje

tal como é a psicanálise hoje, a maneira que tratamos dos cenários imaginários do fantasma. Em Freud está bastante claro. Ele tinha uma posição de investigação. Freud é a polícia do inconsciente. Então Freud diz: *houve isso, seguramente, e vou dizer-lhes por quê.* Então, inevitavelmente, ele recai sobre as duas ou três cenas que marcaram para a criança sua entrada na linguagem e, sobretudo, no gozo, a questão da sexualidade.

Mais uma vez, o que se tem dito hoje: – Sim, mas não será que tudo isso subentende que não fazemos mais nenhum caso do imaginário? Que, tachando-o de imaginário, consideramos que essas cenas, quando, por exemplo, um paciente nos traz uma cena dita primitiva, uma cena de preliminares, uma cena de sedução, quem sabe, digamos, no melhor dos casos, é uma construção? Senão é um deslocamento, no fundo, como se, ao dizer é imaginário, se fizesse perder toda a importância da questão do cenário. Frequentemente, em nossas próprias palavras, aliás, quando dizemos *imaginário*, tem um pouco esse lado pejorativo, como se o único material que valesse fosse o significante enquanto tal, o simbólico purificado. Mas não é certo que isso seja justo. Se vocês prestam bem atenção, posso dar-lhes em confidência um pequeno índice. Por exemplo, na sexualidade do jovem adulto, é provável que certo número de cenas ditas primitivas – quer elas sejam narradas, construídas ou reais, isso não tem importância –, serve de apoio a sua entrada na sexualidade; e falo não da criança, falo do adulto, confrontado com o nascimento, para ele, das questões de sexualidade. Frequentemente, ele vai apoiar-se no que lhe falta, no que lhe faz sintoma, falha, às vezes, inibição, e ele se faz o eco pelo fato de que terá encontrado tal cenazinha, onde? Em seu modo de vida, em qualquer lugar, mas certamente servirão de apoio na sexualidade desse jovem, menino ou menina. Então, não se pode desconhecer totalmente a maneira como cada um, por sua própria ultrapassagem, sobretudo concernente à aprendizagem de sua sexualidade, vai encontrar no apoio necessário aí, inclusive, no que chamamos de imaginário. O que lhes digo não lhes é totalmente desconhecido. Vocês veem em sua vida, na vida daqueles que lhes cercam ou naquela dos pacientes que querem levar bastante longe a análise. Eu dizia dos adultos jovens, mas isso pode ser tardio. A meu ver, a questão da cena das cenas não é uma coisa que seja fixada absolutamente pela idade. Qualquer um pode ultrapassar sexualmente alguma coisa tardiamente, em nome daquilo que teria sido animado ou reanimado, Um (?) que não teria sido permitido antes. Então, essa é a questão do imaginário que deixo para a apreciação de vocês.

Havia a segunda questão, que é o que chamamos frequentemente, com rapidez, o reino do gozo, isto é, vocês sabem muito bem, o fantasma permite determinar a forma singular do gozo com o qual um sujeito é atingido. Tomarei o exemplo

de Freud, o mais complexo, que é o do Homem dos lobos. No Homem dos lobos a questão do gozo não é simples. Não há sequer palavras em francês para falar de um gozo que seja tomado entre o olhar e a mucosa intestinal, tal como ele o descreve. Não há sequer palavras para descrever isso! É sua forma de entrada bem específica no gozo e, se está com dificuldade para decidir, caso se trate de um gozo fálico ou de outra coisa – o que é, aliás, admirável e que fez a polêmica dos analistas. Alguns falam disso como de uma neurose obsessiva banal, outros como de uma psicose. André Green, no Instituto, fala disso como o caso paradigmático dos estados limite, etc., etc. Isso mostra bem que a topologia desse gozo permanece ainda hoje (enquanto ela é descrita clinicamente) inominável. Isso é o real do fantasma, isto é, como determinar a forma singular tomada pelo gozo no trajeto de um sujeito.

Como qualificá-lo, será que as palavras que temos: gozo fálico e gozo Outro servem para qualificá-lo? Sim e não, só temos os dois por enquanto. Vocês veem imaginário, real, aí os pego pelo avesso e depois alguma coisa que é mais nossa comumente – se bem que, que seja o impacto das palavras, dos significantes sobre o corpo e o destino –, então, sabe-se, sendo tudo dubitativo diante dos exemplos que a vida nos dá, fiquei escandalizado... Quando vocês leem a *Carta ao pai*, de Kafka, quando Kafka narra, o quanto em criança, o fato de que seu próprio pai o tenha tratado por barata, explicando-lhe que a barata era esse matador sem alma impessoal, é surpreendente a força injuntiva de uma frase sobre o destino de uma criança e de um homem. Crê-se nisso sem crer. E vocês se dão conta do que é a sequenciazinha? Ele o traz como uma conversaçãozinha à mesa. Seu pai o assume com este significante: *tu és apenas uma barata*. Essa palavra encarcerada na carne de Kafka vai fazer todo o seu drama e talvez também sua genialidade provavelmente.

Não se mede bem o impacto, sobretudo em Lacan, é a ponta dianteira, mas não se mede bem o impacto do significante sobre o corpo, crê-se nisso sem crer. É preciso que, por força, um paciente nos reconduza esse material, ou na literatura, às vezes, isso acontece.

Então, vejam os três fios que eu guardava este ano: como fazer funcionar Real, Simbólico, Imaginário, concernindo à questão do fantasma, sabendo, que, para mim, os três continuam operando? Não é evidente tratar-se nem do imaginário, nem do simbólico, nem do real, ainda que isso permaneça, no campo lacaniano, o que parece ser o mais adquirido.

Habitualmente o fantasma, tal como o visualizamos, sobretudo a partir dos exemplos freudianos, numa análise, nós o pensamos, de bom grado ou à força

pre como alguma coisa que é do espaço privado parental; todos os exemplos assam no interior de um espaço, que é o privado parental, quer sejam cenas ais, cenas traumáticas, cenas de sedução, cenas com o pai, etc... ou os equi-ntes, é claro. Enfim, pouco importa.

Ai eu falava de Kafka, mas o horizonte do fantasma permanece, para nós, até resente, a questão – para dizê-lo de uma maneira simples e atarracada –, da ília burguesa. É assim que Freud trama o fantasma.

Das duas vezes precedentes, eu tinha tentado indicar-lhes que, quando La- diz *no lugar de dizer cena, vou dizer lógica*, inicialmente, ele diz *lógica do asma* e, sobretudo, propõe alguma coisa que vou tentar desdobrar. Queria vidar um estudioso de matemática, mas poderíamos falar com Perla sobre um dia: a história do punção, é muito interessante a história do punção, cuja strução Lacan propõe. Eu tinha tentado indicar-lhes o quanto o punção era um de construção lógico-matemática, na qual estavam operando quantificadores modernos e que, de certo ponto de vista, a lógica do fantasma, pelo punção, pode-se dizer assim, provavelmente, para uma dimensão social do fantas- e eu tinha tentado indicar-lhes, no início do ano, que a passagem às questões direito do corpo, a questão que os jovens dizem agora *devem-me*, mais que *em-me*, toda essa lógica moderna do gozo, bem, pode-se pensar a partir da estão do punção, é construível esse aspecto social em transformação. Aliás, nossos olhos, tem-se dificuldade de fazer a volta; esse aspecto social, propo-ional, dos gozos, integrando-se à lógica fantasmática, é trabalhável a partir da aneira como Lacan o escreve.

É mais fácil integrar essa parte social do fantasma e, penso, é nossa contribuição, ando falamos de clínica antiga, moderna, isso, aquilo... Provavelmente estamos um momento que não é fácil porque não é que tenhamos deixado o horizonte miliar. Nenhum de nós aqui pode dizer: bem, fiz totalmente meu luto do hori-nte fantasmático familiar, do fantasma. Não o creio. A questão não está aí. A estão é saber qual é a parte, não fácil de situar hoje, entre esse horizonte que stava a portas fechadas no trabalho de Freud e que parece, hoje, que é um espaço uito mais aberto ao discurso ambiente.

Então, é um trabalho que vou tentar prosseguir com prudência, trabalhar com os xemplos, tais como nos chegam, ver como as coisas estão enodadas, e creio que odemos, em nossas próprias análises, encontrar neuroses bem clássicas e que não ão senão as crianças dos *psis*, que elas a princípio só são fabricadas por clínicas adicionais! Mas veem-se, assim mesmo, mesmo nos pequeninos, neuroses cons-tuídas de maneira clássica e depois há estes outros materiais que parecem com a

junção de outra coisa, nos quais a dimensão social parece prevalecer sobre o espaço privado, tal como Freud falava delas. É preciso abrir essa questão.

Devo partir de duas ou três dificuldades, como se diz, de *doutrina*, e, enfim, a doutrina não é senão a práxis. Há um seminário, que tratamos este ano, para o seminário de verão: *O avesso da psicanálise*, um fio que não se rompeu desde o ano precedente, em que se tratou de *De um Outro ao outro*, um fio bastante complexo, que é a aproximação que Lacan faz há dois anos entre três termos que concernem à questão do fantasma, mesmo se ele não o diz nesse momento aí. E os três termos são: *o saber*, *o gozo* e o *grande Outro*. Lacan frequentemente procede assim, ele traz palavras que faz covariar, conjuntamente, e sem se explicar sobre essa covariação, e propondo fórmulas bem complexas, que, às vezes, seguem de um seminário ao outro, não se está quites no fim de um seminário. Ele continua.

Então, o saber – vejam! – já há palavras que se podem associar: o saber... o gozo e o grande Outro. Pode-se dizer que já em Freud o fantasma é um modo de saber sobre o gozo do Outro?

PARTICIPANTE: – A mãe.

– Sim, por exemplo, e, ao mesmo tempo do pai, então, o gozo do Outro, mas igualmente de um Outro ao outro, uma vez que isso faz retorno sobre o próprio sujeito. É preciso saber parar um pouco, pois, quando é simples demais, há uma dificuldade que nos escapa. Lacan diz isso e ao mesmo tempo, está em seminários hiperlógicos, em seminários logicizados e, no mesmo lugar, nos mesmos anos, Lacan se serve do termo *Outro* como um lugar; ele diz: é preciso vocês fazerem *disso um lugar vazio*. Vocês se lembram disso, isto é, no mesmo momento, a questão do Outro é tratada da maneira mais radical possível, como um lugar, e ele diz mesmo como um conjunto, como um conjunto vazio. Lugar de onde um apelo é dirigido ao sujeito, então, pode-se pensar em um apelo que lhe vem. E é esquerda/direita, direita/esquerda, vocês veem, um apelo é lançado ao sujeito com isso que é muito importante, e nós não estamos bastante atentos para isso em nossas discussões sobre isto: é que o grande Outro, para Lacan, não é nunca tratado como um Um. Ele insiste muito, nós mesmos, quando falamos, não cessamos de tratar a questão do Outro como do Um. Não há esquerda sem direita. É difícil dizer: *Não! Um!*

Ele escreve o conjunto Outro, ele faz um Um parêntese, no parêntese ele escreve: Um novamente, vírgula, conjunto vazio, $1(1, \varnothing)$, uma escrita purificada da definição que ele dá do Outro, como conjunto Outro mínimo. E aí estamos, no mesmo momento, bastante distanciados das questões, de se indagar o que é a

zo, do saber, porque o que preocupa Lacan nesses momentos aí é dizer: *mas quando o Outro, tal como eu defini para vocês, de maneira matemático-lógica, a condição necessária é que um entalhe se inscreva, um único entalhe, condição necessária para que o sujeito aí se enganche*. Vocês se lembram, trabalhamos isso no ano passado, mas é verdade que a gente se esquece rapidamente quando se passa de um seminário ao outro, sobretudo as coisas que foram deixadas um pouco na sombra. Mas essa questão é tratada no seminário do ano passado e, notadamente, bem no início, ele começa o ano com as mesmas questões, as mesmas palavras, a mesma topologia no seminário que teremos que tratar neste verão.

Então, vocês veem que Lacan em um primeiro tempo nos diz: *eu lhes dou três termos, vocês os enodam juntos: saber, gozo, grande Outro, primeiro fio.* Segundo fio, que ele trata aparentemente, separadamente, é no estatuto lógico da questão do Outro, um conjunto vazio no qual vem inscrever-se um traço, um entalhe, bateria mínima na escrita de um mínimo, em que ele lembra: um significante vem sempre chamar um outro significante e, nessa repetição significante, o sujeito está sempre como efeito, excluído desse conjunto do Outro. Ele não pode aí identificar-se. Então é a caça permanente, significante por significante, o sujeito não pode ser identificado no lugar do apelo. Então, como Lacan vai trazer esses dois fios, aparentemente, totalmente disjuntos pelo pensamento? Aí há um ponto de doutrina e de teoria que não é evidente. Em um momento do seminário ele vai propor dois círculos de recobrimento que vocês conhecem. Ele faz o círculo do Outro e, ao lado, o círculo do saber, e faz uma zona de recobrimento dos dois círculos, colocando no meio, ele sombreia o meio e diz: é o gozo sexual. Vejam a porção que Lacan produz. Ele partiu da identificação com um significante, simplesmente disso que se repete, e nesse trabalho de repetição parece que ele diz que um gozo, não sei se se pode dizer, é procurado, mas, em todo o caso, um gozo se deduz desse trabalho repetitivo, mas que é produzido, ao escutá-lo pelo trabalho da língua enquanto tal.

Mas como se pode escutar isso? Não é misterioso. Basta-lhes escutar – retomo o texto canônico –, pode-se escutar, por exemplo, se se diz *bate-se*, vocês sabem o texto freudiano *Bate-se numa criança*, basta vocês repetirem: *bate-se*, *bate-se*, *bate-se*, é a pancada, isso martela, partindo do *Bate-se* que não se pode escutar senão como essa pancada pura, a repetição de uma pancada, e, no fim do percurso, como o gênio de Freud mostrou, a gente se encontra com outra frase que não é inteiramente a mesma, que é então: *Eu sou batido*. O que é que acontece de misterioso entre essas duas frases? Não é grande coisa a mais, senão que, entretanto, a sexualização da criança, e é a aparição de uma forma de gozo provavelmente pelo viés da palmada e disso que ela está vendo.

Voltando ao exemplo freudiano, que está sempre por trás nesses seminários aí, aliás, Lacan o diz, ele dá em várias ocasiões o exemplo freudiano, como paradigma, que é tecido no seminário... Ele não faz todas essas aproximações de maneira tão explícita, mas, se vocês escutam e dizem em alta voz: *bate-se*, *bate-se*, *bate-se*, de repente, isso cai: *eu sou batido*; de maneira associativa, vocês escutam bem que alguma coisa que era apenas pura batida, puro Um significante, é sexualizada nesse caminho sem outro efeito senão essa repetição. É surpreendente. Ele o explica de maneira bastante complicada em outro seminário, que retoma através da garrafa de Klein. É engraçado como ele mostra que, pela mecanicidade do lugar topológico, mesmo do recipiente, vai haver aí inversões automáticas da polaridade da frase, ligadas, simplesmente, à topologia do lugar.

Não é fácil de escutar quando Lacan diz: *o saber é o gozo do Outro*, ou melhor, diz ele outra frase: *o gozo bordeja o saber.* Insisto um pouco porque alguns amigos depois do seminário me tinham dito: – Mas você exagera, ao querer a todo preço cindir a questão da pulsão e a questão do fantasma, porque no fundo há assim mesmo todo esse trabalho da gramaticalidade operando nas duas questões, o que é verdade, a questão do punção, posto que Lacan utiliza o próprio punção para religar a pulsão. Então não se pode arbitrariamente dividir demais essas coisas. Penso, assim mesmo, que é um ponto que creio que será preciso prosseguir. Creio que há uma dimensão, não absolutamente da mesma ordem, quando estamos na passagem do plano da demanda, que se pode chamar o nível articulado da pulsão. Não é uma pulsão inespecífica, como aquela do alcoólatra ou dos toxicômanos, ou da anorexia grave; o nível articulado da pulsão – o que já é muito –, é uma coisa, mas não é o mesmo plano de trabalho que aquele que é desprendido, que é a única via que ele dá como acesso ao desejo, que está sempre em seu grafo, a questão do nível do fantasma. Queria dizer-lhes uma palavra tomando um exemplo. Não tomem o exemplo *tu és minha mulher*, ou *tu és meu homem*, que é um exemplo mais complexo. Tomem simplesmente o que vejo todos os dias em meu divã, que é a necessidade, para um jovem, de fazer a escolha de uma profissão, como se diz, o que é considerável!

Emprega-se o termo *vocação*! Hesita-se agora a empregar o termo vocação, mas um trabalho – tomem esse termo simplesmente para fixar as ideias –, um jovem que diz: - _*Eu estou na miséria, tenho vinte e cinco anos, me forçaram a fazer os estudos*... O Outro me obrigou a passar por seus significantes e onde estou eu no interior de tudo isso? Onde estou Eu? Quem decidiu? É um negócio que todos nós vivemos, é uma passagem necessária, às vezes, é a rota certa, mas recusam-na por razões idiotas, vocês sabem.

Vocês observarão, em um ponto que é bem curioso no grafo do desejo, que Melman retomou, no seminário de inverno, o tratamento do plano da demanda. A convergência no lugar da demanda não é tratada como a divergência no lugar do fantasma. No lugar da demanda, Lacan diz: é um lugar de um encontro entre uma demanda do sujeito e a cadeia significante, a demanda se constitui no apelo ao Outro, o sujeito, diz Lacan, *vai dever passar por isso, pelos significantes do Outro*. Então, para caricaturar, o pobre rapaz é de uma família judaica, vai fazer medicina ou advocacia!

O que é interessante é que Lacan diz – e vocês sabem o quanto é difícil no trabalho com esses jovens: *Não há escolha, será preciso passar pelos significantes do Outro*; contudo, com uma notícia clínica muito importante que Lacan diz nesse momento aí: *a injunção superegoica ressoa*. É interessante, hein? Vocês veem bem a distância que há, se é pensada e tomada pela criança como totalmente superegoica, ela vai fazer tudo para recusá-la, ou então submeter-se a isso unicamente a título do supereu; ela fará de forma que esse trajeto, mesmo aceito, fracasse no plano do desejo. Então, é interessante que Lacan diz os dois ao mesmo tempo, ele dá sempre algo da clínica no interior de suas definições. Não há outra escolha, senão passar pelo Outro.

Entretanto, a questão do supereu está aí por trás. Isso ressoa para o rapazinho como uma injunção. Efetivamente, escuta-se bem como frase gramatical: *eu me pergunto o que tu queres*, *eu te pergunto o que eu quero*, enfim, todos esses jogos formidáveis na língua francesa. Escuta-se exatamente o sujeito apenso a respostas que lhe vêm do Outro e que vai procurar no Outro a força, ao mesmo tempo, de seu caminho, de sua aceitação, ou de sua recusa.

É interessante, no grafo do desejo, no lugar dessa demanda, Lacan vem indicar que todas as funções são convergentes. Alguma coisa nesse momento de aceitação vai fazer conjunto Um para o sujeito: *sim, será médico ou advogado*. Há um tempo em que essa significação vai ser fechada, vai ser igual a ela mesma, isto é, em que o ato será igual à própria palavra.

Não há muita distância entre o significante, sua aceitação e o estado das coisas e Lacan não para aí nesse trabalho; ele não dirá que o fim do fim é um momento de estruturação. Como vocês sabem, ele dirá que a questão do Eu [*Je*] escondido, que era velado por trás desse trabalho dialético, não está nesse lugar. Ele dirá que será preciso ir procurar a questão do Eu [*Je*] do lado da parte esquerda do grafo, do lado do fantasma, e é nesse lugar que se separam, então, radicalmente, o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. Vocês sabem, no lugar do fantasma, ele faz duas retas divergentes, uma em direção a s de A, significação concedida à

palavra do Outro, e a outra, que é muito mais enigmática, que é S de A barrado. e aí tem uma fórmula: é o círculo que é traçado sem poder ser aí contado, impronunciável.

Sabe-se bem por que esse pequeno guri que aceitou fazer seus estudos de medicina, a questão de seu desejo lhe virá ao longo do caminho efetivamente. Seu enunciado *Eu sou médico* nunca dará conta de sua enunciação, e, mesmo que ele tenha os títulos de sua função, isso não dirá nada do tipo de desejo de médico que ele encarna. Então é um plano bem outro. E sobre isso Marcel frequentemente tem feito reflexão, quando se sonha, me acontece ainda vinte anos mais tarde sonhar que eu tenha fracassado em tal ou tal unidade, necessária para o concurso de medicina, e isso, esses sonhos mostram bem a distância entre a função, a significação e o desejo que estava incluído. Isto é, que há uma distância que é considerável, não simplesmente a resposta à demanda do Outro. E Lacan dirá – isso eu também lhes dou como dificuldade, é uma dificuldade interessante para nosso trabalho sobre a metáfora – diz ele, esse lugar, esse círculo traçado sem poder aí ser contado, o impronunciável, é igualmente o lugar do pai morto na análise.

Vejam, então, aí tomei o exemplo de um trabalho, de uma vocação, que parece simples, mas que é abominavelmente complicada, essa passagem. Apesar de não ser da ordem da escolha sexual, a escolha de um trabalho para um jovem estabelece, entretanto, todas essas categorias, para retomar minhas palavras de início. Vê-se bem que todo esse saber acumulado, concernente a essa escolha – pode-se dizer, em suma, é uma enciclopédia o saber médico –, mas todo esse saber não saberá nada para esse menino ou essa menina, do pequeno a que vai animá-lo. Esse saber que sabe tudo, não sabe nada da apreensão fantasmática desse pequeno.

Então, creio que esse é um plano que precisaria que se retrabalhasse. Não semelhante quando Lacan assinala que se está em um momento que é convergente, em que vêm convergir as linhas de forças. O interesse do plano fantasmático é que, nesse momento, as linhas divergem, elas são inconciliáveis; não se pode ter a verdade e o saber. Não é possível. É por isso que sustento, não são absolutamente as mesmas dimensões de trabalho que são convocadas quando estamos na articulação da pulsão, da demanda, quando passamos numa análise ao plano do fantasma, ao plano do desejo, ali onde o sujeito não pode mais fazer corresponder seu enunciado a sua enunciação. Isso não é mais possível. Evidentemente, isso tem a ver com a gramaticalidade das frases, pois não há outra escolha senão dizê-lo: *em gramática, isso não tem nada a ver com o plano da consagração do que se chama um Eu [*Je*].*

Queria esclarecer para vocês. Isso pode parecer, como sempre, com Lacan

questões eminentemente teóricas, porque, às vezes, o que se passa com Lacan é que esses paradigmas são densos e duros, então, por vezes, tem-se dificuldade em desdobrar a frase; quando é cristalina, não se sabe como desdobrá-la. Mas, se olharmos aí com atenção, a maneira como Lacan trabalha é a de tentar nos remeter a sua clínica, a exemplos clínicos, e eu os tomei, expressamente, para que isso não permaneça abstrato para vocês, três incidências do que podia ser o mais inaudível em Lacan, que é a questão do pai morto. Frequentemente, diz-se pai morto, pai morto, não se sabe mais o que isso tem a ver na vida das análises e dos viventes. Vou tomar para vocês três incidências que não são as mesmas, que são: a incidência de uma morte simbólica; a segunda concernirá a um luto e, portanto, não à mesma morte, e o terceiro pequeno exemplo, justamente essa fábrica do fantasma de hoje, um tipo de morte que não se esperaria, um tipo de morte ligado à foraclusão que a ciência opera no domínio da filiação. Um exemplo que creio que já tinha evocado, essa criança, cujos sinais identificatórios eu tenho, talvez tenha sido verdadeiramente sobre esse gênero de casos que Sarkozy foi um pouquinho leve.

Então o jardim da infância – isso são sinais identificatórios –, é rapidamente ultrapassado pelo estado da criança que tem cinco anos e faz apelo, em janeiro de 2005, a uma médica PMI[29] do bairro, onde foi atendida várias vezes. Ela assinala a agitação extrema dessa criança, que se pode chamar S, em certos momentos, com atos rápidos de violência incontroláveis, a partir da menor frustração. E então a diretora do jardim da infância escreveu ao inspetor da Educação nacional para dizer que sua instituiçãozinha estava em perigo. Ela assinala que o estabelecimento já tinha sido constrangido a modificar toda sua organização, que crianças tinham sido enviadas a seus pais com o rosto coberto por unhadas - isso não era agradável efetivamente –, e que os adultos que tomavam conta dela tinham sido eles mesmos feridos, querendo acalmá-la. Então, vocês veem, é o paradigma bem clássico do pequenino agitado de cinco anos, do qual se fala nos jornais e que nos chega à consulta e o que tinha – enfim, resumo para vocês o negócio –, ele tinha permanecido um momentinho em consulta comigo, um pouco agitado. É difícil, no grupo de observação que temos para os pequeninos, onde vários terapeutas se ocupam conjuntamente de várias crianças. Ele não era violento – é preciso dizer por que frequentemente na escola faz-se o reflexo de coisas bastante duras, bem violentamente agressivas. Pode-se dizer que as coisas iam até esse ponto de paroxismo no próprio lugar de cuidados.

Era um garoto, não se podia fixar seu olhar, ele não parava sentado, não

29 *Protection Maternelle et Infantile,* unidade para atendimento a crianças pequenas.

respondia à interpelação, ele se agitava. O tempo passa e então a colega em sua correspondência me dizia: - Mas como é que o analista praticante faz apelo à metáfora? Como se faz apelo ao simbólico? Eu não sei como! Claro que o tempo passa, e um dia essa criança chega a meu gabinete, excepcionalmente, para ficar diante de mim, os olhos diretos nos olhos – o que era impossível –, e essa criança de cinco anos me diz: – *Teu papai morreu também?* Uma frase totalmente articulada, dirigida, endereçada. A criança estava verdadeiramente presente. E, então, depois de um momento de angústia e de pavor, eu me autorizei a esta fórmula, eu lhe disse: – *Escute, quanto ao meu próprio pai, sim, mas quanto ao teu, penso que ele não morreu (porque eu já tinha dados de seu dossiê), ele partiu; já que é um pai, isso acontece assim frequentemente, que tenha deixado a mamãe, que, alguns meses depois da gestação, ele tenha ido embora.*

Então, era uma criança que não era sem pai, no sentido próprio; ela o via de tempos em tempos, mas não muito. Então, quando a colega me pergunta como fazer apelo à metáfora, eu não sabia nada de como fazer apelo à metáfora. Mas acontece que a própria criança encontrou a força, ao final de certo tempo de repetição, mas de repetição de um não sei o quê, porque ela vinha justamente marcar sua presença junto a mim e, sobretudo, junto aos meus colegas menos embaraçados que eu com as crianças pequenas. Ela vinha escandir uma coisa, ela repetia alguma coisa da qual não se sabe mesmo se isso valia por um traço significante.

De repente, alguma coisa articulada, metafórica, terrível, tocando já na questão do pai morto, vem a ser dirigida ao Outro, e devo dizer que, na resposta, a *a posteriori*, eu me dei conta de que sua questão estabelecia o dispositivo que Lacan descreve como a transferência, isto é, os lugares *a-a*', mas, ao mesmo tempo, a questão do Outro. É por isso que me obriguei a responder-lhe sobre meu próprio pai e, ao mesmo tempo, produzir para ela uma resposta de um lugar outro. Foi ela que a produziu, não eu! Eu nunca teria podido lhe falar desse modo sem conhecer sequer sua história.

Então essa criança, à sua maneira, produz alguma coisa que, de repente, faz apelo à metáfora, a esse lugar enigmático, de um saber esburacado, sem nome, onde a metáfora do pai morto é convocada. É uma criança que se revelou, posteriormente, muito mais fácil na continuidade do processo – não é a magia da psicanálise, não quero dizer... Isso não foi catártico – podem acontecer nas análises efeitos catárticos, aqui não posso dizer isso. Houve essa sessão, mas, enfim. Bom, mas é uma criança que a seguir teve relações de transferência bem equilibradas junto aos colegas, junto a mim também, o que teve um efeito de retorno sobre sua mãe, que é muito dispersa e difícil.

É preciso prestar homenagem a Bergès, é que as coisas se passaram em uma nova letra: no momento em que ela entrou na escrita. Isso teve um efeito de sedação maravilhoso. Então eu a revi depois, ela chegava com um sorriso, maravilhada com os caderninhos da escola. Ela tinha adquirido, evidentemente, um verdadeiro prazer pulsional de entrar na questão da letra, o que Bergès refere muito. É verdade que a questão da letra a tinha feito passar a outro estágio do trabalho.

Vejam, então, para retomar as coisas por certo lado, é preciso prestar atenção a esse tipo de criança, porque não é mais *bate-se numa criança*; hoje é *avalia-se uma criança*. Vejam o fantasma concernindo aí a esse tipo de criança – aliás, é o que levou Melman a reagir no *Le Monde* –, estamos no fantasma, precisamente: só se faz avaliar – avalia-se uma criança com todo esse jogo totalmente escandaloso da não diferenciação, em francês, entre a prevenção e a predicção.

Deve-se considerar que o que havia por trás, em um pequeno violento assim, deixa-se marcar com os estigmas de um futuro delinquente. Em todo caso, é para ressaltar para vocês – não se vai entrar nos debates políticos –, que é uma clínica inteiramente nova, e por quê? Porque, segundo meus colegas, não se viam estes pequeninos excluídos do maternal, há alguns anos. É também recente essa agitação agressiva desordenada da criança bem pequena. Essa é a primeira coisa. Está-se um pouco em pane, ao avaliar os fatos clínicos com os quais se tem a ver, e o que é interessante é que se está no limite de um tipo de fantasma científico, que é a avaliação. Isto é, não se deixa lugar para a metáfora, entre *bate-se* e *avalia-se* não há tanto a ver. Avalia-se. É a lógica do fantasma codificado, não é mais um fantasma, absolutamente. Entretanto, numa clínica que parece totalmente contemporânea, esse garoto faz apelo à metáfora das metáforas. No seio de tudo isso esse garoto diz: – *sim, mas papai morreu, enfim, se posso dizer.*

Vejam, anda-se pisando em ovos porque, se vocês o tratam como uma clínica totalmente nova, vocês dizem: – *bom, vejam, é preciso tratá-lo*, e *sim* e *não*, porque, ao mesmo tempo, o coração sólido de sua interpelação foi apoiar-se no elemento mais difícil da metaforização, que é o lugar do pai morto. É notável! Será que teu papai morreu também? Forma de entrada na letra.

Segunda pequena vinheta: é uma criança um pouco maior, mas bem pouco: ela não teve a oportunidade, ela caiu sobre o significante hiper na moda da hipercinesia. Qual é a outra palavra?

PARTICIPANTE: Hiperatividade

JEAN-JACQUES TYSZLER: Sim, é isso. Vocês todos escutaram falar disso, mesmo se vocês não o viram, pois não se veem as massas; em princípio, é assim

mesmo uma clínica que é descrita. Ele caiu bem pequeno sob o jugo desse significante que é produzido pela pedopsiquiatria – não quero dizer, aliás, que isso não exista, mas, concernindo-a, em todo o caso, isso só fazia descrever a dificuldade de uma criança que apresentava dificuldades de concentração, uma forma de agitação na escola, toda uma série de formas de rebelião. E ela tinha a particularidade – então aí estamos no caso de uma criança que me tinha intrigado –, a questão do traumatismo, que é uma borda difícil de religar à questão do fantasma, uma vez que é uma criança que perdeu seu pai por suicídio quando tinha dois anos e meio, o que já é muito na vida de um garoto. Ele vai quase dizer, não é por nada que está presente desde a primeira entrevista na época em que foi recebido no CMPP[30].

A criança fala imediatamente, espontaneamente, de seu pai: - *Meu papai morreu porque ele subiu ao céu, ele fez uma grande besteira no céu.* Nessa época ela está num pequeno setor do maternal. Então é uma criança que introduz muito com suas palavras, por exemplo, como ela é pequena, sua mamãe a acompanha e em uma das entrevistas ela diz isto à colega que a tinha visto da primeira vez a mamãe diz: *–Tu és como papai e mamãe, tu trabalhas muito*, e a criança responde – *Mas papai morreu*, e ela acrescenta: – *ele trabalhava muito*, e a criança acrescenta, mais baixinho: – *E, aliás, esse era o problema.*

E a criança retruca: – *sim, ele trabalhava muito, mas agora ele subiu ao céu* e sua mãe responde: – *Sim, mas nós, nós estamos aqui e é preciso viver*, ela se endereça a seu garoto, e este responde: – *Eu não quero subir ao céu.* O que é interessante é que é uma criancinha, hein, e, de imediato, na própria apresentação a questão do luto é logo estabelecida pelos dois protagonistas, com as inflexões da mãe e as respostas da criança.

Vejam, tem-se a impressão... No fundo, onde estamos? Estamos em uma clínica, o que não é simples. O manejo de um luto muito precoce, forçado, causa um traumatismo na vida dessa criança e dá uma espécie de *background* fantasmático na vida da mãe, que permaneceu só, aliás, com seu garoto. E o que é intrigante – aí vocês têm o *background*, que é então da psicopatologia, no sentido em que a entendemos –, essa criança vai ser torcida pelos grandes significantes da avaliação. Então, a questão da hiperatividade, hipercinesia, a questão da dislexia, pois ela apresenta dificuldades de aprendizagem.

E então, a mesma criança vocês a encontram fazendo a volta em todos os Centre Hôpitalier Universitaire parisienses, lugares de avaliação da linguagem. Vou lhes dar um elemento porque, para aqueles que não o conhecem, isso merece pela

30 *Centre medico psychopedagogique.*

... que vocês conheçam... eu não sei, poder-se-ia... Não sei se vocês conhe-
... termo *ergoterapia* para as crianças. Eu não o conhecia, aliás, quase cometi
... gafe, pois só o conhecia a título dos psicóticos em instituição e então quase
... ai mal dizendo à mamãe: – *Mas ergoterapia não é absolutamente para os*
...enos. A ergoterapia tornou-se uma disciplina extraordinariamente sofisticada
... aliação do comportamento da criança em neuropediatria e então é preciso
... ocês escutem isto: eles recebem uma criança e o primeiro teste que fazem é
...e do desenvolvimento da percepção visual – TDPV.

...es estudam a coordenação olho-mão, esse garoto faz como eu, segura
...entemente a cabeça com a mão direita e então isso é quantificado. Eles
...erguntam por que ele procura estabilizar assim seu olhar. Em seguida, os
...entos que ele percebe: será que os percebe globalmente ou por pequenas
...es? Então é um estudo de uma apercepção. Há um estudo de relação espa-
... é um jogo que as crianças fazem, vocês sabem, quando se ligam pontos,
...o os pontos fazem aparecer um animalzinho ou coisa assim. Em seguida,
...ês têm um teste de estratégia visual nomeado *barragem de relógios*, teste
... enção visual, o NEPSY; em seguida, vocês têm o *Jordan Test*, no qual é
...iso encontrar as letras invertidas em letras maiúsculas de imprensa, teste de
...cepção direcional; em seguida, são estudadas todas as praxias, construtivas
... .. e então, em cada teste, ele recebe uma nota, uma quantificação. E depois,
...aro, a questão do grafismo, teste de avaliação da escrita, motricidade fina.
...am, não é escandalosa a ciência, mas é uma criança que inicialmente se re-
...e porque é uma criança agitada na escola, com problemas de concentração.
...ão sabemos que ela foi muito abalada por esse falecimento precoce, que
... sabe que ela vive com uma mamãe da qual se sabe clinicamente que é um
...quinho... (risos)

Sim, como muitas crianças vivem hoje no face a face com sua mãe, isso cria
...a preocupação, e então ela é avaliada nos melhores serviços de neuropedia-
... e eles podem dizer isto: essa criança mostrou-se cooperativa, realiza todas
... provas com boa vontade, apresenta *problemas de praxia* que se exprimem
...s domínios ótico-espacial, ótico-construtivo-gestual; as consequências desses
...blemas são uma disgrafia, uma má utilização dos utensílios escolares, e en-
...dram um custo atencional e energético muito importante em relação à tarefa
...icitada. É muito importante que essa criança se beneficie de adaptações espe-
...cas na escola. A produção da escrita está limitando ou pedindo indulgência; é
...eferível fornecer-lhe fotocópias do curso, a fim de permitir-lhe aprender através
... suportes claros; ela poderá ser interrogada na oral ou ter mais tempo para rea-
...zar seus controles, etc.

É interessante, eu não conhecia, já tive três casos desses com outras crianças. Enfim, passo para vocês o que se associa à dificuldade por um tipo de incumbência. Houve apenas a questão da ciência. É preciso se dar conta de que a legibilidade da transferência para uma criança assim é totalmente falha, porque esse garoto vai a cada quinze dias a um perito em tal ou tal lugar de Paris; então, não é sequer de transferência lateral que se trata. Que ideia esse garoto faz do universo da pedopsiquiatria, no qual entra? Não sei! Em suma, é claro que um dia essa criança que recebo se senta de maneira bastante tranquila, faz como alguns de meus analisantes, utiliza o divã para se sentar lateralmente – então é uma maneira de escapar parcialmente ao olhar de frente –, e me diz: – *Mas tu sabes meu problema, eu não vejo mais meu padrinho nem meus avós também.* É essa pequenina reflexão. A reconstrução é simples: efetivamente, o padrinho era um dos amigos do pai; depois do suicídio do pai, o padrinho não teve mais muito contato e os próprios avós paternos têm dificuldade de manter uma ligação de afeição com essa criança. Ela acrescenta, bom, ela estava sem referência, por não poder mais apelar a esse lado, a esse significante aí do lado do pai –, e ela acrescenta, enfim, a questão do supereu, que não está longe: – *e o que me importuna que se diz que eles são muito severos e eu não sei se eles poderiam me apreciar.* Apesar de tudo, é um complemento, havia aí alguma coisa que ela tentava ter algo de complementar a sua posição, assim mesmo, de ligação e de julgamento de identificação e de julgamento por esse Outro parental.

Vejam, é uma oportunidade para esse garoto, e, para mim, uma lição de coisa: como ele encontra, na floresta científica em que está, como ele encontra nela porque eu mesmo não tenho mais a força nesses momentos aí de ir procurar a biografia. O problema está aí, o prático se acha quase impotente diante dessa floresta. Ir dizer-lhe à força, além disso, com que direito, é preciso que voltem a falar da história. Impossível de manejar. Eu não tive a coragem. Em todo caso, e esse garoto, sozinho, falava não de seu pai diretamente, mas falava dele, pelos laços de amizade e de filiação desse pai, e então seu problema hoje estava aí: não conseguia persuadir sua mãe de que tinha necessidade desses parentes.

Sobre o padrinho, não pude me pronunciar, mas, quanto aos avós, eu disse que podia pedir à mamãe para fazer um esforço e tentar, ainda que sejam severos, que visse depois se eles eram tão severos. Vejam o tratamento. Penso que é uma criança, alguma coisa, apesar do tratamento robusto, científico, de sua patologia, há aí mesmo nela, em algum lugar, a possibilidade de fazer apelo a este lugar esburacado, impronunciável, e dizer: – *Mas eu estou aí, eu existo e meu* eu *faz apelo a significantes que são necessários para minha existência. Quem vai se ocupar disso? Mamãe liga pouco, ela pensa em outra coisa; os médicos não se interessam, então quem*

Então, para responder a essa colega que perguntava como bordejar a metáfora, não sei traçar os limites da metáfora, sei que a criança sabe, é ela que fará apelo a esse fio. Não tenho a capacidade em minha prática de fazer isso. Não posso lhe impor à força esse fio metafórico, sobretudo aquele que é religado enquanto tal à questão da morte do pai. Nessas crianças é disso que se trata.

Terceiro exemplo, que é interessante também porque são exemplos de jovens. Esta é o mito científico realizado, eu lhes dou assim mesmo seu prenome, senão é menos interessante: ela se chama Eva. É algo que me surpreendeu. Um ano atrás chega a meu consultório uma menininha loira como trigo, acompanhada de uma mãe mestiça, e eu tomo conhecimento de que essa mãe solteira, religiosa há doze anos, que nunca tinha tido nenhuma relação sexual, saiu da Ordem para ser fecundada, de maneira científica, na Suécia. Na França isso é difícil. Eu não sabia que na Bélgica é possível, mas aí é na Suécia. Havia alguma coisa de intrigante entre essa mãe mestiça e essa menininha, uma loira sueca, e essa mãe que vinha trazer sua filha. Mas, por quê? Como diz Lebrun, porque ela estava num gozo sem limites, efetivamente nada lhe era contraditado, uma pequenina que estava determinada a exigir seus direitos. Sejamos honestos, isso não é próprio para ela.

Tive dificuldade de perguntar o que é que não funcionava com essa menina. Havia um lado um pouco cômico, mas um pouco imaginário: ao meu lado, ela passava seu tempo esforçando-se para procurar animaizinhos, um pouco como na arca de Noé, vocês sabem: papai, mamãe, papai, mamãe. Mas, bem, numa menina de sua idade isso também não me parecia... E então eu a confiei ao que se chama o MGEN[31] – o grupo de observação dos pequenos –, e entregaram-me um relatório que me intrigou, porque notaram um signo clínico, eles dizem isso – na época, eles cuidavam da criança durante todo o dia: quando a mãe vinha procurar a pequena Eva, ela estava triste, ela se tornava violenta com a mãe e a rejeitava. Ela para de falar como se estivesse noutro lugar, e eles notam isso, o que me intrigou, já que não é habitual isso assim. Eles dizem que é uma menina que tem alguma coisa não viva, não dominada, isto é, esse grande grupo que se ocupava dessa criança notou um traço bem difícil de descrever, ela é muito agitada e, ao mesmo tempo, eles foram procurar nomear essa falta de endereçamento, esse algo não vivo; faltava alguma coisa do lado da vida.

E então, além disso... introduzo isso assim, para vocês, como complemento clínico e isso eu mesmo pude constatar do lado do colapso entre saber e verdade. É que, quando essa mãe era interrogada para dar elementos de sua biografia, de sua maneira de viver, essa menina podia se mostrar de modo bem autoritário diante dela, para

31 *Mutuelle générale de l'éducation nationale.*

dizer: – Não, mamãe! Tu mentes! É mesmo assim surpreendente. Ela dizia: – *Não. mamãe. Tu mentes! Não é isso!* E essa mãe ficava constemada diante dessa injunção. dessa contestação negativa. Em nome do quê a pequena podia chamar de mentira os elementos de sua vida cotidiana? É bastante surpreendente esse traço clínico nessa menininha que, a meu ver, essa menininha toca – eu o entendo assim, através da categoria da mentira, que é bastante enigmática para uma menininha –, essa pequena toca em alguma coisa da verdade dessa mãe sobre o saber, porque lhe foi narrada; essa pequena soube das perambulações médicas que sua mamãe fez, mas há uma contestação fundamental, árida, abrupta – não estou de acordo com os colegas, há alguma coisa nela que não é evidente, sem que eu possa, contudo, dizer-lhes o que é que não é evidente, além desse lado onipotente em muitas crianças.

Ontem, colegas que não são *psi* me perguntavam: – *Mas o que é que se sabe do futuro das crianças de hoje?* Elas me falam, por exemplo, dos filhos dos casais *homo* – não se sabe, não se sabe de meios clínicos em número bastante grande. Não sei a inflexão que a questão da ciência traz sobre o fantasma. Era uma das primeiras que me coloca uma dificuldade clínica. Eu via que as palavras que utilizávamos para descrever sua agitação clínica eram gerais demais, não via em que isso funcionava. Com esse enodamento bastante bizarro sobre a questão da mentira, a maneira com a qual ela trata sua mãe pelo nome, nome precisamente do que lhe vem aí dos significantes do Outro, é não. Ela não está determinada pela confiança necessária para concordar precocemente com os significantes que lhe vêm do Outro e isso, creio, é um traço que será preciso ver. É alguma coisa que se repete nessas crianças saídas de situações bem particulares.

Isso era para dizer-lhes, foi uma coincidência curiosa tomar três crianças que me apaixonaram, angustiaram muito, que me ensinaram muito, e essas três vinhetas tocam na metáfora do pai morto, não é senão da teoria da questão do pai morto e de como isso faz buraco necessário na estrutura, o que Lacan escreve bizarramente $\$(\not{A})$. Isso pode parecer enigmático e totalmente teórico, sim e não. Há apelo no pequeno, nesse lugar, de um modo difratado. Tive casos que têm a ver sem ter a ver diretamente, porque em um caso é a ausência simbólica do pai que está em jogo, então a criança utiliza o termo de morte para descrever o hipotético lugar, o que não é falso. O segundo é um caso difícil, mas bastante clássico: morre jovem e, além disso, por suicídio – dupla questão da morte. E o terceiro caso efetivamente, uma morte simbólica da filiação, então ela não teve – à parte pela borda imaginária dos jogos –, ela não teve interpelação direta. Não vejo como ela poderia se reapropriar, tão pequena, de uma questão tão ampla.

Vejam então, então, um último! Não! Isso nos basta por hoje, creio. Vamos ficar com essas pequenas vinhetas.

Lição VII

09 de junho de 2007

No próximo ano, tentarei incluir certas dimensões do processo de análise. Não posso tratá-las facilmente, aqui, em grande comitê, entretanto, sinto-me na obrigação, mesmo assim, sobretudo no terreno do fantasma, de que reflitamos juntos sobre as inflexões modernas do desenrolar do tratamento, de nosso trabalho. Então é meu objetivo no próximo ano. Como, eu não sei. Isso poderia se fazer aqui, prosseguindo nesse tom; talvez se Rebecca pretendesse fazer um trabalho, num grupo menor, com alguns, não sei, veremos. É preciso inventar ao longo do caminho! Enfim, esse é meu voto. Quando pararmos, gostaria de que alguns de vocês me dissessem o que desejam, quais as objeções, as coisas que ficaram na sombra ou que lhes pareceram totalmente inúteis.

Queria inicialmente lhes dizer coisas um pouco livremente assim, porque tenho vontade de ter um tom um pouco livre com vocês e as últimas eleições que tivemos juntos tiveram o mérito, vou dizer assim, de recolocar em circulação, quer isso agrade ou não, os significantes da autoridade, do limite, até um significante que não gostamos tanto, mas que é um belo significante, o significante da moral. Então, os significantes que são ligados à metáfora paterna – e me abri sobre isso junto a alguns amigos, ao preço, entretanto, de alguma coisa que me preocupou, bem como aos colegas ou amigos, ao preço assim mesmo daquilo que eu por mim mesmo, ressenti-me de uma brutalidade que foi particular e devo dizer que, por sorte, como somos seres trabalhados não apenas pela amizade, mas pela psicanálise, creio que não há entre nós o irremediável quanto a essas questões. Nossa sorte é que essas questões de brutalidade são trabalhadas pela transferência. Quanto aos amigos que não são trabalhados pela psicanálise, sei disso por eles mesmos, houve, por vezes, o irremediável: alguns amigos não chegam mais a se verem, não chegam mais a se falarem porque essa campanha teve essa brutalidade, dissolveu essa forma de amor. E vocês vão me dizer que no amor há sempre uma forma de ideal que faz mentira, mas, enfim, apesar de tudo...

Então é o primeiro ponto que queria deixar com vocês, e que me interessa analiticamente, é: por que, especialmente, essas eleições induziram alguma coisa que

era bastante nova nestes últimos vinte anos? Isso me pareceu bastante diferente É o primeiro ponto e retornarei a ele daqui a pouco em um livro.

Segundo ponto: a mudança na clínica é alguma coisa que recebemos, nós a recebemos por quê? Porque acreditamos, somos obrigados a acolher o que nos é dito, mas atenuando de alguma forma o que nos é dito, torcendo-o à nossa maneira, dizendo-o à nossa maneira, sim, mas, por fim, isso não é tão grave, pode-se realmente pensar em coisas clássicas. É meu próprio encaminhamento quanto ao que já vem há vários anos, uma vez que, em meu trabalho, essas questões já tinham vindo a propósito da recepção dos significantes dos estados - limite. Não sei se vocês se lembram, no momento em que a questão dos *borderlines* veio à nossa Associação, a nosso campo, eu estava um pouco revoltado, mas o que tinha dificuldade de perceber naquela época é que esse significante, que está mal posicionado de um ponto de vista teórico, era, entretanto, anunciador de problemas metapsicológicos, isto é, vocês podem receber alguma coisa como um significante que lhes parece mal posicionado. Por exemplo, o que se diz atualmente, as *crianças agitadas*, isso pode nos parecer tolo como denominação, mas não basta recusar os significantes para que a questão clínica que aí se encontra colocada seja recusada e, portanto, há dois níveis, sempre, nessas dificuldades.

Nosso boletim – digo uma palavra de passagem sobre isso –, cujos números estão justamente iniciando, tenta-se uma nova fórmula, proporá um tema que pode parecer aberrante, mas que se chamará *O retorno do matriarcado?* Isso pode parecer aberrante porque não se conhece sociedade que seja matriarcal no sentido próprio, então, retorno do matriarcado parece uma coisa incrível, mas que é preciso escutar nesse lugar? Eu lhes falava há pouco do Nome-do-Pai. Para nós, é toda a clínica, tudo o que chamamos o sintoma, é toda uma questão que vamos tentar tratar com os amigos, que se chama o símbolo, em todo o caso uma clínica tecida pelo simbólico, pelo significante.

A questão da mãe é alguma coisa que nos vem mais hoje. De início, é uma relação privilegiada com o corpo e, para ir mais rápido, são todas as noções com as quais não sabemos o que fazer, mas que insistem. Os colegas não falam mais de sintoma. As palavras que existem agora são o quê? Distúrbio, distúrbio de comportamento, disfuncionamento, quero dizer, todas essas dimensões do corpo e do agir, pouco importa que sejam tomadas emprestadas de um discurso cognitivista, enfim, pouco importa, não? Mas em todo caso o que é designado é alguma coisa que sairia do campo do sintoma, e aí, paralelamente, denunciar esses significantes não é enunciar, isto é, não bastará dizermos que recusamos os significantes do comportamentalismo ambiente. Isso não funcionará. Será preciso

que nomeemos, nós mesmos, à nossa maneira, *os agires*. Então, o de que se trata? Denunciar não é enunciar.

Essa questão do matriarcado, *o amor de uma mãe*, por exemplo, é, diz-se, garantido, isto é, o amor de uma mãe abre para alguma coisa de infinito, um tipo de borda real da clínica, da qual é possível que não tenhamos ainda exatamente as referências. É possível que o que nos incomoda atualmente, para responder a essas clínicas, seja que não temos ainda nós mesmos os conceitos, não temos facilmente as referências disso e então é uma questão que será preciso trabalhar, se desejarmos estar em bom nível quanto às questões colocadas pelo que se chama a nova clínica, ou a nova economia psíquica, para retomar a fórmula de Melman. Para aqueles que trabalham em unidades para crianças, quando uma criança vive num ambiente fechado, como é agora corrente, com o outro materno, é verdade que conhecemos clinicamente o tipo de excitação, e de excitação psíquica, que isso produz. São assim mesmo modificações sociológicas pesadas. Surpreendi-me no CMPP da MGEN, apenas estatisticamente, pelo número das crianças para as quais as questões da triangulação edipiana não tinham nenhum interesse, não há nem pai imaginário, nem pai real, enfim, é claro, mas isso não adianta em nada para pensar sobre a agitação incessante da criança. As formas da agitação, as formas da passagem ao ato, as formas de *depressividade* da criança, nas quais se é insuficiente quanto aos referentes, o que se chama erroneamente os conceitos. Não se sabe bem pensar sobre essa clínica e, por esse fato, utilizamos, ou não, questões do distúrbio e do comportamento.

O terceiro ponto é um ponto que Rebecca me fazia observar recentemente, que eu lhes passo um pouco de forma incisiva, mas que se poderia pensar no próximo ano, é como nossas intervenções têm mudado nas análises. Nossas intervenções mudaram, isso quer dizer o quê? Inicialmente, talvez em relação à nossa própria história de analistas práticos, para aqueles que têm, como ela, recursos suficientes para colocar uma relação entre *antes* e *agora*, e provavelmente nossas intervenções mudaram em relação ao que se crê compreender dos analistas precedentes. É evidente que a neutralidade benevolente da qual falava Freud, não é que ela não nos agite ainda, mas creio que é preciso ser honestos, em muitas configurações nos tornamos muito mais intervencionistas, quer o digamos ou não, em particular, em patologias que se tornaram muito mais desconcertantes. Vou tomar exemplos inteiramente simples: as automutilações da moça, por exemplo. Quando vocês recebem, regularmente, em lugares de tratamento, moças, as bem jovens, moças afligidas, sobretudo, pelo sintoma bizarro que se chama a automutilação. Lamento, não posso trabalhar nesse registro num modo da neutralidade benevolente e da equivocidade. Isso não é verdade, há aí uma forma de intervencionismo de

pesquisa quase epistemológica do que se representa e que garante esse sintoma – aí digo sintoma – desse agir. É um lado, assim como agimos também bem diferentemente no que concerne aos fenômenos de alcoolismo massivo dos jovens.

Quem, entre nós, permanece na equivocidade significante quando vocês têm um rapazinho de treze anos que se alcooliza ao ponto da embriaguez? Do mesmo modo, no sujeito que vai estar, em pouco tempo, na ordem do dia com Jean Luc, as anorexias de hoje, não as anorexias mentais, as anorexias severas que necessitam das formas de intervenção por parte dos práticos, dos juízes, uma forma de intervencionismo que não pensávamos possível até o presente. Ainda não sei teorizar essa mudança. O que sei é que não é passagem ao ato e *acting-out* do prático. Isso não é suficiente. Não é que os práticos tenham se tornado eles mesmos os reis da passagem ao ato. Não o creio. Simplesmente eles são obrigados a trabalhar numa forma de real, investir em formas de limite, de recorte, um trabalho que é ligado provavelmente à clivagem que recebem imediatamente do paciente, isto é, uma maneira de poder dizer alguma coisa e de fazer o seu contrário, que não é tão fácil de receber, se não estamos de acordo em dizer imediatamente que esse campo enquanto tal não é trabalhável. Então, é preciso exatamente que o paciente, à sua maneira, restitua alguma coisa de moebiana, outro tipo de recorte, senão não se pode trabalhar.

Então, quando se discute entre amigos, com confiança e seriedade, sabe-se que nossa prática teve modificações. Nós o sabemos. Não sabemos facilmente testemunhar isso porque não é fácil discutir sobre isso já, e, sobretudo, não temos ainda seus referentes. Não sabemos conceituá-lo, mas isso não é nada. É preciso acolher essa inovação, não temê-la, não recalcá-la, tentar colocá-la em perspectiva.

Volto à brutalidade. Falei da brutalidade porque há um risco, a meu ver, mas eu o entrego, assim como uma questão, o risco também de um apelo ao Nome-do--Pai, que, de certo ponto de vista, poderia desqualificar aquele mesmo, a própria função solicitada como muralha, dique contra os medos e o desconhecido das próprias palavras. O desconhecido das próprias palavras, mas são as palavras que nós mesmos utilizamos. Estou surpreso com as formas de neologismos que utilizamos entre nós para descrever esse medo. É o quê? Mas são palavras que utilizo, eu mesmo, é a globalização, o mercado planetário, os riscos climáticos maiores, as terras submersas, etc. Estamos diante desse medo, desse novo real – então eu os engajo, frequentemente passo com vocês por exercícios, a ler esse livro do qual gostei muito, que é o de Georges Mosse, que foi professor na Université de Madison e na de Jerusalém, e que tem como título *De*

Grande Guerre au totalitarisme[32] e um subtítulo que é o seguinte, e que é muito interessante, pois ele produziu, em francês, um neologismo, *a brutalização das sociedades europeias*. A brutalização é o quê? A questão que ele coloca é como pensar a perseguição em tempo de paz, a perseguição das atitudes agressivas da guerra engajando uma forma de indiferença a respeito da vida e do valor humano.

Então, a questão desse filósofo e historiador, que é uma questão incrível, é que há pouco tempo que separa a Primeira Guerra – quatorze milhões de mortos –, e a Segunda. É incrível o espaço de tempo separando a hecatombe da Primeira Guerra e a preparação daquela que se segue. Então há uma questão que é gigantesca e, como todas essas questões, nós as recalcamos automaticamente: como as populações sacrificadas vão, imediatamente, recolocar em trabalho os mesmos significantes.

Eu tinha me lembrado, então, de um seminário precedente, a mensagem da *Ilíada* concernindo a Heitor e Aquiles, a mensagem grega, que é que, na *Ilíada*, um e outro, Heitor e Aquiles, são capazes de empurrar a vingança até a impiedade. Um e outro são capazes, como vocês sabem, de profanar o corpo da vítima para matar ainda sua alma. É esse o drama extraordinário colocado por esse texto, e é essa a mensagem da *Ilíada*, entre outras. Vocês sabem como Zeus intervém para dizer: – Não! Basta! Vocês não podem ir além de certo ponto. E Zeus protege o corpo profanado de Heitor, vocês sabem, aquele que foi arrastado pelos calcanhares atrás de uma charrete, corpo que permanecerá, assim mesmo, intacto para ser entregue aos seus. De onde a curiosa metáfora do calcanhar de Aquiles! Quanto à memória, não se sabe de que é tecida essa curiosidade. Rachel Bespaloff, nessa obra magnífica, da *Ilíada*, narra, ela diz isso, concernente às guerras: *tudo vai mudar, tudo muda, se o critério do conflito não é mais a força, mas o espírito*. Quando a guerra aparece como a materialização de um duelo entre a verdade e o erro, a estima recíproca se torna impossível, numa luta que põe em combate Deus e os falsos deuses, o eterno e o ídolo, aí não poderia haver trégua. Trata-se de uma guerra total que deve prosseguir em todos os terrenos até a exterminação do ídolo e a extirpação da mentira. Respeitar o adversário equivaleria a prestar homenagem ao erro, a testemunhar contra a verdade, isso é soberbo. Ela situa um momento da história, um momento da passagem entre a concepção grega da guerra e a inflexão que vai se produzir aí, o que se chama erroneamente de Cristianismo, no qual a questão da verdade, a guerra pela verdade, vai fazer com que vocês não possam mais tratar seu adversário com estima.

Aqueles que trabalham o seminário de verão têm a passagem onde Lacan trata

32 Mosse, Georges. *De La Grande Guerre au totalitarisme.* Paris : Ed. Hachette littératures.

da maneira que temos que pensar sobre o lugar da verdade. Se vocês fazem da verdade seu porta-bandeira, não poderão tratar seu adversário, em pensamento de outra maneira senão como alguém com o qual é preciso fazer uma guerra tota

De passagem, no Marrocos, o que interessou muito aos nossos colegas é uma observação que Stéphane fez aqui, que parece, para nós, uma observação quase banal. Ele falava simplesmente do choque das civilizações, significante produzido por alguns pensadores americanos, e Stéphane lembrou bem tranquilamente, no Marrocos, que ele era contrário a esse conceito, por uma razão analítica simples porque o que se chama civilização é a capacidade de receber sua mensagem do Outro – que a psicanálise se inscrevia inicialmente nessa dimensão do que se chama *ser civilizado* – é receber sua mensagem, não de seu próprio ego, mas do outro aí compreendido, aliás, até em sua escrita. Todos os grandes povos civi-zados recebiam sua escrita do Outro, seu traço, o que se chama o traço. Então isso agradou muito a nossos colegas marroquinos que nos propuseram prosseguir nosso trabalho sobre a questão do estrangeiro e da civilização, vejam! É isso que pareceu interessante para eles mesmos, aliás, em países que têm preocupações com aqueles ali, de encontrar um tipo de posição, tentar não estar no esmagamen-to, no choque das civilizações.

Então, o que diz Mosse? No amanhã da Primeira Guerra, a guerra prossegue ele quer dizer que os significantes guerreiros permanecem com a vontade firme de reduzir a nada um adversário que, por razões topológicas, não será imediatamente o estrangeiro, mas o inimigo interior. Isto é, o fluxo dos significantes guerreiros permanece, mas, por questões topológicas de reversão, o adversário não é mais designado como o estrangeiro, vai tornar-se o inimigo interior. Isso é apaixonante por razões de hipocondria social, o que pôde fazer Hitler dizer em 1939: quem afinal de contas, pedira a redução a nada dos armênios? – indagava Hitler. Efeti-vamente, pensando provavelmente já em sua própria obsessão interior. Então apaixonante essas questões, a perseguição numa cultura, aparentemente em paz dos significantes da guerra.

$ <> a, escreve Lacan, concernindo ao fantasma, mas essa divisão do sujeito não é encarada. O sujeito dividido vocês só podem encará-lo se puderem receber ainda sua mensagem do Outro, aí compreendido pequenos outros, senão, de certo ponto de vista, não há sequer mais vida parlamentar possível. Quando o signi-cante se brutaliza, designando obstinadamente o objeto xenopático, o estrangeiro o desprezo da vida, da dignidade, da medida, impõe-se então – como, aliás, é muito interessante –, porque ele faz um estudo dos objetos produzidos em particular, nos monumentos aos mortos construídos entre as duas guerras, que

nagens ao que se chamou a raça de aço. É incrível como se pôde, sobretudo Alemanha, idealizar *a raça de aço*. Aí eu os remeto a Cyril e a seu trabalho uo sobre a linguagem, a alíngua, como dizia Lacan. É importante para nós apenas para a psicose. O trabalho do significante é um elemento essencial ocessos que estão operando no tecido. Na Alemanha, por exemplo, aparece palavra que faz sucesso, *chadling mord* – o assassinato de um parasita –, um ficante novo produzido, que vai aglutinar o assassinato de um indivíduo no-. Vejam quanto o trabalho da própria língua acompanha a loucura que está em . Significante novo, não um daqueles que se teria esperado, a meu gosto, no ento em que ele o produziu; o termo *inseguridade* que Le Pen produziu faz desse gênero de invenção. Não quero dizer que a inseguridade não exista, o dizer que a produção quase neológica no campo social, a passagem à força m significante que recobre como uma evidência a totalidade de alguma coisa, ce-me um processo de brutalização. Não quero dizer que não se tinha que ar-se às questões de inseguridade. Sim, continue Cyril.

Cyril Veken: – Será que *os grandes medos* que no século XVIII precederam o or, será que isso ilustraria o que tu dizes?

Jean-Jacques Tyszler: – Sim, o processo de simbolização que vai fazer apelo a terror, sim, exatamente. O que é que está emergindo com o processo signifi-e, que vai se impor como capitonagem neológica, é um pouco isso o trabalho e tipo, que é apaixonante. Eu continuo, *nós não estamos em guerra*.

PARTICIPANTE: Isso é discutível.

Mas nosso espaço, aí volto à questão da nova clínica, o que é complicado é nosso espaço topológico mudou e o que nos dizem os colegas que acom-ham nosso trabalho, concernente à nova economia psíquica, é que – com as mas de mundialização das trocas –, é que nós mesmos, enquanto cidadãos, nos sentimos mais no interior de alguma coisa. A questão do *Heim*, da qual elman fala frequentemente, isto é, que não sabemos mais dizer qual é nosso *im*, de um ponto de vista de cidadão, os significantes do país, ou da Nação, não protegem mais de um espaço que nos parece totalmente aberto. Pontos fixos, eram as marcas dos Estados, não são mais vividos como intangíveis e o que frequentemente denunciado é que o homem político não pode mais dizer que a localmente a vida econômica do cidadão. Ele é ele mesmo ultrapassado pelo xo tornado anônimo. Vocês têm exemplos múltiplos, mas é alguma coisa que, esmo no domínio da saúde, nós vivemos.

Digo frequentemente a meus colegas o quanto estou surpreso de que nos lu-res de tratamento, que eram inicialmente familiares, eram frequentemente as

famílias que sustentavam os lugares de saúde, e em seguida assim mesmo co atores que não eram anônimos; tornaram-se, agora, lugares totalmente ultrapass dos pelos fluxos econômicos que os absorvem, com recompras de estabelecime tos frequentemente destinados a não se sabe exatamente o quê.

Então, há um rapaz que é muito interessante neste momento, que se cha Sigmund Baumann, que propõe o termo *marcas líquidas*. Eu lhes tinha dito, e matemática, o quanto os matemáticos trabalham sobre o que chamam *matemá-cas difusas*, o quanto acompanham, em matemática, as dificuldades de um cam em que as marcas não seriam fixas. Mas, de outro modo, e aí no campo da soc-logia política, esse cara propôs o termo *marcas líquidas* para descrever essa re-ravolta que indica, para cada um de nós, a prevalência do valor mercantil so a existência, isto é, a obsessão da rentabilidade da saúde, ou outra coisa. Iss muito interessante, o termo líquido, isto é, o estado da matéria que precisame não é sólido. Vejam o quanto, nos campos inteiramente próximos a nós, tenta- pensar em uma clínica sem a marca fálica; forçosamente, no campo da mate-tica, as matemáticas difusas, no campo da identidade sexuada, sexo e gêne mesmo se é muito ideológico, e, no campo da economia política, tudo de repe as marcas líquidas.

Creio que se pode dizer que o apelo aos valores que nós temos vivido rece mente, que pareciam, para alguns, um pouco tolos, mas, enfim, o trabalho, o ver e não o direito, do qual se falou muito, a moral, a lealdade, enfim, os valo como! Efetivamente, eu me disse depois, mas, enfim, em um universo tão líqu é um apelo a um limite topológico, efetivamente. Pode-se compreender q exatamente preciso que se invente, em algum lugar, alguma coisa que faça li para o espírito. É difícil aceitar viver em um oceano. Universo líquido que v observarão então, por razões imaginárias, que isso tem conotações matriciais seja, o lado materno, a borda materna infinita. Vocês escutam que imaginariam te são termos que são próximos para o inconsciente.

CYRIL VEKEN: Escutei recentemente Mr. Maffesoli e me espantei ao o -lo condenar a lei do pai na época em que se assistia à *invaginação do falo* fórmula me deixou estupefato.

Vocês veem a intenção significante que acompanha e em um sentido está b são assim mesmo invenções que brutalizam, se está, apesar de tudo, brutali porque dizer assim tem um efeito sobre o corpo e o pensamento. Devo dizer na clínica do consultório isso teve um efeito imediato em um campo do qual to muito, porque ele é engraçado, é no campo do qual falo vez por outra aqui. são as análises dos intermitentes, os intermitentes do espetáculo. Peço descu

...torno frequentemente a isso, mas é porque são jovens de que eu gosto, que ...quentemente inventivos, engraçados, frequentemente são jovens artistas, e ...sempre me preocupou na clínica dos intermitentes é o próprio significante. ...eu-me logo totalmente louco colocar em um impasse definitivo, colocar jo... no significante da intermitência, e, além disso, a intermitência do espetáculo, ... é, que a imagem – já a imagem! –, além do mais, a imagem da intermitência.

...lou-se de holófrase em Saint'Anne, a meu ver, um significante psicossomá... Não estou fazendo graça, dizendo a alguém *tu és um intermitente*. É bizarro, ...vida é holofraseada, ele está se linchando e então isso me interessou muito. ... clínica é sempre revolucionária ou depressiva, frequentemente os dois: o ...ado me deve isso, tinha-me prometido aquilo... ou mesmo a vertente bem ...essiva, assim como acontece às vezes, é claro. Aí o que é genial é que isso ... um efeito de deflagração; imediatamente depois da eleição de Sarkozy, tive ...ões de ordenação incríveis com esses jovens. Dou-lhes três exemplos: uma ...her, a qual não posso situar para vocês, pois trabalha em Paris, tem uma po... já estabelecida no mundo do teatro e tem a felicidade, de fato, de estar em ... dos países ricos que nos cercam, isto é, que ela tem a dupla nacionalidade. ... é reconhecida em seu trabalho e então ela se queixava da miséria que lhe era ... – ela fala do teatro francês. Então, numa sessão depois das eleições, eu lhe ...se: – *Mas, enfim, você é conhecida em seu país, eles nunca lhe propuseram...* ... me disse: – *Sim, é claro*, e eu me apercebi que a essa mulher, desde sempre, ...iam-lhe proposto uma grande soma, no país de onde ela é originária, que ela ...usou totalmente, preferindo se vitimizar e se queixar da posição de dejeto que ... é determinada. Então, foi preciso duas sessões, esse esclarecimento que ela ...esma produziu em duas sessões, isto é, em duas sessões, essa mulher encontrou ... meio de sair desse estatuto da intermitência.

Outro paciente – uma besteira, mas que aprendi ao longo da prática. Vocês ...bem que os intermitentes podem ganhar um pouco de dinheiro na figuração, em ...ris, em particular, não sei em Provence, mas se fazem muitos filmes em Paris e ...so permite... ali é a mesma coisa. Numa sessão após as eleições é ele que induz ... problema, e eu lhe digo: – *Mas você sabe, às vezes, você poderia lucrar...* e ele ...e diz: – *Ah não, isso não está em questão*. Isto é, isso subentendia que, para o ...deal mais elevado de sua criatividade, esse cara preferia ir servir em bares à noite ...epois das onze horas, depois dos ensaios, no domingo, do que fazer-se maltratar ...dealmente na figuração, nos filmes que se fazem em Paris. Então é semelhante, ...so levou duas sessões de elaboração, brutalizado como ele estava pela recolo...cação desses pontos e a questão da ordenância criada pelas eleições. Tudo isso é ...m material que se reordenou de maneira imaginária.

Terceiro pequeno exemplo, isso é para lhes fazer entender a loucura do significante. É uma jovem mulher, ela é desenhista e participa em pequenos livros para crianças, e tomei conhecimento de que ela está sob a denominação da intermitência do espetáculo, que fez com que eu lhe tivesse simplesmente perguntado por ocasião dessa sessão: que relação há entre o trabalho de um desenhista e o significante no qual ela estava envolvida, que era aquele da intermitência. Isto é, como se podia pensar que todos os negócios, tendo uma relação com uma forma de artesanato, teriam se tornado formas da intermitência? É semelhante. No fim da sessão, ela concluiu que não via a relação, isto é, que era totalmente uma produção mental. Não sei por que isso tomou tal amplitude – o que é que fez com que, especialmente na França, aliás, de repente, esse significante, que é uma verdadeira holófrase, tenha se tornado circunscrito assim, enclausurado em suas reivindicações, face ao Estado, e em uma forma de vitimização, tantos jovens em busca de empregos de criação. Então, à parte – tu vês, Rebecca, eu tento responder em um primeiro tempo a uma forma de brutalidade que temos vivido depois das eleições e, ao mesmo tempo, com efeitos imediatos nas acolhidas e tratamentos, no momento em que os pontos de ato caem assim e onde os rearranjos imaginários, até mesmo construídos, recolocam-se na possibilidade de serem interrogados. Parece-me importante dizer isso.

Essa matriz das trocas líquidas – aí retomo o termo de Sigmund Bauman – produz para o sujeito essa mutação, que é uma forma de deslocamento que [illegible] trabalhada, não muito, mas que era uma ideia muito boa, nas jornadas sobre trabalho social, jornadas que lamentavelmente não tiveram amplitude suficiente em nosso grupo. O título é extraordinário: *O contrato pode substituir a lei?* [illegible] é um título totalmente analítico, simplesmente dizer esta frase, aí onde estou [illegible] mim, com meus amigos, *será que o contrato pode se substituir à lei?* É incr[illegible]

Tenho vários exemplos, mas vou tomar apenas um. É um exemplo hiper[illegible] quente, é uma jovem paciente que chega querelante porque seu marido tem [illegible] proposta de trabalho no estrangeiro e ela está furiosa porque seu homem lhe [illegible] guntou: – *Tu vais comigo?* E essa questão, que é no fundo totalmente clássica [illegible] em certa concepção do que é um pacto, ela a recebeu como algo ofensivo. [illegible] vez que nenhuma concessão era pensável simetricamente (esse é o termo de[illegible] interessante. Ela se apoiou sobre a questão da simetria. Ela me dizia: – *Mas* [illegible] *possível esse sacrifício, uma vez que ele não me propõe simetricamente na*[illegible] ainda acrescenta: – *Eu n*ão quero mais ser explorada do que ele na relação [illegible] – fórmula bastante interessante.

Isto vocês escutam frequentemente, esta questão que uma jovem mulher co[illegible]

é, vive-se a dois, mas algo de força obriga ao deslocamento de um: – *Será que* *sideramos ainda lógico dobrar-se ao pacto? Que a vida de um se engaja à vida* *outro? Ou será que se tornou totalmente insuportável pensar nisso?* Encontramos o essa clínica em mulheres jovens. Ela não sabia responder a isso. Vês, Rebecca, me tinhas colocado a questão: será que não tínhamos mudado em nosso próprio balho de análise? Será que não havia formas novas de intervenção, formas de corte, ato, de obstáculo que não fazíamos antes? É evidente que não deixei essa paciente da questão que ela tinha colocado. Eu lhe disse que é preciso deixar essa questão aberto, que é preciso tratá-la *hic et nunc*, que é preciso responder a isso. Não se passar dez anos antes que se saiba se ela vai seguir seu homem ou que seu par deleite. Não era possível escutá-la com não sei qual equivocidade. Não escolhi sponder a isso no lugar dela, a questão não está aí, mas alguma coisa, aí, uma forma precipitação, é preciso que a resposta venha à tona.

Parecem-me clínicas simples porque as encontramos sem parar, mas elas são bolicamente difíceis de pensar, desde que vocês estejam engajados em ques- de simetria. Aí estamos fritos. Imediatamente, em compensação, a questão tinha sido colocada, por ocasião do trabalho social, a questão da Lei e do trato, nessas coisas aí é genial como maneira de entrar, porque um dos côn- es do casal é o quê? É um contrato, ou isso faz pacto? Como se toma isso e, quando se diz *a gente vive junto?* Isso quer dizer que se coabita, ou outra sa? Mas é preciso sermos honestos a propósito dessas jovens mulheres – não , mas outras que me trouxeram propostas análogas. Essas questões de liquidez interessantes, essas fronteiras difusas, agora, é que essas jovens mulheres não contram facilmente, em torno delas, seus amigos, em suas trocas com uns e ou- , referências para pensar sobre elas, isto é, são questões que lhes são próprias, é o, mas as referências no campo social e amigável, para responder a isso, não são ilitadas. Isto é, em torno delas, interrogando sua família e seus amigos, elas não contram resposta eficaz, donde o interesse dessa clínica que se torna com limites ito mais difusos e muito mais líquidos, portanto, a questão da mãe.

Este ano eu tinha colocado a questão de saber se a questão do fantasma estava rapassada. Por que digo isso? Porque me dei conta de que não havia muitos balhos clinicamente, hoje, tomando apoio na questão do fantasma. Aliás, com zão, em determinados lados, há muitos trabalhos sobre a pulsão, o que é legí- o, em todos os campos novos da patologia, as condutas, o agir, a passagem ato. E, então, no fim de um tempo, eu me disse: talvez, afinal, toda questão ja tão central, é quase tautológica, o que se chamava fazer uma psicanálise era, sim mesmo, um tratamento centrado na questão do fantasma e então a questão e se podia colocar era: será que estamos em um deslocamento tal que essa

própria questão tenha sofrido seu descentramento? Não creio, com a condição de reabrir sem parar a própria escrita, as escritas, as ocorrências que Lacan nos dá, incluídas aí todas as escritas. Retomarei isso ao longo do ano porque aí é por demais teórico-matemático, mas eu lhes tinha indicado o quanto a história do punção em si mesma era uma escrita bem construtivista, isto é, o punção autoriza muitas coisas e em particular permite escutar-se como uma escrita bem aberta ao social, ao discurso social. É uma chance de que a escrita de Lacan não seja congelada nessas significações.

Há também uma coisa que eu queria dizer-lhes, concernente às escritas sobre o fantasma de Lacan: é que penso que todas as escritas que Lacan propõe não têm necessidade de ser recobertas e recalcadas umas às outras, elas são muito interessantes clinicamente, no tempo em que ele as propõe. Eu tinha retomado para os colegas de Reims uma escrita que Lacan propõe apenas uma vez em 1961, seminário sobre *A Transferência*; de repente, ele propõe a escrita do fantasma da histeria. Às vezes, ele se lança bem longe, hein? Lacan escreve, em 1961: $a/-\varphi \lozenge A$

É surpreendente porque não há sujeito, enquanto que o discurso da histeria começa pela divisão do sujeito, já é incrível! Como o discurso da histeria começa com o sujeito barrado e que ali, Lacan, querendo entregar a questão do fantasma da histeria, começa por uma escrita em que o sujeito desapareceu. Creio que essa escrita continua a ter seu valor. Não há necessidade de considerar que ele tenha reaberto isso com as superfícies topológicas e depois com o nó. Ela conserva seu valor. Todas essas escritas têm seu interesse, com a condição simplesmente de lê-las; como diz Cyril, não é mal ler Lacan, isto é, simplesmente tentar ler. Ou seja, ele escreve isso, e o que isso quer dizer? Isso não é evidente, o que é interessante é que isso nos lembra e isso nos guia na clínica; isso nos lembra inicialmente uma coisa na qual não acreditamos frequentemente, isto é, que a histérica tenha a capacidade de identificar-se, no mais alto ponto, ao objeto que ela crê discernir no outro, fazer-se sua vestal, a representante, donde esse lado que vivemos frequentemente na clínica quase passional, paranoica, isto é, *eu sou isso que te faz falta, eu me imponho apesar de tuas denegações*. Isso é um lado da clínica que resiste à modernidade. O que não é senão erotomania, esse lado, então, de encarnar enquanto tal o objeto do fantasma do outro e, é claro, a outra vertente, bem frequente, que vocês conhecem, o rancor, o ressentimento, a depressão, às vezes melancolizada e então as escritas que Melman dará em seu seminário sobre a histeria, vocês sabem, onde ele descompleta o punção. Ele diz: são os dois lados da histeria, seu lado paranoico de um lado, seu lado depressivo do outro. O que é interessante é porque Lacan coloca sob a barra a história do $-\varphi$. Ele quer dizer que há alguma coisa que é velada, que é a verdadeira aposta inconsciente dessa

identificação, e que é a enlaçável interrogação sobre as dimensões imaginárias da castração. Mas porque só podemos abordá-las assim e que são questões que concernem a nós em primeiro plano, questões enlaçáveis da histeria. O que é um homem e, igualmente, evidentemente, o que é uma mulher, e, sobretudo, o que é uma mulher, se ela é apenas subtração ao ideal fálico? Então, no exemplo que eu tinha tomado com essa paciência que não pode discernir entre pacto e contrato, entende-se muito bem tudo isso, essa polêmica incessante.

Há uma questão que é complicada, que deixo para vocês, no matema de Lacan, é isto que está bem nos matemas de Lacan, suas escritas. Há questões que permanecem problemáticas, é como se lê nesse lugar o grande Outro. Em seu matema pequeno a, expliquei um pouco sobre isso, a paixão paranoica de um lado, a depressão do outro, colar ao fantasma, bom, muito bem, o -φ, as questões inesgotáveis sobre a identidade sexuada, mas o grande Outro, por exemplo, nesse lugar da fórmula, por exemplo, é exatamente o quê? É uma questão que não é tão evidente. Pode-se dizer é o outro do outro sexo simplesmente, é insuficiente, hein? Ou ainda, esse Outro é o quê? Pode ser todas essas categorias da mulher-mulher, a beleza idealizada, a mãe onipotente; enfim, não sei. Tenho uma proposição de trabalho para lhes fazer, num modo menos encarnado, creio que é mais interessante trabalhar assim, é alguma coisa da qual me ressinto, às vezes, em mim mesmo, bem possantemente, que seria a atração pela vertente materna do significante. Vejam, uma fórmula menos encarnada, é preciso não esquecer que o Outro é, de início e igualmente, o tesouro dos significantes, como diz Lacan. Pode-se muito bem sempre encarná-lo, realmente, mas é, a meu ver, muito mais *lacaniano* vê-lo no próprio tratamento dos significantes e eu lhes proponho então essa fórmula; estamos em registros onde a histeria nos precede, mas que são os registros de nossa vida hoje, os nossos, e então formas de atração pela vertente materna. Não posso me explicar mais hoje sobre isso, mas tipos de fórmula concernentes, vejam um tipo de escrita que data de 1961 e que me parece hoje ainda interessante se olhamos o valor epistemológico.

Em Reims, o que lhes tinha interessado eram questões de clínicos, pois havia muitos psiquiatras. Era, por exemplo, como se faz a distinção hoje entre paranoia e histeria, todas essas formas fronteiriças que são delicadas. As loucuras histéricas, como se dizia no passado, em particular, como se distingue nos grandes ciúmes, por exemplo? Quando vocês recebem ciumentos mórbidos, não é fácil saber se estão sobre a vertente do ciúme delirante, ou não. Então as questões de paranoias delirantes e as paranoias neuróticas, as questões da sensitividade, etc. E deixo isso de lado porque não tenho tempo, mas voltarei a isso numa próxima vez, todas as formas de hipocondria complexa que se encontram no hospital,

essas jovens mulheres que retomam seu corpo em totalidade. Em Ville-Evrard tive um caso de apresentação assim, ela parecia não muito louca, apenas já estava em sua décima intervenção sobre o rosto e então meus colegas me tinham dito *tu verás, ela não é tão louca* – e era verdade. Mas eu me apercebi, interrogando-a longamente, que essa moça realmente apagava os dois traços de identificação que tinha percebido: o judaismo do lado do pai e os traços negroides do lado da mãe. Esses dois traços, ela alisava seu rosto para fazer desaparecer esses traços da linhagem. Além da clínica de hipocondria dessa moça, no ambiente atual da cirurgia estética que parece natural, os próprios colegas de Ville-Evrard, as enfermeiras, não a achavam tão louca assim. Foi preciso que eu fizesse um esforço, a hipocondria – mas ninguém sabia o que era –, foi preciso que eu fizesse um esforço de superteoria, vocês veem, para assentar minha ideia sobre essa moça, cuja cadeia significante não era tão bizarra para encontrar loucuras na materialidade de suas palavras. Então isso também são zonas em que a questão do fantasma é interessante, porque, ao mesmo tempo, ela nos guia em direção às posições em que o fantasma faz defecção. Não há fantasma, é outra coisa que está operando. Hoje é bastante complexo para percebê-lo, pois nós mesmos estamos habituados a essas zonas de defecção. Não é raro que uma moça de 15 anos se faça refazer. Em suma, são clínicas interessantes e difíceis de dar conta junto a nossos colegas sem tomar uma posição de equilíbrio hiperteórico-histórico, no final das contas.

Termino com duas questões: queria colocar um problema que tem a ver com a questão da materialidade do objeto, isto é, questões de perspectiva, que se tenta retomar. Por que digo isso? Porque isso me veio depois das jornadas concernentes à psicossomática, quando Lacan trabalha sobre as superfícies topológicas e, em particular, nos apoios sobre os *cross-cap*, coisas assim. O objeto é verdade, parece guardar um tipo de materialidade, ao menos porque, quando vocês mesmos fazem a manipulação, efetivamente, sobra para vocês alguma coisa, há um tipo de materialidade do objeto, um tipo de superfície. O que é intrigante é que é precisamente no momento em que ele passa com o nó borromeu que o objeto se concebe como um puro buraco topológico. Será necessário esperar que ele passe à questão do nó para que seja admitido, por ele mesmo, o aspecto de puro buraco, um buraco que cunha ou que está na cunhagem, enfim, pouco importa, então isso eu lhes digo de passagem, é interessante o apoio nas superfícies. A questão de um tipo de materialidade não vai até o ponto do que aparecerá através da questão do enodamento.

Por que isso é importante? Porque frequentemente a questão da materialidade dos objetos, quanto ao fantasma, somos incomodados pela materialidade do objeto a, porque os objetos em Lacan são objetos que não têm a mesma posição. Quando ele coloca na mesma série seio, fezes, voz e olhar, tem-se a impressão de uma sér

homogênea, o que não é o caso. Os primeiros objetos de troca na criança, as fezes, é evidente que a analidade na criança tem um tipo de materialidade evidente.

A meu ver, o progresso de Lacan, em relação a Freud, é que ele se interesse pela maneira com que esses objetos materiais se encontram negativados. É a força de negatividade do objeto que passa, de alguma forma, pelo molinete do objeto fálico, que vem sexualizar; é a sexualização, o recobrimento dos primeiros objetos pela negativação engendrada pela sexualização dos objetos. É isso que, a meu ver, é apaixonante em Lacan com relação a Freud e é isso que faz com que o buraco no Outro permaneça um buraco, porque senão ele pode ser preenchido pela crueza, pela presença de qualquer objeto. É um negócio que é preciso que se retrabalhe porque, simplesmente, dizendo a série dos objetos, há rupturas epistemológicas imensas, vocês não podem colocar no mesmo lugar voz, olhar, seio e não. Para concluir, em estruturas clínicas, tais como recebemos em análise, nenhum objeto vem preencher o gozo do Outro; é um gozo hipotético um gozo de escola, uma vez que o Outro é apenas um espaço.

O que vem entre esses dois problemas é justamente a posição do fantasma. Sobre isso creio que não insisti bastante. É pelo fantasma que temos, às vezes, a ideia de um encontro exitoso com o objeto, para ser simples: o que se chama uma paixão. Quando vocês têm uma paixão amorosa, vocês têm o sentimento inefável de ter, com ou sem razão, o bom objeto no outro, mesmo se esse último for amargura e perda, como o demonstra habitualmente a marcha implacável da vida psíquica. Não retomei isso o bastante, de qualquer modo, não é senão pelo fantasma, onde, ficcionalmente, a questão do objeto aparece de um modo outro que como buraco. Tudo isso é bastante delicado. É preciso retomar a totalidade da maneira com que Lacan procede.

Escuta-se bem que entender o objeto causa do desejo não é semelhante ao objeto do desejo. O *objeto causa* já em francês abre para alguma coisa. Não é o mesmo dizer *objeto causa* quanto à materialidade do desejo e do gozo, isso pode ser tal fetiche, tal adição, tal negócio. Paro nesse último ponto que me parece muito importante. No fundo, o que é que se chamaria, nessa concepção que temos do inconsciente, a responsabilidade do sujeito? Ora, parece – é esta a aposta –, que é porque Lacan conduz essa força do objeto buraco, do objeto perdido, desse agenciamento de letras entrançadas, como diz Melman, que é porque ele trabalha a partir desse objeto que sustenta o lugar de *Dasein*, que esse objeto que sustenta o lugar do que chamamos habitualmente, rapidamente, um sujeito; é por causa disso que se sustenta, entretanto, a questão da responsabilidade.

CYRIL VEKEN: Você pode dizer novamente?

Sim, mas isso não subentende que você o compreenda! Freud tinha uma concepção do inconsciente; Lacan, esta concepção da cadeia infinita, do fluxo dos significantes, a cadeia literal. Então, isso me aconteceu frequentemente, eu esperava que Melman dissesse uma palavra sobre isso e, por fim, com qual direito se fala da responsabilidade com essa concepção que nós mesmos temos do inconsciente, onde isso se engancha. E penso que, paradoxalmente, é preciso colocar em relação o termo de responsabilidade com a questão do objeto. Eu o repito, mesmo se não for mais claro, é porque Lacan põe em posição de lógica, em toda a cadeia significante, um objeto definitivamente perdido, um agenciamento de letras que sustenta o lugar, enfim, de todo sujeito, de todo *Dasein*, como o diz Heidegger, é porque ele faz o esforço de pensar sobre essa questão de objeto que a questão de responsabilidade pode, entretanto, ser produzida, e é isso que eu gostaria de chegar a pensar melhor.

Na *Ilíada*, entre os gregos, a responsabilidade está sob a férula do destino. É *fatum*. Os deuses decidem momentos de vitória e de derrota; o que é muito bonito nos gregos é que o sujeito, sua responsabilidade, aquilo ao qual ele não se furtará, está ali onde o destino o espera: isso se decide lá mais acima, porém, ele não se furta, ele pagará o preço.

Como vocês sabem, no mundo cristão há essa bizarrice que Freud diz rapidamente, é que a culpabilidade, imediatamente, pela via do pecado, vai desorientar a questão da responsabilidade. Para cada um de nós, a responsabilidade se enuncia, frequentemente, *culpado de*, estamos todos nisso. Então a responsabilidade é irrigada por esta noção curiosa e tão importante para nós de culpabilidade. Então, para retomar para vocês: eu tinha começado por histórias políticas – vocês sabem o quanto permaneceu na consciência, por exemplo, para alguns, a história do sangue contaminado, a fórmula *responsável, não culpado*. É um tipo de fórmula que vocês guardam para os bascos, as duas palavras holofraseadas. Vê-se bem que há aí uma dificuldade: como se pensar responsável se não for infiltrado pela questão da culpabilidade?

Freud e Lacan consideraram que, paradoxalmente, é isso o paradoxo do discurso analítico e é o único discurso a pensar assim; enfim, somos sempre responsáveis por nosso inconsciente, onde a cadeia literal que constitui nosso Outro – creio que o *Je* significante está nesse lugar, o *objeto a* não está na cadeia, mas é responsável por ela; esse objeto está excluído da cadeia significante, mas ele a produz. É por isso que insisto, é porque é a partir dessa escrita, aliás, escuta-se nos jogos de palavras de Lacan: objeto, abjeto, *ob-jet* isto é, com uma só palavra, ele faz escutar a responsabilidade da única palavra; com o objeto, vocês vê

passar uma hora a escutar jogar na língua, no inconsciente, rapidamente, isso os -a. Pequeno *a*, esse ano ele diz: coisinhas, é incrível, e então essas formas de -o senso e que encadeiam, por fim, todos os sentidos que o sujeito dá à sua vida.

Paro aqui por hoje. Antes que a gente se separe, proponho que se tome um pouco a lista das dificuldades, aqueles que desejarem me dizer o que eles... Adiante, Rebecca.

REBECCA MAJSTER: – Não imediatamente... nos dá, contudo, tua visibilidade, porque eu permaneci colada a esse título da jornada sobre o trabalho social: *contrato pode substituir a Lei.* Como podes classificar a questão do sujeito, do objeto e, nessa fórmula que sinto extremamente, justamente, como dizer, não fazendo parte de um discurso analítico? Vou forte dizendo isso. É uma fórmula e acho bastante siderante que se possa trabalhar sobre isso. Vejam, então será que tu podes me dizer, como podes cortar isso?

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Ela não é analítica, porque ela reúne rapidamente as duas bordas.

REBECCA MAJSTER: – É isso, contrato e Lei, não estamos em um discurso analítico, hein?

JEAN-JACQUES TYSZLER: – A questão é realmente analítica, isto é, em face de alguma coisa que está implícita, isto é, nossa maneira de ter implicitado, coimplicitado, certo número de referentes maiores de nossa vida, o que se chama a Lei, que é então tudo o que nos vem dos significantes do pacto e da aliança, toda uma série que hierarquiza nossa maneira de nomear o que nos rodeia. Mas isso funciona de um modo que está implícito, isto é, tu não lembras a alguém da Lei, está-se de acordo. Então, na fórmula que é utilizada, a dificuldade é talvez -e colocar em relação duas palavras que se encontram positivadas. É possível que o fato de positivá-las no mesmo patamar coloque a questão... Mas a própria questão será justa? Isto é, por quê? No exemplo das mulheres jovens que eu citava, a questão era que elas não sabiam mais, em suas vidas de casal, como se hierarquizava a posição do que se chama uma casa. Ali onde eu vivo é o quê? Uma coabitação? Vive-se a dois no sentido em que estamos um ao lado do outro? Ou, então, pode-se escutar isso vetorizado por outra Lei? Usualmente, essas questões não são sequer discutidas, em um nível genérico, num casal, isto é, imagino. Se amanhã você diz a Cyril: *Escute, Cyril, por razões de trabalho, eu fui chamada a Rennes, eu vou instalar meu consultório*, Cyril encontrará meios de responder mentalmente, à sua maneira, e que seu par permaneça o verdadeiro casal. Há aí formas em que a Lei é interiorizada e hierarquiza por certo número de respostas

do vivente quanto a seus desejos. A questão contratual se escuta muito bem n
reflexões dessa jovem que diz : – *Sim, de acordo, mas ele faz isso, eu sacrif
isso, o que é que ele sacrifica em troca?*

REBECCA MAJSTER: – Isso é verdadeiramente a questão do fantasma.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – a questão do fantasma, mas que assim mes
é lida de um modo que se contratualiza, então onde tu tens razão, em relação ao
tulo, é que eu não podia lhe dizer: – *Mas, enfim, há mesmo assim a Lei de Abra*
Se eu tivesse respondido assim, estaria totalmente por fora!

REBECCA MAJSTER: – O que me interessa nesse título, a Lei substitu
pelo contrato, é o quanto – e aí compreendido o exemplo da hipocondria que
deste com essa mulher jovem, que não é forçosamente louca, efetivamente –
talvez o quanto se está aí em um limite, ou mesmo sem limite, alguma coisa
é amplamente ultrapassada a partir do momento em que a ciência vem propor
guma coisa que está ao alcance do fantasma de qualquer um e o quanto a ciên
se recusa a isso. E aí penso em certos casos, nas situações extremamente gra
simas, atualmente no nível das doenças degenerativas, DPN, DPI, por exempl
quando a gente recusa certos casais em que um é portador de doença degenera
e que não quer fazer o teste, mas querem ter uma criança perfeita, e então e
fazem todas as perambulações para poder ter essa criança perfeita, isto é, util
o que a ciência propõe atualmente. E por que não em certos casos? Então fa
o tri dos embriões, inclusive, com abortos sucessivos em certos casos. Isso
termina mais. E então o que é interessante e problemático, nesses casos que
coloca de maneira ética nesses lugares aí, é que, se se recusa, se os profess
se recusam a prestar esse serviço, uma vez que, efetivamente, é por uma
mínima que se faz isso, ou seja, que as pessoas se recusam a fazer o teste.
querem assim mesmo ter uma criança perfeita, elas podem se reservar o dir
de acusar: – *Você não quis que a gente fizesse esse tri, uma criança não per
chegou a portar esse tipo de doença*, e, então, o hospital é acusado juridicam
nesse nível aí. Então, vê-se bem que contrato, lei, medicina, estão estreitam
misturados atualmente e é extremamente complexo sustentar uma posição
lítica nesses casos aí, até não analítica, aliás, ética, simplesmente ética, se
mesmos embarcamos em *O contrato pode substituir à lei*, então...

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Tu tens razão, mas aí isso necessita de
background que não foi dado suficientemente. É que a lei, tal como é evocad
é o fim do seminário de Lacan sobre a ética, isto é, há lei e lei; há a lei da cid
o serviço dos bens, que já é bem complicado hoje. Tu tens razão, mas não es
certo de que, se tivéssemos que reler juntos o fim de *A ÉTICA*, ainda saberia

[illegible] nós, que posição adotar.

REBECCA MAJSTER: – Exatamente.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Seria preciso rever se é também audível, hoje, [illegible]ma coisa que na época parecia evidente, concernente a Creonte e Antígona. [illegible]o, até esse deslocamento, a concepção desta palavra, Lei, talvez seja isso en-[illegible]que causa brutalização. Tu tens razão. É brutal demais para ser recebido com [illegible]uanças, as complexidades.

Lição VIII

06 de outubro de 2007

Vou prosseguir hoje o tema geral deste ano, que será a questão do fantasma e da identidade sexuada. Vocês sabem que isso é dito assim agora: a identidade sexuada. Até há pouco tempo falava-se ainda de identidade sexual. Houve um deslizamento progressivo, não apenas do prazer, mas dos significantes. Passou-se da identidade sexual à identidade sexuada e, de agora em diante, vocês sabem, ao gênero. Deslizamentos semânticos como esses aí são interessantes.

Nesta manhã, em meu consultório, recebi com prazer um jovem que acompanhei desde bem cedo. Creio que foi uma boa oportunidade para ele, um menino que apresentou bem cedo um distúrbio do que se chama a identidade sexuada. O que quero dizer com isso é que desde o maternal ele se alinhava totalmente do lado das meninas, tanto pela percepção que tinha da imagem do corpo, quanto pela questão das suas ações, dos posicionamentos, dos gostos, etc.

Ele tinha um grupo de amigas e, de uma maneira estranha e ao mesmo tempo protetora, conservou esse grupo de colegas que o rodeia ainda hoje. É um menino que, por volta dos dez, doze anos, fez o que se poderia chamar uma travessia real do fantasma. Enquanto ele está examinando um filme, do ponto de vista técnico, coloca-se na pele da atriz principal desse filme. Ele se sustentava e se sentia sustentado pela voz e pelo olhar dessa mulher. Enquanto me fala disso, vai fazer este neologismo engraçado, uma vez que diz: – *Eu me sentia bem nessa pele dela*[33], fórmula bastante curiosa. Ele se sentia sempre identificado a uma imagem feminina. O fantasma era realmente atravessado pela imagem, pela voz e pelo olhar dessa mulher.

Então é um menino. Isso foi uma chance para mim, que tinha trabalhado sobre essas questões com os adultos, de encontrar um jovem que apresentava, se posso dizer, clinicamente, um distúrbio da identidade sexuada. Entretanto, isso me angustiava muito, encontrar tão precocemente alguma coisa da qual eu não via o destino.

---

33 No original: *je me sentais bien dans cette peau d'elle*, que tem o sentido de "eu me realizava nela". (NT)

Então organizei o acompanhamento do paciente de um modo duplo, eu o segui, é claro, em terapia. Ele falava justamente das questões de identidade sexual e, aliás, eu tinha me dado conta – o que não é sem relação, é claro –, de que esse menino apresentava distúrbios bem característicos do pensamento na escola, tanto do ponto de vista da matemática quanto do francês.

Havia uma forma de ilogismo que não se esperaria em um rapaz que possuísse uma inteligência dessa natureza. Ele podia ter raciocínios paralógicos, tais como quando o professor de matemática lhe perguntava alguma coisa que, contudo, não era tão difícil; ele podia concluir pelo avesso, de um modo paralógico, não tendo qualquer influência no humor do momento. De forma semelhante, quanto ao francês. Sua maneira de ler os textos era bem particular. Ele não conseguia estruturá-los. Sem ir pelo lado das palavras grosseiras e do significante fálico, tudo isso estava operando conjuntamente e, a fim de não ser eu mesmo demasiadamente constrangido pela teoria, optei por dissociar esses dois aspectos. Há, como vocês sabem, nos CMPP especialistas que se ocupam das questões da linguagem e da matemática, e então pedi a outros colegas para se ocuparem do lado puramente lógico do pensamento.

De minha parte, continuei a vê-lo em terapia, não sabendo muito bem o que esperar do destino desse rapaz. Considero que, talvez por causa dessa responsabilidade bem precoce, esse rapaz, que agora tem 19 anos, nunca passou por uma vertente passional, nunca foi reivindicativo nem passional a respeito de sua identidade sexual. Ele está bem longe da maneira com que o transexualismo habitualmente desdobra sua paixão. O acompanhamento desse paciente não foi em vão.

Então, naquela manhã eu o vejo, fico contente, ele obteve seu bacharelado com dificuldade, mas assim mesmo o conseguiu. E, de maneira bem divertida, inscreveu-se, em Paris, numa escola bem renomada, a École des Assistantes de Direction. É preciso acreditar que ele era conduzido pelo significante. Ele me diz com certo humor: – *Eu me deparei sendo o único rapaz dentre os duzentos aprovados*. É uma maneira de entrar nesta questão da identidade sexuada, pois que, concernindo-o, para retomar o não-todo de Lacan, pode-se dizer que em sua escola não-toda totalidade é feminina, mas não se pode dizer, entretanto, que é cante de galo no meio dessas duzentas moças.

Hesita-se em descrever sua posição lógica no conjunto no qual está incluído. Poderíamos retomar esse caso que coloca questões eminentemente importantes de clínica, tanto que me é difícil reconhecer nele os traços de uma psicose. Em certos momentos, mais jovem, ele apresentava uma vertente mais estésica, mais desconfiada, enquanto que atualmente não. Então, o que pensar?

Na semana passada, fui convidado para as jornadas da École de Psychanalyse de l'Enfant, a EPEP, para falar da questão do fantasma. Desenvolvi novamente para eles certo número de temas que eu já tinha trabalhado com vocês no ano passado, e houve dificuldade de se aceitar certo número de coisas. Vou dar-lhes pelo menos uma de passagem: o cenário imaginário *bate-se numa criança.*

O ponto umbilical sobre o qual eu tinha tentado lhes guiar no ano passado é que o interesse desse imaginário é esconder, mas, designando-o; isso vela, mas, velando, designa. É frequentemente assim em um tratamento: o que está escondido é designado. Então, o fantasma esconde e designa, escondendo o real de um gozo, e é esse gozo que é específico para o sujeito. Lacan nos diz que é isso que punciona o sujeito, é isso que ele escreve *fantasma* e é isso que Lacan escreve $\$$, o sujeito puncionado, dividido pela questão do objeto. Isso pode parecer sem importância, mas é grandioso. Pois isso nos faz destacar o que chamamos a realidade, para cada um dentre nós. Nós só agarramos essa realidade pelo aparelho do gozo. Não há outra maneira. De um lado, somos batidos pelas palavras, mas é o aparelho do gozo que, por fim, nos guia, graças à lucarna deformante do fantasma.

O que me parece importante retomar com vocês é que, no paradigma freudiano, imaginário, *bate-se numa criança*, na consistência desse imaginário, há os elementos que autorizam o enodamento. É necessário que esse imaginário se encontre ligado, enodado, de um lado, ao simbólico, à linguagem, e, do outro, ao real. É preciso que desse imaginário alguma coisa faça corpo e consistência. Não pode ser pura imaginação. Há então pelo menos dois elementos que autorizam a dizer isto: é, de um lado, a questão do impossível e, do outro, nesse imaginário, presente, escondido nesse imaginário, já, o símbolo da divisão sexual.

Curiosamente, na semana passada, meus colegas tinham dificuldade de aceitar que o impossível estivesse já no coração das três etapas do cenário freudiano. O que lhes causava problema é, nas três etapas que Freud descreve, a segunda frase, *sou batido pelo pai*, da qual Freud diz que é a mais pesada em consequências. E os colegas vão me dizer que isso não é possível. Freud nos diz, curiosamente, que essa frase é a mais consequente, mas que, em certo sentido, ela nunca teve existência real. Trata-se de uma frase construída *hic et nunc*, construída na transferência e para a transferência, ela não é de modo algum religada a uma lembrança. Não é preciso procurar obrigatoriamente um traumatismo por trás disso. Trata-se de uma frase que não veio ao consciente. Mesmo revelada pela transferência, ela permanece totalmente enigmática para o sujeito. Isso acontece frequentemente numa análise. O paciente admite que essa frase seja verdade, mas ele não a carrega, ele não a endossa, ela permanece impossível. Então, por que

Freud diz que se necessita dela? Ela é necessitada para a entrada na sexualidade, para a heterogeneidade, uma vez que é a partir dela que Freud estabelece a maneira como o sujeito é tocado pelo libidinal, não apenas tocado pelo significante, mas tocado, aliás, pelo gozo.

Vocês veem, estamos sempre sobre duas bordas: o golpe do significante, de um lado, *eu sou batido pelo pai*, o golpe do gozo, do outro. Em todos os casos, no *ser batido* há, agora, diz-nos Freud, conjunção de uma culpabilidade e de um erotismo, alguma coisa que vai fixar, de forma duradoura, a entrada no gozo desse sujeito aí. Nada posso fazer se essa questão parece muito difícil de aceitar. Nesse terreno, é preciso acreditar em Freud, e Lacan retomá-lo-á da mesma maneira. A frase *eu sou batido pelo pai* é paradoxalmente o que não posso dizer. Nenhum de nós pode dizê-lo. E, como lembro frequentemente, isso que Lacan nos diz é o que ele não pode dizer; o que ele não pode dizer ele vai escrevê-lo. Não haverá apoio na consciência, na lembrança. E, mesmo uma vez restituída na transferência, essa frase permanecerá umbilical, real, fantasma fundamental que determinará, por essa formalização do gozo, todos os cenários fantasmáticos do sujeito, suas perversidades relativas, aí compreendidas, até suas posições sociais.

Bom, não vou retomar hoje *bate-se numa criança*, mas vocês veem bem quanto alguém que chegou à posição de adulto poderá ligar facilmente esse cenário a uma posição de vítima. Há uma coisa, justamente um relevo clínico que lhes digo de passagem, clinicamente. Há um fato clínico que resiste. Trata-se da extrema dificuldade de uma mulher – entendam-me bem e coloquem aí as aspas que vocês quiserem –, a extrema dificuldade de uma mulher para se separar de ligação na qual ser batido e ser sexualizado receberam a mesma pancada.

Tratava-se de uma de minhas primeiras pacientes, isso há cerca de 25 anos. Ela teve sempre a meu respeito uma transferência negativa, o tempo todo. Ela entrou numa transferência negativa e permaneceu muito firme na transferência. Pedia-me para livrá-la de um marido violento e que a batia. A coisa mais interessante é que, sendo feita essa manobra, de se separar desse homem, ela sonhava ainda do lugar do *Heim* vários anos depois. Quando sonhava, o desejo era a mansão onde estavam enodadas para ela as questões de ser batida, de ser sexualizada que apareciam. Era este *Heim* de gozo.

A divisão sexuada, simples, menina, menino, isto é, como se faz para nomear em um sonho: é um menino ou uma menina, a divisão sexuada, ela já é elemento da consistência do que Freud traz no estabelecimento do fantasma *bate-se numa criança*, que é, como vocês sabem, o único fantasma que Lacan retomará dos exemplos freudianos.

Freud nos diz que o que é surpreendente nos casos sobre os quais ele se apoia... Freud dava sempre seu material clínico. Ele diz: *eu tenho seis casos, quatro meninas e dois meninos*, e, como um clínico advertido, ele dá até os elementos paradoxais, aqueles que não mostram os elementos na regra comum. É um clínico bem cuidadoso. Ele põe à margem o que não convém. Ele diz que o que há de enigmático é que, até nos fantasmas das menininhas, são ainda os meninos que são batidos. *Bate-se numa criança* que se dialetiza entre *eu sou batido pelo pai* e Freud nota que o que o surpreende é que, nas fantasias das meninas, não são meninas que são batidas, permanecem sendo os meninos.

Por qual via a fantasia, doravante sádica, pela qual os meninos pequenos estrangeiros são batidos, chegou a ser o fundo permanente da tendência libidinal da menina pequena?

Esse traço não se explica por uma guerra dos sexos, senão os meninos fariam bater as meninas. Não tem nada a ver também com o sexo da criança batida da primeira frase e Freud está perturbado para explicar esse fato clínico. Ele se embrenha numa teoria complexa que casa com a maneira que a menininha se desvia do amor incestuoso do pai, rompendo então com seu papel feminino, a questão do Édipo, e dá via a um complexo de masculinidade, e quer, doravante, ser um menininho.

Eu lhes peço para reler essa passagem em que Freud trata das reversões sujeito objeto, para a menininha, no Édipo. É um texto que mal envelheceu, difícil de aceitar, de seguir. Freud esbarra numa dificuldade de elaboração, provavelmente porque faz do Édipo feminino a inversão simétrica àquela do menininho. Penso que ganharíamos em reler essa passagem com a distinção que fazemos agora entre a questão do Nome do Pai e do falo simbólico. Penso que *sou batido pelo pai* pode-se escutar como um mesmo soco comum a qualquer que seja o sexo, que é a ligação do significante ao Nome do Pai, a pancada indispensável: eu sou dobrado pela metáfora.

Em contrapartida, o que aparece na fantasia das menininhas é que o menino é o único a poder ser marcado pelo selo fálico. O único a poder portar a marca é o menino. Marca diferenciada no inconsciente, portada já pelo imaginário, e creio que isso permite esclarecer a tortura desse texto nesse momento aí. Freud não chega à questão do Édipo invertido. Eu os remeto então a esse texto.

As palavras fazem as coisas. Dizer isto, se queremos fazer escutar que o significante é primeiro, que não agarramos nunca nada senão pelas palavras, pela linguagem. Mas a ligação desse laço simbólico ao gozo não se sustenta a dois. O problema que Freud destaca, e que Lacan tenta retomar permanentemente com sua ternariedade, é que é impossível fazer sustentar a dois a questão do simbólico,

do significante, de um lado, e a questão do gozo, do real, do outro. A dois você não chegarão, ou então apenas em casos clínicos particulares.

Poder-se-ia quase inverter a proposição sobre o imaginário do fantasma, q se torna mais interessante dizendo que nada se faz a dois se não partimos d três, e que é esse trabalho pelo imaginário, na ocasião principalmente aque do fantasma, que faz com que o sujeito se sustente. O sujeita se sustenta, com condição de que os elementos de enodamento dessas consistências do imaginár sejam realizados, que haja fundamentos nesse imaginário, o um concernindo a lugar possível do impossível, o outro, em particular, aquele da divisão sexuada

Concernindo à identidade sexual, a preocupação vem pelo fato de q chegamos uns e outros, no período da maior abstração, não há sequer confus isso se trata de modo totalmente abstrato. Eu os remeto à lição de 15.11.1977. seu seminário *O momento de concluir*, no qual Lacan se inquieta com a mane com que a abstração conduz a abrandar, a desnudar, essa corda do imaginár para chegar a liberar o simbólico sugerido por esse imaginário. Lacan diz q quando fazemos uma abstração sobre o que é a psicanálise, anulamos a psica-lise. A análise na ocasião se consuma ela mesma. Lacan fala nesse momento concernindo a esse enodamento hipotético dos registros, da maneira com que psicanálise, ela mesma, vai consumar em nome de um saber abstrato o que esperado dela. Para lhes dar um exemplo assim, de passagem: por ocasião seminário de verão deste ano, houve pelo menos um ponto que foi totalme contornado, concernente à dialética hegeliana do mestre e do escravo.

Em nenhum momento se pôde escutar essa dialética justamente como levada e os sexos, no conjugo. Incrivelmente, a parte fantasmática desse famoso texto não falada, nós dessexualizamos essa aposta. É surpreendente para os psicanalistas. Le tura dessexualizada que fazemos em proveito do que se poderia quase chamar lógica das classes, e eu me impeço de ter que recorrer aos discursos do capitalis uma vez que é proposto como um discurso de que não somos mais capazes de sa como o enodamos às categorias implícitas requeridas para falar disso.

Vejam, é uma maneira, a meu ver, quando nós mesmos estamos abstraíd quando, de repente, no lugar de alguma coisa que tem seu palmo fantasmátic dialética do mestre e do escravo, enfim – sei que, no Eros, o casal do conjug importante –, quando varremos totalmente isso para nos polarizar apenas sob social e a luta das classes, isso desata totalmente a psicanálise.

O que diz Freud, minha pequena tese para hoje será esta: penso que as fe nistas estão erradas porque Freud já fez muito para tornar a questão da difere dos sexos difícil, foi ele que trouxe elementos tais que, de repente, coisas que

-eciam evidências, essências, tornaram-se muito mais complexas para o espírito. Três ensaios sobre a teoria sexual, de 1905, que já envelheceu um pouco, mas em compensação deu complementos em 1915 e 1920, que são extraordinariamente interessantes. Dizia-se na época *teoria sexual*.

Então, página 161, uma pequenina passagem que data de 1915 é um adendo de Freud: é indispensável dar-se conta de que os conceitos de masculino e feminino, cujo conteúdo parecia tão pouco equívoco na opinião comum, fazem parte das noções as mais confusas do domínio científico e comportam pelo menos três orientações bem diferentes. *Empregam-se as palavras masculino e feminino, ora no sentido de atividade e de passividade, ora no sentido biológico, ora ainda no sentido sociológico* - vejam, ele não esperou as teorias de sexo e gênero –, *a primeira dessas três significações é essencial e é ela que mais serve em psicanálise.* É a ela que nos referimos ao descrever a libido como masculina, pois a pulsão é sempre ativa, mesmo quando ela fixou um fim passivo. A segunda significação – biológica – de masculino e de feminino – *é aquela que permite a definição a mais clara. Masculino e feminino são aqui caracterizados pela presença respectiva do espermatozoide ou do óvulo e das funções que daí decorrem. A atividade e suas manifestações anexas: acentuação do desenvolvimento muscular, agressão, aumento da intensidade da libido são, de regra, geralmente soldadas à masculinidade biológica, mas não são necessariamente associadas a isso, pois há espécies animais nas quais essas propriedades são mais reservadas às fêmeas. A terceira significação – sociológica – obtém seu conteúdo da observação dos indivíduos masculinos e femininos em sua existência efetiva* – escutem bem a conclusão –, *daí resulta, para o ser humano, que não se acha a masculinidade pura ou feminilidade, nem no sentido psicológico, nem no sentido biológico. Cada indivíduo apresenta bem mais uma mistura de seus próprios caracteres sexuais biológicos e de traços biológicos do outro sexo e um amálgama de atividade e de passividade, quer esses traços de caráter psíquico dependam dos caracteres biológicos, ou que eles sejam independentes disso.*

Vejam um pouco um texto assim. É um texto que é genial!

O que é que se pode dizer? Não é simples. Quando Lacan vai retomar a questão da diferença dos sexos, no *Encore*, 3ª lição, aquela de 9 de janeiro de 1973, Lacan evoca Aristóteles e a questão da essência, do significante-mestre. Lacan vai dizer que é difícil de escutar: é também o que se exprime no discurso corrente, escrevam o disco ourcourant[34], *disco também fora do campo, fora do jogo de todo*

34 O autor remete aqui ao jogo de palavras que Lacan faz no referido seminário disco/discurso/corrente (disque+discours+courrant=disquourcourrant), aludindo ao discurso que corre ou que gira como um disco. (NT)

discurso, portanto, disco, simplesmente, gira, gira, exatamente para nada.

Então Lacan diz a propósito da diferença dos sexos, tendo situado inicialmen que nós estávamos todos em um disco que gira, que gira, nós todos entendem a maneira que se organiza o discurso social: *o que faz o fundo da vida, de fato. que, para tudo o que faz as relações dos homens e das mulheres, o que se cham coletividade, não anda, e todo mundo fala disso. E uma grande parte de noss atividade se passa a dizê-lo. Isso não impede que não haja nada de sério se nã for o que se ordena de uma outra maneira como discurso, exatamente isto: que relação sexual, na medida em que não anda, ela anda assim mesmo, graças a cer número de convenções, de interditos, de inibições que são o efeito da linguager. Elas são para serem tomadas nesse tecido e nesse registro. Não há a menor rea- dade pré-discursiva pela simples razão de que o que faz coletividade, os homer as mulheres e as crianças, não quer dizer nada como realidade pré-discursiva, s apenas significantes. Um homem não é nada mais que um significante, uma mulh procura um homem a título de significante, um homem procura uma mulher a tít – isso vai lhes parecer curioso – do que só se situa no discurso...* etc.

Retomada, à sua maneira, a forma como Freud problematizou a questão diferença dos sexos e Lacan prosseguiu algumas páginas mais adiante: *pode- a rigor escrever X relação Y e dizer X é o homem e a mulher é Y, R, a relaç sexual, por que não? Apenas vejam,* diz ele, *é uma besteira porque o que se s- porta da função de significante do homem e da mulher são apenas significan inteiramente ligados ao uso corrente da linguagem.* E isto é muito importa analiticamente, *a mulher não entra em função na relação sexual senão enqua mãe*, não é um acréscimo porque, de repente, essa queda, isso dá o giro, o te de Freud já dá o giro, Lacan vem retomar exatamente a proposição freudian dá também o giro. Como o disco *ourcourant* gira sem cessar, não se sabe co encontrar seus coelhos e Lacan acrescenta ainda dizendo em três páginas: *s sim! É precisamente apenas jogo de significante.*

Lacan situa no início do trabalho, ele vai procurar Aristóteles e este texto in- vel, *Categorias*, no qual tenta definir as primeiras categorias do pensamento. grandes significantes, a partir dos quais tudo pode se enunciar e então nos diz hoje que o termo essência não tem mais valor. Aristóteles fala das essências prim- ras, *vejo tal animal de quatro patas, digo, é um cavalo*, um trabalho de nomea é desdobrado de maneira dialética bem complexa. Se vocês retomam esse texto Aristóteles, o que é interessante é que a questão da essência é o apelo à nomeaç Isso envia sempre a uma questão, inteiramente simples, a questão da criança, igualmente de nós mesmos: *Mas o que é que é?* e creio que se Lacan termina p

questão da mãe é para dar a entender alguma coisa de que se esquece, mas que é evidente; no nascimento, cada uma se volta para o outro indagando: *o que é que é?*

Há exatamente esse obstáculo no real que vem nomear, é um menino ou uma menina. É uma experiência que não se deixa reduzir às abstrações habituais sobre a diferença dos sexos. Eu os convoco a retomar, vocês mesmos, a maneira com que Lacan trabalha a questão da identidade sexuada, enquanto puro significante, entretanto, enquadrada por alguns obstáculos que, efetivamente, tocam na questão cujas essências têm ainda para nós valor de significante-mestre e vêm no vente responder, no nascimento, à questão que não pode ser diferente: *mas o que é que é*? Ainda hoje isso continua assim. É muito raro uma mulher que não vá perguntar a seu parteiro: – é menina ou menino? A própria psicanálise abriu consideravelmente o campo da representação e da identidade sexuada. Somos tomados em um vulcão mental, diz-se: *Mas ele tem razão, menino-menina, mas tudo isso é apenas um uso!*

Vocês podem se encontrar em um lugar outro, onde as mesmas palavras têm um sentido inverso, Lacan o diz, Lacan, mas então, onde está o ponto de obstáculo. Onde se agarrar? Não é porque Lacan se autorizou, não a desconstruir, mas a dar um golpe de canivete na lógica aristotélica sobre a questão do não-toda que isso subtende que todo edifício prévio foi posto abaixo. Seria preciso que se falasse mais a fundo sobre isso.

O termo identidade sexual, para terminar, não ousamos mais utilizá-lo como Freud, de maneira anatômica. Isso parece reacionário. Utilizamo-lo em psicologia corrente para descrever a orientação na sexualidade, para distinguir o *hetero* e a homossexualidade, tudo o que Freud coloca sob o capítulo da escolha de objeto. Vocês observarão que o termo *identidade* é um pouco bizarro, trata-se mais de um processo que de um estado que acarrete estabilidade, e Freud fez muito para dar conta das vicissitudes no inconsciente do que ele chamava de bissexualidade infantil, para saber, no fundo, a partir dessa bissexualidade infantil, como a orientação sexual se faz.

Houve uma época bastante recente em que caiu o termo *identidade sexual*, em proveito de *identidade sexuada* e nós utilizamos frequentemente o termo *identidade sexuada* para falar, ao mesmo tempo, de identificação e de erotização. Por exemplo: o sujeito – é porque eu falava há pouco desse rapaz –, será que o sujeito sexuado se reconhece em sua imagem diante do espelho, de seu sexo, de pertencer conforme à designação ou não? O fato de endossar essa nominação o guia na escolha erótica do outro sexo ou não?

É exatamente a descoberta freudiana que vai criar a defasagem máxima em

torno dessas questões, não são as feministas, os transgêneros, ou sei lá mais o quê. É Freud que vai afastar as duas bordas dessa dificuldade, a partir de seus trabalhos sobre a sexualidade. Quando, por exemplo, Freud nos diz que a menina pode negar a percepção da ausência do pênis e se comportar toda sua vida como se fosse um homem, ou mesmo como o homossexual masculino, passa de uma fixação amorosa a sua mãe possessiva a um modo de identificação feminina.

Freud é muito respeitoso, quanto à descrição que ele dá. Não se trata, para ele, de uma querela contra a homossexualidade, ou de tal avatar da feminilidade. Ele dá simplesmente, ele separa para nós, as bordas de todas essas questões, colocando o acento sobre uma dimensão que a clínica revela, e que é que a identidade nas sexualidades é determinada por uma função simbólica já conhecida pelos antigos, a lógica complexa para o inconsciente entre o ser e o ter, que Lacan retomará através de *A significação do falo*. É um texto muito bonito de Lacan, um dos mais claros, bem bonito, que dá a posição da psicanálise a respeito desse símbolo mal compreendido, caricaturado, rejeitado, um texto que dá com clareza a necessidade dessa função, bem central à psicanálise, não apenas na teoria, mas na prática.

Em bem pouco tempo, passamos da *identidade sexual*, que não agrada mais para a *identidade sexuada* que agrada mais, e passamos agora à *identidade de gênero*. É um negócio na linguagem. Em inglês é *Gender Identity*. Houve um trabalho bem simples, um deslizamento semântico, que faz com que agora nos encontremos à força diante de uma palavra que, em francês, é bastante complexa. É a questão do *genre*, o significante gênero em francês para descrever as identidades; ora, seguindo as línguas, o gênero é diferente. Em inglês, *sex and gender* não são semelhantes como, em francês, *sexe et genre*, escuta-se bem menos. Em todo caso, o que é certo é que a questão da identidade sexual, considerada como redutora e reacional, cede o lugar efetivamente à noção de gênero, que só faz retomar, como Freud o tinha feito, noções de construção psicológica e social, das representações e das determinações.

A propósito do disco *cursocorrente*[35], há uma coisa que não se deve esquecer: é que essas coisas não é apenas o discurso ambiente que as fixa. Vocês sabem que atualmente o que fixa os grandes significantes é, sobretudo, o direito. O discurso do direito enquanto tal, enquanto doutrina. No fundo, o direito é o quê? A repartição dos gozos, a maneira como são limitados e divididos de maneira desigual.

Então, há o discurso ambiente, mas há também os significantes-mestres que enquadram as modificações de nossa apreensão da divisão sexuada, que se

35 No original "*disque ourcourant*". (NT)

muito, de hoje em diante, pelas complexidades que o direito endossa e a maneira com que as legislações na França e na Europa têm mudado muito na distribuição das cartas concernentes a essas noções. O direito europeu lembra até às nações que elas devem levar em consideração a modificação do sexo aparente correlativamente à questão do estado civil. Aqui mesmo, há alguns anos, falávamos dos fenômenos do transexualismo. De certo ponto de vista, não temos mais o direito de falar disso da mesma maneira. O direito não nos autoriza mais a fazer querela. Em dez anos passamos para outra relação à questão.

Além das interrogações sobre suas motivações, o reconhecimento, para citar apenas um exemplo, das identidades induzidas pelos fenômenos do transexualismo vai abrir em cascata para coisas imensas que estamos vivendo, que é a definição, por exemplo, do que se chama um casamento. Como, é claro, o que chamamos a adoção, sem falar das ajudas para a fecundação. Há pacientes, pacientes que nos mandam textos de direito. Há um texto surpreendente na legislação espanhola, do ano passado, sobre a questão do transexualismo, uma nação aparentemente bem católica. Bem, isso não teve influência sobre este fato de que na Espanha, agora, está relativizada a necessidade de uma cirurgia transformadora nas demandas dos transexuais.

Isso parece sem importância, mas, para o senso comum, é, mesmo assim, bastante perturbador. Se alguém se acha inteiramente tão mal com seu sexo que chega até a se operar, é normal que a sociedade civil aceite sua mudança no estado civil, a fim de tornar esse estado civil conforme aquilo que ele fez nele mesmo. E agora, se se inverte a proposição, e que o direito espanhol diz: *Bom, afinal, se alguém está verdadeiramente persuadido que pertence a outro sexo, por que obrigá-lo a mudar seu corpo?*

Então a gente se encontra diante de formas de lógica, pelas quais não se esperaria. Quando li esse texto de lei, tive dificuldade para representar, para mim, no imaginário, com que tipo de sujeito isso teria a ver. Trata-se de um texto que dobra nossos respectivos imaginários e as redistribuições simbólicas que daí decorrem. Há alguma coisa de extraordinário, trata-se da dificuldade que a magistratura encontrou para responder através da doutrina à demanda do casamento homossexual de Bègles, no ano passado. O fato de que dois homossexuais pediam o direito de se casar à justiça, sabe-se que ela por fim lhes recusou. Mas os motivos de doutrina invocados para recusar essa possibilidade – há trinta e cinco páginas de argumentos –, fazem entender que, sobre essas questões, o direito vai ceder, é inevitável.

Essa demanda fez surgir questões de significantes-mestres, questões de significantes implícitas, pelas quais não se esperaria. Salientou-se a importância de que nos textos de lei sobre o casamento não é dito claramente que o casamento

ate duas pessoas de sexo oposto. Essa condição até então estava implícita, o que fez com que os legisladores não tivessem pensado até aqui sobre a necessidade de categorizar as essências com as quais se tinha a ver. Mas é interessante isso! É um operador que Lacan nos diz que opera sempre velado, não se diz permanentemente: *vejam a diferença dos sexos*. O legislador foi confrontado a uma lógica formal forte: já que o direito não o diz, o que é que o contradiz?

REBECCA MASJTER-VEKEN : – A religião.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Tens razão, Rebeca, no texto, o que causa sua grande força é sua grande fraqueza, é que o legislador se diz: *mas como vou responder, isso se faz desde a noite dos tempos*, e então ele convoca os grandes relatos incluindo aí aquele da criação. Então, há um apoio aí, há um ponto de apoio igualmente histórico, aquele dos usos e costumes, fora da religião dos grandes povos. Mas, todavia, o que é perturbador é que, quando ele toma emprestado esse argumento, é aí o ponto sensível, ele vai se apoiar sobre argumentos históricos, sociais de referência. Ele reconta de passagem que, infelizmente, todas as religiões tinham uma vingança contra a homossexualidade, e pouco a pouco o legislador dá ele mesmo os argumentos que nos fazem entrar numa época social totalmente diferente.

REBECCA MASJTER-VEKEN: – É o apagamento do simbólico.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Exatamente. Exatamente, é a questão do símbolo e eu convido-os a procurar esses documentos que são públicos e a se darem conta do que enquadra nossos grandes significantes mestres. Somos advertidos sobre questões essenciais que tocam a identidade, em particular, a identidade sexuada. O período do *Tudo é possível* já está ali porque os argumentos de fundação são descritos pelo próprio legislador, como em vias de ser metamorfoseados. Como se paga tudo isso? Isso se paga, de passagem, em todas as questões sociais.

Há uma questão social que me interessa, é a referência que é feita permanentemente à Corte Europeia dos Direitos do Homem. Então, valeria que se interrogasse um dia sobre a questão dos gozos, porque são frequentes os argumentos da Corte Europeia que vêm prevalecer sobre toda a história simbólica dos Estados nacionais.

Cada nação, no que concerne à repartição dos gozos sobre seu território, tem sua própria maneira e sua história. Mas isso não basta porque agora um símbolo nos vem de alhures, outro símbolo, de alguma forma, que se chama a Corte Europeia, e é sempre em nome de alguma coisa, cuja economia não se percebe, mas que é imensa porque aberta infinitamente, e que é simplesmente que toda pessoa tem direito ao respeito de sua vida privada e familiar; à relação totalmente individualizada em seu espaço, um espaço que nos é totalmente próprio. E é sempre em

nome desse lembrete que o espaço primitivo, individual – eu ia dizer narcísico do sujeito –, prevalece sobre qualquer outro símbolo.

No fundo, o direito, para cada um, de estabelecer os detalhes de sua identidade, de ser humano, é como o *bate-se numa criança*, são frases imaginariamente bem curtas, são frases sem importância, mas têm a mesma força de deflagração no fantasma, no laço social, que essa frasezinha. Queria lhes dizer que se vê frequentemente, ao descrever os efeitos sociais destas dificuldades, o casamento, a adoção, a definição do que se chama um casal, que vai haver aí em abundância, mas o que nos interessa, de nossa parte enquanto analistas, são os efeitos psicológicos.

Acontece, com bastante regularidade, que uma criança ou um jovem vivam quase de uma maneira hipocondríaca – não psicótica –, que alguma coisa não esteja bem em sua relação com o corpo, em sua identidade sexuada. Não é raro que um jovem viva, desse modo, sua relação diante do espelho, diante dos outros. E, se não for a imagem, pode-se tratar do que agora chamamos os papéis, a obrigação de um menino de brincar de trenzinho, ou de boneca, se for uma menina; todas as posturas, o que faz esse meio, a sociabilidade. Há crianças que não querem, que pensam que é pura aparência. É bastante frequente e isso criou na adolescência essa forma de hipocondria do corpo próprio na relação com o outro.

Por todas as razões que acabo de evocar, o jovem vai encontrar, no discurso social, em que explicar essa rebelião íntima. Alguma coisa vai se construir como vindita teórica, exigência intelectual, doutrina; o corpo social é responsável. O que é interessante, por razões clínicas que evoquei alhures, é que, entretanto, o sujeito não estaria quite em tratar esse mal-estar de uma maneira intelectual puramente teórica.

Isso não funcionará. Por quê? Bem, porque frequentemente o abrigo que é encontrado pelo símbolo nos faz jogar. Nós mesmos podemos abri-los, como tenho feito com esses textos, ofuscarmo-nos, há um jogo, há um prazer, há um temor. Um jogo que não é recalcamento, um jogo sublimatório. Há um jogo por parte de cada um de nós compreendido aí, na questão da diferença dos sexos, o que não nos obriga a pensar nela, permanentemente, como dificuldade.

Frequentemente nós nos aliviamos e, abrigados pelo símbolo, passamos a outra coisa. Daí resulta que, estranhamente, as polêmicas modernas insistem na questão da diferença dos sexos. O fato de que, nos países anglo-saxões, bibliotecas e universidades inteiras são abertas para teorizar essa questão, bem bizarramente, essa insistência vem, sobretudo, prejudicar o sujeito que disso se serve como anteparo. Porque, por baixo de uma cobertura de maior liberdade, essas dificuldades fazem retorno sobre ele mesmo de um modo maciço e permanente. Frequentemente são sujeitos tiranizados por sua própria questão, muito mais que

sujeito aceitando ser transitoriamente abrigado pelo símbolo.

Temos testemunho de dificuldades íntimas para nos entusiasmarmos ideologi-camente com essas questões, porque o retorno sobre a própria pessoa, em termos de dúvidas, de inquietudes, de obsessões constantes sobre a diferença dos sexos é muito mais pesado para aceitar na própria vida.

É preciso prestar atenção. Não tomem isso por debates sociais. Quando alguma coisa é submetida à quinta essência do pensamento assim, o preço que se paga na subjetividade é a única coisa que nos interessa. E qual é o preço no real da vida do sujeito que se apodera disso? Considero essas questões com muita seriedade, sem humor, porque o preço é muito alto, caro, e a vida é suficientemente curta para que cada um de nós se perca. Gostaria de retomar as questões do *possível* e do *necessário*.

Por quê? Porque, quando Lacan retrabalha as questões de sexuação, quando ele tenta, segundo Freud, não é ultraje dizer, mas enfim, melhor que Freud, porque, em Freud, as questões femininas deixavam-no em dificuldade, ele próprio o dizia, e isso não o impedia de dizer coisas apaixonantes sobre a histeria, como vocês sabem. Então, quando Lacan reabre essas questões, ele faz um trabalho não apenas para a psicanálise, mas para o corpo intelectual e social.

Ele faz um trabalho bastante complexo, pois ele vai bem longe com os lógicos modernos para estabelecer categorias que nos parecem funcionar, mas que são difíceis para o pensamento, que são, de um lado, o *necessário* e do outro o *possível*. Ele vai bem longe, acompanhando-se dos matemáticos mais loucos do momento para acompanhar seu trabalho em relação às categorias aristotélicas. E, então, penso que, se queremos ser sérios, é preciso que tenhamos confiança em Lacan.

Na próxima vez tentarei retomar – porque são precisamente as categorias do *possível*, precisamente, que permitem hoje uma leitura totalmente outra das questões de identidade, tal como Lacan propunha em torno dos anos do famoso seminário *Encore*. Eu lhes convido a tentar ler coisas sobre a lógica dos possíveis, o que se chama de lógica *floue*. Por que os matemáticos se interessam tanto pela desconstrução das fronteiras, em toda essa lógica moderna que não é senão querê-la? Foi sua maneira de prosseguir um trabalho sobre essas lógicas que permitiram a Lacan escrever suas fórmulas sobre a sexuação.

É isso aí. Vamos parar agora e vamos ter um tempo de discussão, homenagem então às moças e aos rapazes.

Lição IX

01 de dezembro de 2007

Uma palavra simplesmente sobre as jornadas que tivemos na Associação sobre o símbolo. Fiquei contente, ainda que houvesse coisas inegáveis. Mas houve coisas interessantes, a meu ver, e, entre outras, penso que é justo continuar a diferenciar o melhor possível o apelo ao símbolo e à questão que chamamos de simbolização, que é simplesmente o trabalho da palavra eficaz, a questão da palavra plena, como dizia Lacan. Porque os jovens têm tratado muito dessa questão do símbolo. Isso, por um lado, pode parecer às vezes um pouco ultrapassado à nossa geração, como a questão dos rituais religiosos, por exemplo. Estou surpreso por constatar o quanto a questão dos rituais alimentares retornam à força nas famílias, enquanto que se acreditava um pouco protegido de dificuldades como essas, e que faz com que em uma mesma família, às vezes, não se possa mais convidar ou comer à mesa de outra família porque os rituais, portanto, o símbolo, vêm causar obstáculo. Por outro lado, há, evidentemente, as questões de que os jovens gostam muito, aquelas da imagem, do logos. Não é falso constatar que os jovens estão um pouco saturados do apelo ao símbolo, e talvez não haja muitos discursos, além do da psicanálise, para fazer respeitar essa ideia de que o que importa é a palavra que engaja, a palavra eficaz, e tornou-se uma dimensão que, para nós, se tornou difícil, às vezes, diferenciar o esforço da questão da palavra e do apelo ao símbolo.

Há outra coisa que quero dizer-lhes igualmente, em consequência de um deslocamento que fiz a Lille recentemente. Trata-se da angústia que se entende, frequentemente, concernente à clínica, tal como a visitamos, e esta questão que vem imediatamente: *mas o que devemos fazer?* Subtendido, seria: *teríamos que mudar aí nossa práxis, teríamos mais que construir em uma análise do que escandir, teríamos, de repente, que dar sentido, incluindo aí a criança? Nós tentamos fazer entender a instância da letra no inconsciente, ter-se-ia, de repente, que captar aí as palavras, mais que equivocá-las? Haveria mais a fazer ligação a outro, como diz Levinas, para dar novamente ao outro e não mais fazer o lugar, a questão do Outro, como diz Lacan?* É um pouco minha inquietude do momento, temo que o risco seja que venhamos, pouco a pouco, a fluir para uma concepção que se

poderia chamar *winnicottiana* do espaço transferencial. Não que o que diz Winni-cott enquanto clínico seja sem interesse, é claro. Evidentemente, as referências que Winnicott nos dá do espaço e não simplesmente do objeto, diz-se sempre o objeto transicional, mas é, sobretudo, o espaço transicional. É verdade que isso é muito interessante clinicamente, seguir o que Winnicott tenta, partindo da criança que chupa seu dedo e então que define o espaço entre dois dedos, e a seguir a questão do próximo, da mamãe. E depois evidentemente o *fort-da*, a bobina.

Nosso espaço não é especificamente aquele ali. Para nós, o espaço é o lugar da metáfora, o lugar da transferência, e penso que rapidamente teremos que definir nossas escolhas, entre o que se pode chamar uma polaridade materna do significante e a vertente do significante submetida ao Nome-do-Pai. É minha maneira de dizer psicoterapia e psicanálise. E creio que esses debates nós os escutamos um pouco por toda a parte, são questões maiores e que devemos tomar com tranquilidade. Já que essas questões parecem se colocar, *que fazer*?

Nós dizemos – é o título das jornadas em Lille –, nós dizemos *mutações no laço social*. Há uma proposiçãozinha que eu desejaria lhes fazer a propósito dessa tema, é que quando dizemos que o sujeito, o jovem de hoje, não estaria mais submetido às mesmas regras simbólicas que seus pais ou seus avós, que falamos de mudanças em caracteres antropológicos, o que se quer dizer no fundo?

Parece que o que se quer dizer é que é um negócio que se desenrola rapidamente, em algumas gerações, e lembro-lhes que, quando Lacan tentou falar de um fato clínico, ele dizia sempre que para estatuir um fato clínico era preciso pelo menos três gerações, era difícil estatuir sobre uma geração. E então penso que, concernente às mutações no laço social, é preciso colocar em relação placas tectônicas que cavalgam, que divergem, mas sem as substituir imediatamente.

Por que digo isso? Parece-me que se pode dizer que o inconsciente de cada um permanece na encruzilhada de uma leitura cristã, ou, se vocês preferem, histérica, que divide a carne e o espírito, o fato de que no seio de nosso inconsciente a carne é fraca, que somos faltosos devido à carne. É evidente que está aí algo que não desapareceu do inconsciente de cada um. Talvez alguns tenham ultrapassado totalmente isso, mas resta a ser visto... Então, vocês veem, nós dizemos antropológico, mas essa leitura da carne enquanto faltosa ela nos conduz bem para trás, uma vez que é um debate que se desenrolou no interior do monoteísmo. Os primeiros debates judaico-cristãos, e até do cristianismo judaico cristão primitivo, que não estava ainda separado do judaísmo. É toda a influência de Paulo de Tarso que, com toda energia de sua conversão, converteu também a ideia de que os judeus se faziam pela sexualidade.

Como temos nós o testemunho disso? Mas, de maneira bem ampla, em um texto que não está absolutamente fora de uso e que é um texto de Freud de 1908: *A moral sexual civilizada*. Esse texto é assim mesmo um monumento de tranquilidade, em que Freud explica como a repressão da sexualidade faz com que não se possa alcançar grande coisa dos homens e das mulheres a respeito de sua posição *vis-à-vis* do seu gozo sexual. A cultura os obriga a esse recalcamento. Isso é a primeira placa tectônica.

Cada um de nós permanece trabalhado por essa herança? A carne é ela faltosa? Nos fatos, temos agora que levar em conta uma herança bem mais recente, que é aquela que abre a porta às questões do gozo, sob o símbolo: é proibido proibir. Trata-se de toda essa herança bastante moderna de abertura para os campos do gozo, em particular, a liberdade de fabricar sua identidade. Retornarei a esse assunto.

A liberdade dos direitos do corpo, do direito na criança, etc, o que eu tinha resumido, graças a Rebecca Majster-Veken, sob o ângulo de um fantasma, que não é mais um fantasma, mas que é uma injunção: *devem-me*. É verdade que se trata de uma transformação lógico-matemática da questão do fantasma, já que aparece em nossas análises esta matemática bastante desconcertante: é possível mesmo, se isso não for necessário, e, se é possível, então isso me é accessível. Por exemplo, em um jovem, seria alguém que fez uma escolha sexual explícita e que se obriga, por razões totalmente experimentais, a um ato homossexual que não se escreve apenas no panorama fantasmático aparente, mas que é trabalhado pela necessidade lógica, já que é possível, me é accessível, mesmo que seja destacado do necessário. Penso que se trata de uma questão que está operando nos mais jovens e que vem em conflagração com a questão, tal como ela era tratada, da carne, tal como eu falava disso precedentemente.

Quando falamos de uma mutação no laço social, o mais interessante é levar em conta o fato de que, evidentemente, se é alguma coisa que deve ser pensada sobre algumas gerações, mesmo se são gerações bastante aproximadas, é preciso, entretanto, que estejamos à altura de dar as forças lógicas e contraditórias dessas placas tectônicas.

Quanto ao que é de minha paciente, por assim dizer, não tenho ideia de como isso de crianças tornadas adultos, que tenham ultrapassado totalmente a questão da carne e da culpabilidade, aí compreendido quando, em seu modo de vida, elas parecem se dotarem de uma liberdade extrema. É uma questão.

Também, estamos mal de ideologia, e quando falamos de ideologia, nós nos referimos a maior parte do tempo a uma lógica das classes. Não falo da luta das

classes, mesmo que seja frequente esta que retorna, por um lado, e vocês sabem que Lacan fez muito para deslocar a questão de uma lógica de classes, precisamente não de luta das classes, mas uma lógica pensada como uma lógica das classes.

Toda a lógica do *não-toda* faz parte desse esforço considerável do sujeito para sair de uma lógica das classes. Contudo, o que é intrigante é que, há alguns anos falávamos muito do retorno das identidades, das identidades religiosas, nacionais, regionais, e parece que temos agora que fazer rapidamente outro tipo de ideologia, que mobilize as energias e os espíritos, que é o desaparecimento programado do que os analistas chamam simplesmente a diferença dos sexos.

Em um momento assistimos a um Mais de identidade, de alguma forma e depois, de repente, em um efeito quase invertido, não se quer mais identidade, não se quer mais se definir em relação à identidade sexuada, está terminado, não falaremos mais senão de nuanças e de gêneros. É sempre interessante, esses movimentos combinados, aparentemente contraditórios, mas que, a meu ver, encontram seu fechamento ao serem lidos como ideologia, sabendo que a própria palavra em nosso espírito tem frequentemente uma oscilação. Hesitamos em saber exatamente o que dizemos quando falamos de ideologia.

Frequentemente se dá à ideologia uma acepção um pouco neutra. Pensamos sobre a ideologia como a formalização de nossa atitude a respeito da realidade social ou política. A maior parte do tempo, a ideologia é a justificação de interesses e de paixões, de movimentos passionais que servem à codificação de interesses particulares e que são frequentemente interesses particulares de combate, das atitudes combativas no social. Engels falava disso assim. Ele dizia: *a ideologia é um processo que o dito pensador realiza, cumpre, sem dúvida, conscientemente, mas, sem dúvida, com uma consciência falsa, as forças motrizes verdadeiras que o colocam em movimento permanecem-lhe desconhecidas.* Ele não falava do fantasma, mas entenda-se bem que, em sua proposição, ele se indaga sobre o que, no fundo, é interessante na ideologia. Não seria a natureza dessas forças verdadeiras que empurram para produzir este ou aquele pensamento particular, combativo?

Raymond Aron tinha notado alguma coisa concernente à ideologia que ele poderia igualmente ir procurar em Freud, e que é interessante, que ele chama o fenômeno de identificação em cadeia. É verdade que fiquei bem surpreso de que essas questões de sexo e gênero fossem questões das quais mal se falava na França há ainda três, quatro anos, e que tinham aparecido em alguns círculos universitários americanos. O que é interessante é ver a maionese, como, partindo de uma posição ideológica bem parcial, de repente, o campo social em sua totalidade parece nessa posição dever replicar.

Chegamos ao ponto que nós mesmos temos para sair no próximo boletim da Associação Lacaniana sobre sexo e gênero, como se os próprios analistas estivessem forçados a responder a alguma coisa que podia aparecer como marginal. Então, fenômeno de identificação em cadeia, como uma ideia, quando ela se lança assim, pode invadir o campo social e sabemos a força da ideologia em outras esferas políticas e em outras épocas.

Freud sustenta a posição tornada hoje quase escandalosa, de que a libido, segundo seu termo, é sempre por natureza masculina. Digo escandalosa, pois, se eu fosse convidado para lugares de congresso, diante de outros colegas, a dizer isto assim, que a libido é masculina em sua essência, que é a referência à lei do falo, que é a questão da castração que ordena a proposição de Freud, não sei como seria recebido. E dizer que, se colocamos em igualdade, em paridade, como é o caso hoje – se digo, desejo masculino, desejo feminino, fantasma masculino, fantasma feminino ou mesmo gozo masculino, gozo feminino, a dificuldade com Freud é que a função da castração será, de alguma forma, declarada equivalente aos dois sexos.

Vocês veem bem que não se trata então de uma questão ideológica. Freud apoia sua definição da libido, não tanto na fisiologia, ainda que sobre a sexualidade feminina ele faça muitas referências de fisiologia, mas ele se apoia sobre a definição do falo simbólico e da função da castração. No menino, o mito de Édipo é o relato que organiza essa cessão necessária de gozo. Na menina, e Freud pode parecer um pouco decepcionante em sua abordagem da sexualidade, entretanto, meus pacientes, todos os jovens pacientes o evocam: por que teria eu que me submeter ao desejo de meu parceiro, a suas preferências, a seus rituais sexuais, a seu caráter de mecanicidade – o que é verdadeiro, aliás, tanto o fantasma masculino é imagem parada, estereotipada, ou então a frase emblemática, que é frequentemente repetida, que é quase tola: *por que eu teria que ser o objeto sexual?* Queixa feminina quase justa e constante, exceto ao reforçar, o que eu faço evidentemente, que ser designada objeto sexual não é pouca coisa! Se se o escuta um pouco com poesia... Esse protesto, que se poderia declarar rapidamente histérico, mas isso não serviria para nada, diz, entretanto, a verdade, a saber: que uma mulher deve aceitar ser dividida, fatiada, pelo desejo de um homem, porque é enquanto desejada que ela se torna desejante.

É esse dispositivo, dito de maneira simples, que é hoje contestado. Ainda que, o mais frequentemente, a posição de contestação, numa mulher jovem, de ser desejada enquanto objeto sexual vá oscilar a maior parte do tempo quando a questão de uma criança se coloca. A saber, que o aspecto ideológico das

reivindicações igualitárias se esfumam então de maneira bastante mágica, e a mesma mulher jovem reclamará a esse homem proteção e – uma dimensão que é bastante corrente – pedir-lhe-á segurança sobre a duração, pacto, engajamento convocará à sua maneira, bem bizarramente, o patriarcado tão denunciado. O que faz com que vocês entendam – não sempre –, mas, frequentemente, as palavras então invertidas: *ele não assume seu papel de pai, ele não é um homem com qual eu possa contar, sua virilidade é relativa, ele me abandona em prol do esporte e do computador.*

A proposição freudiana de que uma mulher deve ser cortada pelo desejo de um homem para que alguma coisa possa se dizer de sua posição fantasmática é uma proposição que é difícil de entender hoje, quando ela é pronunciada como eu o faço hoje. A clínica, a maneira como uma jovem mulher vai circular entre protesto e reivindicação, esclarece realmente essa dificuldade.

Não vou ler para vocês esse texto de Freud que se chama *Sobre a sexualidade feminina*. Trata-se de um texto de 1931, que Lacan retomará mais tarde, no qual se vê que Freud, que fez um esforço estrutural considerável para declinar o que é do desejo e do fantasma masculino, esbarra em dificuldades maiores quando tenta declinar as vicissitudes da menina e a sexualidade feminina. Como se diz, ele não vai aí com as costas da colher. Lê-se de fato isto: *o desejo, o de uma mulher no fundo insaciável, de possuir um pênis, pode encontrar uma satisfação se ela conseguir completar seu amor pelo órgão em um amor do homem portador deste último, aquela da mesma maneira que ela passou outrora do seio de sua mãe à toda a pessoa*[36]. Vocês veem o trabalho de redução lógica que Freud faz, com essa forma de brutalidade lógica de Freud.

Há proposições extremamente tensas, bem lógicas. Redução lógica que é um pouco decepcionante, concernente à sexualidade, provavelmente porque no fundo Freud só fala aí da experiência das grandes histéricas que ele tinha em trabalho. Em todos os casos ele colocará sempre, em relação à passagem do que chama o primeiro objeto de amor, a mãe, em segundo, o pai, e ele colocará esta evidência em relação – e é isso que incomoda muito hoje –, com a passagem fisiológica do clitóris à vagina.

Para Freud, são as duas empreitadas principais, cuja ligação é pouco elaborada mas que, entretanto, Freud fixa naquilo que se pode chamar uma mulher digna desse nome. Há uma fraqueza que nos parece bizarra no texto de Freud, mas é

36 Freud, Sigmund – *Sexualidade Feminina* – Obras Completas, Vol. XXI, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974, p.257.

os remeto a ele, que é o recurso a alguma coisa que nos chegou dificultosamente, que é o recurso ao estágio do desenvolvimento, à questão dos estágios. Vocês sabem que nesse momento aí Freud trabalha muito a questão da genitalidade, a passagem do estágio oral, a questão sádico-anal etc. A fraqueza maior do texto de Freud é, sobretudo, que, no fundo, nada se inventa de suplementar do lado feminino, de onde a questão que podemos nos colocar, a saber: o que haveria aí como especificidade na posição feminina?

Vou tomar, para vocês, dois pequenos exemplos clínicos. O fantasma *janela masculina* sobre a realidade, por que não se pode dizer em clínica *fantasma feminino*? Uma das vias inicialmente do fantasma na clínica, em consultório, permanece frequentemente sendo o sonho, vocês sabem que há menos trabalhos lacanianos sobre a questão do sonho, é verdade, mas frequentemente, numa análise, é pela via do sonho que a abordagem do palmo fantasmático se faz da maneira mais oportuna possível.

O lado masculino, então, é um jovem homem que traz este sonho: – *Eu estava com duas mulheres, uma extrovertida, a outra introvertida. Eu as tinha levado para fazer amor a três.* Aí ele para. Há um momento de uma nova investida de minha parte e ele me diz: – *Bom, dois tipos de mulheres é sempre mais! Mais de sexual, duas mulheres é melhor que uma.*

Vocês veem essa pequena imagem parada, que não parece tão complicada de início, pode-se dizer, de certo ponto de vista, que, afinal, esse sonho só faz declinar o que Freud conta sobre a restauração da vida amorosa: é sempre preciso duas, a mamãe e a puta, dizia Freud. Há igualmente uma coisa que não aparece imediatamente, quando o paciente conta, mas essa pequena imagem parada, bem estereotipada, será assustadoramente determinante na vida desse homem; esse fantasma, de que haja sempre duas no lugar de uma, vai mobilizá-lo em todos os momentos de sua vida afetiva e social.

Convoco-os, sobretudo, quando vocês escutam um pequeno sonho como esse, a serem sensíveis ao que o sonho não diz imediatamente. E vocês veem que a parte umbilical do sonho é sobre o jogo significante não inesperado: o que é que vem fazer aí extrovertida e introvertida? Como sempre, há esta espécie de rébus, não se sabe o que vem fazer esta repetição do vertida.

Falando mais tarde de uma solicitação de uma amiga, categórica em sua vida, esse paciente dirá: – *Ela gera a vontade de que se tenha inveja dela, é ela que domina, o homem é ela.* É ela que impõe suas condições. Outra coisa, para melhor entender este significante, *entre duas mulheres*, que se escuta aqui nele bem forte como a recusa de estar em dívida a respeito de um homem, a propósito de seus

colegas masculinos, com quem ele está sempre em guerra; esse paciente chega a dizer: – *Para mim, é difícil discutir com homens, há sempre uma voz interior que me impede de me ligar. O que é que quer de mim esse aí, qual é seu interesse? Contrariar o outro, lhe reenviar como um espelho suas palavras, sistematicamente contrariá-lo.*

As diferentes acepções inconscientes do *entre duas mulheres*, hein! Gira-se ao mesmo tempo em torno de uma questão de estabelecimento da sexualidade, mas, igualmente, como se tem falado muito disso com *bate-se numa criança*, desenha-se por trás no fantasma toda a questão da metáfora paterna, da relação ao pai.

Sistematicamente opor-se com sucesso, diz ele *aos homens*, a questão do pai aparecerá em outro momento na análise. Ele dirá: *definitivamente eu rompi com meu pai, quatro ou cinco anos que não se fala mais; cada vez que estou diante dele, tenho necessidade de agredi-lo*, e aí, o que é interessante, ele inventará uma espécie de neologismo. Ele vai dizer *repugnar seu pai*. Ele não é um psicótico absolutamente, é um grande obsessivo, bastante firme. É uma maneira de dizer que descreve bem essa pujança, essa repugnância. Vocês veem o quanto no masculino o sonho vai especificar bem a posição estereotipada do fantasma e, ao mesmo tempo, como diz Freud, vai deixar ao trabalho as especificidades da relação com a metáfora paterna. É isso que é bem importante no trabalho que nos é apresentado do lado do menino.

Um exemplo feminino, uma vez que guardo com vocês essa questão, no fundo, de por que haveria aí uma diferença particular na escuta de um fantasma masculino e de uma sequência feminina. Então uma jovem mulher que nos diz *em meu sonho eu sou ciumenta com uma amiga (a quem ela chama C). Ela deve preparar um dossiê escolar e alguém nesse sonho diz que está nulo. Depois vejo minha irmã com essa amiga. Elas têm relações sexuais, depois meu próprio amigo obriga C a fazer amor diante de minha irmã; alguém se corta as veias; isso termina no horror.*

Passo para vocês os lados de afeto da paciente – ela tem algumas dificuldades para relatar um sonho, bem polimorfo, do lado da sexualidade –, entretanto, pouco tempo depois, ela dirá que esse sonho recapitula todos os tabus que ela pôde despertar, todas as questões transgressivas das quais ele pôde falar até o presente em sua análise. Portanto, de um lado, a questão da homossexualidade, a questão da irmãzinha, a questão também de ser forçada, de ser violentada, vocês sabem que é uma temática bem recorrente nas mulheres o fantasma da violação. Do mesmo modo, há alguma coisa que não aparece nessa ponta aí, mas que é muito frequentemente nela, e que se poderia chamar *o fantasma do harém*, de estar em um lugar onde as mulheres são escolhidas assim.

Então, qual a diferença de estrutura? Há uma coisa bem chocante que é bem audível nela, e creio que é o caso em muitos pacientes, é inicialmente o lado polimorfo e da plasticidade; no lugar da unicidade masculina, vocês têm aí muito, ao mesmo tempo, sobre muitas coisas. Trata-se de quase todos os olhares sobre as transgressões possíveis em um único sonho. Podemos nos indagar se um material como aquele ali não é um material que está à espera. Seu polimorfismo, sua plasticidade, é mais o índice, não de uma perversão, mas é um material que está à espera de um material fantasmático que vai escolher, que vai dividir, que vai verdadeiramente fazer entrar esse material em uma escolha fantasmática. Quero dizer com isso que é no encontro constitutivo do homem com quem ela fará sua vida, que vai se esclarecer bem facilmente as escolhas, que parecem polimorfas, dessa jovem mulher.

Segunda coisa que eu desejaria dizer-lhes, e que se encontra muito em clínica, é o que se poderia chamar de uma forma de inibição, mas que é uma forma de inibição a respeito do lugar do significante. Essa jovem mulher podia dizer: *entregar-se sexualmente é, para mim, menos difícil que entregar-se em palavras*. Trata-se de uma notação que vocês encontrarão regularmente, esse tipo de mulheres jovens têm uma facilidade em se dar, para dizer elegantemente, e o que lhes é bem difícil é dar-se na troca de palavras, falar.

Ela faz-se assim o eco daquilo com que eram marcados os encontros com os rapazes, por um lado, bem bizarramente, devido a essa facilitação e, do outro, por essa extrema inibição. Ela não conseguia entrar no campo do significante, no campo da troca, no campo do que Lacan chamará, em certos seminários, de o amor cortês, de todas as peregrinações que é preciso fazer no campo do outro antes de consumá-lo.

Aqui, a situação está invertida, e é uma questão. Não é que não tenhamos, no material clínico, pequeno teor fantasmático, é claro, não é que isso não fale de sexualidade, mas o que é que faz, no fundo, com que nós não demos a esse material a vetorização definitiva que damos à questão do fantasma masculino?

Por que ele não apresenta a mesma estabilidade?

Lacan vai retomar em seu texto, de 1958, *A significação do falo*, em várias ocasiões, as dificuldades das aporias freudianas concernentes à sexualidade feminina. Ele escreve isto: É apenas à base dos fatos clínicos que a discussão pode ser fecunda. Isso demonstra uma relação do sujeito com o falo que se estabelece sem levar em conta a diferença anatômica dos sexos, e que, por esse fato, é de uma interpretação especialmente espinhosa na mulher, e em relação à

mulher explicitamente sobre *os quatro capítulos seguintes.*[37]

Vejam então. Lacan retoma a força da posição de Freud e dá explicitamente os quatro níveis que colocam com dificuldade, não a compreensão, mas a perseguição dessa posição freudiana.

Primeiro ponto: *Daquilo pelo que a menina se considera, ela mesma, que seja por um momento como castrada – enquanto que esse termo quer dizer privada de falo – e pela operação de alguém, o qual é primeiramente a mãe, ponto importante, e em seguida seu pai.* Então prestem atenção. Lacan acrescenta isto: *mas de uma maneira tal que se deve reconhecer aí uma transferência no sentido analítico do termo.* Notem, porque a transferência no sentido analítico do termo é assim mesmo um amor dessexualizado, exceto na passagem ao ato, mas... Portanto, é assim mesmo bem curioso que quando Lacan retoma estritamente a questão de Freud, da passagem do objeto de amor, porque ele se obriga a precisar que o que Freud quer dizer é uma passagem no sentido analítico do termo, primeiro ponto.

Segundo ponto: *daquilo pelo que, mais primordialmente nos dois sexos, a mãe é considerada como provida do falo.* Mãe fálica, como diz Freud.

Terceiro ponto: *do porque, correlativamente, a significação da castração não toma, de fato, clinicamente manifesto seu alcance eficiente, quanto à formação dos sintomas, senão a partir de sua descoberta como castração da mãe.* Isso é um ponto que se desconhece constantemente, quando falamos de castração, mesmo na clínica corrente, sobretudo na clínica com crianças. Lacan lembra que não se trata tanto da própria castração, ainda que ela tenha sua incidência, mas, sublinha ele, o ponto mais radical é a descoberta da castração do outro.

Quarto ponto: *Esses três primeiros pontos culminam na questão da razão no desenvolvimento da fase fálica*, e aí Lacan acrescenta isto *vis-à-vis* de Freud: *ora, sabe-se que Freud especifica com esse termo a primeira maturação genital enquanto, por um lado, ela se caracterizaria pela dominância imaginária do atributo fálico e pelo gozo masturbatório, enquanto que, por outro lado, ele localiza esse gozo, na mulher, no clitóris promovido através daí à função do falo, que parece excluir assim nos dois sexos até o término dessa fase – até o declínio do Édipo – toda marca instintual da vagina como lugar da penetração genital.* E aí Lacan dá seu ponto de vista. Ele diz: *Essa ignorância é bem suspeita de desconhecimento, no sentido técnico do termo, e tanto mais quanto ela é às vezes controvertida. Não concordaria ela senão com a fábula onde Longus nos mostra a iniciação de Dáfnis e Chloé, subordinada aos esclarecimentos de uma velha*

37 Lacan, Jacques. *A significação do falo*, em *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

mulher? Vejam como é interessante. Lembrem-se então deste primeiro tempo do Lacan, de 1958, em que ele retoma por sua conta essa questão do falo e da castração materna, mas em compensação o que lhe causa dificuldade e que ele vai tentar levar mais adiante até seu término, é a maneira com a qual Freud faz derivar da fisiologia a parte da sexualidade e do gozo feminino.

O Lacan de 1958, para concluir, vai parar aí. Nós não temos, no meu conhecimento, efeito dessa dificuldade. Será preciso esperar o seminário *Encore*, de 1972-73, para que Lacan leve a investigação, concernente a essa sexualidade, um pouco mais longe. Vou resumir para vocês as coisas, à minha maneira, sobre a aposta que, para nós, é mais moderna, mas que não é terminal. Falaremos novamente sobre isso quando tivermos que retomar juntos o seminário *Encore*.

Então, estamos em 1972-73. Vejam como Lacan axiomatiza essas dificuldades. Quanto ao que é do homem, as coisas são resolvidas, já que Lacan diz: *não há nada de mais estrito, de mais garantido, de mais coerente quanto o discurso freudiano*. Ele quer dizer com isso que, para o homem, exceto pela castração, tal como Freud a definiu, não há nenhuma chance de que um homem tenha gozo do corpo da mulher. Pode-se sempre chamar isso de Édipo, isso não agrada muito a Lacan, mas pouco importa. Exceto por essa fala de que o homem cede um pouco de gozo previamente, não haverá gozo do corpo da mulher.

Para desejar, um homem deve previamente ter perdido no gozo. Simplesmente, o que o homem aborda, sempre, será o que Freud narra em *Bate-se numa criança*, será sempre o *objeto causa*, o *objeto a*, o objeto de seu desejo, perversão polimorfa do macho, diz Freud.

Então Lacan não voltará a falar sobre isso. Afinal, ele poderia. Mas, não, ele considera que essa entrada de Freud, concernente ao fantasma masculino, está totalmente assegurada, é estrita, é lógica, é definitiva. Ele não retomará esse ponto de outro modo, e nas fórmulas escritas a seguir isso será inteiramente claro.

Quanto ao que é da mulher, Lacan retoma vários anos depois o que tinha dito de Freud, quando diz: *Mas eu não chego com Freud a pensar o que especifica esse gozo*... E então Lacan gira assim – vocês vão ver –, é antes um trabalho ao mesmo tempo lógico e analógico, de alguma forma. De início, ele precisará que, logicamente, é preciso que admitamos que uma mulher está não toda na castração, tal como considerada pelo menino; que ela não se coloca totalmente na fileira da função fálica; dizer que uma mulher está não toda na castração, é claro, não quer dizer que ela não está aí toda; a infelicidade é que hoje é entendido assim: *uma vez que ela está não toda, um pouquinho mais de esforço ainda e ela estará toda!*

Não é o que Lacan diz, estamos mesmos surpresos de ver que se possa interpretá-lo assim na contramão. Aí Lacan, expressamente para contrariar a questão de Freud do complementar, vai dizer precisamente: *prestem atenção, se vocês querem falar do gozo feminino, não digam complementar, vocês* vão chamá-lo suplementar; *portanto, o gozo suplementar.*

Graças! Em Freud isso só faz designar o gozo vaginal, vocês se lembram do problema que Lacan observa, que em Freud não é senão o deslizamento do gozo primeiro ao gozo vaginal. Lacan, como sempre, não dará outra tradução clínica: ele vai abordá-lo por um modo lógico-matemático e ele o aborda igualmente por um viés *analógico*, que é a passagem pelos grandes místicos, os gozos descritos por esses grandes místicos na literatura, dizendo: *Bem, vejam aí, se vocês querem saber o que é o gozo outro.* É evidente que, quando se recebe isso na leitura, se fica surpreso porque não é confortável retomar do gozo estático dos grandes místicos ao que se está abordando, e qualificar melhor que Freud a questão da feminilidade.

Retenhamos isso, ao menos para nos colocarmos sobre axiomas mínimos. O que quer dizer Freud quando adianta que só há libido masculina? Ele diz efetivamente, de início, quanto à questão do estabelecimento do fantasma, só há o viés desse material masculino, mas, Lacan acrescenta, o problema desse estabelecimento é que um campo que, contudo, não é insignificante, já que trata de nada mais do que da metade da humanidade, se acha com isso ignorado.

É preciso dizer os dois ao mesmo tempo, de alguma forma. Quer dizer: não podemos dizer melhor que Freud, quanto ao estabelecimento da questão fantasmática. Entretanto, sem se sustentar, *stricto sensu*, a rebater a posição freudiana hoje, seria manter na ignorância tudo o que se poderia declinar em torno do significante da feminilidade. E aí há um esforço complexo, que não é evidente, que é um tipo de passe de mágica lógico de Lacan, que é de retomar o termo *Outro*, aquele do tesouro dos significantes, e ele diz: *mas vocês sabem, o Outro* não é simplesmente o lugar onde a verdade balbucia; esse Outro é justamente a maneira com que podemos representar-nos isso com que a mulher tem fundamentalmente relação. A saber, que o Outro, que era para nós uma categoria que não era sexualizada, é, de início, o tesouro, o lugar dos significantes enquanto tal, o Outro da linguagem. Nesse seminário, Lacan diz que esse Outro merece ser representado por aquilo com que a mulher tem fundamentalmente relação, significante desse Outro na medida em que como Outro ele só pode permanecer, diz Lacan, sempre Outro.

É aí a força de Lacan, de um modo terminológico; é aí que ele propõe sua escrita: S de $A\!\!\!/$ (a maiúsculo barrado). É preciso prestar atenção a essa dificuldade

relendo-o. Para vocês, para mim, isso permanece bastante misterioso.

Lacan está tentando dizer, o melhor possível, o que seria suplementar e ele deixa o terreno onde se o teria esperado, que, por fim, seria o terreno da descrição fenomenológica da sexualidade. Ele não está na descrição do *mais*, uma sexualidade que não tomaria emprestada a via da sexualidade freudiana, ou o que quer que seja. De repente, ele se desloca para outro lado, que é o de qualificar o melhor possível a diferença que há entre a questão do objeto imaginário do fantasma e um plano outro, no momento mesmo em que se esperaria que ele fornecesse qualidades positivas da sexualidade feminina. Não! Todo o seu esforço visa separar duas noções da psicanálise, a meus olhos, essenciais: a questão do objeto que está operando em particular em todo o trabalho sobre a questão do fantasma, o objeto imaginário operando no fantasma masculino, de um lado, o objeto imaginário do cenário fantasmático, a maneira com que o homem afinal agarra a mulher e, do outro lado, o grande Outro, o relançar sempre buscado no campo do Outro, conjunto por definição aberto, posto que não pode ser fechado sobre si mesmo, e conjunto que não pode ser fechado pela inércia da imagem parada justamente do fantasma masculino.

Lacan vai dizer: *Vejam como se separa para vocês, melhor ainda, que isso nunca tinha sido feito, o objeto imaginário do fantasma masculino e a questão do Outro que vocês não podem receber senão de uma forma incompleta, a incompletude S de* $\not{A}$ *maiúsculo, o relançar sempre buscado do simbólico, já que o Outro é sempre por definição sempre Outro.*

Não se tem a resposta porque não temos no *Encore* a resposta totalizante à nossa questão. Vocês não terão a lista do que especifica a sexualidade feminina, se ela não for histérica, por exemplo; ele não faz sua listagem. Em compensação, a propósito da feminilidade, ele vai forçar mais a fundo ainda a distinção entre as duas categorias maiores que trouxe na teoria analítica, o Outro e o objeto, a propósito da feminilidade que ele distancia o melhor possível entre essas duas dimensões da psicanálise. É por isso que a questão de *Sex and Gender* não é simplesmente uma polêmica, que é engraçada, em certos aspectos, na questão da diferença dos sexos.

Penso que, se nós não tivéssemos que fazer aí uma resposta mais detalhada, ela é difícil no sentido em que precisamente, querendo pulverizar a diferença dos sexos, vocês tocam também na distância que é tão difícil de manter em nossa cultura entre a dimensão do objeto e a dimensão do Outro. E, se confiamos no seminário *Encore*, todo o alcance à questão da diferença enquanto tal não é tão inquietante para a própria polêmica que parece aí implicada, porque há poucas jovens que vivem assim a questão do *Sex and Gender*. Isso permanece, apesar de

tudo, puramente imaginativo e ideológico. Mas o que é desagradável é que isso toca, logicamente, esse discurso toca, efetivamente, a distância que Lacan tenta promover, que é igualmente difícil de manter, entre o objeto imaginário e a questão do Outro. E, para lhes dar uma tradução bem besta, efetivamente nesses momentos aí, novamente, a resposta é buscada nos símbolos. O símbolo de quê? Da igualdade do vestuário, da igualdade dos jogos, da educação escolar, das tarefas domésticas, até das igualdades contra as quais não se pode protestar, a igualdade dos salários, todos os símbolos, no fundo, que tornariam essa questão mais justa.

Concluo a questão da ideologia com um belo texto. Isso parece bem importante, porque nós trabalhamos os anos de seminário nos quais Lacan propõe que a psicanálise... Será que a psicanálise, diz ele, pode fazer discurso? Subtendido: será que ela pode fazer discurso no concerto das ideologias? Era bem verdade. na época, mas, entretanto, penso que, se somos capazes de entender por *ideologia* certo número de coisas que nos são propostas no lugar, por exemplo, da diferença dos sexos, creio que a questão permanece.

Queria terminar com vocês através da leitura rápida de um texto que é bem precoce, que é aquele dos *Complexos familiares*, na edição do Seuil, página 1[illegible]. É o fim do texto, no qual, no fundo, Lacan anuncia o programa do qual vai ter que se encarregar mais tarde, ele diz isto:

> *As origens de nossa cultura estão por demais ligadas ao que de bom grado chamaríamos de aventura da família patriarcal, para que ela não imponha, em todas as formas pelas quais enriqueceu o desenvolvimento psíquico, uma prevalência do princípio masculino, cuja parcialidade o peso moral conferido ao termo virilidade é suficiente para aquilatar.*[38]

Vejam, é interessante. É uma proposição rica e densa porque ela não se protege apenas por trás da questão da metáfora, ela toma igualmente em suas armadilhas a questão da análise histórica, política, quando ele escreve: *as origens de nossa cultura*. Ele cai sobre o sentido do equilíbrio...

> É evidente por uma questão de equilíbrio, ba*se de todo o pensamento. Que esta preferência tenha o avesso: fundamentalmente, trata-se da ocultação do princípio feminino sob o ideal masculino, uma ocultação da qual a virgem, por seu mistério, ao longo das eras dessa cultura, tem sido o signo vivo. Mas é próprio do espírito desenvolver como mistificação as antinomias*

38 Lacan, J. *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, em Outros Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.. 2003, p. 89-90.

do ser que o constituem, e o peso mesmo dessas superestruturas pode vir a derrubar sua base. Não há vínculo mais claro, ao moralista, do que aquele que une o progresso social da inversão psíquica a uma viragem utópica dos ideais de uma cultura. Desse vínculo, o analista capta a determinação individual nas formas de sublimação moral com que a mãe do invertido exerce sua ação mais categoricamente emasculante.

Não é por acaso que concluímos na inversão psíquica esta tentativa de sistematização das neuroses familiares. Se, com efeito, a psicanálise partiu das formas patentes da homossexualidade para reconhecer as discordâncias psíquicas mais sutis da inversão, é em função de uma antinomia social que convém compreender esse impasse imaginário da polarização sexual, quando nela se engajam invisivelmente as formas de uma cultura, os costumes e as artes, a luta e o pensamento.[39]

Vejam, é muito belo esse fim de texto. Lacan diz: *Vocês sabem, é verdade, nossa sociedade está baseada na função da família que se chama paternalista, isso faz o golpe*, e ele diz: *inevitavelmente, o fato de que nessa maneira de dizer o princípio masculino, como diz Freud, oculta a questão do feminino, vai ter efeitos para a psicologia, terá efeitos de retorno, e isso vai se pagar. Isso é inevitável, porque o inconsciente salda as contas.* No momento desse trabalho, trata-se de um texto bem precoce em Lacan, um texto de antes da guerra, é na questão da posição da homossexualidade que ele pensa, na questão da homossexualidade na cultura. Não apenas na clínica, mas para fazer entender como vai se pagar a prevalência, em nossa cultura, da mãe emasculante, a questão do matriarcado, da qual temos tratado recentemente.

Sex and Gender, se aceitamos entendê-lo assim, é uma forma da resposta à hipoteca freudiana na cultura.

Lacan tenta fornecer uma resposta que permaneça audível no campo da psicanálise; ele diz, *sim, Freud foi serial e nós demos letras de nobreza que são quase definitivas para pensar o campo de entrada à questão do fantasma.* Sim, o campo da castração. Entretanto, o que vai se pagar no trabalho de Freud é que nós não poderemos permanecer numa definição da feminilidade que se escalona do lado da histeria. Isso não bastará. A sociedade fará sempre pagar o preço disso, é uma economia que vai se pagar.

---

39 Ibid.

Então Lacan, por muito tempo, vai tentar inventar categorias lógicas. Não sã categorias sexualmente fisiológicas, não é o médico novo da sexualidade feminin Lacan vai tentar inventar categorias de lógica que deem suas letras de nobreza uma posição da feminilidade – se isso não se entende e, aliás, isso não se enten muito bem, é preciso ser honesto, no campo das artes, dos costumes e do pens mento, é evidente que – o que é que faz retorno? O que faz retorno é alguma coi que se ataca nessa denegação, nessa dificuldade freudiana, por que não? Efeti mente uma ideologia que resolve o problema em sua base, já que não chegamos avançar logicamente nessa questão, tanto nos desembaraçar dos próprios axiom de base, não há diferença dos sexos, e depois, vejam, o negócio está fechado.

Se temos em comum que pensar, estar à altura da dificuldade que se colo quando é *no campo social...,* não basta – como sem*pre –, denunciar a carên e a fraqueza de um* método de trabalho, mesmo se ele nos parece bastante hos É preciso que sejamos capazes de levar à altura certa nossa própria leitura de perseguição que Lacan faz do campo da feminilidade, senão não há nenhu razão para que uma ideologia se proponha, para resolvê-la em nosso lugar.

É nesse sentido que eu entendo melhor. É muito importante que voltem dar à questão do discurso enquanto tal sua força e sua necessidade. É preciso haja formas de discurso sobre a posição da sexualidade hoje, é preciso que nos mais jovens possam entender maneiras de lembrar como um homem fala a mulher e vice-versa, até uma mulher à outra mulher. A questão não está ai. não é moral. É que isso concerne a *do Outro ao outro.*

Vejam, vou parar por aqui por hoje. Eu me dou um tempo até 09 de fevere É preciso um tempo de aeração. Eu lhes dei as referências, o texto de Laca *significação do falo*, que é um texto canônico, de alguma forma, estrutural. qual Lacan dá a medida para a necessidade da teoria freudiana da posiçã falo – atenção: como significante, é claro! – não o fantasma, não o órgão, en quem sabe, a posição do falo como significante, necessária em todos os efeit significação. É um texto que é grandioso para nós, para pensar, e em seguida *xualidade feminina.* Vocês encontrarão em Freud, os embaraços são conheci na teoria freudiana há textos, por exemplo, *A moral sexual civilizada* perma genial, não envelheceu. É um texto de uma inspiração extraordinária. O te sobre a sexualidade feminina lhes cai um pouco das mãos, é verdade.

Em Freud há coisas que se sustentam e outras não. Lacan é bem estri retorno a Freud – diz ele: *Vejam isso... sim, isso... Eu não sei... Isso, eu não c preendo!* É preciso perseguir, é sua maneira de ler Freud. Retomem *Encor* guns capítulos do coração desse seminário, ali onde Lacan estabelece as que

de gozo e vocês verão que ele não responde exatamente no lugar onde se o espera. Não há nenhuma definição positivista do gozo feminino, mas em compensação ele faz progredir muito a distância lógica entre o objeto e o Outro e, sobretudo, a dimensão de incompletude da questão do Outro.

É apaixonante, porque esse esforço aí, ele parece colocá-lo do lado do feminino. Então, por quê? Como vocês pensam a respeito disso? Como se pode fazer retorno em nossa própria vida para refletir sobre isso? É o mistério de cada um, porque é preciso, entretanto, que isso se encarne, simplesmente, no vivente.

Vejam aí. Paramos aqui.

Lição X

9 de fevereiro de 2008

Recebi uma questão de uma colega me perguntando, no fundo, por que eu tinha distinguido em minha fala, da vez passada, fala que retomei no último número do boletim da Association Lacanienne consagrada a *Sexy and Gender*, por que eu distinguia identidade sexuada e identidade sexual. Ela me diz: – *Mas por que é que você faz isso, isso não serve pra nada. Por que você não guarda identidade sexual?* Em resumo, vocês, vocês realçaram, mas a questão é esta aqui e ela me parece justa. Penso que eu teria dito como vocês, isso poderia realmente se legitimar, guardando apenas no campo da psicanálise o termo de identidade sexual, é claro.

Por que, entretanto, fui obrigado a guardar o termo de identidade sexuada? Poder-se-ia explicar daqui a pouco. É provavelmente o fato de elementos que tocam a posição, por um lado, de toda criança pequena. A partir de quando vamos, não simplesmente reconhecer, porque a identidade sexuada pode se tratar simplesmente a título do reconhecimento, eu reconheço o traço mínimo que me permite dizer se é uma menina ou um menino, mas em qual momento se identifica para uma criança a questão de sua identidade sexual? Bom... É preciso indagar isso aos colegas da EPEP, é uma questão bem ampla, uma vez que o próprio Freud diz que até certa idade a criança não faz a distinção entre a castração de uma e de outra. Então, é um problema epistemológico interessante.

Por outro lado, para a patologia, a questão menos viva hoje dos intersexuados, mas igualmente as questões que os transexuais colocavam, vê-se bem que se está cavalgando em zonas que são aborrecidas, que só com uma palavra se tem dificuldade para cobrir a extensão das questões que se colocam, porque o senhor transexual que eu tinha hospitalizado na época, não recusava sua identidade sexual, de certo ponto de vista, ele não a recusava, e quando eu o chamava senhor ele o aceitava. Mas isso não o impedia de me dizer que ele queria ser tratado, em nome de sua identidade sexual, do lado feminino. Então, pisa-se em ovos, daí o saldo que tive de minhas palavras sobre esses dois termos. Mas poder-se-ia desejar, como vocês, que no campo da psicanálise prevalecesse o termo identidade sexual. Poderemos falar disso novamente daqui a pouco.

O fantasma não é uma palavra grosseira e, como lembro frequentemente, a meu ver, está no coração do trabalho, não da psicanálise, mas de nossas psicana-ses. E o célebre caso freudiano que Lacan retomou mostra como cada um de nós o homenzinho, não vê o que se chama erroneamente de realidade senão atrav – é isso que temos dificuldade de aceitar –, desta pequena lucarna, deste quad constituído por um fantasma. Uma vez que o dizemos assim, podemos recusá- imediatamente, não é simples dizer isso.

Então, eu me explicava longamente sobre isto no ano passado: cenário ima-nário para Freud, mas cenário imaginário organizado como uma frase na qua própria gramática em Freud permite a emergência e o lugar do que se chama sujeito para a psicanálise.

Eu lhes darei um pequeno exemplo daqui a pouco duma criança de qua anos, mas toda a nossa vida, nossos amores, nossas ambições, nossos ideais, se que nós saibamos, são tecidos por uma lógica – Lacan diz que é uma lógica – de algumas palavras organizadas por essa gramática e algumas palavras signi-cantes e pela escolha precoce de um gozo. É isso, as duas polaridades que Lac fará trabalhar conjuntamente: os determinantes significantes, de um lado, o sig-ficante, etc, mas a diacronia introduzida pelo objeto do gozo de outro, o que com que seja sempre esse gozo que, de maneira repetitiva, vai guiar esse mate significante.

Essa proposição, aquela que estou lhes dizendo, ela não é grosseira, mas totalmente escandalosa no tempo de Freud, o é ainda hoje. A questão do fanta na cultura não é admitida e, contudo, é a única maneira com a qual a psicaná se escreve como humanismo, privilegiando o exame dos objetos estranhos nos governam: objeto da pulsão, objeto do corpo, objeto do fantasma.

Então a análise descobre, no fundo, pelo material dos sonhos, pelos jogos própria língua, o lugar fundador – Rebecca Majster sublinhou muito bem –, lu fundador, mas também inerte. É o plano de apoio e, ao mesmo tempo, é comple-mente inerte. A questão do fantasma é completamente débil, também necess mas totalmente tola, põe igualmente o sujeito em uma forma de inércia, a ca um de nós. Foi com isso que Freud tinha salientado, é que, ao mesmo te nossa fantasmagoria nos é totalmente familiar, tão familiar que ela é, no mes momento, totalmente estrangeira. É quase a frase da denegação: eu sei, *mas sou eu, não é possível.* Aí, no lugar de nossa posição fantasmática, estamos o tempo nessa dupla valência, isso nos acompanha tanto que poderíamos q qualificá-lo. E, aliás, no fim de certo percurso analítico, somos capazes de des-nar certas bordas de sua estivagem fantasmática e, ao mesmo tempo, é com-

fôssemos nós que estivéssemos para sempre verdadeiramente concernidos, é nosso gêmeo imaginário. *Eu sou livre, eu sou responsável, não sou eu!* Isso é tolo, Freud o tinha dito bem cedo, essa dupla maneira de nos colocarmos de acordo.

Então, a aposta de uma análise, é preciso ser simples. Desfazer o que foi enodado fantasmaticamente não está ordinariamente ao nosso alcance. Havia palavras na época, dizia-se: *a travessia do fantasma.* Estava na moda, havia uma exaltação que cabia mais ao circo, ao círculo rodeado por fogo.

Desatar o que está enodado, não é simples, inclusive, quando se toma aí o Lacan terminal, aquele dos nós. Mas é verdade que provavelmente aerar-se com isso, desviar-se um pouquinho disso, aerar um pouco essa cunhagem, é seguramente uma das apostas, segundo Freud e Lacan, da prática de uma análise.

Há um ponto que não é simples de aceitar, é a ideia de que o fantasma é uma construção que vela uma brecha, o que Lacan chama um buraco que é organizado por nossa imersão como objeto, não como sujeito, mas como objeto no campo do outro. Todas essas questões que Lacan retoma quando faz seu trabalho sobre o grafo do desejo em torno de: *Que ele quer de mim? Por qual gozo, sou eu o objeto de quê?* E aí é preciso fazer um esforço clínico, que não é evidente, para aceitar entender o que quer dizer objeto no campo do outro e que o fantasma viria velar, simplesmente construindo para nós essa brecha, tornando-a aceitável, audível. Pode-se trabalhar isso pela clínica, em particular, os colegas que trabalham a clínica dos pequeninos e certos grandes autores são capazes de dar conta, à maneira deles, de tais elementos. E, como Beckett me acompanha há dois anos na preparação desse seminário, vou ler duas pequenas passagens de Beckett:

> *Uma voz chega a alguém de costas no escuro, as costas apenas para nomeá-lo, dizê-lo a ele e a maneira que muda o escuro quando ele reabre os olhos e ainda quando ele os refecha, pode apenas se verificar uma ínfima parte do que se diz, como, por exemplo, quando ele escuta* tu estás de costas no escuro, *aí ele só pode admitir o que se diz, mas de longe, a maior parte do que se diz, não pode se verificar.*[40]

É formidável, uma voz chega a alguém pelas costas, no escuro, é bem intrigante a maneira que Beckett restitui, à sua maneira, o enganche do significante por uma voz; uma voz se engancha ao corpo, sem que esse corpo tenha os meios de verificar a que se engancha de maneira dialética essas palavras. E vocês observarão que em seu trabalho, dito de topologia, Lacan partiu sempre da estrutura organizada por um buraco e não pelo inverso. Habitualmente, pensamos sempre sobre nossa relação

40 Beckett, Samuel. *Fin de Partie.* Paris, Les Éditions de Minuit.

com o espaço, ou melhor, como um espaço no qual faríamos alguns buracos. É nossa concepção ordinária, mas não é a que Lacan toma emprestado. Ele parte de uma concepção da própria hiância e em seguida vai delimitar certo número de espaços topológicos, o que fará com que – aí não vou me estender hoje sobre isso –, na questão do fantasma, o *cross-cap* seja uma resposta, uma construção num buraco real. É a partir do buraco que Lacan constrói um objeto que vai lhe servir para pensar, que ele vai chamar de *cross-cap*. Isso me parece muito importante. É preciso que vocês o leiam vocês mesmos, mas um autor como Beckett faz entender o impacto do outro sobre uma parte do corpo. Não é uma questão de sujeito aí. Alguma coisa faz buraco, impacto, e nós estamos no tempo em que sentimos o quanto podemos falar da maneira com que o objeto surge no campo do outro.

Frequentemente os colegas, no trabalho, dizem: – *Mas, afinal, tudo isso é da poesia e é tolo como reflexão, evidentemente a poesia põe no mais alto nível o exercício do significante,* dizem eles, *mas qual a relação com a clínica?* Entretanto, isso tem a maior relação com a clínica! A questão das costas, os colegas que trabalham com o autista, o único apoio que o pequeno autista aceita é o apoio sobre as costas. É curioso. A criança autista, o verdadeiro autista, aquele que recusa todo impacto do corpo e da voz, o único apoio que ele vai aceitar do outro é o apoio dorsal, o impacto sobre as costas. Por esse fato, isso faz parte dos métodos que foram discriminados pelos grandes especialistas que se ocuparam dos autistas, de saber por qual via podia-se passar, porque vocês sabem que, com o autista, não podíamos à força fixar o olhar em seus olhos, agarrá-lo pela mão à força, nem falar-lhe à força, como lhes falo. Vejam, é apenas poesia, isso faz parte da maneira estranha com que o corpo, o vivente, estrutura-se, sob o outro, sob a relação com o outro.

Pode-se igualmente falar do imaginário do fantasma. De maneira bem simples, é para nós esse tempo parado, mas parado no sentido desse tempo de gravitação para todo sujeito, em relação com o erótico, a questão da relação com a sexualidade. E creio que é por isso que Lacan dirá, a propósito do imaginário do fantasma, que é o verdadeiro imaginário, contrariamente àquele do imaginário do corpo. O estádio do espelho, isto é, que a janela do fantasma é, igualmente, para cada um de nós, este instante tão particular que fixará de maneira diacrônica todo o encontro relacionado com nossas aventuras. Então, para fazer-lhes entender nada melhor que a segunda citação de Beckett que vocês vão ver. Tudo o que se pode entender pela janela do fantasma, que não é tomado no domínio da fisiologia da criança, mas o encontro a dois, do encontro sexual, precisamente que não tem necessidade aí de ser chamado sexo. Beckett diz isso em um de seus outros textos:

> *Tu estás sobre as costas (curiosa a recorrência ainda das costas) ao pé de um álamo, em sua sombra trêmula, esta, escondida em ângulo reto, apoiada sobre os cotovelos, teus olhos fechados acabam de mergulhar nos seus, no escuro tu aí mergulhas novamente, ainda, sentes sobre teu rosto a franja de seus longos cabelos negros se remoendo no ar imóvel, sob a capa dos cabelos, vossos rostos se escondem, ela murmura:* escuta as folhas, *os olhos nos olhos, vocês escutam as folhas, na sombra trêmula.*[41]

Vejam, é soberbo, vocês sentem bem que esse momento aí de inscrição fantasmática, de janela, vai fazer alguma coisa de definitivo para o sujeito e, em sua vida, será um momento que vai cristalizar sua relação com a vida, com o outro e, vejam, em algumas linhas Beckett nos indica a potência de apoio dessa imobilidade da questão do fantasma para o desejo.

É por isso que é tão importante. Isso nos acompanha.

Sou obrigado a voltar à proposição que eu lhes tinha feito da última vez concernente à *leitura feminina*, hoje, da questão do fantasma. Se há hoje, em nosso cotidiano, maneira de dizer *fantasma no feminino*, é o mais frequente e devo dizer, infelizmente, habitualmente, uma maneira de contradizer Freud, quase, sobretudo, a definição da própria libido, posto que Freud teve a empáfia de enunciar que a libido era essencialmente masculina, como vocês sabem, a prevalência escandalosa concedida à metáfora paterna, rebatida sobre a vertente do patriarcado, a centralidade até do símbolo fálico reunindo os dois sexos, para separá-los.

Então, é preciso medir, por que digo isso? Basta abrir qualquer jornal especializado ou não, é preciso medir bem a questão, que é a que Freud teve a coragem, se vocês leem os estudos sobre a histeria, de se deixar guiar e ensinar pela histeria, ele mesmo pagou por isso. Freud, que era um homem honesto, dizia: *eu não aprendi bem o que é o mistério feminino* – é Freud quem o diz, não são seus detratores! De onde a célebre frase que Lacan retomará no *Encore*, mas, no fundo, *o que quer uma mulher?* O que é surpreendente, hoje, é de bom tom fazer dessa palavra de Freud, que se pode dizer que é palavra que não engana – Freud diz exatamente qual é a dificuldade –, é de bom tom fazer dessa palavra que não engana a prova de um conservadorismo inconfessável, de um preconceito.

Seria preciso, em nossa maneira de falar a nossos jovens, em nossa Associação, dizer coisas tão simplesmente quanto estas: com seus avanços, Freud autoriza formas de esclarecimento sem concessão, incluindo aí a sexualidade feminina,

41 Ibid.

isto é, o prazer no feminino e o gozo que Lacan desdobrará à sua maneira, mais adiante; é verdade, e eu não vou fazer para vocês o artigo, mas convido-os a reler um texto que se chama *A moral sexual civilizada*, no qual Freud fala dos homens e das mulheres, do casamento. Ele diz coisas incríveis, clinicamente imensas, que quase se teria ainda hoje dificuldade de sustentar com o equilíbrio com o qual Freud as declina.

Da mesma maneira, se Freud ordena a homossexualidade do lado das perversões, a título da análise clínica da relação de objeto, é preciso dizer duas coisas: que é, entretanto, graças a Freud que a orientação sexual vai sair do delito e do pecado, é graças a ele que a questão da homossexualidade sai do pecado e do delito. O próprio Freud diz: *não se trata de curar a homossexualidade.* Lacan prosseguirá um trabalho sem preconceito moralizante e sem intimidação do politicamente correto, tirando a homossexualidade feminina do campo das perversões. Lacan diz que é preciso fazer um esforço concernente ao campo das homossexualidades. Ele retira o campo da homossexualidade feminina desse lugar, desde que sua relação com o outro, com alteridade, seja visada e não a relação simplesmente com o mesmo.

Os psicanalistas, desde Freud, avançaram no campo do prazer no feminino, do gozo, no campo da qualificação da sexualidade. Se bem que, a meu ver, é surpreendente entender esses ataques repetitivos a respeito da própria psicanálise, exceto o quê? Eu me digo, de certo ponto de vista, é simples, passa-se, em relação à psicanálise, o que se passa inconscientemente quando um amigo lhes ajudou a passar uma dificuldade: isso se paga. Para o inconsciente, se um amigo lhe ajudou a passar um ponto e em seguida ele lhes deixa a livre escolha do caminho a seguir, é verdade que, percebe-se que, às vezes, isso vai se pagar. É a questão do dom gratuito, que se paga sempre. Pode ser que, à sua maneira, a psicanálise pague as numerosas passagens que ela contribuiu a ultrapassar. É possível que a questão do dom, afinal, não seja tão facilmente aceitável pelo consciente.

Se bem que, por enquanto, de minha parte, penso que temos que trabalhar questões debatidas sob o ângulo do *sexy and gender*, sobretudo sob o termo ideologia. Não quero dizer que toda ideologia é idiota, mas temos que entender com uma ideologia, que é hostil a certo número de reais que a psicanálise conduz – isto é o campo das pulsões, a questão do fantasma no sentido freudiano, até mesmo a questão do traço de identificação, o que chamamos em psicanálise um traço. Isto não é a questão do reconhecimento –, como cada um de nós nos reconhecemos a partir de traços identificatórios.

De passagem, uma observação polêmica: alguns têm o desejo de que

associações de psicanalistas se encontrem tranquilamente para discutir, trabalhar, é louvável. Simplesmente, é preciso ver bem que a divisão das próprias escolas no campo da psicanálise está frequentemente ligada ao fato de que não há consenso sobre questões, tais como nós juntamos aí.

Graças a algumas pessoas aqui, pude ter conhecimento de um texto bem divertido que saiu na revista do Colégio Internacional de Filosofia, de 2003, de nosso colega, Jean Allouch, que é frequentemente convidado. Nosso colega Allouch, que tem ideias bem precisas – vou justamente citar para vocês quatro linhas: *a resistência é o* Queer, vocês sabem essa noção, essa palavra que é uma injúria em inglês, que, vulgarmente, quer dizer *pede*, mas que quer dizer também *enviesado*.

É uma construção que valeu para desconstruir a questão de identidade, e ele diz: *a resistência é o* queer, *queer* não é o nome de uma resistência abstrata, nascida de minorias sexualmente oprimidas. Essa nova maneira de engajamento político se caracteriza principalmente por um cuidado constante de desfazer os valores de uma sociedade *hetero* normatizada. Em lugar da política dominante, a grande arma retórica *queer* será a figura metonímica, por excelência, do desejo, segundo Lacan.

Veem? Vê-se bem que é difícil o consenso, inclusive aí, em nome de Lacan. O que é interessante é que questões que nos acontecem hoje dividem no sentido necessário, vêm solicitar em cada um de nós a maneira com que se arma em nome da psicanálise, para responder a questões sociais de primeira mão. Então, não é preciso fazer operar consensos moles sob a dissimulação de que seríamos todos Freud-lacanianos ou – quem sabe? – são tolices. As pessoas tomam à sua maneira suas responsabilidades no campo das ideias e é exatamente assim.

Como se pode tentar explicitar da maneira mais simples possível o estabelecimento da questão do fantasma em uma criancinha? A questão do olhar, do desejo sexual, como a mensagem vem do Outro, a questão da mensagem que vem de um modo invertido ou de um modo direto, o jogo significante, a questão do recalcamento, incluindo aí em uma criança, como dizia Freud, a escolha da neurose – como se pode ler isso? Então eu vou lhes dar uma pequena vinheta clínica para fazer-lhes viver a maneira como eu mesmo tento vivê-las.

É uma menininha que mal tem quatro anos, três anos e meio, que fala muito bem, que vem à consulta. Rapidamente, entendo, pela pessoa que a acompanha, mas também por ela mesma, que ela vem porque é uma situação de grande violência no momento da separação de seus pais. E há uma coisa que ficou, para mim, de toda essa primeira sessão, um jogo significante engraçado. Ela diz em um momento: – *Papai vive na rua*. Então, imediatamente, o que me veio foi:

SDF[42], mas eu penso que estava ligado ao fato de que, provavelmente, ela devia ter escutado nas trocas um pouco agressivas entre os pais, mas *tu me jogas na rua*, ou alguma coisa assim, mas isso era retomado pela criança. Vejam, é interessante o jogo do significante, o que tinha sido recebido, depois redialetizado, é que seu papai tinha se tornado uma pessoa sem domicílio, de alguma forma, o que não é completamente falso, de maneira fantasmática.

De maneira bastante engraçada, tento encaminhar essa menininha ao grupo de observação e de terapêutica para os pequeninos, que há na unidade onde trabalho e, de maneira um pouco sistemática, digo a essa menininha *tu irás* e, na sessão seguinte, eu me dou conta de que essa menina recusou integrar esse grupo de pequenos. Essa pequena diz: – *Eu não quero ir ali, eu quero rever Mr. Tyszler*. Habitualmente, eu é que me esquivo com os pequeninos... Sob o golpe da injunção, eu me digo: *bem, eu vou recebê-la novamente*. Vocês veem, é interessante é para fazer-lhes refletir sobre a posição de uma criança, pequena, porque isso parece sem importância, mas, numa instituição, dizer não, *eu não quero que seja isso, eu quero que seja isso aqui*, tomado numa demanda transferencial, pede uma certa determinação.

Essa criança, eu a restituo para vocês, ela considerava que as coisas eram graves demais, ela não tinha vontade de jogar. O que ela tinha imaginado desse grupo, ela não queria passar por aquilo ali e quando voltou ao meu gabinete, tenho um b[...] que é um pouco amplo, ela sentou-se, ela me fixa e sinto exatamente que é preciso falar seriamente, que ela não veio para desenhar ou para brincar. Portanto, eu lhe indago como vai e ela me diz imediatamente – vejam a questão do desejo: – *Há um convidado na casa de mamãe, eles são amantes*; ela me diz o nome e o prenome e aí, é interessante o material significante, ela diz: – *Papai diz que é preciso que ele caia fora*. É para fazer-lhes evocar a força – isso é a voz que a impulsiona pelas costas, para utilizar a metáfora de Beckett, uma frase bem possante: – *Papai diz que é preciso que ele caia fora*. E ela para nesse significante, dizendo: é *uma palavra vulgar*; e, então, é bastante intrigante essa posição da criança que recebe os significantes tendo tratado, à saída do pai, da intrusão sexual, de outro homem e do julgamento, de alguma forma, de qualificação do que é aí significado pelo pai, ao mesmo tempo a parte de verdade velada, de alguma forma. Esta palavra *vulgar* é porque ela já tinha tomado sua parte no fato de que era papai que se desprendia no *vel* que se propõe às crianças – *quem tu preferes, teu pai ou tua mãe?* –, vocês conhecem a história. À sua maneira, por razões que são próprias a sua maneira de se proteger, estava já operando o *vel*, o *ou...ou* separador.

---

42 SDF: abreviatura de 'sem domicílio fixo'.

Temos os significantes que vão fazer o tecido da gramática fantasmática, é preciso que ele se libere. Há alguma coisa de que tinha me interessado muito, é que uma vez que essas grandes frases são largadas, em seguida, ela faz como as crianças, frequentemente, ela vai passar, ela mesma, pela escrita. Como em todos esses birôs de consultório há um quadro, ela vai fazer, espontaneamente, pequenas letras, pequenos números invertidos, o um, no outro sentido, o zero, coisas assim, e o que é muito intrigante é que ela escreve e apaga: a questão do recalcamento. Ela escreve e ela pede ao outro, ao adulto, para ler com ela, autenticar, e, imediatamente, ela apaga, o que faz com que, no fim da sessão, quando tento reinterrogá-la sobre os materiais do início da sessão, papai - mamãe, ela me diz: – *Eu não sei mais; eu esqueci.* Ela me diz: – *Eu sabia antes, mas agora esqueci.* Isso me pareceu muito intrigante, o tempo da sessão, o dizer, o traço e o recalcamento. Tudo estava ali. Não se podia mais interrogá-la sobre os significantes que tinham sido colocados de início no tapete.

A matriz significante que está operando para essa menina, não há necessidade de ser um grande lacaniano para escutá-la, vocês já a têm: *desprende*, isto é, os meninos, os guris, os desgastes, vocês já têm simplesmente na própria frase toda uma série de pequenas articulações, de conexões significantes bem potentes, o que faz com que, na sessão seguinte, eu a receba, dizendo-lhe: – *E na escola com os meninos?* E pouco a pouco ela me diz: – *H*á um que é malvado, ele me tirou a calcinha. E então, aí, um jogo transferencial intrigante: ela me indaga se pode tomar minha poltrona. Então ela se vira, e não é tanto a título do eixo especular a-a', não era para brincar de doutor, ou seja, lá o que for, é que, no momento em que ela se coloca na poltrona, ela me diz: – *Então doutor, será que você tem uma infelicidade?* No fim da sessão, volto um pouco a carga... E os meninos? Eu não me lembro mais.

Vocês veem, numa simples sessão assim, quando Lacan diz que é preciso estar atento a isto: de um lado, o próprio jogo significante; a gente se esforça, o sujeito será sempre recortado, de certa forma, pelo jogo significante e aí, a meu ver, para essa menina, é certo que a frase emblemática é preciso que ele se desprenda, por sua força de pancada e, ao mesmo tempo, pelo jogo interno dos significantes integrados a este *desprenda*, na potência da gramaticalidade que Freud evoca, e há alguma coisa do outro lado que é mais complexa para compreender, mas que é a escolha já de gozo, ou seja, porque essa menina escolhe a parte que ela cede, ali do lado do pai, e a parte de sedução que ela reserva simplesmente para o novato que chega, para o amigo atual da mamãe. Já temos aí a fábrica da escolha da neurose futura, da qual Freud fala.

Não são questões não faláveis. Nós tínhamos tentado falar dessa questão
EPEP, em qual momento se estabelece o fantasma na criança. E creio que
exemplo como aquele ali permite retomar os dois fios que Lacan dá, depois
Freud, que é, de um lado, tentar fiar o registro significante enquanto tal, se se
a chance de encontrá-lo, e, em segundo lugar, tentar ver a forma de organiza
de gozo que a criança faz bem cedo. Não são coisas tão difíceis de acolher
isso, que é muito importante, vocês sabem, quando Lacan fala das letras
caem. Efetivamente, vejam aí com qual rapidez ela apaga, com qual rapide
significante é recalcado: *eu não me lembro mais*. Então a mesma criança,
te anos mais tarde, se ela faz uma análise, terá aí todo um material que est
de alguma forma, sob o capítulo da lembrança encobridora, isto é, vamos v
narrar muito bem: – *Eu tinha visto o doutor fulano de tal*, *eu lhe tinha con*
isso, *aquilo*. E é provável que esse material, as palavras que fizeram impacto
significantes, terá partido sob... Mas, enfim, eles estarão operando! Eles terão
do, mas terão sua força de gravitação, a verdade, ela só terá uma metade, é c

Se recusamos a pesquisa de uma saída, pelo lado dos estudos do gênero,
cernente ao fantasma no feminino, em direção a que vamos nos voltar? Se qu
mos passar por referências de cultura, há hoje muitos trabalhos etnográficos
sociologia comparada que valorizam a existência de comunidades reunidas
travestimento. Então a questão do falo disfarçado, desviado, há um belo exe
no México, no Brasil, nas tribos indígenas que se conhecem menos. É pre
notar que – como para o transexualismo – essas exceções se encostam explic
mente na regra e, longe de contestá-las, revelam, ao mesmo tempo, a necessid
para o espírito e o absurdo, como todo axioma de fundação. Convido-os a re
bem sobre isso. Como para o transexual, enquanto exceção clínica, as socied
de travestimento não desconstroem a regra comum, elas as endossam com
tamente a título de exceção e têm o talento de escarnecer disto como axiom
fundação – por que um mais um faz dois? – exceções endossadas.

Digo absurdos de axioma de fundação porque voltamos às coisas freudia
Quando Freud diz: *no estado da organização genital infantil há exatamen*
masculino, mas não o feminino, a oposição se enuncia aqui, órgão genital
culino ou castrado. Vocês se lembram disso? O próprio Freud diz um pouco
tarde: *mas o que estou lhes dizendo é totalmente absurdo, é um axioma absu*
não há nem lógica, nem moral. Ele diz que a organização do pequenino se
assim, de início, enquanto a questão do feminino não está ali. É totalmente ab
do – diz o próprio Freud –, mas não posso dizer-lhe de outro modo.

É preciso prestar atenção às pesquisas que são feitas atualmente em

disciplina que estava próxima da psicanálise, que é a etnologia. Perdeu-se muito tão de proximidade com a etnologia e, creio, erroneamente, porque se passa alguma coisa de bastante potente no campo da etnologia, que é singularmente a leitura ao avesso dos trabalhos do grande Lévi-Strauss. Enfim, Lévi-Strauss não morreu; ele vai ter cem anos! Mas a etnologia prosseguiu de um modo bastante particular, uma vez que muitas das crenças necessárias que tinham colocado Lévi-Strauss no lugar, concernente à troca de mulheres, às estruturas de parentesco, a regra intangível da interdição do incesto, são bem fortemente requestionadas pelos defensores da etnologia moderna, em nome do próprio Lévi-Strauss. O que é intrigante como movimento dessa disciplina que num tempo nos apoiava. Dividia-se com os etnólogos certa leitura dos registros de parentesco e de sexualidade.

Vocês se lembram de que eu tinha falado desta pequena passagem do *Encore*, da última vez, já que Lacan, à sua maneira, desejando prosseguir o trabalho de Freud, di-lo de um modo inteiramente simples: *o que eu abordo este ano é o que Freud expressamente deixou de lado, o Was will das Weibe?* O que quer a mulher? Lacan retoma o que diz Freud quando diz: *eu não compreendo nada.* Lacan diz: *eu mesmo, será que compreendo melhor isso? O que é que posso lhes dizer disso?* Freud diz que só há libido masculina e Lacan diz: *o que dizer senão que um campo que é significativo se encontra assim ignorado?* Esse campo é aquele de todos os seres que assumem o estatuto da mulher, se é que esse ser assume o que quer que seja, além disso, é impropriamente que se chama a mulher, uma vez que, como eu sublinhei da vez passada, o *a* da mulher, a partir do momento em que ele se enuncia por um não-toda, não pode se escrever. Vocês sabem, é a escrita que ele propõe do A barrado. E aí há essa frase emblemática sobre a qual se esbarra permanentemente o A (barrado), e eu o ilustraria hoje, tem relação com o significante do Outro [significante do A maiúsculo, do *Autre*] enquanto barrado, e daí o esquema que ele propõe nesse momento aí, que suscitou comentários, até hoje, onde ele distribui o esquema da sexuação do feminino, de um lado, o que ela deve ao falo, e, do outro lado, o que ela deveria ao campo do grande Outro.

O que é problemático é quando ele diz que vai dar-lhes exemplos. São essencialmente exemplos tomados emprestados à mística. Ele vai escolher nesse momento aí falar dos grandes místicos. Entende-se que o gozo particular, dito suplementar, com o qual a mulher teria a ver, estaria em um campo um pouco particular.

Lacan, nos seminários que se seguirão, não dará igualmente outros exemplos, se posso dizer, dessa escrita. O que coloca, para todos nós, um grande problema porque frequentemente simplificamos, de maneira abusiva, essa escrita, ou seja,

reduzimos o campo desse gozo suplementar ao campo da fisiologia sexual, então, aí voltamos a tomar emprestado à leitura sexológica de Freud: sim, de tempos em tempos, a mulher tem um gozo não bordejado como o do homem, seja, nós fazemos disso um campo totalmente aéreo, fora da norma, que não sabemos a que prender. Uma palavra, para esclarecer, simplesmente: não se pode tomar sempre os mesmos exemplos então, não no campo da mística; por ocasião das jornadas sobre o dom, tinha-se convocado a figura tutelar do grande Marcel Mauss, o pai da antropologia, e os escritos de Mauss sobre o corpo e as técnicas do corpo permanecem não ultrapassados. Concernindo a um corpo sobre o qual ele escreveu muito, os *inuit*, os esquimós, como se dizia antes, Mauss interessou-se por uma grande divisão que é, ao mesmo tempo, real e simbólica, que é a divisão das estações. Mauss escreveu coisas extraordinárias sobre a maneira com que os *inuit* eram organizados pela valência significante verão/inverno, o jogo do significante, mas agarrado ao real.

Exacerbação do indivíduo, do desejo, e, singularmente, do desejo feminino, durante o verão; vida social, totalidade do grupo, submissão às regras xamânicas durante o inverno. Uma reflexão totalmente estrutural, que parte de um sistema de oposições, simplesmente, determina a vida de um povo, suas leis e seu imaginário narrativo. Isso se encontra nos escritos de Mauss e de alguém, que se chama Bernard Saladin d´Anglure, que se interessou igualmente pela forma de divisão sexual e que encontrou uma metáfora bonita dizendo que, afinal, nos *inuit* podia-se dizer que o verão é feminino, porque, durante o verão, as famílias partem para longe e se produz certo número de trocas no domínio da sexualidade, com isso de bem particular: que é a mulher *inuit* que pode se oferecer, escolher dar-se ao estrangeiro, isto é, ao visitante. Nessa configuração, sob o significante do verão, é o gozo da mulher *inuit* que é privilegiado – se ela o escolhe –, dar-se-á ou não ao estrangeiro. É ela que tem a iniciativa e é em nome disso que os etnólogos dizem que nós consideramos que o verão é feminino.

Evidentemente, há outra face do significante, como sempre: no momento de o inverno voltar, organizam-se cerimônias rituais que eles chamam cerimônias de reacasalamento, estritamente ditadas pelo xamã. Vocês veem a questão do falo, da ordem simbólica, a pompa, aliás, que nem as mulheres nem os cônjuges podem decidir pelo parceiro escolhido durante essas cerimônias. É o xamã que decide quaisquer que sejam as ligações de parentesco, de conjugalidade. Aliás, o símbolo do clã submete cada um à ordem xamânica, e Saladin d´Anglure diz: *poder da masculinidade em estado bruto*.

Quando Lacan diz que, por sua essência, a mulher é não-toda, ele dá, em

relação ao que designa de gozo, a função fálica, um gozo suplementar. É verdade que Lacan evoca aqui, não são histórias de comércio sexual, mas testemunhos de gozos muito mais aerianos, todavia, é por isso que tomei este exemplo para vocês, o estrangeiro do verão – como vocês o entendem –, o estrangeiro do verão da mulher *inuit* é uma forma de submissão a um lugar do Outro, é um desejo de um segundo grau, uma dimensão que toca na abertura do espaço geográfico e do espaço psíquico. Traduzi assim: *eu me dou além do que o gelo e a neve circunscrevem e destacam habitualmente*. É isso o movimento da mulher *inuit*. Não se pode entendê-lo simplesmente como uma liberdade sexual, é outra ordem de submissão, uma dimensão outra, mas que é batida pelo registro significante. O fato de que o espaço topológico de imersão, de repente, abre-se ao estrangeiro, àquele que vem de longe, e Lacan neste seminário – 20.02.73 – colocará essa belíssima fórmula, ele dirá: é o ser da significância. O que quer dizer o ser da significância? Nesse exemplo, pode-se entender essa partilha elaborada por Lacan a título de seu seminário, é um exemplo etnológico, é claro, que, aliás, agrada muito, ele é excepcional, ele é coordenado a maior parte do tempo por outras formas de regulação que não tomam emprestado certa forma do prisma do desejo, mas é um exemplo que fez os antropólogos modernos refletirem muito.

É uma questão que vocês escutam sem cessar, esta queixa: *eu não quero que ele me trate como um objeto*. É na verdade uma questão de técnica analítica, de início, *eu sou, entretanto, um sujeito*, e isso é uma questão que vai necessitar da abertura da totalidade do campo da dimensão do fantasma, com isso no qual eu sustento um pouco meu fio condutor desse seminário. É assim mesmo intrigante que Lacan, que vai passar muito tempo a diferenciar topologicamente a questão do sujeito e do objeto, esse mesmo Lacan, no momento de seu ensino, quando vai passar à questão dos nós e do enodamento, vai achar como passar, de maneira alternativa, da noção de objeto à questão de sujeito, e isso por uma matemática que é fiel a sua inspiração topológica. Eu os convido a encontrá-lo no seminário *Encore* e, no seminário sobre o sintoma, vocês encontrarão o traço disso. Lacan, quando coloca em jogo os determinantes do que ele chama de um sujeito e um objeto, vai divertir-se em ressaltar como se pode passar de um termo ao outro, o que os pequenos pacientes dizem sem cessar, *quando é que eu posso me chamar objeto e sujeito?* Mas é o fantasma que religa tudo isso de um lado ao outro.

O que Freud colocava, na época, do lado masculino, que ele chamava a dupla moral sexual, é alguma coisa que se vive hoje igualmente do lado feminino, mas não é suficiente dizer isso, se queremos guardar no espírito uma divisão que não seja de simetria, isto é, não em tudo e reciprocamente, menina e menino são semelhantes como a modernidade o exige. Outro pequeno exemplo da clínica que é

paradigmático – as vinhetas que lhes dou parecem singulares, mas elas não o são: não toco no segredo profissional –, é então uma paciente bastante jovem, bem *mignon*, que partilha quase, não oficialmente, mas oficiosamente, em sua concep- ção da vida, seu tempo, desde há muito tempo, entre dois meninos. É já uma maneira de dizer-lhes isso, porque nas sessões ela tem a maior dificuldade para nomear um e outro. Por que isso? Por causa do próprio trabalho significante. E vai dizer *eu vi meu amigo e depois eu vi...* e a palavra não vem imediatamente para dizer: *um outro amigo*. Habitualmente há um branco e ela vai passar daí pe nominação, vejam, dizer *eu vivo com dois meninos* ou *entre dois meninos* é u maneira que funciona até certo limite possível da explicitação.

Por que, no fundo, uma geometria amorosa assim, que não é totalmente ba- nal, contudo – é ela vulgar, por certo número de dificuldades? É simplesmente pelos efeitos de real, isto é, de colocação ao pé do muro, que um dia o jogo dos significantes vai se encontrar, não por razões morais, em pane de significação segundo a palavra de Lacan: a significância. Nessa jovem mulher, um belo d ela apreende o falecimento brutal da mamãe do seu segundo amigo. Vejo-a n sessão e ela diz: – *Eu divido sua dor*. O que é interessante é o que vai se seg imediatamente na sessão, sem que eu a solicite em nada, ela vai dizer: – *Mas não posso ir lá*. Subtende-se que há o luto, há o enterro. Essa jovem mulher, está realmente situada no fantasma do seu parceiro, concernente a seu lugar sexualidade, mas essa mulher jovem, nesse momento aí, no momento da coloca- ção ao pé do muro do real, de um luto, dá-se conta de que não está represen na cena organizada pela questão desse luto, a ponto de não poder ir ali. e confessará mais tarde que seu companheiro não desejava sua presença. E o ponto que sublinhei na sessão é que ela utilizará o termo papel, vocês sabem é muito utilizado na história de *Sex and Gender*, diz-se *papel* no lugar da *iden- ficação*, e ela diz: – *Esse não é meu papel*. E eu simplesmente escandi isso a lhe disse: – *É engraçado que você utilize papel, porque você não diz não é o lugar*. Vejam essa terminologia que é imposta a ela, provavelmente herdada todos esses debates, efetivamente, sobre a utilização da palavra *papel* no l dos determinantes simbólicos, porque, quando se diz o lugar, a força do sig cante não é exatamente a mesma.

Vejam, é interessante, a título do *background* que propõe Lacan sobre a visão estrutural da posição feminina. O mito que ela apresentava com m simplicidade, não havia nenhum apelo moral nessa fórmula dela, ela não es solicitando dimensões de moralização ou de olhar etnológico sobre isso, abs tamente. *Eu vivo entre dois homens* era apresentado durante muito tempo c uma verdadeira estrutura de ficção. Mas se, por um lado, ela pode partilhar a

ela participa de certo semblante, o que é interessante numa sessão como aquela ali, que teve efeitos sobre sua maneira de pensar sua geometria fantasmática; é que, do outro, como diz Lacan a respeito de seu gozo suplementar, as palavras lhe faltam. As palavras faltam para se enganchar à presença real, quando ela diz *eu não posso ir lá*; é que as palavras não tinham o peso real das significações para serem representadas realmente. É muito interessante essa sequência. Eu a sigo há um certo tempo e eu mesmo me habituei à fórmula, isso me parecia banalidade adquirida, é sua maneira de visualizar sua vida de maneira fantasmática. Mas o que não era visível era a significância, o gancho das palavras no real tinha permanecido despercebido porque, no momento, nada na vida real a tinha colocado ao pé do muro. Ali estava um luto, isso teria podido ser a chegada de uma criança, mas ela tinha diferido, ela era jovem.

Não há nenhuma ideologia nisso, há formas da divisão operando na questão da repartição dos gozos no que os limita, no que os ordena. Temos exemplos antropológicos, se quisermos ir procurá-los, mas não são quaisquer exemplos, eles são trabalhados extraordinariamente pelos significantes que estão operando nessas culturas. Há nessas jovens pacientes o traço de tudo isso na vida fantasmática. Vejam! O que é interessante é o enodamento das próprias palavras que confirmam a posição do desejo. Não haverá nunca outra coisa, quer o enodamento das palavras sustente, quer a vida, que vai fazer observar que isso não sustentará, e eu tive que intervir, em três sessões, no único ponto que eu tinha notado, sobre o termo papel, porque isso me parecia um negócio que ela coloca, o termo papel, no lugar do significante *lugar*, isso me parecia um negócio ideológico efetivamente, mas que ela tinha recebido bem, não é o significante que convém.

Concluo com isso. Vejam, tomei por certo viés o fantasma feminino, é claro, o fantasma no feminino, é preciso que nós consigamos enfiá-lo um pouco, ele está operando naqueles que continuaram em sua maneira a obra de Lévi-Strauss, a famosa Françoise Heritier, que tomou o lugar da querida de Lévi-Strauss no colégio de France x=y. Isso faz parte de seus trabalhos, é do Lévi-Strauss totalmente remodelado sobre eixos... E há muitos trabalhos que retomam pelo avesso certo número de leis fundamentais e eu os convido a lê-los. Há alguma coisa de muito interessante, é a distinção que os etnólogos fazem entre o termo da aliança – que nós gostamos muito, a aliança –, e os etnólogos de hoje se interessam muito mais pelas questões de consanguinidade. A ideia deles é que, o que quer que se diga, a maior parte das civilizações construídas são consanguíneas. É assim mesmo um voto engraçado, então é baseado sobre os trabalhos seriais, complexos. Mas é evidente que isso visa deslocar, de maneira bem potente, a questão do símbolo, através da questão do incesto, da consanguinidade, em direção à outra coisa.

Vocês encontrarão isso em trabalhos bem interessantes.

Jeanne Wiltord: – Você nos dá as referências.

Jean-Jacques Tiszler – Da próxima vez, mas antes de mergulhá-los em nov[illegible] trabalhos vão ver os textos de referência, os textos de Mauss e os textos sobre [illegible] *inuits* que são clássicos, que são geniais. Os textos mais recentes são mais difíc[illegible] de ler, eles se tornaram mais teóricos.

Por hoje paramos aqui.

Lição XI

5 de abril de 2008

Vou justamente fazer um pequeno lembrete para vocês, como faço sempre, sobre as questões sobre as quais estamos parados, antes de tomar a metáfora da tecedura que tomei depois de um pouco de atraso. Vou fazer-lhes uma confidência: li, com um ano de atraso, o extraordinário livro que Charles Melman tinha proposto para leitura! Alguns dentre vocês já conhecem, uma vez que ele tinha feito um de seus seminários sobre isto, *O métier de Zeus*. Àqueles que não o conhecem, aconselho comprá-lo. É verdade que ele é excepcional. Ele não é absolutamente feito por analistas. Ele é excepcional e então Charles Melman tinha feito um seminário bem interessante sobre isso. E o inconsciente é feito assim – precisei de um ano para me debruçar nesse texto, e me dá vontade de ler algumas palavras sobre ele.

Um segundo livro que me serviu de apoio é uma nova tradução da Ética a Nicômaco, da Ágora. Há diversas traduções desse livro, está ligado à questão da tecedura. Eu que nunca fiz grego, fiz latim, estou sempre entusiasmado pela maneira com que as pessoas trabalham as palavras. O quanto a consistência de um significante, de sua espessura, de seu tecido, trabalha e retrabalha para fazer surgir questões que não apareciam previamente, ou então, não é que elas não aparecessem, é que são recolocadas em seu contexto, isto é, que se pode entender, hoje, diferentemente do que era dito outrora, o que já é dito, aliás, em *O métier de Zeus*.

Outro livrinho que eu lhes aconselho é um livro bem particular. É de uma colega italiana, que vive em Nápoles, que se chama Paola Carola[43], que narra, em um livrinho bastante interessante, do ponto de vista do fantasma *versus* feminino, seu encontro com Giacometti, já que, eu não sabia, aliás, ela bem jovem, foi propor a Giacometti fazer seu busto. Então um dos bustos de Giacometti se chama *La Paola*. É uma obra bem particular, edição Leo Scheer, na qual ela narra esse encontro que, provavelmente para ela, foi, fantasmaticamente, bem determinan-

43 Carola, Paola – *Monsieur Giacometti: Je voudrais vous commander mon buste.* Paris : Éditions Léo Scheer.

te. – *Senhor Giacometti, eu queria encomendar-lhe meu busto*, é assim que ela chega ao ateliê de Giacometti. Evidentemente, ele não está de acordo, mas ela foi um pouco insistente e, no fim de certo tempo, é ele mesmo que lhe pergunta se ela teria a gentileza de ser seu modelo. O que é bastante interessante, a meu ver, é que há uma pérola nesse livro, que fala de muitas coisas, inclusive, da maneira como vocês conhecem, bem desagradável, com a qual foi transmitida a obra de Giacometti, todos os problemas que criou para sua esposa e tudo mais. Há uma pérola sobre a posição de uma mulher quanto ao fantasma, que está no interior, que é entregue em duas linhas, que está dito agradavelmente, que não vou desenvolver aqui, mas que vocês verão, àqueles a quem isso interesse.

Faço um lembretezinho justamente para situar as questões sobre as quais estamos parados: o fantasma em Freud é este cenário imaginário, imagem parada masturbatória, que organiza nosso olhar sobre a vida, o mundo, a realidade, e que fixa nossa relação com os outros, assim como com o outro, do outro sexo. Como eu disse aos colegas de vocês no Marrocos, recentemente, dizer isso, aqui em Paris, não tem nada de extraordinário. Mas, se vocês escutam bem, é uma proposição que é bem singular, que cabe apenas à psicanálise tratar a causalidade assim, e a psicanálise nomeia assim mesmo uma causalidade. Ela diz: _*Eu vou dar-lhes a chave do que se chama causalidade*, dizendo, contrariamente ao que vocês creem, é a vida pulsional, é a vida fantasmática, é a relação com o gozo, é a especificação de um tipo de objeto do corpo que funda nossa relação com o que chamamos a humanidade. É então uma proposição marcante e que, como vocês sabem, não era partilhada no próprio universo das ciências humanas. É evidente que, se vocês pedem a um historiador a ideia dele sobre a causalidade, ele não vai procurar, de saída, do lado do palmo fantasmático e pulsional da vida. Não é isso que ele vai dizer, com razão, aliás, já que a história não funda a causalidade nisso, assim como nem para a filosofia, nem para as sabedorias clássicas, nem para as religiões – que delegam a causalidade sempre do lado do outro. Ainda menos, se posso dizer, da ciência moderna, já que ali a causa é determinada do lado da biologia, sobre um modo da química.

Vejam, simplesmente isto. É preciso entender, meditar sobre isto, ou seja, quando falamos uns da pulsão, outros dos fantasmas, dos gozos, é assim mesmo um tipo de proposição bem específica, interna ao discurso psicanalítico. Isto não se compartilha facilmente, nem mesmo se contesta imediatamente. Eu lhes digo coisas um pouco pessoais, eu tenho uma amiga de quem gosto muito, com quem discutia há alguns anos. Essa mulher, que é extraordinariamente culta, mas que tem também um percurso religioso, que tem uma relação com a elevação, com a fé, quando discutíamos psicanálise, ela me dizia: – *Mas tu sabes, Jean-Jacques*

Não. *Eu n*ão te seguirei nesse terreno porque ele reduz o humano a nada! Vejam, em suas palavras, não era possível... Nós podíamos trocar sobre os vitrais de Chartres, mas não sobre a questão da causalidade. O que lhes digo aí é frequente, é normal, há alguma coisa que é particular, que está em Freud, que é este lado incandescente da contribuição freudiana. Vejam, *além do bem e do mal*, eis ali o que, como clínico, designo para vocês como causalidade, quer agrade ou não, é assim.

Passo rapidamente sobre algo que me pareceu muito importante. É muito importante meditar sobre a redução lógica que Lacan nos propõe quando ele passa das fantasias freudianas, ao fantasma, no singular. Olhei mais de perto textos de colegas germânicos. Creio que Freud não podia dizer – no sentido próprio –, o fantasma. A cada vez que ele utiliza o termo fantasma o escutamos no plural. Não há em Freud acepção unificada da questão do fantasma. Portanto, justamente, a lógica do fantasma é o trabalho de Lacan para tirar o fantasma de todas as fantasmagorias imaginárias e aí encontrar a sua lógica, no seio da língua e do corpo, em torno de sua noção de objeto. É um paradigma que é muito importante, tenho insistido muito nisso, retomarei isso de outro modo mais tarde, mas creio que é uma das determinações de Lacan em relação a Freud.

Outra coisa que não resolvi totalmente, é claro, tentando fazer-lhes navegar em torno dos objetos, da definição dos objetos topológicos em Lacan, porque Lacan diz que ele se apoia apenas sobre quatro objetos topológicos, se deixamos de lado o nada, a anorexia. Deixamos de lado as particularidades complexas, porque Lacan designa firmemente quatro objetos, voz, olhar, seios e fezes, como os objetos que vão concernir à posição do objeto na própria língua enquanto atrativos desses objetos da língua. Isso é uma questão que é preciso continuar a trabalhar. Essa dimensão dos quatro objetos de Lacan não é admitida absolutamente fora do nosso círculo, e mais! Somente aceitamos esse legado.

Então isto é muito importante, é muito interessante, é igualmente uma escolha de Lacan, simplesmente nomeando, reduzir e especificar. Alguma coisa que está ligada a isto, cujo interesse, na direção das análises, tentei lhes dar: não ser obnubilado pela prevalência do olhar no que concerne ao fantasma, porque, inevitavelmente, por estrutura mesmo, todas as metáforas que tocam no fantasma, a janela, o quadro, tudo de onde vocês fazem jorrar a prevalência deste objeto *olhar*, faz com que na prática da própria análise, no trabalho, vocês deslizem rapidamente para o reconhecimento ubiquitário desse olhar. Ora, nos exemplos clínicos que lhes dei, eu tinha tentado alertar-lhes sobre o fato de que é o jogo dos outros objetos topológicos, sob o olhar, que se trata de convocar. Então isso é um

problema de práxis, de ver como, sob a ubiquidade do olhar, outros objetos topológicos estão operando. Como é frequente com Lacan, o que é dificultoso é que ele não dá exemplos clínicos e, em lugar de dar um exemplo clínico, ele vai procurar nos exemplos matemáticos, topológicos, para nos dar o gosto de procurar esses outros objetos. Por exemplo: por que, para a oralidade, ele vai procurar nas séries de Fibonacci, isso é Lacan, fazer um desvio extraordinariamente complexo para nos dizer *prestem atenção, são outros objetos clínicos que estão operando, cabe a vocês descobri-los*, e ele passa às vezes por terrenos bastante complexos para colocá-los a trabalhar.

Último ponto que me parece muito importante, creio que a questão do fantasma permite tornar falante o gênero de frase *o inconsciente é o social*, que parece bem lacaniano, *o inconsciente é o político*, etc. Creio que, de certo ponto de vista, incrivelmente, enquanto o fantasma é o mais íntimo, o mais singular, etc., é também o estilo de uma época. É muito interessante. Vocês podem com razão tratar o fantasma como o estilo de uma época. Falar de um caso no singular é também falar da posição do fantasma social. É evidente que, em nossa época, que é desta recusa sob a forma de *nem Deus nem mestre*, que é agora clássica, que se poderia dizer também *eu não sou batido pelo significante*, que a criança diz: – *N*ão, eu não tu, tu eras batido pelo significante, mas eu não. Então o paradigma que eu tinha retomado, que é *devem-me*, que não tem nada a ver, hein? Eu os tinha convocado a refletir bem, tudo que na análise vem em nome do *devem-me*, deixa-se tramar muito pouco pelo modo fantasmático. Vocês não conseguirão, não é um fantasma, é um postulado. Então isso é um trabalho. Temos que levar a entender como o imaginário íntimo, vocês veem, dobra-se ao imaginário do momento social e vice-versa. É nesse sentido que as frases de Lacan têm seu interesse.

Então a metáfora da tecedura – creio que ela é muito importante para nós porque o objeto com o qual tratamos na psicanálise é, inicialmente e antes de tudo o objeto da língua, *alíngua*. Lacan a escrevia com uma só palavra. É esse objeto simbólico que é também aquele da perda, aquele da falta, aquele da castração, e retomarei daqui a pouco sobre isso. É preciso prestar atenção a alguma coisa com a qual vocês não estão muito em contato, que se tornou a ortodoxia freudiana, mas o objeto na *alíngua*, o objeto lacaniano, não interessa em nada aos colegas que têm seguido de um modo um pouco ortodoxo o trabalho de Freud. Isso não lhes interessa.

É assim mesmo uma curiosidade já que, afinal, uma análise só é tecida por palavras. Charles Melman, com razão, aqueles que puderam assistir ao seu seminário – pode-se encontrá-lo na internet –, então *O métier de Zeus* é algum

coisa que fez um salto, uma vez que esse texto reuniu três planos que são estritamente homeomorfos à triplicidade lacaniana, já que, de um lado, os autores tomam a linguagem, o jogo do significante, ao lado, a união sexual, até a questão da conjugalidade, e depois, ao mesmo tempo, outro elemento do enodamento, é a política enquanto tal. Isto é, a responsabilidade de cada um na cidade, da cidade, portanto, o que também faz discurso. Então ele cita de maneira excelente em seu artigo toda uma série de pontos. Para mim, há três pontos que me interessaram, que me fizeram vibrar. De início, é um ponto que parece nada e que é imenso, é a extraordinária distância significante que há entre o fio e o tecido. Isso me deixou maravilhado porque os autores insistem muito sobre a distância considerável que há na palavra fio, um fio, um fio distendido, um fio vermelho, etc. e a questão do tecido.

O exemplo emblemático deles é tirado da história de Ariadne e Teseu. É graciosa a maneira com que eles resumem esse episódio clássico, dizendo que Adiadne oferece um fio para soltar aquele que deve sair do labirinto, mas esse fio é uma cadeia isolada. Então ela salvará a vida de Teseu, mas, por ser um fio único, não é tecido, e então não faz cadeia, trama. Não haverá união, não haverá amor, é um comentário extraordinário esse jogo totalmente clássico, mas que é baseado, de início, somente numa distância significante, porque na língua comum vai-se dizer *fio*, *tecido*. Mas onde está o problema? Justamente o fio não é tecido e então, escolhendo por obrigação – é preciso salvá-lo –, a via do fio, de lhe dar um fio, o que não será possível e o que está já dito, de início, sobre essa historinha, é que não haverá união.

São quase jogos metafóricos simples, o fio deixará fiar, o que é quase um jogo de palavras, o fio deixará então o enamorado fiar. Achei isso extraordinário porque, quando se prepara um seminário, já se está contente por encontrar um fio, é preciso pelo menos um fio, e digo, frequentemente, mas aí vou parar de fazê-lo, *o fio condutor de minhas palavras*. Agora que sei que esse fio não faz tecido, vou tentar encontrar outras metáforas. Os autores dizem que o fio não é a garantia da tecedura, é até mesmo contraditório com o tecido, no sentido em que ele reúne essa triplicidade da qual os autores e Melman falam.

É um esforço analítico, no sentido em que eles escutaram melhor que ninguém, nessa distância, na língua, entre duas palavras aparentemente quase coladas.

Há uma segunda passagem, de uma beleza incrível, é a palavra – aí também é apenas uma palavra –, tomada emprestada de um poema que é publicado por Carthage nos anos 520-530, e essa palavra é *retexis*, uma palavra que aparece em um poema latino, *retexis*. *Retexis* quer dizer tu teces novamente.

Isso não teria importância, mas o autor diz *retexis* no lugar onde se esperaria *tu relês*, do verbo ler, isto é, ele utiliza ali onde é esperado o significante da leitura, de maneira intrigante, mas, ao mesmo tempo, extraordinariamente elegante e inventiva. O autor se apodera do verbo *tu retisses* e isso é grandioso para nós, isto é, ele valoriza – e isso Melman retoma muito, é um texto que lhe é caro –, ou seja, que a página retecida é uma leitura oralizada, em voz alta, frequentemente, mas isso pode se dizer na voz interior, é claro. É um escrito que se oraliza, no qual o leitor vai inserir, se se retoma o fio dessa metáfora, vai inserir sua própria trama vocal no fio das palavras desse autor e então isso é uma insistência. Vocês encontrarão isso frequentemente nas palavras de Charles Melman. Não é o único autor, Henri Meschonnic fala nisso também, e outros autores valorizaram a passagem do oral ao escrito, do escrito ao oral, entretanto, é muito importante para escutarmos quase no momento mesmo, *hic et nunc*, é como uma sessão, se vocês tomam um texto, para se fazer tecido, o escrito tem necessidade da voz que lê. É assim que se enoda o texto, no momento mesmo, e é muito importante para nós no momento de trabalhar os grandes textos, aqueles de Freud e de Lacan. Temos tendência a sacralizar, a considerá-los como textos aos quais não podemos conceder nenhuma voz. Saber sagrado e então morto, ou então saber vivo de uma enunciação que se renova.

Há nesse livro consagrado a Aristóteles uma citação de um autor russo que lhes dou assim: *com muito respeito o tempo do texto que se presta a traduzir é o passado, mas não com respeito a tudo, penso, de outro modo o texto ao qual o tradutor se confronta seria um texto morto e a tarefa do tradutor consiste em encontrar em seu original a zona do tempo presente para dar isso a escutar, a ressonância numa língua nova e no orbe de uma outra tradição*. É muito bonito isso! Sim, por que se chega ainda a dar traduções novas de Aristóteles? É evidente que certas inflexões do significante, certas sonorizações do significante na alma de nossa tradição moderna se escuta diferentemente, e isso é muito importante para aqueles que trabalham em questões de tradução, eles estão até a frente de nós que somos os maus tradutores. *Retexis*, se vocês mesmos utilizam a palavra, eu estou lendo e eu digo *eu reteço*, não é fácil, evidentemente isso dá uma posição àquele que está lendo, não é passivo.

Terceira coisa que sustento novamente para nós é uma questão, aí seria preciso fazer Cyril trabalhar, é a questão que permanece para mim bastante complexa, do ideograma e do significante. É uma observação que os autores fazem para servir em toda circunstância em que for necessária; de um modo quase engraçado, eles dão uma reflexão sobre a própria palavra *textos*; eles dizem: *se a própria palavra se impôs no curso do tempo sobre uma outra, por exemplo, sobre ufos, para dizer*

texto, é devido à força da letra x no coração mesmo da palavra. Esperar-se-ia não uma reflexão como essa, por parte de pessoas tão cultas! Eles dizem porque nenhuma letra sugere, com tanta precisão quanto o x, o que é o mito da tecelagem, a saber, o cruzamento de fios opostos; eles querem dizer no sentido da sexuação homem e mulher. Uma vez que se diz isso, parece... mas é bem enigmático. Esse lado ideográfico no seio da palavra, no corpo da palavra, que fez com que essa palavra tivesse sido escolhida pela cultura para se impor mais que uma outra, é uma questão que se precisaria trabalhar com colegas especializados como Cyril. Mas fazer com esse lado ideográfico, ideograma que não vem destruir, é claro, o dogma do arbitrário do signo saussuriano, de resto, eles próprios o dizem, mas é assim, há uma forma de darwinismo lexical que pode explicar na vida o sucesso de uma palavra que soube sugerir uma significação profunda, até um mito, através da letra que se acha escrita no meio de seu corpo.

Verdadeiramente, é muito interessante, então, isso faz pensar pelo viés associativo na questão do neologismo. Pode-se pensar depois em outras coisas, porque isso cai nos aglomerados que resistem à significação. Pode-se pensar em mil coisas, incluindo aí a posição da letra no inconsciente, sobre a qual Freud e Lacan insistem tanto, e, ao mesmo tempo, veio-me um exemplo que me é precioso: é meu gosto pelo termo *práxis*. Digo, frequentemente, quando me perguntam se a psicanálise é uma teoria, eu digo, *mas vocês sabem é uma práxis*, que já é um termo muito importante em Aristóteles, e é um erro opor a *teoria* e *práxis*, porque nos próprios gregos, na teoria grega, a teoria é o pensamento daquele que vê de um só golpe, é uma das formas mais concluídas da práxis.

Então, o que é interessante no trabalho etimológico da palavra *práxis* é a raiz, a palavra para o que evoca, efetivamente, o fato de perfurar, de passar através, isto é, a práxis é, de alguma forma, o que realiza o enlaçamento *passando através*. É isso que é bastante bizarro no lado ideográfico dessa palavra. Poder-se-ia dizer, forçando um pouco as coisas, *o que realiza o x passando através, verificando o esburacamento*, como diz Lacan em alguns de seus seminários, e depois na metáfora do tecido, e Charles Melman insiste nisto, evidentemente mais que os próprios autores, *de alguma forma, é o buraco que organiza o espaço e não o inverso*. E isso é uma contribuição que Melman faz à leitura desse texto porque, efetivamente, por razões que se compreendem, na metáfora da tecelagem os autores não sublinham tanto que, do ponto de vista da psicanálise, a importância é do buraco que organiza ele mesmo o tecido e não o inverso.

Então é uma questão que é preciso perseguir, é uma velha querela, vocês vão reencontrá-la em Lévi-Strauss no pensamento selvagem e, em Saussure, no arbitrário

do signo. Quando Lévi-Strauss fala do arbitrário e da motivação e ele diz sim, mas mesmo Saussure diz que a língua pode ser motivada, o que ele quer dizer com isso? Bem, ele toma um exemplo aberrante, de maneira psicanalítica, ele diz, por exemplo, que o latim *inimicus* é mais facilmente motivado que o francês *ennemi*, no qual não se reconhece facilmente o inverso de amigo. Vocês veem esse jogo da língua sonora que Lévi-Strauss provoca, se vocês colocam um pouco de som em *Haine-mi*; mal se reconhece a motivação.

É engraçado que ele tome esse exemplo que, do ponto de vista analítico, parece paradoxal, mas é assim. E então ele diz que é preciso, contudo, prestar atenção: parece que há línguas que são mais *lexicológicas* que outras. São questões interessantes, e, afinal, para aqueles que leem Freud em alemão, parece que não são exatamente, efetivamente, as mesmas coisas que lhes vêm, que aquelas que o leem em francês. É bastante clássica como noção.

A psicanálise com Lacan é então estes três fios, é assim que é preciso entender nesta metáfora da tecelagem: Real, Simbólico, Imaginário, diz ele. Deus sabe que vamos ter dificuldade, pois, no momento de cultura em que estamos, o cognitivismo ambiente faz com que se tratem as coisas habitualmente por qual borda? Pela borda do Real e do Imaginário é tudo, isto é, que no meio do Simbólico está protocolizado, estandardizado, consensualizado, como se vê em nossas instituições.

Então aí há uma pequena reflexão clínica: *quando o sujeito recalca*, diz Lacan, *isso não quer dizer que ele recuse tomar consciência de alguma coisa que seria, por exemplo, o instinto sexual. Não. O que o sujeito vai recalcar é a palavra. É isso que é interessante, são os significantes nos quais esse instinto sexual, em fantasma, representa seu papel como significante.* Vejam, é muito importante a questão do simbólico. Vou dar-lhes uma minivinheta: é um paciente que é bem simpático e de boa cultura e que vem me falar de sua homossexualidade, mas com isto de bizarrice no gozo, é que em um dado momento ele me diz, de um modo irônico: – *Mas eu quase fui esbofeteado por todos os companheiros no bairro.* Além disso, é isto que é interessante, ele não recalcava em nada a questão de sua posição, de sua homossexualidade, de seu gozo, isso era inteiramente claro.

Depois ele continuava a falar e tinha esta frase. Ele diz: – *Sim, mas eu caí apaixonado por... sou ainda apaixonado por...* E é a esse respeito que me permiti pará-lo, indagando-lhe por quê, levando em conta o contexto do que ele tinha trazido precedentemente, ele utilizava os significantes *cai* e *apaixonado*. Vejam como estava operando na escolha desses significantes, em sua conectividade significante, alguma coisa que soava ali como inesperada, porque é bem difícil cair apaixonado por todos os companheiros do bairro. Passo-lhes um pouco

contexto, depois me apercebi de que havia como o que se vê nos jovens, a utilização quase facilitada, evidente, da palavra bissexual. É um jovem que era capaz de dizer: *eu sou bissexual, como minha mãe*. Então, como vocês fazem hoje? Vocês deixam passar o peixe, como diz Lacan. Fui obrigado a pará-lo. Digo a ele: – *Mas você sabe mesmo assim* – então, não está no equívoco –; eu disse a ele: – *Será que você aceita abrir comigo a própria palavra?* Como vocês escutam uma palavra bissexual, cuja acepção moderna não está adquirida nesse ponto, que se pode facilmente dizer uma frase do gênero *eu sou bissexual como minha mãe.*

Isso o embaraçou, mas digo-lhes que é um rapaz que é fino, então, em seguida, ele aceitou. Vejam, é justamente para lhes fazer trabalhar a frase de Lacan: *quando o sujeito recalca isso não quer dizer que ele recusa tomar consciência de alguma coisa que age sexualmente. Não está aí a dificuldade, ele sabe disso.* O que ele recalca é a palavra, ou essa inflexão, essa determinação, representa um papel de significante, vai organizar as cadeias significantes. É esse nosso trabalho.

E então o que é recalcado é um discurso já articulado, já formulado em uma linguagem. Por que então isso cria problema no fundo? Onde jaz a dificuldade? Por que não se poderia desatar facilmente, de alguma forma, com esse jovem, em duas sessões preliminares, a maneira com que sua palavra é...[44]? Então aí Lacan traz alguma coisa de suplementar que está ligada a essa metáfora da tecelagem, ele diz: *o psicanalista, para terminar, é um linguista*, isto é, se ele aprende a decifrar a escrita que está ali sob nossos olhos, que é uma escrita oferecida com toda clareza, mas o problema é que essa escrita permanece indecifrável, tanto que pelas leis se conhece sua chave.

Vejam, então é essa a espessura suplementar dessa metáfora, não é tanto que isso não esteja escrito assim, claramente, esse jovem fala bem claramente, mas não temos as leis dessa escrita. Donde a metáfora que Lacan gostava muito, dos hieróglifos egípcios, quando ele diz: é por isso que eu os conduzo à história da ideografia, há alguma coisa de complicado nos hieróglifos. Ele diz: *a verdade recalcada vai persistir, mas transposta em uma outra linguagem cifrada, clandestina – isso fala –, e o que se diz é decifrável totalmente pela maneira com que é decifrável uma escrita perdida, não sem dificuldade, é claro.* Então aí vocês veem, em um sentido ele fornece duas pistas que eu tentava trabalhar com vocês este ano: em um sentido ele retoma a separação de Freud entre a questão do inconsciente e a questão do sujeito, uma vez que esse discurso perdido está fora do sujeito – esse lugar está fora do sujeito, o que ele chama o inconsciente, *isso fala.* Simplesmente, qual chave de leitura temos para passar da questão

44 Palavra inaudível.

do inconsciente à questão do sujeito? Bem, é provavelmente por isso que Lacan insiste a respeito das escritas, como aquela do fantasma, ou aquela da pulsão. São chaves para colocar em relação dois lugares que, se não são permeáveis, que são, então a questão do inconsciente e da chave perdida são a questão do sujeito. Então, creio que se pode dizer que as escritas $ <> a, $ <> D, para a pulsão, são de alguma forma as chaves dessa leitura.

Outra coisa sobre a qual é preciso fazer intervir, a propósito do tema que Lacan utiliza quando fala de linguagem *clandestina*, é o endereçamento, isto é: será que isso se endereça, será uma escrita endereçada? Lacan diz: *mas sim devemos considerar, entretanto, que isso se endereça a um outro, e no fundo é esse endereçamento primeiro que é recalcado, pois, é claro, toda linguagem tem seu endereçamento, como os hieróglifos egípcios têm um endereçamento, já que eram línguas de comunicação*. Então, creio que isso é muito importante para nós porque, o que é que, por fim, atualiza o endereçamento? É a transferência! É tão simples assim! Alguém vem lhes falar, ele se endereça, a transferência atualiza esse outro, e, como Freud disse muito bem, temos a passagem de uma neurose sem endereçamento, ou com um mau endereçamento, a uma neurose de transferência, isto é, que imediatamente se presta a ser lida, já que ela é endereçada, uma neurose de transferência, e, de resto, lembro-lhes que a posição estrita que temos que sustentar nas análises, tudo se lê a partir da transferência. Isso parece aberrante e não sei se nós mesmos o aceitamos ainda; em princípio, o que vem da parte do analisante se lê a partir da transferência; não é simples, será que se crê nisso ainda? Contudo, é a posição estritamente freudiana e é a posição de Lacan.

Então o sintoma torna-se endereçado. Devo dizer-lhes, se queremos ser estritos, não estamos quites na escrita hieroglífica clássica, por quê? Porque ela apresenta questões muito interessantes, que é a passagem do figurativo ao traço, por exemplo, vocês sabem que ela passou por estádios diferenciados, simplificando-se. O lado figurativo ou caligráfico se simplifica para o traço e então vocês têm a escrita hierática, que eles chamam mais tarde de demótica, antes de chegar à escrita copta, e então há uma história, de alguma forma, história que nos interessa a nós mesmos, da passagem da escrita figurativa à aparição do que simplesmente faz traço. No ideograma, pode-se dizer, creio, utilizando o termo freudiano, que o traço unário é isso que resta do figurativo que lhe é apagado, recalcado, até rejeitado.

Há uma anotação clínica que é muito importante na metáfora da tecelagem que existe na escrita egípcia: é a questão do nome próprio. Porque vocês sabem o quanto era importante a importância do nome próprio no deciframento das escritas desconhecidas, perdidas, e isto é preciso medir, é muito importante na clínica

E, justamente, para fazer um salto assim, a questão do célebre seminário sobre Joyce *Le Sinthôme*, no qual só se trata de uma coisa, mas que é enorme para Joyce, é de fabricar seu patronímico, isto é, restituir o patronímico no campo do Outro, um patronímico endereçado, no Outro. É porque Joyce era um gênio e que, à sua maneira, ele fabrica para si na escrita um patronímico que ele remete ao campo dos significantes, ao lugar do tesouro dos significantes, que permite esse enodamento aproximativo do qual Lacan fala, uma maneira de fazer sustentar sem a metáfora clássica. Há igualmente – não sei se está nesse lugar –, uma observação que Melman faz concernente ao nome próprio, ele diz que bizarramente certos nomes próprios são antes de tudo nomes comuns, que exemplo ele toma? Bem, ele diz, é totalmente besta, alguém que porta um nome judaico, o que quer que ele faça, a maior parte do tempo isso fará apelo ao outro, sobretudo à sua comunidade, que, por sua singularidade, é inevitável. Ele toma esse exemplo, há outros, é preciso não se obnubilar com o judaísmo, mas é um exemplo que existe igualmente no texto de Joyce. É interessante essa polaridade da questão do nome nessas questões de tecelagem.

Tudo isso, vejam, são apenas negócios de posição que tomamos *vis-à-vis* àquilo que Lacan chama o simbólico, isto é, a maneira que fazemos intervir, ao lado do imaginário, esse lugar dos jogos dos significantes, das palavras. Esse livro só fala disso, do jogo dos significantes, são eles que dão o tecido às coisas.

Essa questão, eu lhes dizia há pouco, é a questão a mais mal partilhada no campo da psicologia, e se vocês leem revistas saídas do que se chama o pós-freudismo, vocês verão o quanto a questão do objeto na língua não interessa aos continuadores por demais ortodoxos de Freud. Emprestaram-me uma revista que eu não os convido especialmente a comprar, mas que vocês podem olhar, uma revista chamada *O objeto e a realidade*, publicada pela PVF[45]. É seu último número, na qual Laplanche – ainda assim Laplanche! Aquele do dicionário! A gente se indaga, mas Laplanche... Vocês, o que é que vocês diriam sobre a questão do objeto? Então ele faz um artigo muito interessante, no qual situa o objeto entre a pulsão e o instinto.

Seu artigo é sobre isso, em seguida, pergunta-se a Daniel Widlocher e ele – seu título é *O objeto entre o lugar e a figura* –, e sobre Lacan ele diz: *duas etapas me parecem ordenar o percurso crítico de Lacan: uma que faz passar o objeto da categoria do Real àquela do Imaginário, a segunda que propõe substituir a referência ao Imaginário pelo Simbólico. A primeira* – diz ele – *responde a um questionamento crítico a respeito de uma perspectiva não naturalista demais do*

45 *O Objeto.* Revue de l'Association Psychanalytique de France.

objeto – o que é seguramente verdade! Isto é, que Lacan não queria que se pudesse dizer: *bem, o objeto é isso, é a mamãe, ou aí é um fulano de tal.* Ele dizia: *façamos um pouco de esforços, isso não pode ser tão realista assim. Enquanto a segunda introduz* – diz Widlocher – *uma perspectiva própria em Lacan, e que não é necessariamente o caminho que se pode seguir*; acrescenta ele, mais adiante, *por que Lacan recorreu assim ao grande Outro para dar conta da potência do agente do fantasma?* Vejam, é cômico, ele indaga por que Lacan se importuna em apelar à dimensão do Outro, do objeto na língua, para tratar disto que ele poderia tratar de maneira puramente imaginária, que é o fantasma? Vejam onde está Widlocher. Por que a potência do imaginário não basta para se colocar de acordo entre analistas? Onde está o problema?

É muito importante, é preciso prestar atenção a essas questões; estamos nós mesmos no coração dessas dificuldades, já que, para Lacan, o sintoma, a neurose, é a isso que eu queria lhes levar, a esse ponto de dificuldade, a neurose é a transcrição em uma linguagem que ele diz figurativa – como os hieróglifos –, completamente não percebida pelo sujeito, de alguma coisa que não se compreende senão em termos de discurso. É essa posição de Lacan, é sua resposta – antes, de frente, se posso dizer –, para a questão que lhe é colocada por Widlocher. Exemplo disso, bem, como vocês têm na constelação significante do homem dos ratos, isto é, que se passa o quê? Lacan diz isto: *o homem dos ratos é o quê?* Se quisermos simplificar, a criança bem pequena ela escutou a palavra *dívida*, significante da dívida; ela escutou os significantes do amor traído, a maneira como seu pai escolheu antes uma que a outra. Tudo isso, isso fez a constelação significante para a criança e o que vocês não veem bem é que toda neurose não é senão isso, a tradução hieroglífica, figurativa, como em um tapete, isto que se chama o motivo; é o motivo dessa constelação, é tudo. A criança, a partir dessa constelação significante, vai fazer, fantasmaticamente, esse motivo que, como se sabe, não a deixará mais, sobretudo em um caso de neurose tão constituída como aquela da qual se fala ali, *tecido fechado sem esburacamento.*

Então, creio que é preciso que sejamos capazes de entender, embora às vezes tenhamos dificuldade de compreender a questão. Por que Lacan recorre ao grande Outro? É estranho porque, por fim, é quase uma questão fundadora da psicanálise. Não se vê muito qual definição dar de psicanálise, já que é do Outro, para terminar, que recebo toda a mensagem. É difícil, vejam, mesmo para compreender, a espessura da questão. Mas creio que é preciso que mesuremos o dilema: toda essa psicologia moderna tranca nossa especialidade numa dimensão da relação, que se poderia dizer sensível, do corpo e ao corpo. Não que a psicanálise lacaniana ignore o corpo, já que Lacan sobre isso insistirá e Charles Melman

diz sem parar – *nós não ignoramos o corpo, uma vez que o corpo, precisamente, é o Outro, e o Outro é o corpo*. Então por que isso nos parece tão difícil?

Recortei na vinda uma pequena publicidade dos concertos da Rádio França que aparece na maior parte das revistas. Só fala disso, já que desenham imaginariamente um pequeno corpo e há toda uma série de palavras ao redor que são sempre graciosas. Dizem: *perder a bússola, a boca em coração, a vertigem do amor, a onda na alma, o ritmo na pele, as borboletas no ventre, o baço que se dilata, os joelhos de algodão, o estômago nos saltos, os sentidos por cima, por baixo* etc. É evidente, se posso dizer, para alguém que está um pouco atento à vida, à sua relação com o Outro, à questão de sua relação com as coisas, que o corpo é o Outro.

PARTICIPANTE: – É tanto mais o Outro que o que me chocou mais quando vi isso, é que as flechas não estão no lugar certo.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Não, mas é claro! É isso que é extraordinário. Elas não estão no lugar certo, já que designam uma parte do corpo que não é aleatória e, no limite, como na histeria, que é designada pela própria metáfora.

O matema do fantasma, S barrado punção pequeno a, lembra-nos – isso é também uma dimensão que temos dificuldade de aceitar, que recusamos até quando enunciado –, lembra-nos que somos, de início, objeto do Outro. Lacan nos diz isto em todos os seus seminários: *parem de contar lorotas, nós somos inicialmente objeto do grande Outro antes de ser sujeito do desejo*. É o que ele diz mesmo nos seminários que trabalhamos recentemente. Não é agradável de aceitar e de escutar, somos inicialmente objetos do Outro antes que sujeitos do desejo. É uma das traduções do matema do fantasma. No livro de Paola Carola há esta passagem muito comovente: *propondo-me como modelo, eu tinha conseguido estabelecer com Alberto Giacometti uma relação mais direta, isso foi possível na medida em que, para ele, eu era apenas um modelo, intercambiável como qualquer outro modelo; eu era indeterminada. Ao longo das primeiras sessões de pose, eu me sentia comparável a um objeto que suas mãos modelavam e desmodelavam, assim como suas ações de apagar em seus desenhos. Ele riscava traços que tinham dado já uma fisionomia à terra argilosa, eu me via esculpida, eu estava ali em terra argilosa, e depois eu* não estava mais.

É belo, hein? É uma mulher que tem agora perto de 80 anos, que fala com muita economia, ela diz exatamente o que tem vontade de dizer, não mais, não há gordura, e, vejam, é muita coisa para uma mulher dizer isto: *eu era indeterminada*. Então, somos inicialmente objeto do Outro, mas o caráter – é por isso que falei muito da questão do figurativo –, é que, efetivamente, ali o Widlocher tem razão, o caráter realista demais do objeto Lacan o trabalhará também pela dimensão do traço unário, isto é, este aspecto de trabalho que vai religar o aspecto de

figuração, o aspecto figurativo, e o traço já significante. Como se passa do objeto figurativo à dimensão de traço? Para terminar, é evidente que, para Giacometti, é quase toda sua obra. Então o que se poderia chamar de apagamento do figurativo, vejam como no humano se apaga a questão do figurativo em proveito do trabalho do Um, é frequentemente isso que Lacan tenta solicitar de nós. E então, página 85 da mesma obra, é ele que diz isto a propósito do Um, ele o diz de maneira graciosa, é Giacometti que fala: *mas eu queria um ponto de ferro que pese, sobre todas as espadas, sobre todas as cabeças do gênero humano, e torná-los pequenos, pequenos, para dar a impressão de um rebanho de carneiros, que todos se reúnem em um rebanho de carneiros, nem mais nem menos, que não haja mais diferença entre homem e homem, entre carneiro e carneiro*. É bastante provocador, mas é verdade que é uma parte de seu trabalho, uma espécie de redução lógica ao nada, à questão do nada e do Um.

Outra coisa que eu queria dizer-lhes de passagem, a questão do corpo e do Outro, o corpo é o Outro também em uma análise – é da questão da análise que falo –, a questão da própria análise, a transferência, o Outro da transferência. Há uma anotação analítica que é bastante justa, que concerne à presença do corpo na transferência e que toca nos termos que Lacan retomará, *a existência* e *a consistência*. Vou fornecer-lhes isso e vocês vão ver, isso vai falar-lhes da análise de vocês provavelmente, ou não, ela diz isto: *Alberto possuía um dom que me parecia ter uma certa relação com seu trabalho, ele tinha presença, como se diz de um ator de teatro quando ele ocupa a cena, que tudo gira em torno dele, quer ele esteja de frente, de costas ou de perfil; isso lhe vinha de seu espírito, da intensidade de seu olhar, e era ao mesmo tempo uma presença de seu corpo enquanto pessoa que ocupa um lugar, e que opõe ao outro sua existência e sua consistência.*[46]

Vejam, é encantador! – *quando o reencontrávamos, ou quando o víamos passar na rua, ou ainda quando lhe falávamos, essa presença que se impunha, apesar dele, isolava-o automaticamente*. Penso que nesses momentos em que Lacan fala da presença real, do peso real do analista, é preciso entendê-lo como essa consistência separadora, não é apenas como um ator, como esses atores americanos dos quais se diz que arrebentam a tela. Efetivamente, eles têm essa presença incrível, mas aí ela coloca o acento sobre alguma coisa que é mais complexa, é uma consistência que separa, isto é, há o lugar de um e então há o lugar do outro. há do Um e do Outro. Isso faz parte verdadeiramente da questão da presença na análise, essa questão. Pode-se chamar isso consistência separadora.

Três fios para o enodamento, diz Lacan, Real, Simbólico, Imaginário, proposição

46 Carola, Paola – op. cit.

que, creio, será sempre contestada, posto que, de um lado, é sempre o imaginário que é promovido como categoria necessária e suficiente. Eu os convido a reler, aqueles que seguiram esses debates, a riqueza das posições de Maurice Godelier, por exemplo, das jornadas que fizéramos sobre o dom, assim como os artigos que ele fez depois, nos quais Maurice Godelier, efetivamente, a par das questões da psicanálise, opõe uma recusa, dizendo: *vocês se enganam, é o imaginário que prevalece e, de alguma forma, o mito, e não a língua, é uma escolha que se persegue em toda a aventura das ciências humanas*. É uma posição que é interessante porque, pelo menos, ela é muito cultivada, ela é muito rica, ela é bem densa. Mais difícil, em contrapartida, quando é a medicina, na qual o Real é colocado na frente, mas entendido, não como o Real de Lacan, entendido simplesmente como o Real da fisiologia, aquele da biologia, ou bem da psiquiatria de hoje, tornada neurociência.

Há, igualmente, este é um texto que é mais interno, há uma tentação que poderia ser para nós mesmos, que seria a tentação de uma matemática que não está mais ligada à enunciação, ao trabalho do significante. Creio que temos às vezes que fazer – é uma questão que é mais interna ao nosso próprio trabalho –, é preciso estar atento ao que poderia ser uma transmissão, como Lacan em um momento a evoca enquanto ideal e sobre a qual ele voltou, mas, em outras escolas, isso é perseguido, o que seria uma transmissão dos matemas sem enunciação, sem discernimento, ou, para dizê-lo como os gregos, sem deliberação. Isso é uma tentação moderna em nosso próprio campo, isto é, que isso falaria por si, que valeria como transmissão, sem que aí se ponha a mão.

Não é fácil fazer face às dimensões assim, elas nos sugerem, elas são hipnotizantes, como se faz nesses casos aí e creio exatamente que é preciso permanecer bem simples, o mais simples possível. Por exemplo, Aristóteles diz isto, concernente às matemáticas: *quanto ao fato que resta a ser dito, um índice do que foi dito, reside ainda no fato de que se acontece dos alunos serem versados em geometria e em matemáticas, e mesmo terminando nessas matérias por se entenderem magistralmente, parece-me*, diz Aristóteles, *que nos tornamos reflexivos nessa idade. A isso responde o fato de que o cuidado da reflexão é, de início, o cuidado do que se articula cada vez, à medida de cada lacuna, a qual não se torna familiar senão com experiência. E essa experiência o jovem aluno não a tem, pois é a plenitude do tempo que faz a experiência.* Vejam, é engraçado, Aristóteles responde a uma questão complexa com uma observação clínica simplicíssima. Ele diz que um rapaz jovem pode ter um talento fabuloso em matemática, entretanto, isso não subtenderá que ele tenha refletido. Há um belo termo, mas isso nos arrasta bem longe, é o termo de deliberação. O que é que ele chama uma deliberação?

Pequeno exemplo clínico, depois vou terminar por duas pontas clínicas, uma bastante simples, a outra mais problemática. A questão do nome próprio em clínica, um pequeno exemplo de criança e vocês vão ver que toca simplesmente na posição do nome próprio, naquilo que escutamos. É um pequeno de seis anos que vem à consulta, que não apresenta nenhuma dificuldade singular em sua família, nem sequer na escola, ele é charmoso, ele trabalha bem, exceto que há um certo tempo faz desenhos gentis para seus pais com pequenos corações, pequenas flores, mas onde ele anuncia sua própria morte. Ele escreve, por exemplo, com uma falta de ortografia, ele é ainda pequeno, é perigoso ao rever, *eu estou morto*, e então a insistência desse termo intrigante faz com que os pais me tragam a criança. Mas qual é o endereçamento então? A mensagem? E, na primeira vez, é justamente para lhes restituir o *hic et nunc*, o fato de que as coisas se fazem no momento mesmo. Uma sessão é isso, e é a tecelagem, é imediato.

Então essa criança, não posso dar-lhes seu nome, mas em seu nome há a palavra *gold*, ela se chama alguma coisa *gold*, e, como faço frequentemente com as crianças, eu lhe digo: – *Mas há ouro em teu nome!* E aí o drama! Vejo bem que caí totalmente fora, a criança não via absolutamente o que eu estava falando. E insisto, eu me volto então para a mamãe e lhe digo: – *Mas vocês não lhe tinham dito que havia ouro em seu nome?* Drama também com a mamãe. Vejo que aí eu também caí fora. Então, hesita-se em chamar isso um buraco, no sentido em que eu o dizia há pouco, porque o problema é que aí está o buraco na vestimenta, mas que é o abismo, não é o buraco do tecido, não é aquele do enodamento. Então, aprendo que efetivamente há um buraco, de alguma forma sem borda, por uma razão simples, que eu soube bem lentamente, ao fim de certo tempo, convocando papai. É que se tratava – para retomar a questão de Melman sobre a questão do nome próprio e do nome comum –, tratava-se de uma família judia totalmente laicizada, do lado do pai, e que então tinha perdido o traço, desde a geração do pai dessa criança, de toda a transmissão, de toda a medida, inclusive narrativa, dessa família. E então a criança, como acontece frequentemente pelo viés do casamento, isso e aquilo, a criança é batizada e os significantes do lado paterno são totalmente, não se pode dizer nem recalcados nem forcluídos, mas, como diz Freud, *untergrund*, totalmente passados para baixo, passados por debaixo. Nessas sessões com pequeninos assim, o tecido se faz aqui e agora, o que é apreendido é que é imediato, no momento mesmo em que a transferência vai prestar alguma borda ao tecido.

Então essa criança falava da morte, de sua morte, desculpando-se, ao lado dos pais que o amavam, com este anúncio: *adeus*. E então, tem-se que tratar com o quê, nesse momento aí? Tive que tratar com a interpretação do lado Real das questões, isto é, a insistência dos pais, com razão, de me indagar se não se podia

chamar isso uma depressão da criança, por exemplo, não era idiota. O real da psiquiatria, aliás, com reconhecimento dos estados depressivos da criança, que não é falso, o estado depressivo das crianças pequenas antes era uma questão bastante desconhecida. E então vocês vão me dizer se ele é depressivo, que tratamento teria que fazer? Primeira coisa. Depois tive que tratar com isso que vem logo em seguida e a interpretação que dá Widlocher de *Bate-se numa criança*, que é o ciúme imaginário, isto é, a criança coloca sua vida em perigo em nome de um ciúme, ela quer garantir-se do amor do outro. Trabalho que não encontrei absolutamente com essa criança, do lado do imaginário ciumento.

Então, por enquanto, a interpretação que eu tinha proposto a ele mesmo, no dizer, é claro, o que teria sido de um peso e de uma teoria totalmente calamitosa para a criança, eu lhe tinha simplesmente proposto receber seu papai, como se faz sempre nessas unidades aí, e restituir-lhe junto a mim a surpresa que eu mesmo tinha tido, isto é: por que havia aí alguma coisa que não se entendia mais no ouro que seu nome carregava? E aí o que é divertido com crianças pequenas, ela fora imediatamente entusiasta e arrebatada por essa proposição. Então recebi esse pai um pouco mais tarde e, efetivamente, trabalhando com o pai e com a criança, ali estava o fio, e torna-se enigmático quando sabemos que temos que tratar com um nome próprio que é igualmente um nome comum, isto é, que era o fio do nome que parecia ter se tornado como um morto nessa família aí.

Para retomar a maneira com que Lacan o diz: o nome próprio aqui se escrevia, a criança escreve sem parar seu nome próprio, mas escrevia numa língua esquecida, uma língua morta. Aí, pode-se retomar à letra a maneira como que Lacan fala. Isso se escrevia a céu aberto, uma língua morta, não se via mais aí o caractere precisamente, o X do qual falavam nossos autores há pouco.

Então era uma ponta de trabalho interessante. A criança não coloca nenhum problema técnico, ela não é absolutamente depressiva, e o que é divertido é que, imediatamente depois da convocação do pai, tive uma ameaça da mamãe, que se queixou diretamente a mim de que eu tinha concedido muito mais tempo na sessão à outra menina que estava lá. Era engraçado, uma resposta no imaginário do ciúme. Ela fazia como se ela me dissesse como diz Widlocher: – *Mas por que você se interessa pelo outro? O imaginário não lhes basta?* Exatamente o mesmo tema, a mesma resposta. Por que você se atrapalha com tudo isso? Por que a ordem significante? Vocês veem bem que é uma criança que está preocupada com o ciúme a tal ponto que vocês mesmos sofrem o impasse disso! Então, ao mesmo tempo, como sou bastante jogador, recebi os dois pequenos ao mesmo tempo em resposta, um pouco de imediato.

Último ponto, proposição hipotética, já que Melman propunha a Marcel Czermack dialogar, penso que será formidável. O terreno das psicoses, não sei muito como isso se organiza, mas será bem interessante. Hesita-se, na abordagem das psicoses, utilizar a metáfora do tecido, seria dificultoso isso aí. Então eu queria dizer-lhes assim, partindo para lhes dar gosto na reflexão sobre algumas indicações.

Acho que é justo na clínica das psicoses e na práxis dos psicóticos nunca partir do *possível*, mas precisamente do *impossível*. É uma disciplina necessária, como aparece no pequeno volume de Saint'Anne: partir do *impossível*, não se fazer muito inteligente. É raro que tenhamos a ver com formas de discursividade no sentido em que a entendemos; é raro que tenhamos que fazer jogos metafóricos tão ricos quanto aqueles que produzem nossos amigos do *Métier de Zeus*. Em compensação, é verdade que os problemas de matemática são frequentemente bem favorecidos por alguns de nossos psicóticos. É interessante a observação de Aristóteles.

Exemplo, para dar-lhes um apoio: é um paciente que sigo há anos, falei dele em um de meus artigos, um paciente que tinha declarado uma psicose passional bem grave, depois de uma análise em que à força seu analista tinha querido, se posso dizer, levantar sua impotência. Um paciente que tinha sempre sido impotente e a análise, logicamente, procurou trabalhar essa impotência, levantada ao preço de uma psicose passional gravíssima, o que fez com que esse paciente tivesse sido hospitalizado à força durante muito tempo. Ele perdeu seu negócio, enfim, era todo um despencar.

O enodamento pela transferência faz tratar, na clínica das psicoses, cada uma das consistências, RSI, em buracos sem borda que se chamam a forclusão. O que fazemos frequentemente no trabalho transferencial é bordejar esses tipos de buracos, que não é buraco necessário ao tecido, que é uma espécie de buraco fora de circulação, desfalicizado.

Retomemos a partir da hierarquia que eu lhes propunha, a partir do impossível. De início, o que queria dizer tratar o real, por exemplo? Nesse caso aí era simples; quando tive esse paciente, desde o início, eu lhe disse: *eu o interdito de chamar essa mulher*, porque, mesmo depois dos meses e meses de hospitalização, ele não tinha parado de chamar, de voltar como um elástico ao lugar de sua paixão, quaisquer que fossem os prejuízos colaterais. E então vocês se apercebem de que, no trabalho com psicóticos, muito regularmente por razões múltiplas, quer seja o dinheiro, pouco importa, um bocado de coisas que tocam em sua vida de cidadão, em seus direitos cívicos, bem, o que é que vocês fazem? Em um primeiro tempo, vocês lhes dizem que não, não é impossível, vocês não o fazem. Estranhamente, e os colegas que trabalham regularmente com psicóticos

lhos dirão, estranhamente, fora dos períodos verdadeiramente duros, essa questão se sustenta. Nós nos apercebemos de que, se a transferência está estabelecida, se alguma coisa está enodada, eles se sustentam com um não: *não, não um nome, [n a o] não*[47]. E aí estamos há doze, quinze anos. Não sei mais. Quando esse tipo sonha, ele me traz os sonhos, o lugar – se posso dizer –, não de seu fantasma, mas o lugar de sedimentação, ele sonha que está ainda ali, ele sonha que está na cidade, em seu trabalho, junto dessa moça, é esse seu lugar. Ele não tem outro lugar. Então isso não mexeu, o lugar permaneceu imóvel.

Então, primeiro tempo, partir do *impossível* sempre e isto que aí se poderia chamar de *tratar o Real*, de alguma forma, isto é, a que dizemos não? Porque nós dizemos é impossível, incluindo aí e, devo dizer-lhes, por sorte, ele ganhou um pouco mais de idade, em um caso assim, quase o *impossível* do exercício de sua sexualidade. Ele ficou muito melhor quando se aliviou totalmente do dever imbecil, sexológico, que lhe era imposto. Ele não podia suportar a sexualidade, tanto que não a pratica. Não se pode dizer, afirmativamente, mas isso faz parte de uma forma do dizer *não*.

Em segundo, é uma dimensão que habitualmente é aquela de que nossos colegas gostam mais, muito bem descrita, o que se poderia chamar tratar o Imaginário, que são todas as formas de bengalas imaginárias que inventamos para nossos pacientes psicóticos. Que são extraordinariamente inventadas nos lugares institucionais, vocês conhecem os ateliês, os ateliês de teatro. Em Ville-Evrard, há um extraordinário ateliê de teatro onde pacientes bem regressivos são capazes de fazer Racine, os amigos também, os pequenos outros. Diz-se sempre que o psicótico não tem outro, não é verdade. Frequentemente há esse ou aquele camarada, tal ou tal pessoa que na empreitada faz o gêmeo imaginário, etc. É muito importante. A família, é claro, as ligações familiares imaginárias, o romance familiar e aqui, no presente caso, era sua irmã, por exemplo: quando foi preciso deslocá-lo à força, ele veio viver junto de sua irmã, numa forma de triangulação edipiana onde encontrou um pouco de paz.

Então é um ponto que é indiscutível, a maneira como tratamos o imaginário. Então tratamos nossa própria ideia do imaginário, que é, assim mesmo, não simplesmente um imaginário idiota, um imaginário que vai às vezes até ao imaginário narrativo empurrar alguém a escrever, a escrever coisas interessantes. Tem uns pacientes, não todos, mas alguns, capazes de escrever coisas extraordinárias, em suma, tratar o imaginário, o que outros chamam bengalas imaginárias, pouco importa.

---

47 No original: "*NON, pas d'un Nom, N o n*".

O que me parece interessante a propósito dos enodamentos e dos tecidos é: o que é que seria então a terceira categoria? É preciso que digamos uma palavra do traço do simbólico. Ora, ordinariamente, não podemos trabalhar com os psicóticos, nem no sentido, o excesso de sentido, nem mesmo no jogo do significante, a título da equivocidade. Vocês não podem se divertir com um psicótico, como se faz com um neurótico. Isto é, fazê-lo jogar a textualidade sexualizada de uma frase, revirá-la, fazê-lo dizer o inverso do que ela dizia precedentemente. Isso parece a maior parte do tempo completamente louco. É quase uma ajuda ao delírio, uma ajuda à dissimulação.

É preciso ser prudente no que seria o ordinário do jogo do significante na análise normal, que é assim mesmo a parte de equivocidade, de equívoco do significante.

Então, há nos exemplos que eu lhes dava de início, nessas longas tramas do figurativo ao traço do hieróglifo, da passagem por Aristóteles, uma dimensão que existe, que, por falta de algo melhor, chamarei o fio a fio e que toca não na equivocidade, mas na espessura do significante, sua trama, o que Lacan chama em Joyce os por cima e por baixo, a maneira com que um significante navega. Aí não é uma questão de equivocidade absolutamente. Como para esclarecer uma palavra se teve que tomar outra que está justamente ao lado, procura-se sua origem, abrimo-la um pouco, voltamos a fechá-la, deixamo-la repousar, esse trabalho extraordinário que os tradutores conhecem bem – a espessura do tecido, um trabalho fio a fio, como traduzir tal palavra –, e que é assim mesmo bastante próximo, como, por exemplo, esse cara que retoma *A ética a Nicômaco*, que em seguida dá um glossário dos termos gregos. Vê-se como ele se importuna para encontrar tal palavra, o equivalente, outra bem próxima, mas cuja sonoridade não vai bem. Enfim, ele explica tudo isso e, para meu paciente, dou dois exemplos bem simples sobre isso, quando ele estava no pior de seu trajeto, no sentido próprio, ele tinha perdido o gosto, no sentido mais simples. Ele, que era amante do bom vinho, não conseguia mais compreender o gosto dos vinhos, como ele tinha perdido o gosto dos alimentos, o estigma que ele teve durante anos.

Evidentemente, na época isso me tinha intrigado muito porque o gosto em francês é muito rico, isso quer dizer muitas coisas. As conexões, é toda uma árvore significante, e nele sua psicose passional, que era um pouco forçada, não melancolizada, mas que era reduzida. Ele tinha perdido o gosto das coisas – isso atingiu o gosto da fisiologia e quando isso esteve melhor foi o significante que escolhi retomar com ele, a palavra, a palavra *gosto*. E eu me apercebi de que... ele tinha reencontrado um certo número de gostos pelas coisas a ponto de fazer

coisas eminentemente simples, mas que ele não fazia mais absolutamente e que eram: cozinhar para outros, ele que não tinha nunca cozinhado, ou, como dizia, um dia, ao chegar, triunfante: *você sabe, eu canto de manhã no meu chuveiro*, isso parece nada, mas parecia-lhe maravilhoso reencontrar o canto. É a vida.

Vejam essa escolha, é uma escolha de transferência. Evidentemente, fui tecendo do lado do gosto erótico ou, quem sabe, não procurei fazer escutar sonoridades que não teriam sido de boa qualidade. No fundo é como se eu lhe pedisse, como faz o grego, o tradutor: o que é que chamamos nós mesmos o gosto, como se faz para saber que se tem gosto. É um trabalho que parece sem importância, mas que é imenso. De repente, o significante salva, cria seu espaço, há outro significante que parece tolo, mas que tem ajudado muito: é o significante da aposentadoria. Ele chegou à idade oficial da aposentadoria [*retraite*], o significante da aposentadoria *re-traite*, o que significa ser *re-traité*[48]. Bizarramente, o fato que se trabalha, que se vê com ele as conexões, as acepções, aquilo a que se deve renunciar, que, em compensação, torna livre, um modo de retorno à temporalidade, à vida, isso aliviou muito. Provavelmente por razões topológicas, a palavra *retraite* (aposentadoria) alivia do *impossível*, por demais fálico. O próprio significante é um grande alívio topológico no lugar onde o tecido é solicitado demais pela questão do falo que, ainda que estando ausente, tem sua atração terrível.

Então, vejam, aí o que eu queria lhes dizer, penso que temos em formas que são as melhores, aquelas que se guardam em trabalho na transferência, uma maneira também de tratar uma parte de [palavra inaudível], mas que é preciso descrever, que não se faz nada na questão do sentido e ainda menos no sentido sexual, é claro, nem do todo, na questão da equivocidade, mas que é um trabalho que precisaria nomear fio por fio na espessura do significante. Quando se conhece bem um paciente, vocês sabem que depois de dez anos se criou relações quase amigáveis, forçosamente há camadas assim dos significantes que se é capaz de retomar, quando se escutava outrora...

Então, como dizê-lo de outro modo, a função do grafo, que na psicose não é um grafo com a discursividade esperada, que é assim mesmo uma forma do grafo que é levada de alguma maneira sobre o toro da transferência. É isso que não se vê bem, é que, mesmo numa estrutura como aquela ali, quando ela é levada sobre o toro da transferência dá evidentemente certa complexidade que é particular. Para dizê-lo de outra maneira, quando vocês têm que tratar aquilo que Marcel conta sempre e com razão sobre significantes que são sempre atraídos por sua redução [inaudível]

48 No original temos *retraité* = aposentado; e *re-traité* = re-tratado, onde o prefixo *re* pode aludir à repetição, ou à volta para trás. (NT)

em sua interpretação, intuição, até alucinação, etc... Bem, para alguns significantes, nos melhores dos casos, quando é possível lhes dar uma forma de topologia de vizinhança... por que é interessante? Porque eu me dei conta, lendo os autores que traduzem os gregos, que, de certo ponto de vista, é o trabalho que esses tradutores fazem, quando tentam apreender um termo assim que é um termo corrente, para, de alguma forma, alargar sua superfície topológica, eles não o equivocam. Eles alargam a recepção disso, eventualmente eles repropõem sua tradução.

Então, para terminar, uma bela palavra nessa tradução aí que é o termo grego – vocês me desculparão a pronúncia – *spudaios* –, que é o termo mais corrente de Aristóteles para falar do homem de bem. E o que é engraçado é que o tradutor diz: *habitualmente esse termo, que é bem conhecido em Aristóteles, é traduzido por o homem virtuoso, mas penso que é preciso traduzi-lo diferentemente* e. guardando uma forma de terreno cercado de alguma maneira figurativa, ele o traduz por aquele que tem coração na obra. Não é inteiramente parecido, é muito bonito, pode-se dizer *virtuoso*. Ele diz para Aristóteles: era aquele que sempre tem o coração na obra, isto é, aquele que ele considera que é para se estar mais à vontade para trabalhar, pequena distância significante, veem? É um jogo sobre a espessura, *virtuoso* tomou conotações. Hoje, se eu lhes digo virtuoso, vocês não me escutam mais. Se fazemos apelo à metáfora daquele que, efetivamente, considera que está nele ter o coração de, mas não amanhã, não depois de amanhã, aqui e agora. Vejam, é pleno de pequenas maravilhas assim.

Paro aqui por hoje e poderemos falar um pouco.

Lição XII

7 de junho de 2008

Antes de começar, queria dar-lhes duas informações. Então, hoje voltarei ainda mais ao tema do traumatismo e, como vocês sabem, ainda que eu não saiba se a informação está tão difundida, vai haver um fim de semana do Colégio de Psiquiatria que vai acontecer logo, no fim de semana que vem, em Clermont-Ferrand.

Particitante: – dia 14 e 15.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Sim, que é inteiramente consagrado a esse tema. Mas isso não foi anunciado na internet, por exemplo?

PARTICIPANTE: – Sim, sim.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – E, em segundo lugar, que esse seminário, último do ano consagrado a esse tema – faz dois anos que tenho permanecido na questão do fantasma –, escolhi esse tema do traumatismo para fazer um contraponto com um seminário que manteremos no próximo ano, com Rebecca, cujo título é: *Os objetos da memória.*

Os objetos da memória, com os quais vocês sentem, é claro, que tentaremos trabalhar toda a clínica freudiana da questão da lembrança, a distância que há entre estes dois significantes porque, em francês, temos o termo *lembrança* (*souvenir*) e temos o termo *memória* (*mémoire*) que não podem se superpor facilmente. E, então, esse seminário, que será um pouco como o deste ano, aberto e ao mesmo tempo periódico aos sábados, cujos sábados tentaremos então encontrar aqueles que estiverem livres – não há mais tantos, mas, enfim –, tentaremos encontrar alguns sábados livres, a partir do último sábado de setembro, no qual será então a abertura, em 27 de setembro, creio, quando começaremos. Então, é um seminário que, ao mesmo tempo, nos servirá para preparar as jornadas que propusemos a Charles Melman, com o apoio também de alguns amigos, dentre os quais Muriel Drazian, em Roma, e outros, e cujo título geral será: *As memórias*. E, portanto, será um seminário que ao mesmo tempo tentará misturar elementos da clínica e preparar estas jornadas de 2009, sobre um tema o qual vocês sentem que, na maior parte do tempo, nos coloca em dificuldade, em particular, então, não sei,

quanto à nossa posição analítica, mas em todo caso desde que somos interpelados como sujeitos simplesmente, como cidadão, sobre a questão da memória, é claro, ainda que não saibamos comumente o que fazer com isso, o que responder.

Queria dizer-lhes uma palavra, como preâmbulo, sobre a questão do Nome-do-Pai. Se vocês abrirem uma Bíblia, em suas horas vagas, encontrarão uma passagem um pouco surpreendente, como aquela que é intitulada *Crônicas*, na qual vocês têm páginas e páginas para terminar apenas com uma sequência de nomes, uma sequência de nomes próprios: fulano de tal – o nome, então, as letras escritas, fulano – filho de... E, evidentemente, essa leitura é um pouco desconcertante, uma vez que são páginas, páginas de nomes, de nomes próprios. Vocês não têm simplesmente os nomes próprios, vocês têm igualmente – o que é muito importante –, lugares, lugares de origem, quer dizer: fulano de tal, de tal canto, fulano de tal lugar, sicrano de tal lugar, eventualmente, o lugar de origem, depois o lugar de moradia: fulano de tal origem, que veio viver em tal lugar. O que é então muito importante, uma vez que nessas questões da metáfora paterna, do Nome-do-Pai. é, portanto, de alguma forma, o que se poderiam chamar as diferentes passagens. o que se poderia chamar, se vocês estão de acordo, os passes, a maneira com a qual o nome passou, fez passagem. E vocês têm uma terceira dimensão que é muito interessante, aí eu penso em particular não nas crianças, é claro, mas no acompanhamento de pacientes adultos, incluindo aí os psicóticos, no interesse que é colocado na atividade profissional, quer dizer: fulano de tal – tal nome que se escreve com tais letras, que era de tal lugar e que tinha tal emprego.

Na época bíblica, os profissionais que são citados são os sacerdotes, os levitas, é claro, é muito importante, a guarda pessoal, os levitas – mas os porteiros, os guardiões – e depois outra atividade igualmente muito importante para nós, os escribas. Então vocês veem, bizarramente, rapidamente, vocês têm vontade de fechar essa Bíblia porque, no fim de algumas páginas assim, se posso dizer, basta! Mas há alguma coisa que permanece de uma maneira que, de alguma forma, faria delineamentos, que se poderia chamar os delineamentos, os diferentes estratos das questões que tocam à metáfora, a metáfora do Nome-do-Pai, e pelo menos estes três aí que estão ainda enodados na Bíblia: o nome, o lugar – o *topos* – o lugar de origem, o passe, as passagens do clã, da tribo, ou da família; e depois a atividade profissional.

Eu tinha falado em uma outra vez – aí não vou mais me estender sobre isso –, mas vocês sabem o quanto, por exemplo, no acompanhamento de psicóticos, que são tão falhos a respeito do Nome-do-Pai, ficamos mesmo assim felizes quando é possível nos apoiarmos, por exemplo, sobre os significantes de um trabalho. de uma profissão, simplesmente. Os psicóticos não são todos escritores, é claro. mas, por felicidade, eles têm frequentemente alguma profissão.

CYRIL VEKEN: – Se você me permite, Jean-Jacques.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Faz favor.

CYRIL VEKEN: – Continuando o que você diz, é interessante observar que a maior parte dos patronímicos, enfim, um grande número de patronímicos que intervêm no momento do estado civil, retomam as três coisas que mencionastes, quer dizer: o lugar de onde se vem, os lugares de passagem, a profissão. Um grande número de patronímicos franceses corresponde a essas coisas aí.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – É certo, é exato. Então, vejam, quando tentamos, como fizemos na jornada sobre as psicoses, retomar nada mais que a questão do significante os Nomes-do-Pai, o quanto hesitamos às vezes em dar, de alguma forma, seus pontos de amarração, a materialidade dos pontos de amarração desse Nome-do-Pai. Mas é possível, de alguma forma, nomear um pouco mais aprofundadamente os diferentes níveis que vamos solicitar no trabalho das análises concernentes a esta posição do Nome-do-Pai, seja ela defeituosa ou até ausente.

A memória retém o esquecimento. Eu gostaria de inventar isso, mas é de Santo Agostinho, que fez algumas belas páginas sobre a questão da memória e da lembrança. *A memória retém o esquecido*, diz ele, e é preciso dizer que, para a psicanálise, para nossa disciplina, a memória é inicialmente o esquecimento. Tive a ocasião de lembrá-lo a colegas muito mais cientistas que nós, que são os neurologistas, os neurolinguistas, enfim... Para nós, a memória não é a memória assim como os cientistas falam dela. A memória, curiosamente, é, de início, o esquecido, uma vez que Freud dá muito bem os significantes pelos quais ele agarra essas questões. *Unterdruckung*, *unterdruckt*, que se traduz então – não sei se é exato –, por repressão. Não é genial como maneira de traduzir, enfim, bom, em todo caso, *unterdruckt*, *Unterdruckung*. A inibição, esquece-se, frequentemente, a inibição como forma de recusa da memória, *hemmung*, em alemão. E, é claro, a palavra que habitualmente retemos à força, o recalcamento, aquele no qual pensamos permanentemente. E então as representações, diz Freud, insuportáveis, são simplesmente esquecidas. É esse o início da psicanálise.

O fantasma, então o fantasma – não retomo esse assunto, já o desenvolvi muito –, o fantasma, portanto, que é uma construção, indica o lugar desse esquecimento. A permanência, mas enquanto tela. O fantasma indica o lugar disso, quer dizer que sabemos que há aí alguma coisa que caiu. O fantasma indica o lugar disto, o *topos*, mas como tela. Quer dizer que, no fundo, ainda que vocês tenham o fantasma a céu aberto, de alguma forma, como vimos ao longo do ano, tudo permanece a ser decifrado. É esse o problema.

A memória pode, ao contrário – aí nos aproximamos da questão do traumatismo –, pode ser, ao contrário, como vocês sabem muito bem, por experiência própria ou simplesmente pelo acompanhamento dos pacientes, pode ser uma lembrança única. Uma lembrança congelada, totalmente onipresente, uma única, o que se chama em clínica psiquiátrica a *hipermnésia*. Quer dizer, eu só me lembro disso, está ali, é permanente. Não me lembro de nada mais que isso; tudo me conduz a isso. Tudo começa aí e tudo aí retorna.

Como dizia, recentemente, quando estávamos reunidos, pode-se tomar pequenos exemplos, pequenos exemplos do cotidiano. Quando vocês recebem crianças – há um certo número aqui que trabalha nos serviços infantis –, o que é surpreendente é que hoje se recebe muito o que se poderia chamar, apressadamente, é claro, crianças sem memória. Sem memória a título de certo número de pontos de amarração, da questão do Nome-do-Pai que especifiquei agora há pouco. Eu tinha tomado o exemplo deste *chinesinho* de origem que, na escola, mal estava em CP[49], era tratado com injúria por seus camaradas de classe e ele não sabia por quê. Ele não sabia por quê, por quê? Bem, porque ele não tinha nenhuma ideia, nenhuma ideia mais, nem de quem era seu pai – ele tinha se separado de sua mãe no momento do parto –, nem sequer do que eram todos os significantes que reconduziam em direção à questão da China. Ele não sabia absolutamente nada disso. Uma criança sem memória. O que fez com que eu tivesse decidido – isto é simples, todos os colegas fazem isso nos serviços de crianças –, a fazer passar pelo que se chama o *eu*, mas pode-se chamá-lo de outro modo, as formas do imaginário narrativo, quer dizer, de lhe pedir para me trazer um livrinho de história, uma revista em quadrinhos, um livrinho de geografia para nos reapropriarmos juntos de um certo número de significantes ligados à questão da China e às passagens de sua família, precisamente em nossa direção, para o Ocidente.

Outro exemplo que eu lhes tinha dado da vez passada, creio, vocês sabem, é esta criança que se apresenta – e aí então mudei o nome, mas, digamos que ela tenha me dito, que ela me diga: – *Eu me chamo Corngold*. Eu tinha trazido isso para vocês, não? *Eu me chamo Corngold*, e depois, como tenho uma transferência um pouco divertida, eu lhe disse: – *Mas é fantástico, você tem o ouro em seu nome!* E aí percebi a criança totalmente distante, que não compreendia o que eu estava lhe dizendo, e sua mãe ao lado totalmente surpresa. Paro aí porque vejo que eu tinha produzido um efeito de forçagem com alguma coisa que não era sequer uma piada, que era antes esperada como sendo um ponto de apoio gentil[50] na

49 CP- *Cours Preparatoire*, que equivale à alfabetização, ou primeiro ano primário. (NT)

50 Gentil: agradável, delicado; tem também o sentido de 'estrangeiro' para os antigos hebreus. (NT

transferência, e eu me apercebo rapidamente que essa criança estava totalmente sem a memória do traço do lado do pai, de alguma forma da filiação, coisa que retomei. Ora, ela tinha seu pai em casa, seu pai não tinha partido, não estava ausente, mas estava totalmente barrado, reprimido – aí creio que o termo de Freud era totalmente reprimido, ele não podia falar disso, sobretudo, a sua mulher. Então, retomei aí também, sob certa forma que não pôde ir além de um certo ponto, infelizmente, porque essa companheira velava cuidadosamente para que isso não ultrapassasse certo ponto. Pedi a essa criança para ir com seu pai ver seu avô, que ainda estava ali para se reapropriar dos delineamentos dessa questão do clã, da passagem simplesmente, ao menos que ela o saiba. Então, é tanto mais singular que isso não deixará de voltar, justamente nas aulas de recreação, porque, quando um nome próprio assim faz tamanha identificação comum, vai ser como com o chinesinho, isso vai voltar, é inevitável. Então as crianças, vemos isso assim em Catherine, todas essas crianças que nos aparecem totalmente *sem memória*.

Por outro lado, há alguma coisa que é bem interessante nas crianças que recebemos e que são crianças das quais se pode dizer que são pequenos exageros, que são carregadas demais, de alguma forma, pela memória. Não tenho tempo de desenvolver, entretanto, fiquei, por exemplo, surpreso pela dificuldade de trabalhar com crianças que eram refugiadas do Sri Lanka, que eram crianças cujos pais eram militantes engajados em guerras, ali, fratricidas, e essas crianças carregam, totalmente, é claro, identificam-se totalmente com a memória de seu clã, do combate. E mesmo na França, como sabemos, há ainda transmissões que se fazem nos grupos. Então são crianças que só vivem na exaltação dessa memória. Bem, mas isso certamente é um viés histórico.

De maneira mais simples, posso dar-lhes uma dificuldade que não pude combater totalmente, de uma menina que tem em torno de oito, nove anos, cujo papai por infelicidade caiu – seu pai trabalha em construção –, caiu de um andaime, e está em coma prolongado há um ano. Quase que, por razões médicas, a equipe pediu que a família viesse todos os domingos para falar com esse pai, que é mantido no coma, e então essa menina vem cada domingo com sua mãe, permanece um domingo no hospital. Então, a ideia dessa mãe era de vir entregá-la a mim, mas, no fundo, para fazer o quê? Tive um momento assim de dificuldade, de dúvida, porque, enquanto recebendo-a, tentava sempre empurrá-la em direção a outras camadas da vida, em direção a outros interesses, a suas amigas, à escola. Como ela vinha, de alguma forma, para isso, ela era mandada para falar do traumatismo, ela se obrigava a recolocar permanentemente essa questão, com dificuldade, o que fez com que, no final de certo tempo, ela concordasse rapidamente, ela me pedisse ela mesma, ela me dissesse: _ *Mas eu não sei se é uma boa ideia vir*. Isso

a levava sem parar a esse excesso, a esse excesso de memória que já vivia tanto, já com dificuldade. Então, aí, concordamos por enquanto em parar nossas trocas. Não encontrei outro meio para retirá-la. Então, ela já passava o domingo naquilo, seria preciso, além disso, que na quarta-feira ou na quinta ela viesse falar disso sistematicamente? Há aí um duplo golpe que me pareceu desumano. Talvez nós pudéssemos fazer outra coisa, mas não sei o quê.

Santo Agostinho, este é apenas um dos fios, veremos, poderemos tomar outros autores. Santo Agostinho, como os grandes filósofos frequentemente, diz coisas bem interessantes. Ele diz: *pode-se distinguir, por exemplo, a memória sensível.* Então é dito de forma bem graciosa, ele diz: *Eu posso preferir o mel ao vinho, o polido ao rugoso, sem nada experimentar nem tocar, apenas pela lembrança.* Então, efetivamente, quer dizer que o corpo convoca, de alguma forma, pelos diferentes sentidos, formas de lembrança que, como ele diz muito bem, não têm necessidade de serem verificadas, de alguma forma, no mesmo momento. Ele distingue – e isso nós veremos o porquê –, essa memória dita sensível do que ele chama *memória intelectual.* Ele quer dizer com isso que há na memória um saber que não vem dos sentidos, que não está religado à questão da sensorialidade. É, aliás, evidente que na transmissão das histórias familiares, para uma boa parte, é disso que se trata.

Ele utiliza expressões que, a meu ver, são justas e interessantes, quando fala, por exemplo, da lembrança. Ele diz: *a lembrança da lembrança*, quer dizer, eu me lembro de estar lembrado e, igualmente, como eu citava há pouco, a lembrança do esquecido. Aí estamos no coração de uma questão que é realmente psicanalítica. Ele diz: *A memória retém o esquecido. Ele está ali, o esquecido, sem o que nós o esqueceríamos, mas desde o momento em que ele está ali, nós esquecemos.* Vejam, é bem metapsicológico! É extraordinário como ele é capaz! É dos talentos conseguir justamente captar numa dialética que é bastante complexa para explicar de outra maneira. *A memória retém o esquecido, ele está ali, sem o que nós o esqueceríamos; mas desde o instante em que ele está ali,* nós o esquecemos. E ele acrescenta, efetivamente, interrogando: *mas quem compreenderá enfim o que ele é?* É sua queixa, de saber quem, exceto Deus, poderia explicar-lhe do que se trata.

Em um primeiro tempo, e conforme a busca etiológica própria à medicina, Freud faz do traumatismo a causa histórica, fá-lo produtor das doenças da alma. Então a maior parte de vocês sabe disto muito bem: uma sedução precoce por um adulto, uma carícia abusiva, uma carícia sexual, ou ainda, porque isto acontece muito, esse material, segundo Freud, a reminiscência de um estupro que tantos pacientes lhe traziam. Freud acrescenta, há então duas noções de importância que Freud acrescenta imediatamente, e aí é preciso que vocês estejam atentos aos significantes. Ele diz: *Um acontecimento só é traumático quando o sujeito não teve tempo de re-*

defender por meio dos mecanismos habituais. Então ele utiliza o termo em francês que se diz pavor. O pavor, eu não sei mais como se diz, em alemão, *o pavor*?

PARTICIPANTE: – *Schrek*

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Sim, *Shrek*, daí o filme. É isso?

O pavor, então, isso ele o retomará sem parar. O pavor do traumatismo não é a angústia nem sequer o medo. É muito importante, é o primeiro ponto. Nós o retomaremos daqui a pouco. Segundo plano, como vocês também sabem, o mais frequentemente, diz Freud, é por retroação – a questão da retroação, *nachträglich* –, que um episódio da vida se torna traumático. Nós o sabemos pelos acompanhamentos clínicos, uma sedução sexual precoce, infantil, apenas um pouco depois toma sua significação, posteriormente, porque é preciso pelo menos que o significante do pudor, por exemplo, tenha caído. Sem entrar demais no secreto, acompanho efetivamente o caso de um garoto que agora está mais velho, que tinha sido convocado a jogos sexuais precocemente, que confessa ainda hoje seu prazer, de alguma forma, enfim, não dissimulado por esses jogos sexuais, e que diz: – *Mas foi depois que eu me disse: o que é que eu devo pensar disso?* Vejam a questão do *nachträglich*, quer dizer que, de início, a significação não parecia escandalosa.

É ao longo dos anos 1895/1897 que Freud, como vocês sabem, vai voltar à questão do traumatismo, a partir da elaboração do termo que tenho trabalhado com vocês há dois anos, que é central para a concepção do psiquismo, a questão do fantasma. Quer dizer, eu o esquematizo: o que vai contar não é um fato, mas uma construção. Vejam, é para isso que Freud se volta e é esse ponto que convoca uma retomada e certo número de comentários, hoje, da nossa parte, porque não é simples essa passagem, esse momento freudiano precisamente. E então algumas pistas.

De início, vocês sabem, a moda quer que se retome hoje ao contrário, ao contrário as teses freudianas, quer dizer, muitas pessoas leem Freud antes no outro sentido, elas se voltam para o primeiro Freud. Há um gosto extraordinário dos cientistas pelo primeiro Freud.

Segundo ponto, que é bastante bizarro, mas que escutei ainda bem recentemente, que parece despertar interesse para alguns, é que muitos acusam Freud de ter renunciado à teoria do traumatismo porque ele dissimulava, ele mesmo, realidades de sua própria vida, sexual, naturalmente, em particular, retornando em círculo, de um modo que acho um pouco cínico, mas isso parece agradar, à questão da cunhada, como vocês sabem. O que fez com que eu levasse uma bronca de Roudinesco, recentemente, sim, e é bem feito porque ela explicava, com delícia, que ela tinha passado semanas e semanas indo ao hotel onde Freud estivera com

sua cunhada para comprovar que não teria sido possível que fosse esse o caso, que, contrariamente, ao que escreviam nos Estados Unidos, era não! – que ela tinha feito livros sobre isso, enfim, em suma... E eu lhe disse: – *Infelizmente, mas que importância isso pode ter, é uma fantasia, você não pensa sobre isso. Se fosse o caso, tudo afundaria, se não for o caso, bom...* Eu estava um pouco contrito, então, a questão da exatidão que volta – vejam! – a exatidão histórica ou a verdade. Em todo o caso, se seu livro não saiu, vai sair, vocês vão ver, ela passa um tempo extraordinário a bancar o detetive. Não vale a pena lê-lo, mas, enfim, vocês farão o relatório disso na *internet*, sem maldade recíproca, porque ela é bastante má.

O primeiro Freud então encontra, enfim, não, o segundo Freud, perdão, vai encontrar na histeria o determinante traumático. Há a passagem em que Freud está interessado na questão da neurose traumática, na questão da histeria, aí eu desejaria justamente, eu vou bem cursivamente dizer-lhes duas ou três coisas. porque são coisas assim mesmo bastante conhecidas, mas simplesmente vocês lembram duas, três coisas.

Quando dizemos – há uma coisa na qual não se reflete bem –, quando dizemos que todas essas representações, de alguma forma, são recusadas pelo sujeito, são recalcadas, são postas de lado; *unterdruckt*, *por baixo* etc., o que é interessante é se perguntar efetivamente o que é que no sujeito, qual é o *Je* que se delineia ali. que faz esse sujeito recusar esse pavor, por exemplo, concernindo ali à histeria. às solicitações da sexualidade. E é interessante notar que o Je, que se delineia mesmo assim, está muito ligado ao que se poderia chamar a convenção social. a questão dos costumes, simplesmente. Quero dizer com isso que, ser apreciado por seus semelhantes, ser amado, ser reconhecido, é isso que parece implicar para o sujeito uma forma de renúncia à crueza do desejo. É essa renúncia que antecipa o confronto. É uma coisa que é preciso sublinhar, que Freud revela bem cedo, é assim mesmo muito interessante, o que é que recusa em nós, qual é este *Je*? É preciso ser sublime, mas esse sublime é o quê? É a consciência, é a moral, é o quê?

Segunda coisa, é um segundo traço que eu gostaria de lhes lembrar, que é muito importante, concernindo, inclusive, ao primeiro Freud, é a questão do significante, uma vez que até no texto bem precoce de 1895, *Esboço de uma Psicologia Científica*, concernente à histeria, Freud fala daquilo que ele chama na época uma simbolização imutável e dá o exemplo que parece sem importância, mas que é enorme, o fato de que, em Emma, é a maneira com que o significante único *roupa*. a palavra *roupa*, vem animar em Emma a lembrança recalcada, transformada, no *a posteriori* da puberdade, em traumatismo. Vejam, é preciso lembrar-lhes disso. é muito importante, quer dizer que há já em Freud, no primeiro Freud, a trama, de

alguma forma, pelo significante enquanto tal. Frequentemente nós o esquecemos, cedemos à ideia de uma clínica que seria uma clínica do objeto realista, e Freud desde o início trama seu negócio com a questão do significante.

Então Freud abandona é claro a questão da hipnose, a questão do traumatismo, a questão também da masturbação. A questão da masturbação infantil como causa necessária e suficiente estava bem na moda. Ele a deixará de lado igualmente. E então vocês têm aí uma virada. Talvez seja a que é mais importante, de maneira epistemológica, no trabalho de Freud, quer dizer que a psicanálise, nesse momento aí, de alguma forma, não terá mais, por trabalho, de arrancar à força um segredo. É assim que é preciso entendê-lo. A passagem para o próprio Freud do traumatismo ao fantasma faz, sobretudo, com que o ponto pivô, o eixo geral da psicanálise, não seja mais arrancar à força, de alguma forma, o segredo escondido. Ele não faz mais da análise do sintoma, no sentido arqueológico, o alvo de um trabalho, e nesse momento aí é a decifração do sonho que se torna o motor desse deslocamento. Então é muito importante porque isso parece sem importância, mas, por exemplo, o que se pode dizer é que a insinceridade inconsciente – *in consciente* – tem mais importância daí por diante do que a insinceridade consciente e então as lacunas da memória e o trabalho do esquecimento não têm chave, nenhuma chave imediatamente acessível. Vejam, é então um giro muito importante em relação à visão que Freud tinha sobre a questão primeira, aquela do traumatismo.

Além do princípio do prazer, estamos em 1919-1920. E Freud, como ele faz sempre, interroga certo número de circunstâncias clínicas. Então aí, bem bizarramente, ele teve uma história ferroviária. Freud fala muito das colisões ferroviárias. Penso que nesse momento aí havia muitos acidentes graves sobre as vias férreas, simplesmente. Ele fala, é claro, uma vez que estamos em 1919, da guerra assustadora que acaba de terminar. E então Freud reinterroga, em 1919, a questão da neurose traumática. Ele diz isto: *O quadro do período de estado da neurose traumática se aproxima, diz ele, da histeria por sua riqueza em sintomas motores análogos, mas, em regra geral, ele a ultrapassa pelos sinais de sofrimento subjetivo fortemente marcado, um pouco como numa hipocondria ou numa melancolia, e pela experiência de um enfraquecimento e de uma deterioração geral bem mais extensa das operações anímicas.* Ele retoma seu termo pavor: *o peso principal da causação parece incumbir o fator de surpresa no pavor.*

Há um traço que é bizarro, que Melman tinha retomado há muito tempo em uma de suas conferências, é que Freud acrescenta que, bizarramente, quando há uma verdadeira lesão no corpo, quer dizer, que o cara está verdadeiramente traumatizado no próprio corpo, bem, o mais frequentemente, diz Freud, *isso age contra a aparição da neurose traumática.* Um fato clínico efetivamente que mereceria que o retomássemos de um modo mais sistemático, mas que faz

pensar em outras coisas. Como vocês sabem, por exemplo, curiosamente, quando os psicóticos melhoram, quando eles perdem uma perna, caem do pavilhão, então eles estão somaticamente na queda e, entretanto, há aí, há alguma coisa que faz freio à forma de gozo da psicose. Enfim, são coisas muito curiosas que Freud tinha tentado assim nomear sem antes explicá-las.

Pavor, então vejam, recai-se sobre os três significantes: pavor, medo, angústia. E vocês sabem quando Lacan diz: *mas nosso trabalho, enfim, é sempre afastar as palavras, afastar os significantes, dar o máximo de distância.* Freud não diz outra coisa aí, ele diz que o que é perigoso é que essas palavras são utilizadas como sinônimos, na linguagem comum, à nossa maneira, mas é falso. São palavras que devem ser afastadas porque elas devem se deixar discriminar. *A angústia designa certo estado, tal como a espera do perigo e da preparação para aquilo que é desconhecido. O medo*, diz Freud, *requer um objeto determinado do qual se tem medo. O pavor, por seu lado, denomina o estado no qual se cai quando se corre um perigo sem estar preparado para isso. A angústia protege contra o pavor e contra a neurose de pavor.* É interessante, é muito interessante essa posição e devo dizer, inclusive aí, quase de maneira técnica, aliás, isso acontece de nos suscitar angústia, isso não deve ser à toa.

Então, há uma questão, mas aí não se vai poder... Pode-se justamente solicitá-la sem voltar a fechá-la, como Rebecca lembra vez por outra. É, entretanto, surpreendente que o próprio Freud, aquele que nos conta isso, isso que estou contando a vocês, como acontece que ele não tenha dito nada do seu pavor nos últimos anos de sua vida, como acontece que não encontremos, parece, nenhum índice da maneira com que Freud ali vivia e que parece, segundo o que contam os contemporâneos, que Freud não se sentia em perigo nesse ponto.

REBECCA MAJSTER: – Melman disse domingo, quando eu lhe colocava a questão, que ele não acreditava e, então, há essa questão da crença que intervém nessa questão do pavor.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Então vocês veem a distância. O que é fantástico é a distância que há entre a clínica a mais conclusiva, como Freud distancia o mais longe possível e o quanto como sempre é ele mesmo ator.

REBECCA MAJSTER: – Totalmente.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Ele é ele próprio ator dessa dificuldade de discriminar o que causa medo, o que causa medo, o que causa angústia ou o que causa pavor.

BERNARD VANDERMERSCH: – Mas, continuando, Freud tinha nesse momento aí um câncer.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Sim, é verdade, Bernard, mas há assim mesmo.

REBECCA MAJSTER: – Sim, mas no discurso.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Há assim mesmo um argumento.

REBECCA MAJSTER: – Entre 33 e 38, havia assim mesmo certo tipo de discurso, inclusive em seus pacientes e que ele nunca levava em conta.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Bernard, não havia senão sua própria vida, como você sabe, ele não pôde salvar suas irmãs. É assim mesmo surpreendente, e ainda, ele teria dito *eu estou condenado, eu fico*, *eu morro*; de acordo, mas suas próprias manas ele não pôde proteger, então ele as deixou no pavor. Não, não, enfim, não vamos retomar isso, mas é assim mesmo intrigante. Para mim, o que me interessa é o quanto a posição, a nossa, você vê o que quero dizer, o quanto a posição do clínico seria a mais iminente. Entretanto, estamos no interior do saber que nós estamos desdobrando, e frequentemente ignorando o buraco que estamos constituindo por esse próprio saber.

Freud, como vocês sabem, então, há aí um abismo que vai abrir-se para Freud, que é ainda o nosso, é evidentemente o problema dos sonhos traumáticos. Então isso é muito importante, isso é genial, Freud diz: *mas, enfim, assim mesmo eu fiz uma teoria do sonho e do desejo, do voto*. O que é que tem a ver, quanto à função iminente do sonho, a questão da repetição desses sonhos traumáticos? Quer dizer, como acontece que se apresentem assim ao sonhador coisas que não é a destinação, a perspectiva habitual de um sonho? O problema, portanto, da repetição e do fim. E então Freud diz isto que me parece bastante gracioso, ele diz: *Os sonhos traumáticos procuram proceder à repescagem*, diz Freud, *sob o desenvolvimento da angústia*, quer dizer, ao preço da angústia, *do domínio do estímulo, ela, cuja falta tornou-se a causa da neurose traumática.* E então Freud diz: *mas, sim, é uma exceção à tese segundo a qual o sonho é uma realização de desejo.*

Vejam, Freud sabe bem, aliás, uma vez que ele construiu sua catedral – é extraordinário, assim mesmo é preciso reconhecê-lo –, a questão dos sonhos, um sonho é sempre promovedor de um desejo. Mas não, aí não! Freud diz *sim*, e depois *não, tudo o que eu lhes disse é justo, mas, entretanto aí, é preciso colocar um porém, isso não funciona.* E então todo o trabalho de Freud nesse momento aí vai ser o de dizer *como eu ligo, mas como posso ligar a excitação, como eu posso ligar a excitação dessas pulsões não ligadas,* o que, de alguma forma, não é sem ressonância, mesmo assim, como vocês sabem, com a maneira com que

Lacan falará sempre de enodar, de *como eu enodo, como eu posso enodar o real.* Retomá-lo-ei bem no final.

Lacan, como sempre, então isso também é formidável porque Lacan retoma a questão na junção exata do corte de Freud. Assim mesmo é também uma aula básica, como Lacan trabalha. Ele diz: *eu vou retomar do lugar em que Freud separou trauma-fantasma.* Foi isso que preocupou Freud. E então Lacan coloca, à sua maneira, quase as mesmas questões. Ele diz: *Mas por trás do autômaton, o retorno, a insistência do princípio do prazer; mas qual é o real, qual é o encontro, qual é a tiquê?* Aí ele vai procurar em Aristóteles um termo, *qual é esse encontro primeiro que nós podemos garantir, afirmar por trás do fantasma?* Uma vez que o fantasma de construção é a tela, é o lugar dessa questão, que a designa, de qual encontro se trata? *Dessa função da tiquê*, diz Lacan, *do real como encontro, do encontro enquanto ele pode ser faltoso, que essencialmente ele estaria presente como o encontro faltoso, vejam isso que inicialmente é apresentado na história da psicanálise sob a forma primeira, aquela do traumatismo.* E o que é formidável é que Lacan vai retomar nesse capítulo, palavra por palavra, a observação de Freud. *Como*, diz Lacan, *se o sonho é definido como manifestando o voto, o* wunsch *portador do desejo do sujeito, se esse sonho é assim definido, como pode ele produzir o que tão frequentemente se apresenta como fazendo ressurgir e na repetição, senão a figura, pelo menos a tela por trás da qual o trauma ainda se indica.* Vejam exatamente a mesma questão. E, portanto, quer dizer que Lacan compreendeu inteiramente a questão de Freud, que ainda o obceca. Como é possível, o que é que isso quer dizer? Acho isso genial, as maneiras com que Lacan retoma, repete, de alguma forma, recorta no lugar mesmo do corte. E então Lacan procura, à sua maneira, este ponto, o lugar do que ele chama o real que vai do trauma ao fantasma, enquanto que o fantasma não é nunca, diz ele, senão a tela que o dissimula.

Há uma pista aí nesse lugar que é muito importante, que é antes o que Freud diz, uma vez que Freud nos diz que tudo gira em torno do eixo da repetição, vocês o escutaram, ponto essencial que, aliás, é partilhado – é preciso prestar atenção à questão da repetição –, é compartilhado tanto pela questão do fantasma como pela questão do traumatismo. Essa palavra é, de alguma forma, sua última placa giratória. Mas, diz Freud, e isso é interessante, é uma repetição que pede o novo. Vejam, é uma repetição que exige o novo, que é voraz.

E, novamente, chego, exatamente, de novo, *Le Village de l'Allemand*[51], como vocês sabem, para aqueles que tiveram a gentileza de lê-lo previamente, isso leva aos dois irmãos. Vejam a repetição. A repetição exige o novo. E, efetivamente, na vida

51 Sansal, Boualem - *Le Village de l'Allemand.* Paris : Ed. Fólio.

desses dois meninos, do novo eles estão servidos. *Le Village de l'Allemand*, de Boualem Sansal, que vive ainda na Argélia, parece-me, apesar provavelmente das dificuldades que ele pôde ter pelas comparações, digamos, que ele pôde tratar em seu livro.

PARTICIPANTE: – E que não é publicado.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Que não é publicado ali, certamente.

PARTICIPANTE: – A obra foi publicada na França.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Enfim, vou dizer-lhes duas coisas simples. Primeiramente, se vocês me permitem, esse livro não é um sensacionalismo. É preciso que vocês o entendam, se vocês o aceitam assim. Sei que alguns me disseram, eles tiveram dificuldade em ler certas passagens. Esse livro não é um relatório na descrição de certos horrores da história. Há livros que se publicam, que podem parecer, para nós, como formas de relatório, não se sabe por quê, formas de gozo que supervalorizam. Não é o caso desse livro. E também eu queria dizer a Franck, ele também não procura colocar em paralelo os campos da morte e dos subúrbios. É preciso prestar atenção a esse aspecto, as questões são tramadas conjuntamente. Quer dizer, é interessante, há vários níveis, mas não são paralelos. Quer dizer, isso não passa, isso não passa assim simplesmente de um campo ao outro. Mas ele coloca uma questão em seu conjunto, uma questão que evitamos sem cessar. Essa questão, ela é simples, é: o que sabemos nós, por que, ordinariamente, não queremos saber – eu digo ainda nós, não é simplesmente o neurótico mediano –, nós não procuramos saber e então procuramos esquecer, clinicamente, que sabemos, nós mesmos, do impacto de geração em geração, para retomar esse termo do traumatismo sofrido ou do traumatismo realizado.

É um livro que tem seu interesse, uma vez que aqui a memória faz retorno forçado. Qual vai ser a saída disso? Vocês vão ter aí duas saídas que são narradas de maneira extraordinariamente interessante. De um lado, o que se poderia chamar o impossível do saber, quer dizer, a culpabilidade, a identificação com o objeto, o horror, a morte, e são as belas páginas que terminam sobre a morte do irmão mais velho, Rachel. Ou então isso pode desembocar numa outra coisa. Outra coisa, mas o quê? Quer dizer, qual o tipo de memória? E o que é interessante é que se tem aí o segundo caso, Malrich, que é o caso em que precisamente a memória toma pela mão uma criança aparentemente sem memória. Aquela ali é a mais sem memória. Então a memória toma pela mão, à força, essa criança sem memória. Para qual destino, não sei, em todo o caso parece que, através do que está escrito, alguma coisa da responsabilidade, enfim, lhe é possível.

REBECCA MAJSTER: – Foi preciso que o mais velho fizesse o trabalho.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Sim, é claro, ao preço de que o mais velho faça esse trabalho naturalmente, é claro. Mas aí não vou comentar o que vocês leram, entenderam bem e explicitaram muito bem. Vou me prender a isso, se me permitem, porque não vou fazer um comentário do livro em detalhe, isso não tem sentido. Vou me prender a um fio, um fio único, que é os caminhos da negação. Os caminhos da negação e eventualmente da afirmação, quer dizer, poder-se-ia dizer sobre alguns mecanismos que estão operando na negação. Guarde-se que esse fio está então longe de fazer a volta completa das coisas bem preciosas que trazem esse livro.

Rachel, o irmão mais velho. A mixórdia, a mixórdia é o que ele encontrou em desordem como documentos. *A mixórdia dizia que meu pai era um criminoso de guerra nazista, que teria sido enforcado, se a justiça tivesse colocado a mão nele e, ao mesmo tempo, isso não dizia nada. Eu o recusava.* A mixórdia dizia e ao mesmo tempo não dizia nada. *Eu me agarrava a outra coisa mais verdadeira, mais justa: é nosso pai, nós somos seus filhos, nós portamos seu nome. Era um cara formidável, devotado a sua cidade etc.* Essas passagens são muito interessantes, que se pode chamar como... Esta forma que é particular não é simples. Há, em francês, por exemplo, o termo *déjugement*[52], até mesmo o verbo *déjuger*[53]. Vocês trouxeram um julgamento: aí, Rebecca, é como se, eu julgo e imediatamente depois, eu giro nesse julgamento. Vejam, são formas da proposição que são particulares, em todo caso, ao mesmo tempo isso não diz nada.

O mais jovem, Malrich: É tolo dizê-lo, mas eu não sabia nada, vejam, sem memória, *eu não sabia nada sobre essa guerra, esse negócio de exterminação ou, vagamente, o que o Imã dizia disso em suas preces contra os judeus e os fragmentos de conversa capturados por aí afora. Na minha cabeça eram lendas que remontavam a séculos.* Vejam, é outra forma, não é a mesma forma, é outra forma que é bem corrente, das questões da negação. Pode-se chamar como? São formas que se pode colocar sob o capítulo geral do relativismo, por exemplo, a maneira de relativizar, quer dizer: *Sim, mas eu sei tudo isso: houve uma guerra, mas, enfim, eu não sei muito bem se era tão importante, e afinal...* Uma forma de relativismo que é assim mesmo muito forte hoje, uma forma de relativismo ambiente. Isso vocês escutam, permanentemente, essa maneira de dizer alguma coisa de grave e depois, bom, não se sabe muito bem, talvez seja uma lenda. Há igualmente outra palavra, porque procurei palavras em francês. Há muitas palavras em francês que são interessantes, às vezes, velhas palavras. Há, por exemplo, o verbo

52 Que se traduz por *mudança de opinião.* (NT)

53 Que tem o sentido de *voltar atrás.* (NT)

déjeter. Déjeter, que é uma maneira de deformar, vejam, de deformar uma coisa fazendo-a pesar mais para um lado que para o outro, quer dizer, vocês recebem uma informação e depois vocês colocam o eixo um pouco diferentemente, ali, por exemplo, do lado do imaginário simplesmente lendário. Então isso desvia pouco a pouco, sente-se bem o quanto se pode deslocar o eixo de alguma coisa.

PARTICIPANTE: – O que é interessante é que ele o utiliza, como você acaba de dizer, enquanto que normalmente é um verbo que é utilizado pelo corpo, ele tinha um ombro desviado, coisas assim. Então há já um deslocamento.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Sim, realmente.

O obstáculo ao esquecimento – lembro-lhes a proposição de Santo Agostinho de há pouco –, o que é que faz obstáculo ao esquecimento? E então nesse livro vocês têm, de repente, significantes que vêm da outra língua, por exemplo: *Befehl ist Befehl*, uma ordem é uma ordem. É muito interessante quando surgem numa análise – isso acontece frequentemente –, quando surgem numa análise os significantes, as letras de outra língua. De repente, alguma coisa que vem indicar uma forma de resistência, de alguma forma, da estrutura do esquecido, assinalando o esquecido *a memória retém o esquecimento*. Essa questão aí da língua Outra.

RACHEL: – *Eu não queria me deparar a falar de mim, de nós, de nossos probleminhas domésticos enquanto estou diante de alguma coisa que me ultrapassa, que nos ultrapassa, que nos ultrapassará sempre. Ofélia*, então sua esposa, é tão forte *para substituir um problema por outro a despeito do gênero e do grau*. Vejam, a questão do relativismo. É também tão frequente, mesmo entre nós, isto é, essas formas modernas da negação, vejam, quer dizer não se sustentar em alguma coisa num bom nível, e imediatamente engoli-la um pouco, tratá-la como uma questão de gênero ou de grau que merece que se harmonize menos. A quais palavras nós somos fiéis? E aí, de forma semelhante, surge na língua alemã – é muito interessante –, esse jogo de aparição dos significantes da língua alemã: *Mein Ehre heist Treue*, isso faz vibrar, efetivamente, *Minha honra se chama fidelidade*. Quantas vezes se pensa assim, *minha honra se chama fidelidade*? Ele acrescenta: *tenho vontade de vomitar*. Vejam, são os momentos da língua assim, diferentes, os pontos de forçagem, de escansão obrigatória que esburacam todas essas formas, de alguma maneira, de negatividade, de recalcamento, *unterdrucket*, o esquecido.

Há uma página, então aí vocês notaram, há uma página que não vou reler, que é uma página que é uma epopeia, que é a página 68, que é a retomada do texto de Primo Levi, que é assim mesmo o coração, isso é preciso ler sozinho, para si, em voz alta, *Se é um homem*, vocês têm a resposta, é uma resposta ética de Primo Levi, é uma resposta: *Não esqueçam*, é isso no fundo a resposta, quer dizer, é não esqueçam, *Não*

esqueçam que isso foi, não, não o esqueçam. É isso a força, o determinante dessas passagens, que é para alguns, vocês certamente o notaram, que ressoa um pouco, que ressoa em eco com *Se eu te esqueço Jerusalém* etc. Sente-se o eco: *Que minha língua cole no palato, que minha direita a esqueça* etc. Há seguramente, enfim, é tratado de maneira sintáxica como o lembrete dessa injunção, e aí, diz de uma maneira afirmativa, e então ele acrescenta efetivamente a esse poema, Rachel, o irmão mais velho, acrescenta o que ele mesmo vive como retorno forçado a esse esquecimento.

O que é a responsabilidade? O que é muito interessante igualmente nesse livro é o que se poderia chamar as respostas que não são inutilmente tolas, longe disso, o que se poderia chamar as respostas do discurso social, quer dizer, como o Outro social trata das questões colocadas pelo jovem, em particular o irmão mais velho. E, por exemplo, aí vocês têm a passagenzinha onde é o comissário, vocês se lembram da história do comissário, o comissário tem então uma tese que é interessante escutar, que é corrente, ela diz: *Nós não somos responsáveis nem contabilistas dos crimes de nossos pais.* Vejam, nós não somos responsáveis, então escutem, é assim, tu tens esse fardo, mas nós não somos responsáveis. É uma proposição que vocês escutam regularmente, que é precisamente uma maneira de separar a culpabilidade de geração em geração. Que problema cria escutar assim uma resposta em bloco? Por exemplo, cria o problema de se perguntar como acontece que povos inteiros – aí penso, por exemplo, na memória polonesa –, que está tão forcluída, e em outras, é claro. Quer dizer, eles não são responsáveis, eles não são contabilistas e então esqueceram tudo, o que resulta, às vezes, em diálogos bem alucinantes quando nos encontramos nesse ou naquele canto do mundo.

Tem também um diálogo muito interessante, que é muito bonito. O patrão de Rachel, que não é mau, não diz como o comissário. Ele diz: *leio*. De início, é bonito como injunção, *leio*, *tu queres saber leio, Milita, se queres, traze tua pedrinha, mas não antecipadamente, tudo o que farás a mais virá do diabo; isso quererá dizer que tu terás vertido no ódio, que o espírito de vingança se apoderou de ti. Agora voltas ao escritório, o trabalho faz parte da terapia.* É interessante, é uma posição que é mais densa, que é mais rica, que é mais complexa, que visa, a meu ver, a uma verdadeira questão que está, é claro, na história: a questão do ressentimento. Como se salda ou não se salda, ainda que – é preciso acrescentar logo –, que concernindo aos negócios que são narrados nesse livro, bastante estranhos ali, clinicamente, não houve ressentimento, quero dizer, não houve estranhamente retorno de ódio. Mas há outros exemplos, outras partes do mundo, outros períodos do mundo em que essas questões do ressentimento, é claro, estão operando. Então, vejam, a resposta, qual a resposta do Outro social? Aí vocês têm certo número de respostas típicas, habituais, atuais.

Há uma verdadeira questão, é claro, que é colocada pelo trajeto de Rachel, o irmão que vai se matar. É, enfim, a história que se pode dizer, de maneira sintética, do *demais*, como o diz seu patrão, *mas isso vai ser demais, ele terá memória demais, tu vais passar para o lado do diabo*. O retorno da repressão será vasto demais. E ele o diz efetivamente, aí, clinicamente. Ele o diz quando diz: *Para mim é todo um mundo que me caiu na cabeça, é todo o mal desde as origens que me olha nos olhos, me folheia o coração, as tripas, que se lembra em minha lembrança, que me lembra em sua boa lembrança*. É muito bonita essa passagem aí, na qual a gente se dá conta de que efetivamente ele é lembrado, em sua boa lembrança, pelo mal; ele vai sucumbir a isso. E então isso nos coloca efetivamente uma questão que não é simples, de saber até onde. Saber até onde e aí tomarei o outro viés que Freud propõe que é a inibição, quer dizer, o quanto somos frequentemente tentados a parar no caminho do saber. Não é que recusemos, nós não estamos na recusa da qual falamos muito, ou no desdizer. Não. Mas a gente avança e depois, de repente, a inibição, não! Aí é demais. Eu paro. Eu não quero saber mais, eu não quero ir mais longe.

Então a inibição diante do saber. E aí é o irmãozinho que, falando desse irmão maior, diz: – *Mas Rachel no final das contas me enerva, ele fala de nosso pai como de um assassino, ele insiste, ele o sobrecarrega, a responsabilidade de papai parava no cais de entrega, não ia além*. Vocês sabem dessa passagem que é dramática, que é perturbadora, desse irmão pequeno que diz: – *N*ão, mas aí, você vai longe demais, por que ir além?

Depois vocês têm os capítulos dos quais alguns me falaram que são... Por que esses capítulos sobre a exatidão do assustador? A questão das câmaras de gás... é ler demais? É entender demais? Eu que visitei, se posso dizer, recentemente, Yad Vashem, em Jerusalém, eles reconstituíram igualzinho. Não é simples olhar um vagão de extermínio, em detalhe. Enfim, quero dizer, tudo está reconstituído com uma exatidão incrível. E então, diz-se, talvez seja demais. Por que sou obrigado a ver isso, a ler sobre isso?

Deixo à inteligência de vocês essa questão. Eu queria justamente lembrar-lhes, e isso retornou bem bizarramente no grupo, recentemente, por exemplo, a famosa fórmula de um Le Pen que todos vocês conhecem. Le Pen tinha o talento – e ele o tem sempre, menos agora –, de dizer: *eu não o vi pessoalmente*. Vocês se lembram disso. Sim, assim mesmo é incrível, *eu não o vi pessoalmente*, portanto, não posso estar seguro de que isso tenha existido. É preciso escutar exatamente a força dessa fórmula tola que teve tanta repercussão, tanto ricocheteio. Revisionismo, é claro, outra forma da questão da negação na cultura, forma odienta, porém, ativa.

Então aí é uma proposição, penso assim mesmo, estou nessa por enquanto, penso, ao contrário, que, quando numa sociedade, em um momento da cultura, ou mesmo entre amigos, entre nós, há alguma coisa assim, bem, é melhor operar certo acossamento. Bem, tu podes ver! Tu não queres ver? Tu vais ver! Tu não queres saber? Leia! E isso, isso toca na questão da lembrança, bem bizarramente, por um viés outro. Mas que, diz Santo Agostinho, é a imagem retiniana, isto é, a memória retiniana: eu o vi, tu o viste, nós o vimos. É um ponto que acho interessante, clínico, que é um ponto clínico: *tu não queres ver e, bem, tu vais vê-lo, olha*. Uma vez que está impresso na retina, nós o vimos. É uma verdadeira questão de nossa posição na vida social. Mas voltaremos sobre isso no próximo ano.

Termino com o livro e, então, em seguida, farei uma pequena conclusão.

Responsabilidade do sujeito, verdade do sujeito, vocês têm na página 262, há aí algumas páginas que, no fim, que é extraordinário, porque é quase todo o drama da própria psicanálise. Quer dizer, todo o paradoxo do inconsciente. Paradoxo do inconsciente que é: *eu sou conduzido cegamente, automaticamente. Autômaton: eu não sei o que me guia – eu faço qualquer coisa –, eu não sei por quê*, entretanto, diz Freud, *disso, tu és ainda responsável*. E então na página 262, como vocês sabem, vocês têm essas frases extraordinárias, vejam, essas frases extraordinárias que começam por: *Não se escolhe nada*. É a primeira fórmula: Não se escolhe nada na vida. Meu pai não escolheu nada, ele encontrou-se ali, nesse caminho que conduzia à infâmia, ao coração do extermínio etc. Ninguém sonha ser carrasco, ninguém sonha ser um dia torturado. Como o sol evacua sua energia abundante em explosões esporádicas fantásticas, de tempos em tempos a história expulsa o ódio que a humanidade acumulou nela, e esse vento fervente traz tudo que se encontra sobre sua rota. *Autômaton*, vejam. Segunda estrofe: *Mas, ao mesmo tempo, toda escolha nos pertence, a cada instante. É muito bonito, esse fim extraordinário. Mas, ao mesmo tempo, toda escolha nos pertence,* hic et nunc, *imediatamente, agora, a cada instante. Entre nós e a vida há um pacto, ela nos deixa quites quando ela o deseja, se ela nos julga indignos dela ou imbuídos demais por nosso poder etc. Pagar, pagar sem falta. Não se deixa dívidas atrás de si*, termina ele. Então, isso é o fim, páginas 262-263, é quase o coração, é o coração da ética analítica. Quer dizer, tudo se faz sem mim, mas sou eu [*je*] que posso dizer o que há a ser dito sobre isso.

Então Lacan – não vou retomar o seminário *A ética da psicanálise* e outros –, Lacan retomará com muita firmeza a questão da responsabilidade. A psicanálise não é uma doutrina da irresponsabilidade, é o inverso. É preciso prestar atenção. É preciso prestar atenção ao que se promove.

CYRIL VEKEN: – A propósito do livro.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Prossiga Cyril, antes que eu conclua.

CYRIL VEKEN: – O aspecto que tu sublinhaste com justeza e que é importante no livro é aquele do passado do pai, do passado SS do pai. Mas então há uma atualidade sobre a qual o livro começa, é justamente o massacre da vila do alemão, na qual o próprio alemão foi massacrado. E, então, há nesse negócio aí alguma coisa, há alguma coisa de inteiramente extraordinária, é que esse cara que fez a guerra vagou, como tantos outros, frequentemente, pela Síria, por países assim.Tornou-se militar com o FLN[54] e aconteceu de ser degolado numa vila em meio aos transbordamentos criados por essa ação islamita, transbordamentos; dito de outro modo, há alguma coisa como uma boneca russa, embutida, que, verdadeiramente, creio, dá sua força porque, o que tu dizes é inteiramente exato, mas o que faltará um pouquinho aí é como se nós o deixássemos fechados nesse passado da Segunda Guerra Mundial.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Você tem realmente razão.

CYRIL VEKEN: – Ora, é a oportunidade para esses dois meninos que não têm efetivamente nada a ver com a Alemanha, senão que, de maneira distante, seu pai era alemão, e que a atualidade a mais próxima está longe da Alemanha, uma vez que eles mesmos, eles são Argelinos.

REBECCA MAJSTER: – Não, a atualidade é o subúrbio.

CYRIL VEKEN: – É o subúrbio, mas é também a cidade, é um pedacinho de tudo isso. A força desse livro é que, a partir daí, isso os interpelava sobre a história do pai, mas ao mesmo tempo sobre a própria história deles. A história de seu pai apenas nesse momento aí, é claro, mas nesse momento aí, como também em todas as consequências desse momento, e é isso, acho, que mesmo assim dá a esse livro uma dimensão.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Naturalmente.

CYRIL VEKEN: – Perdoem-me.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Não, bem ao contrário, uma vez que é isso que dá a esse livro a dimensão frequentemente muito difícil para explicar o que eu tinha dito em Freud. Quando Freud diz que tudo gira em torno do eixo da repetição, mas de uma repetição que demanda o novo, não se compreende bem o que é essa repetição. Aí você acaba de dizê-lo, quer dizer, isso repete incansavelmente em giros o drama passado e assim exige o novo, isso convoca o novo.

---

54 FLN = Front de Libération Nationale.

CYRIL VEKEN: – Efetivamente, o subúrbio, esse ambiente de subúrbio na França que não quer entender nada da história desses dois manos.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Que é, à sua maneira, um ambiente sem memória. Você tem totalmente razão de lembrá-lo, porque isso esclarece muito essa repetição que devora o novo, senão não se saberia imediatamente o que isso quer dizer. Então isso o tece extraordinariamente, você realmente tem razão.

CYRIL VEKEN: – Portanto, nenhuma comemoração do passado.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Não, não, não, é apenas a comemoração.

Muitos analistas – termino em dez minutos mesmo –, muitos analistas, como vocês sabem, têm perseguido e comentado a proposição de Freud. É preciso que sejamos honestos conosco mesmos, não tanto na esfera lacaniana, isto é, vocês não encontrarão grande quantidade de documentos sobre a questão do traumatismo, enfim, agora temos alguns colegas, mesmo na ALI, que trabalham sobre a questão do traumatismo, quero dizer, vocês não encontrarão muitos grandes textos que persigam a questão do traumatismo e então é preciso que a retomemos coletivamente.

Há no traumatismo o que se poderia chamar, com Freud, a neurose de pavor: uma forma de energia – para falar como Freud –, uma forma de energia que não está ligada. Quando Freud diz não ligada, nós podemos dizer, por exemplo, que é uma forma de energia que não funciona para nós, uma vez que ela não descreve uma borda pulsional evidente, ela não descreve também um lugar topológico fantasmático, um gozo fantasmático. E então, em um primeiro tempo, poderíamos dizer que essa clínica do traumatismo parece então, de alguma forma, fora do alcance para a psicanálise. Em síntese, o que se poderia dizer: sem borda, sem gozo assim enodado, o que é que se vai fazer, o que é que se vai trabalhar, por quê? E, então, é uma questão: será que temos a ver com uma clínica que no fundo está fora do alcance das capacidades da transferência? Eu disse isso de passagem e Cyril o lembrava. Pode-se dizer, em um primeiro tempo, *não*. Não, em todo o caso não é seguro, uma vez que o fenômeno comum com as neuroses de transferência é assim mesmo o automatismo de repetição, isso é certo. O que é interessante, a repetição, o automatismo de repetição, organiza ao mesmo tempo, de alguma forma, a vida fantasmática do neurótico e a questão do real traumático. A questão que trabalhamos aí é uma primeira pista, que esse livro faz trabalhar.

Lacan então... Será que Lacan foi um pouco mais longe que o que acabo [illegible] lhes dizer, concernente ao seminário *Os quatro conceitos*? Sim, ainda que se [illegible]nha dificuldade de lê-lo totalmente, ele foi mais longe no momento em que [illegible] refletir, a partir das questões de topologia do nó borromeu, sobre o tratamento [illegible]

ele propõe do real enquanto tal, para concluir. Quer dizer, evidentemente, na posição de Freud, como na proposição de Lacan dos quatro conceitos, esse real tem justamente a especificidade de não se achar enodado, de forma alguma. É isso que faz sua força de recorrência. Há essa proposição de Lacan, a qual será preciso não compreender melhor, porque não serve pra nada compreender melhor; em todo caso, tentar tirar daí algumas questões, um pouco de dificuldades aí para nós mesmos. E esse outro tratamento do real, de alguma forma, quando ele se acha ligado, digamos, enodado de alguma forma, via imaginário, à palavra pelo dizer, o simbólico. De certo ponto de vista, um romance assim é um tratamento do Real. Quer dizer, por qual via, isso parece com alguma coisa que é aí muito estrita entre o romance, o testemunho e o relato, mas, enfim, em todo caso, uma forma, portanto, alguma coisa que toca a dimensão do imaginário; evidentemente, isso permite, contudo, as palavras para dizer, para nos dizer.

REBECCA MAJSTER: – Isso não impedirá Primo Levi de se suicidar. Não há tratamento para o traumatismo.

JEAN-JACQUES TYZSLER: – Sim, então, justamente, Rebecca, é sobre isso que eu queria terminar como questão, exatamente antes – veremos depois no próximo ano se estamos de acordo –, o irmão caçula, mesmo assim, o irmão caçula parece que não repete, digo, exatamente, não repetirá, contudo, o gesto fatal de seu irmão mais velho.

REBECCA MAJSTER: – Não dessa forma.

JEAN-JACQUES TYZSLER: – Entretanto.

REBECCA MAJSTER: – Não dessa forma.

JEAN-JACQUES TYZSLER: – Entretanto, ele sabe, doravante, de alguma forma, o mesmo real, não dessa forma; em todo caso, é uma questão: será que ele vai repetir, uma vez que não há outra maneira senão de responder a este *autômaton*?

Rebecca, a meu ver, Lacan – mas eu gostaria que justamente, no próximo ano, nós abríssemos tudo isso –, Lacan nos empurra, enfim, empurra-nos, coloca-nos uma questão, que é: será que se pode ir além, de alguma forma, da repetição do mesmo, além da comemoração? – a questão que Cyril coloca. Então vou terminar um pouco com isso, exatamente propondo para vocês – não tenho outra escolha senão propor-lhes simplesmente efeitos significantes, aí não tenho mensagem filosófica geral a esse respeito – que é a questão que podemos nos colocar em nosso trabalho: o que seria uma memória, de alguma forma, com discernimento?

Então, por que utilizo estas palavras, *com discernimento*? O que é interessante na locução *com discernimento* é que elas vêm de uma locução latina, que é esta:

me te eo scient, quer dizer literalmente: *a mim, a ti, a ele sabendo*. É interessante, *a ele sabendo*, então aí eu o lacanizo um pouco, se me permitem, eu, a mim, meu próximo, a questão do *nebenmensch*, o próximo e o outro, o outro sabendo. A adjunção da locução, neste caso preciso em francês, quando se diz: *com discernimento*, isso se escuta como outras formas assim, como se diz: *ao bom entendedor poucas palavras bastam*. E então, literalmente, tomo isso desta obra extraordinária, que é a nova tradução de *A Ética a Nicômaco*, que já citei para vocês, que é um negócio que é fabuloso. Esse jovem que retraduziu o capítulo VI da Ética a Nicômaco, cada significante do grego são pérolas. *Com discernimento* significa então literalmente: *para aquele que sabe*, ou então, *para ele como é preciso saber*, donde a significação que se pode tirar disto: *com conhecimento de causa*, vejam, *com discernimento*, *a propósito*. O que faz com que seja assim mesmo – acho isso extraordinário – o que faz com que até um significante que era bem clássico nas traduções gregas, que era, por exemplo, o termo *phronesis*, simplesmente, *phronesis*, que em grego era quase a *razão* em Platão, que era traduzida pela prudência em Aristóteles, há um deslocamento da própria tradução, em todo caso, de alguma forma, que se pode fazer girar para o lado do cuidado, do cuidado do saber, cuidado do tensionamento do saber, quer dizer, essa capacidade de propor, *com discernimento*.

O que é formidável e vou terminar em cima desse ponto, é que o autor que se chateia com seus efeitos de tradução, você vê essa literalidade, então ele faz oscilar aí, pouco a pouco, para essa locução latina, e, em dado momento, surge não sei bem de onde, ele diz: *Pode se lembrar a esse respeito o que os alemães chamam* schadenfreude, quer dizer, *a alegria que se experimenta no espetáculo da infelicidade do outro, do próximo*. É assim mesmo forte, de repente, inconscientemente, o que lhe vem como contraponto, se posso dizer, ao desenvolvimento de sua locução. É o gozo, o gozo da infelicidade do outro, quer dizer, como dizia Lacan: *saber sobre o gozo*. O gozo, então aí ele insiste muito na Ética sobre isso, o gozo como mau. E então a questão que se tentará tratar com Rebecca no próximo ano e com alguns outros: o que estaria efetivamente entre aspas, se fosse até possível pensar, que estaria no seio de toda essa clínica das memórias, alguma coisa que poderia de nossa parte, quero dizer do modesto campo da psicanálise, cair de tempos em tempos *com discernimento*. É um voto, mas, enfim, poder-se-ia talvez ter uma pequena ideia dessas questões.

Está aí, aqui eu paro. Agradeço-lhes por sua paciência e falemos mais um pouco. Vamos falar um pouco juntos.

PARTICIPANTE: – O que achei interessante justamente é que os irmãos têm quinze anos de diferença. Então o mais jovem tem quase uma geração abaixo de seu

irmão mais velho. Ele não escreve do mesmo modo, não fala do mesmo modo e vai procurar sua professora de francês para corrigir seu texto, e é um pouco nesta linha do que você acaba de dizer sobre o fim: deslocamento na língua com significantes que são um pouco diferentes, nos quais há alguma coisa que existe assim mesmo e que pode voltar, mas se sente, sente-se na língua de Malrich, uma língua outra, uma língua outra, à qual não se está habituado, ou que se escuta nos jovens, que é estranha.

CYRIL VEKEN: – Sobre a questão que você coloca no fim, isso me faz pensar em uma paciente que encontra algo que, para ela, é inaceitável, é que seu pai é louco, seu pai é louco, seu pai é psicótico. E, para ela, há uma cena que causa traumatismo: é que seu pai tem uma crise, ela refletiu sobre isso, ela pensou que ela lhe tinha explicado coisas, que ele tinha compreendido e no dia seguinte isso sequer tinha existido, não tinha acontecido essa cena. E, para ela, há aí alguma coisa que faz com que, para seu pai, que ela seja negada, que ela não exista, e então sua inclinação é de se sentir diante dos homens negada, se há alguma coisa que não está bem. E então o que me faz trazer isso é que, para ela, é inaceitável e então quando tentei fazê-la refletir a esse respeito em algumas ocasiões isso lhe causava um pouquinho de paranoia, dava-lhe a impressão de que eu queria fazê-la aceitar o inaceitável e, então, te escutando, hoje, penso em alguma coisa que ela me sugeriu finalmente, que é: não se trata de aceitar o inaceitável, mas de aceitar que haja o inaceitável. E tenho a impressão de que é aí que há talvez uma via, aceitar que há o inaceitável e, aparentemente, Rachel não aceita que haja o inaceitável, não se pode nem censurá-lo, nem não censurá-lo, está fora de questão, mas isso pode não entrar no campo em que haja o inaceitável e que se possa aceitar que haja.

REBECCA MAJSTER: – Porque ele é da primeira geração e, forçosamente nos passos de seu pai, está na identificação a seu pai e vai até o fim.

CYRIL VEKEN: – Para nós, isso resulta, ao segui-lo, que é uma experiência.

JEAN-JACQUES TYZSLER: – Não, há um negócio que me vem, isso me veio durante a Jornada sobre *As psicoses*, mas não tínhamos o tempo de falar disso assim, porque é um exemplo muito particular que você dá, eu que trabalhei muito, é a posição da criança pequena diante do outro louco, quer dizer, a criança que tem a ver efetivamente com um outro delirante, e isso é muito importante. É muito interessante como clínica e é bastante difícil porque, fazendo um jogo de palavras, de alguma forma, temos a ver com fenômenos não de recusa do Nome-do-Pai, mas de recusa pelo Nome-do-Pai, quer dizer, é a criança que recebe de um modo totalmente impossível.

CYRIL VEKEN: – Inaceitável.

JEAN-JACQUES TYZSLER: – Sim, inaceitável, e que, além disso, ela esbarra

nessa dificuldade porque no momento mesmo ela não tem sequer as palavras para ligar a experiência. Eu lhes tinha trazido, eu acompanhei, eu o lamento, eu perdi de vista depois, mas é uma paciente que teve um trajeto bastante difícil, ainda que fosse uma intelectual brilhante em filosofia. Então, ela fez uma forma de clínica interpretativa, se vocês concordam, porém, alojada na paranoia de um pai. Então ela tinha – como frequentemente têm essas crianças, bizarramente –, ela tinha uma forma de hipermnésia, quer dizer que ela era capaz, o que é raro para nós, de contar experiências de quando era bem pequena, de conversa com seu pai. Mas ela dizia isto, que era muito certo, ela dizia: – *Mas vocês sabem, até uma certa idade eu não sabia como nomear o que não ia bem, então eu me dizia: ele mente para mim, mas isso não era mentira, não é que ele mentisse*. E, então, pouco a pouco, ela mudava a possibilidade da palavra para chegar a dizer bem tardiamente: *ele está louco*. Mas isso, para uma criança, é preciso ser já quase adolescente e às vezes até mesmo depois, para colocar a palavra que convém sobre a recusa do julgamento que ela tinha sentido bem precocemente. É uma clínica que é formidável, que é bem particular, efetivamente, e que, frequentemente, se duplica. É apenas nesses pacientes que se vê isso, narrativas de palavras precoces de troca inteiramente precisas. Então, seguindo isso, é uma bela pista, eu tinha tentado agrimensar um pouco. Vê-se isso nos serviços para crianças, que é uma clínica bem particular, de como a criança sai ou não, aliás, de uma imersão precoce na loucura, sobretudo, quando, às vezes, há apenas um outro. Isso agora acontece muito, que se tenha por exemplo uma mãe em casa com o pequeno. Eu te agradeço, é uma verdadeira pista a seguir, que tem a ver com certos aspectos.

PARTICIPANTE: – Será que não se pode dizer que a contrapartida do suicídio de Rachel era dizer não ao Imam, já que houve essa confrontação? São os dois caminhos e me parece que o que fecha é que ele descobriu isso com o risco, aliás, de ser trucidado.

PARTICIPANTE: – Mas então, para ilustrar sua proposição, você tomou essa obra de Boualem Sansal, cujas *Réplicas* se tinha tido oportunidade de descobrir na emissão de Finkielkraut. Ele foi entrevistado no momento do lançamento do livro, quando explicava os arrebatamentos do que pode ser a manipulação da recusa da memória por um estado ou por um partido. E o que Cyril lembrou dizendo: *Vejam aí o fechamento, fez uma nova volta com as decapitações dos islamitas*. Isso me faz pensar que temos um colega, dentre os maiores, que é Moustapha Safouan, que acabou de lançar uma obra que é, creio que o título é: *Por que o mundo árabe é hostil à psicanálise?* Então, que há uma apologia pela democracia no mundo árabe. Mas ele faz a promoção, por exemplo, dos irmãos muçulmanos. Moustapha Safouan é egípcio, ele toma o caso do Egito, a promoção desses partidos que se dizem democráticos, que opõem um poder que se

poderia dizer presenteado nesses países aí, omitindo isso completamente; quando você lê o livro, você não tem nenhum meio de sabê-lo.

JEAN-JACQUES TYZSLER: – O quê?

PARTICIPANTE: – Que os partidos, como aqueles dos irmãos muçulmanos, apoiam-se sobre a ideologia nazista, que nasceram da ideologia nazista, que foram amplamente sustentados, omitindo completamente a história, a história de tais partidos. Então, é preciso ler estas duas obras: a obra de Moustapha Safouan que em si mesma não é recusável, ele está entre um dos maiores lacanianos, um dos maiores conhecedores, um dos mais próximos de Lacan, mas é preciso ler essas duas obras paralelamente para compreender a atualidade da obra de Boualem Sansal. Ainda não atravessamos as dificuldades.

CYRIL VEKEN: – É isso aí, está certo.

PARTICIPANTE: – Ele diz as coisas. Pode-se compreender que isso não seja traduzido na Argélia. Ele diz as coisas.

REBECCA MAJSTER: – Absolutamente.

PARTICIPANTE: – Quer dizer que Boualem Sansal é maior democrata que Moustapha Safouan?

PARTICIPANTE: – Eles não têm a mesma idade.

JEAN-JACQUES TYZSLER: – Escute, eu não posso, eu poderei te responder, porém, mais tarde porque não escutei – no sábado de manhã frequentemente eu trabalho –, eu não escutei Finkielkraut[55] e eu ainda não li a obra recente de Safouan, da qual me disseram que acarretava efetivamente essa dificuldade, talvez numa próxima vez.

Em todo caso, o que isso me evoca é antes uma coisa simples, você sabe, sobre questões assim, é porque nós escolhemos trabalhar um ano a fio, porque podemos facilmente nós mesmos ceder. É isso que quero dizer, nós podemos ceder sobre questões assim, como tentei dizê-lo pelos mecanismos que o próprio Freud diz e pelos mecanismos mais complexos desse livro, quer dizer, relativizar de um lado, banalizar, fazer passar um pouco por baixo, colocar-se um pouco ao lado, valorizar isso esquecendo aquilo...

Então é isso que é interessante. É isso que é interessante porque é difícil, porque nós não sabemos, não sabemos precisamente o que a psicanálise retoma. De alguma forma, o fio de uma dificuldade que Freud quis selar, que não foi selada e que faz com que nós sejamos obrigados a retomar os dois fios combinados: de um

55 Finkielkraut: filósofo, animador de emissão de rádio.

lado, a neurose fantasmática, do outro, a neurose de pavor, é assim. As questões devem ser reposicionadas tranquilamente, clinicamente, e nós somos obrigados a nos dar conta de que, de repente, não temos uma ideia clara do que significa no humano a questão da lembrança, do esquecimento, e das memórias.

Então é assim que é preciso dizê-lo. Então, não me surpreende que, de modo incisivo, as coisas possam ser ditas mais ou menos bem, antes mesmo que se tenha tido tempo de trabalhá-las. Entretanto, é bem recente que temos retomado. Houve a insistência, não sei mais, creio que Melman tinha falado há algum tempo, ele tinha dito que era preciso retomar a questão da neurose traumática. É verdade também que alguns colegas que trabalham, até em Paris, nos lugares onde agora se recebe em maior número questões assim, em todo caso são campos que é preciso retomar com tranquilidade, porque há quase tudo a esclarecer novamente e a prolongar, não se pode permanecer simplesmente em algumas anotações que Freud deixou na época.

PARTICIPANTE: – Desculpe, queria colocar uma questão?

JEAN-JACQUES TYZSLER: – Continue.

PARTICIPANTE: – Por que você pensa que Lacan abandonou o nome *traumatismo*? Por que em um dado momento isso foi abandonado?

REBECCA MAJSTER: – Abandonado?

PARTICIPANTE: – Eu pensava que pode ter sido, com a introdução do real.

JEAN-JACQUES TYZSLER: – Sim.

PARTICIPANTE: – Que, no momento em que ele introduziu o real, ele deixou de lado o que é o traumatismo.

JEAN-JACQUES TYZSLER: – Sim e não. É preciso estar atento, sim e não, eu tenho tentado...

PARTICIPANTE: – Parece-me.

JEAN-JACQUES TYZSLER: – É verdade que se trabalha depressa. Tentei indicar-lhes, existe um momento de Lacan em que ele retoma, de alguma forma, por sua conta, a terminologia freudiana. Depois se tem a impressão de que ele vai deixar de lado, como você diz, ainda que, sem ele mesmo utilizar, às vezes, a palavra. Há muitos seminários em que ele fala assim mesmo dos deuses obscuros aos quais nós nos sacrificamos. Há muitas observações sobre a questão da história. Há toda uma série de passagens em que seguramente Lacan está preocupado com os dramas, tais como os humanos os vivem. Há passagens sobre a segregação, passagens, há muitas passagens sobre nosso tratamento do próximo como

gozo, como o mal. Então, sim e não, como é sempre com Lacan. É verdade que ele mesmo não coloca em evidência a própria palavra *neurose traumática*. Por muito tempo caiu, o que fez com que, com razão – é o que eu dizia, aliás –, não haja muitos grandes artigos lacanianos sobre essas questões. É preciso ir procurar alhures. – Espere, Bernard, vamos deixar... Depois eu te passo a palavra, prossiga.

PARTICIPANTE: – Estou muito confusa, de fato, porque, ao escutá-lo, tive a impressão de que o acontecimento traumático fosse mais objetivo.

JEAN-JACQUES TYZSLER: – Não obrigatoriamente.

PARTICIPANTE: – Então eu disse a mim mesma: de fato, será que é possível ter sido indiferente, tendo sido violentada?

JEAN-JACQUES TYZSLER: – Indiferente?

PARTICIPANTE: – Indiferente, por ter sido violentada. Então, sei que está mal dito, mas o que me interessa nisso é que se acho que alguma coisa é inacreditavelmente traumatizante e que, se não estamos de acordo, que se pense que não é objetivamente traumatizante, é assim mesmo perturbador. Há coisas em que o mundo está de acordo com que seja objetivamente traumatizante, é toda a questão do terreno do direito, da legitimidade de encontrar alguma coisa marcante. Enfim, se alguém não foi marcado por alguma coisa de marcante, será que é marcante?

REBECCA MAJSTER: – É uma verdadeira questão.

JEAN-JACQUES TYZSLER: – É uma verdadeira questão. Para responder a sua questão, por exemplo, recebi recentemente um garoto – é um negócio que, mesmo assim, tinha me perturbado – ele tinha dez/onze anos, ele veio um pouco à força porque em sua escola um grupinho, do qual fazia parte, tratara sadicamente a outro coleguinha. Então, do ponto de vista do comissariado, de tudo isso, tinha havido alguma coisa. A questão que você coloca é minha questão quando recebo a própria criança, aquela que era participante, testemunha, de alguma forma, porque no fundo ela não via verdadeiramente onde estava a preocupação. Ela reconhecia que isso podia parecer exagerado para a polícia, mas, para concluir, onde assim mesmo eu estivera chateado é que não apenas era sua posição de início, vejam, mas foi sua posição de chegada. Quer dizer que eu o recebo assim mesmo por alguns meses e, no fim de alguns meses, tínhamos permanecido, sob seu ponto de vista, na posição de início, quer dizer, não tinha se passado nada de muito extraordinário. Então eu os remeto à questão: como julgar, por exemplo, nessa criança, alguma coisa que não discrimina mais verdadeiramente, para dizê-lo rapidamente, entre o bem e o mal? Não se vê tanto por que se chatear com isso.

PARTICIPANTE: – Sim, mas é isso que me magoa.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Sim, porque é ofensivo.

PARTICIPANTE: – Porque, para voltar ao outro que é muito mais problemático, que é aquele da história, você parece dizer que, por não ressentir... Perdão, não li o livro...

JEAN-JACQUES TYSZLER: – É preciso lê-lo.

PARTICIPANTE: – Temos assim mesmo nossos *hobbies* históricos, enfim, as pessoas, Le Pen diz não, que não viu Joana D´Arc queimar, disso ele não duvida. Cada um, de certa maneira, tem suas preferências pelos momentos históricos aos quais atribui importância. O que me aborrece um pouquinho é escutar que, se não se toma parte, se não se tem empatia natural, temos um problema patológico.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – É preciso que você me escute melhor, não falei absolutamente de empatia. É a questão, se você estiver de acordo, de um espaço simplesmente de saber e de transmissão, quer dizer, o que é que se produz quando em um espaço; quer seja em um grupo, uma família, uma nação, um povo, há zonas como essas que são forcluídas. Aí, pouco a pouco, não sabemos mais absolutamente, não sabemos mais, não sabemos sequer o que pensar disso, uma vez que nós não sabemos. É isso que é interessante, os efeitos disso. Depois, que você tenha ou não naturalmente empatia por isso ou aquilo que foi brutalizado pela história, é outra dimensão. Não solicitei imediatamente, mas, em compensação, de toda maneira, para dizer-lhe de outro modo, a própria ideia, atualmente, de que haja assim mesmo em alguns lugares do mundo, por exemplo, um tribunal de certas grandes coisas da história, é exatamente uma resposta a sua questão. A saber, será que é necessário que haja pelo menos em um lugar alguém que diga que você lembra que...

REBECCA MAJSTER: – É o que se chama os direitos do homem. É isso os direitos do homem.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Porque senão não haveria sequer debate sobre todas essas questões, os tribunais internacionais, os tribunais da história. Então não quero ir além. É preciso conduzir isso sem empatia particular, mas com benevolência normal na clínica cotidiana. Entretanto, todas as questões que você coloca são justas, mas é preciso levá-las mais adiante porque a mim, todavia, essa criança angustiou – aquela da qual eu lhes falo, a pequena ali – e, ao fim de oito meses, enquanto eu a via a cada semana.

PARTICIPANTE: – Sim, porque isso faz pensar em Eichmann em Jerusalém.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Não, não. Não é nisso que eu pensava

verdadeiramente. Era um negócio de um *sadismozinho* em grupo, e esse garoto que era de uma boa família, bastante dedicado à escola, não sabia mais discriminar o que se fazia do que não se fazia. Isso não era evidente para ele, enquanto que o era para os outros. Você deveria ver isso, Catherine.

PARTICIPANTE: – Para crianças abusadas sexualmente isso também acontece.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Assim mesmo, em dado momento, isso gerou uma preocupação. Eu disse a ele, aliás, para terminar, permaneço sempre muito prático. Vocês sabem, são sempre transmissões de palavra: eu disse à criança que tinha ficado preocupado porque ela não tinha pago suas dívidas junto a seus amigos, ao pequeno grupo, de retomar com eles a posição que eles tinham, doravante, quanto a esse negócio. Todos eles tinham se esquivado de falar disso em grupo, e então eu o tinha recebido com seus pais no final e eu disse, da mesma forma, a seus pais, que eu continuava, entretanto, um pouco chateado por seu filho e por sua posição, que eu não tinha podido nem solicitar muito nem avaliar. Eu não disse mais nada, não disse é um perverso *e isso e aquilo*. Eu disse: – *Escutem, eu fiquei muito preocupado que ele não tenha sido absolutamente iniciado em coisas tão modestas quanto saber assim mesmo até onde se pode tratar sadicamente ou não a um colega. Não, não. Mas vocês sabem, a vida é prática. O problema está aí, se eu estivesse perdido nos grandes debates, e que eu dissesse: eu não vou dizer nada porque eu mesmo não sei, eu prefiro esquecer, esqueçamos*. É uma posição outra, vejam. Então, o que se abrirá sobre isso, posteriormente, para essa criança, não sei. Pelo menos ela tem – porque Lacan diz –, *tuchê*, vejam, o encontro. De tempos em tempos, é preciso assim mesmo que haja algum encontro, isto é, algumas palavras que parem o caminho. Pelo menos quem lhe questione, a você, por que você diz isso agora, de imediato, ou então, por que você não diz nada sobre isso, uma vez que sabemos, sabendo uma vez que o outro sabe; eu estou aí, você e eu, como a expressão o diz, e você não me diz nada. Por que então você dissolve rapidamente o pacto? Vejam! Não, é uma prática realmente familiar e, se posso dizer ordinária, e se vocês não o fazem no mesmo dia, então lascou porque depois não haverá continuidade. Prossiga, Bernard.

BERNARD VANDERMERSCH: – Sim, você levanta questões totalmente importantes.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Nós as retomaremos.

BERNARD VANDERMERSCH: – Há assim mesmo um elemento que seria preciso esclarecer: o que é que se chama o real.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Naturalmente.

BERNARD VANDERMERSCH: – Porque será que é o inaceitável, como se deixa entender, o horror?

REBECCA MAJSTER: – O impossível.

BERNARD VANDERMERSCH: – Que é sempre apresentado com uma carga imaginária enorme, ou será que é isso diante do que se passou bem à margem, porque isso não foi nem simbolizado nem imaginarizado.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Sim, nem simbolizado nem imaginarizado.

BERNARD VANDERMERSCH: – E eu retomo o caso do seu garoto: ele viu alguma coisa, ele não fez nada com isso.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Ele participou.

BERNARD VANDERMERSCH: – Ele participou, mas, nesse caso, isso não lhe causou coisa alguma, então, se ele estivesse na origem, forçosamente, deveria identificar-se – como o sádico com sua vítima –, em algum lugar, para que o gozo pudesse concerni-lo, senão não há gozo para sadiscizar, exceto que, em algum lugar, isso faz mal. Para concluir, de certa maneira, é aquele que sofre, que goza, então eu me dizia simplesmente, qual é a chance desse garoto, senão de fazê-lo sofrer.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – De angustiá-lo.

BERNARD VANDERMERSCH: – De angustiá-lo bastante para quê? É problemático... Nós repetimos alguma coisa – como repeti-la de maneira civilizada?

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Sim, exatamente.

BERNARD VANDERMERSCH: – Se você o deixa passar em nome de, se você o deixa passar, afinal, ao nome de, é um real, é um negócio não simbolizado que faz buraco e que vai engendrar a repetição. Em todo caso, aí onde eu queria insistir é sobre essa noção do real porque frequentemente se escutam coisas assim como hoje: o real da morte. O real não é isso.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – É o impossível.

BERNARD VANDERMERSCH: – O real é o impossível; logicamente, o impossível.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – O impossível para...

BERNARD VANDERMERSCH: – Se queremos continuar lacanianos, senão vamos sempre colocar aí uma carga afetiva, e o real é essencial para parar alguma coisa, se há apenas o simbólico e o imaginário estamos por fora, o quanto nos jactamos e felizmente que, de tempos em tempos, há um afeto, um negócio que para.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Você tem totalmente razão, Bernard.

BERNARD VANDERMERSCH: – Mas não terminei, porque a questão do gozo, será que não é pelo gozo que temos assim mesmo uma abordagem do real? – ao mesmo tempo em que o real é ambíguo para nós.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Sim, os próprios gozos.

BERNARD VANDERMERSCH: – O real é uma noção ambígua porque é assim alguma coisa de profundamente vazia.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Estou de acordo com você, estou de acordo, sobretudo, com suas observações, exceto, ao acrescentar, porque você conhece tanto quanto eu que se tem, contudo, usualmente, que se fala sempre do nó borromeu, que sempre se tira partido desse negócio, o que é assim mesmo um tratamento realmente pós-freudiano da questão do impossível. É certo que Freud a esse respeito para em um real que é totalmente fora de alcance, não simbolizável, não ligado, e Lacan diz, entretanto, *sim, mas aquele ali, mesmo bizarramente através dos gozos, tu tens razão, eu o enodo assim mesmo*. Ao mesmo tempo, somos capazes de fazer cursos sem sempre situar bem o alcance dessa abertura que, a meu ver, tem assim mesmo interesse, justamente – então é nisto que seria necessário prosseguir, Rebecca –, de aerar um pouco a questão do automatismo de repetição. Mas digo: é preciso ver por quê e como, eventualmente.

Mas se todas as questões que você coloca são justas e são aquelas que vamos tentar trabalhar, colocar em obra. A questão dos gozos, eu não pude... Você sabe, aí é complicado porque é no momento em que ele faz isso, como você também sabe, é bizarro, então isso nos leva ao caso da psicose. É por isso que é em torno do gozo Outro e não do gozo fálico que vai se dar essa inventividade de enodamento desse real. Então isso ainda abre, para nós, outros comentários que é preciso tentar produzir, que são bastante intrigantes.

BERNARD VANDERMERSCH: – O que é importante é o enodamento, está no meio, é uma simples imobilização.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – É isso, é um buraco.

BERNARD VANDERMERSCH: – Há um *objeto a* que está aí dentro.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – É um buraco.

BERNARD VANDERMERSCH: – Mas não é *objeto a* de gozo como tal, que tem, enfim, o lugar de celebrar.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Certamente.

BERNARD VANDERMERSCH: – Mas a dificuldade é que é necessário, para que isso seja enodado, mas que a celebração das memórias, no máximo, reintroduz e é isso que é difícil, por que... como fazer?

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Realmente, como fazer, sem reificar esse objeto?

BERNARD VANDERMERSCH: – Como fazer, sem reificar esse objeto. O que dizia Cyril, de certa maneira, era muito justo: aceitar que haja o inaceitável, mas não sob uma forma degradada, quer dizer, tolerada.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – É justo, enfim, tudo é justo, Bernard. É nisso que se tenta, enfim, é preciso reconhecer que é assim mesmo um grande bazar. Quando recebemos, há como uma diferença, estou sempre surpreso quando estamos trabalhando essas categorias em nossos círculos; nós falamos, e Lacan nos leva longe na chafurdice, de repente, a gente se encontra na mesa com amigos, em família, e depois, de repente, isso cai. Não se sabe mais nada, responde-se exatamente qualquer coisa, como a piada de Le Pen, há pouco, qualquer coisa. Assim mesmo é essa distância que não é evidente, como se todo esse dito saber acumulado, concernente à sofística dessa posição, quanto ao objeto, não nos servisse para nada, quanto às respostas que quase temos a dar como pai, junto a nossos amigos, e até como cidadão. Nós estamos desarmados.

REBECCA MAJSTER: – É o que Melman tinha dito, aliás, em um dos seus últimos seminários.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – É isso que me surpreende.

REBECCA MAJSTER: – Não sei mais em qual seminário ele tinha dito que as pessoas de sua geração não tinham feito o trabalho, justamente, não me lembro mais em qual contexto.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Não lembro mais o contexto. Qual o seminário?

BERNARD VANDERMERSCH: – Foi no seminário de inverno.

CYRIL VEKEN: – Nos discursos atuais, em relação a: o que é que é inaceitável? E então, assim mesmo, há hoje o discurso de uma espécie de etnologia relativizante, que é o das diferenças de cultura, que faz com que o que vocês acham inaceitável, seja simplesmente aceitável em outra cultura. Acho que não se está bem, bem, bem preso nesse negócio. Dito de outro modo, quando escuto alguma coisa da qual digo, do lugar do analista, *isso é inaceitável*. Quando é que reajo como alguém que está tomado em minha cultura, na qual eu fui etc., e isso não me agrada, não se faz assim em minha cultura. E quando é que é em nome de outra coisa? E creio que a questão que você coloca nos conduz a propósito das

memórias etc., dos Nomes-doPai; não é apenas o nome de meu pai com a classe de todos aqueles que têm o mesmo nome etc., e que têm seus costumes, seus negócios, assim em relação a que, é desviante, é cocô, não está bem, deve ser punido; e depois, alguma coisa que, contudo, estaria além disso e...

REBECCA MAJSTER: – É a questão da civilização, antes que da cultura. A cada vez que se fala da cultura fazemos apelo a alguma coisa das tradições, das nações, de alguma coisa que conduz mais exatamente essa questão do objeto, e, se falamos de civilização, a questão do objeto é já mais refinada, mas diferenciada.

CYRIL VEKEN: – E é por isso que a questão de um tribunal internacional só faz recolocar no positivo, enfim, um negócio de lei positiva em relação à lei simbólica. Então é melhor que não haja absolutamente nada disso.

BERNARD VANDERMERSCH: – Não seguramente.

REBECCA MAJSTER: – Por que você diz não seguramente?

BERNARD VANDERMERSCH: – Porque é sempre denunciar em nome de uma invenção do Ocidente.

REBECCA MAJSTER: – É preciso que haja uma pancada que possa permitir, em dado momento, parar justamente esse imaginário, tanto que não há ali essa pancada da lei.

BERNARD VANDERMERSCH: – Sim, mas o tribunal internacional não é composto de chineses nem de...

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Isso vai vir.

REBECCA MAJSTER: – Bernard, aí você entra novamente no relativismo, Bernard entra no relativismo, bravo.

JEAN-JACQUES TYSZLER: – Escutem! Consagraremos um ano porque as respostas não são imediatamente fáceis, vamos tentar. E essa era a ideia de Rebecca, de sermos um pouco audaciosos, quer dizer, convidarmos, entretanto, grandes convidados, de alguma forma que habitualmente nos intimidem, que sejam pessoas que têm tido ideias sobre os tratamentos habituais das questões de memória e que seja o ofício. Mas isso será um lado de nosso trabalho. O outro lado será realmente retomar tranquila e clinicamente as aleias na vida das análises e o trabalho das mesmas questões, tanto junto às crianças como aos adultos. Então, como sempre, antes questionar-se que responder.

Vejam, é isso aí. Até breve! Em setembro agora, fim de setembro.